

Florinda Donner-Grau

SHABONO

Tradução de
ELISABETE SOARES

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

Editora Record

Shabono

Florinda Donner-Grau consegue neste fantástico relato penetrar na alma do povo ianomâmi. Transgredindo as fronteiras racionais da sua formação de antropóloga, se entrega como uma aprendiz aos guias indígenas que a conduzem por estranhos caminhos de uma sabedoria intuitiva e misteriosa. Para conhecer os segredos de cura destes habitantes das matas, adere aos costumes tribais e consegue desvendar, a partir do seu próprio ser, a magia ancestral dos espíritos da floresta.

Toda experiência iniciática de Florinda Donner-Grau é descrita com rara habilidade literária, revelando aos leitores o comportamento de um povo que, apesar de oprimido ao longo da história recente, consegue preservar o poder da sua cultura. São páginas repletas de poesia e aventura que nos conduzem a uma profunda reflexão dos nossos próprios costumes. Uma verdadeira viagem além dos limites dos paradigmas preestabelecidos pela civilização moderna".

Outras obras sobre xamanismo e feitiçaria publicadas
pela NOVA ERA/RECORD:

O GUIA DA FLORESTA — Alex Polari de Alverga
A ERVA DO DIABO — Carlos Castaneda
UMA ESTRANHA REALIDADE — Carlos Castaneda
VIAGEM AIXTLAN — Carlos Castaneda
PORTA PARA O INFINITO — Carlos Castaneda
O PODER DO SILÊNCIO — Carlos Castaneda
O FOGO INTERIOR — Carlos Castaneda
O PRESENTE DA ÁGUIA — Carlos Castaneda
O SEGUNDO CÍRCULO DO PODER — Carlos Castaneda
A ARTE DO SONHAR — Carlos Castaneda

CONVERSANDO COM CARLOS CASTANEDA —Carmina Fort
ALUCINAÇÕES REAIS — Terence McKenna
A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS — Starhawk
O PODER DE DOMAR DO GRANDE: As revelações inéditas de uma discípula do
Mago Paulo Coelho — Lizia Azevedo

Da mesma autora:
SONHOS LÚCIDOS

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Donner, Florinda
Shabono: uma viagem ao universo místico dos índios ianomamis / Florinda Donner-
Grau ; tradução de Elisabete Soares. — Rio de Janeiro: Record, 1994.

(Nova Era)
Tradução de: Shabono: a visit to a remote and
magical world in the South American rainforest
1. Índios Yanoama — Religião e mitologia. 2.
Índios Yanoama — Medicina. 3. Xamanismo —
Venezuela 4. Etnologia — Venezuela. I. Título.

CDD —299.8
CDU —299.8
D739s

94-0034

Título original norte-americano
SHABONO: A Visit to a Remote and Magical World
in the South American Rainforest

Copyright © 1982 by Florinda Donner-Grau
Copyright da tradução © 1994 by Distribuidora Record S.A.
Publicado, mediante acordo com Harper San Francisco, uma divisão de
HarperCollins Publishers, Inc.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil pelo

Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000

ISBN 85-01-04076-2

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

Para a aranha de cinco patas
que me carrega
em suas costas

Prefácio

"Não tenho a menor dúvida de que Shabono é uma obra-prima. Para mim, é ao mesmo tempo arte, magia e ciência social, e tão habilmente equilibradas que não posso avaliar qual delas assume o comando.

"É uma extraordinária ciência social porque, com um certo senso de escolha em descrever suas experiências entre os índios da mata venezuelana, Florinda Donner-Grau literalmente mergulha o leitor em um mundo desconhecido, mas muito real. Os dados etnográficos estão lá, porém apresentados de uma forma muito rica, viva e objetiva.

"Ao mesmo tempo, a narrativa contínua e plena de poder consegue transmitir ao leitor um senso de reverência bastante peculiar. Assim, Shabono é pura magia simplesmente porque sustenta, o tempo todo, uma aura irresistível e proibida de um mundo misterioso e encantador.

"E Shabono é finalmente arte por causa de uma perfeita harmonia de idéias e palavras. A obra de Florinda Donner-Grau é para impressionar com palavras; para criar imagens fugazes de profundo enternecimento, depois fortalecê-las e uni-las até que atinjam o clímax: uma catarse de emoções."

CARLOS CASTANEDA, autor de
O Presente da Águia e A Erva do Diabo

Nota da Autora

Os índios ianomâmis, também conhecidos na literatura antropológica como waikas, shamataris, barafiris, shirishamas e guaharibos, habitam o mais isolado trecho da fronteira entre o sul da Venezuela e o norte do Brasil. Numa estimativa imperfeita, existem entre dez a vinte mil deles, ocupando uma área de aproximadamente dezoito mil quilômetros quadrados. Este território abrange os afluentes do Orinoco — os rio Mavaca, Siapo, Ocamo, Padamo e Ventuari, na Venezuela, e Urariqüera, Catrimani, Dimini e Araçá, do lado brasileiro.

Os ianomâmis vivem em povoações de cabanas cobertas com folhas de palmeira chamadas shabonos, espalhadas por toda a floresta. O número de indivíduos residentes em cada uma dessas aldeias amplamente dispersas varia entre sessenta a cem pessoas. Alguns dos shabonos situam-se perto de missões católicas ou protestantes ou em outras áreas acessíveis ao homem branco; outros embrenham-se nas profundezas da selva. Existem ainda povoações nas partes mais remotas da floresta que ainda não foram contatadas pelos intrusos.

Minha experiência com os iticoteris, os habitantes de um desses desconhecidos shabonos, é o tema deste livro. É um relato subjetivo dos dados excedentes, por assim dizer, da pesquisa de campo antropológica que realizei sobre práticas curativas na Venezuela.

A parte mais importante do meu treinamento como antropóloga enfatizou o fato de que objetividade é o que dá validade ao trabalho antropológico. Aconteceu que, durante toda a minha estada com o grupo ianomâmi, não mantive o distanciamento e a imparcialidade requeridos pela pesquisa objetiva. Laços especiais de gratidão e amizade me impossibilitaram de interpretar fatos ou esboçar conclusões daquilo que testemunhei e aprendi. Por ser mulher e devido à minha aparência física, e a uma certa propensão de caráter, não constituí ameaça para os índios. Eles me aceitaram como uma excentricidade tratável, e eu estava apta a me ajustar, ao menos por um momento, ao ritmo peculiar de suas vidas.

Em meu relato fiz duas alterações em minhas notas originais. A primeira relativa a nomes — o nome iticoteri e os nomes das pessoas retratadas são fictícios. A segunda tem a ver com estilo. Para efeito dramático, alterei a seqüência dos acontecimentos, e, para objetivos da narrativa, converti os diálogos para as adequadas sintaxe e estrutura gramatical da língua inglesa. Tendo literalmente traduzido sua linguagem, eu talvez não tenha feito justiça a sua complexidade, flexibilidade, suas expressões altamente poéticas e metafóricas. A versatilidade de sufixos e prefixos dá à língua ianomâmi delicadas nuances de significado que não possuem equivalência real em inglês.

Muito embora eu tenha sido pacientemente treinada até poder diferenciar e reproduzir a maioria de suas palavras, nunca me tornei fluente na conversação. Contudo, minha incapacidade de dominar sua linguagem não foi obstáculo na comunicação com os ianomâmis. Aprendi a "conversar" com eles tão logo adquiri um vocabulário adequado. Conversar era mais uma sensação corporal do que um verdadeiro intercâmbio de palavras. Quão foi acurado o nosso intercâmbio é outra história. Para eles e para mim foi eficaz. Eles fizeram concessões quando eu não conseguia me fazer entender ou quando era incapaz de compreender a informação que estavam transmitindo acerca de seu mundo; afinal de contas, não esperavam que eu pudesse lidar com as sutilezas e complexidades de sua língua. Os ianomâmis, tal como nós mesmos, têm seus preconceitos peculiares; eles acreditam que os brancos são infantis e, portanto, menos inteligentes.

Principais Personagens Iticoteris

ANGÉLICA Uma velha índia da missão católica que organiza a jornada ao território iticoteri

MILAGROS Filho de Angélica, um homem que pertence aos dois mundos, o dos índios e o do homem branco

PURIWARIWE Irmão de Angélica, um velho xamã do assentamento iticoteri

KAMOSIWE Pai de Angélica

ARASUWE	Cunhado de Milagros, chefe dos iticoteris
HAYAMA	A irmã mais velha de Angélica ainda viva, sogra de Arasuwe, avó de Ritimi
ETEWA	Genro de Arasuwe
RITIMI	Filha de Arasuwe, primeira esposa de Etewa
TUTEMI	Segunda esposa mais jovem de Etewa
TEXOMA	Filha de Ritimi e Etewa, de quatro anos de idade
SISIWE	Filho de Ritimi e Etewa, de seis anos de idade
HOAXIWE	Filho recém-nascido de Tutemi e Etewa
IRAMAMOWE	Irmão de Arasuwe, xamã no assentamento iticoteri
XOROWE	Filho de Iramamowe
MATUWE	Filho mais novo de Hayama
XOTOMI	Filha de Arasuwe, meia-irmã de Ritimi
MOCOTOTERIS	Os habitantes de um shabono próximo

Primeira Parte

1

EU ESTAVA SEMI-ADORMECIDA. Ainda assim, podia sentir pessoas se movendo ao meu redor. Como se de uma grande distância, eu ouvia o suave farfalhar de pés descalços no lixo acumulado da cabana, tosses, pigarros para limpar a garganta, e as vozes tímidas das mulheres. Abri vagamente os olhos. Ainda não amanhecera de todo. Na semi-escureidão, pude distinguir Ritimi e Tutemi, seus corpos nus curvados sobre os braseiros onde os restos das fogueiras noturnas ainda ardiam. Folhas de tabaco, cabaças cheias d'água, aljavas com setas envenenadas, crânios de animais e cachos de bananas-da-terra verdes pendiam do teto de folhas de palmeira, parecendo suspensos no ar abaixo da fumaça ascendente.

Bocejando, Tutemi levantou-se. Espreguiçou-se, depois curvou-se sobre a rede para erguer Hoaxiwe nos braços. Rindo suavemente, aninhou sua face no estômago do bebê. Ela murmurou algo ininteligível enquanto empurrava o bico do seio para a boca do bebê. Suspirando, acomodou-se de volta na rede.

Ritimi arriou algumas folhas de tabaco, embebeu-as numa cabaça cheia d'água, depois pegou uma folha molhada e, antes de enrolá-la num chumaço, polvilhou-a com cinzas. Colocando o bolo de mascar entre a gengiva e o lábio inferior, sugou-o barulhentemente enquanto preparava mais dois. Deu um a Tutemi, depois se aproximou de mim. Fechei os olhos, esperando dar a impressão de que estava dormindo. Agachada à cabeceira da minha rede, Ritimi passou o dedo embebido em tabaco, molhado com sua saliva, entre minha gengiva e meu lábio inferior, mas não deixou um bolo de mascar na minha boca. Estalando a língua, moveu-se na direção de Etewa, que estivera observando de sua rede. Ela cuspiu seu chumaço na palma da mão e entregou a ele. Um leve gemido escapou dos lábios dela enquanto punha na boca o terceiro bolo de mascar e se deitava sobre Etewa.

O fogo enchia a cabana de fumaça, aquecendo gradualmente o ar úmido e frio. Ardendo dia e noite, os braseiros constituíam o núcleo central de cada habitação. As manchas de fumaça que ficavam no teto serviam de marco para separar uma família da outra, porque não havia paredes divisórias entre as cabanas. Elas ficavam tão próximas

que os telhados contíguos recobriam um ao outro, dando a impressão de uma enorme habitação circular. Havia uma grande entrada principal para todo o conjunto, com umas poucas aberturas estreitas entre algumas cabanas. Cada cabana era sustentada por duas estacas compridas e duas curtas. O lado mais alto da cabana era aberto e dava para uma clareira no meio da estrutura circular, enquanto o lado exterior mais baixo da cabana era fechado com uma parede de estacas curtas encravada contra o teto.

Uma pesada névoa cobria as árvores circundantes. As copas das palmeiras, pairando sobre a borda interior das cabanas, silhuetavam-se contra o acinzentado do céu. O cão de caça de Etewa ergueu a cabeça de debaixo do corpo enroscado e, sem acordar por completo, abriu a boca num amplo bocejo. Fechei os olhos, cochilando ao aroma das bananas-da-terra assando nas brasas. Minhas costas estavam rígidas e as pernas doloridas por ter permanecido agachada durante horas no dia anterior, colhendo ervas nos campos próximos.

Abri os olhos abruptamente, enquanto minha rede era balançada com vigor para a frente e para trás, e arfei com a pressão de um pequeno joelho em meu estômago. Puxei instintivamente os lados da rede sobre mim para me proteger das baratas e aranhas que invariavelmente caíam do espesso teto de folhas de palmeira sempre que as estacas que sustentavam a cabana eram sacudidas.

Rindo, as crianças fervilhavam em cima e em volta de mim. Seus bronzeados corpos nus eram tenros e mornos ao contato com minha pele. Como já vinham fazendo a cada manhã desde a minha primeira chegada, as crianças percorriam com suas mãos rechonchudas minha face, seios, estômago e pernas, induzindo-me a identificar cada parte de minha anatomia. Eu fingia dormir, ressonando ruidosamente. Dois meninos aconchegaram-se aos meus flancos, e a menina em cima de mim pressionou sua cabeça escura sob meu queixo. Eles cheiravam a fumaça e sujeira.

Eu não conhecia uma palavra da língua deles quando cheguei ao seu assentamento nas profundezas da selva entre a Venezuela e o Brasil. Ainda assim, não foi difícil eu ser aceita pelas cerca de oitenta pessoas que ocupavam o shabono. Para os índios, não entender sua língua equivalia a ser um aka boreki — um bobo. Como tal, fui alimentada, amada e favorecida; meus erros eram desculpados ou tolerados como se eu fosse uma criança. A maioria de minhas falhas era recebida com violentas explosões de riso que contorciam seus corpos até que eles rolavam no chão, lágrimas transbordando dos seus olhos.

Interrompi meus devaneios quando uma mãozinha fina pressionou minha face. Texoma, a filha de quatro anos de Ritimi e Etewa, deitada em cima de mim, abriu os olhos e, aproximando o rosto, agitou seus cílios hirsutos contra os meus.

— Não quer levantar? — perguntou a menininha, seus dedos percorrendo meu cabelo. — As bananas estão prontas.

Eu não desejava abandonar minha cálida rede.

— Fico imaginando... há quantos meses estou aqui? — perguntei.

— Muitos — responderam três vozes em uníssono. Sorrir não ajudaria. Qualquer coisa além de três eles consideravam muitos, ou mais do que três.

— Sim, muitos meses — falei suavemente.

— O bebê de Tutemi ainda dormia dentro da barriga dela quando você chegou — murmurou Texoma, aconchegando-se a mim.

Não que eu tivesse perdido a noção do tempo, mas os dias, semanas e meses haviam perdido seus limites exatos. Aqui só o presente contava. Para essa gente importava somente o que acontecia a cada dia em meio às imensas sombras verdes da floresta. O ontem e o amanhã, diziam, eram tão indeterminados quanto um sonho vago, tão frágeis

quanto uma teia de aranha, que só era visível quando uma réstia de luz solar a crestava através das folhas.

Marcar o tempo tinha sido minha obsessão durante as primeiras semanas. Eu usava meu relógio automático dia e noite e registrava cada amanhecer num diário, como se minha existência dependesse disso. Não posso dizer exatamente quando percebi que uma mudança fundamental se processara dentro de mim. Creio que ela começou antes mesmo de eu chegar ao assentamento iticoteri, num pequeno povoado ao leste da Venezuela, onde eu fazia uma pesquisa sobre práticas curativas.

Após transcrever, traduzir e analisar as inúmeras fitas e centenas de páginas de anotações, reunidas durante meses de trabalho de campo junto a três curandeiros na região de Barlovento, eu começava a duvidar seriamente da validade e objetivo da minha pesquisa. Meu empenho em organizar os dados numa sugestiva estrutura teórica demonstrou ser inútil, já que o material estava eivado de inconsistências e contradições.

A ênfase de meu trabalho fora direcionada para descobrir o significado que têm as práticas curativas entre os curandeiros e seus pacientes no contexto de suas atividades cotidianas. Minha preocupação tinha sido discernir o quanto a realidade social, em termos de saúde e doença, foi criada fora de sua atividade encadeada. Ponderei que necessitava dominar a maneira pela qual os praticantes olhavam uns aos outros e seu conhecimento, pois só então seria capaz de atuar em seu cenário social e dentro de seu próprio sistema de interpretação. Portanto, a análise de meus dados deveria provir do sistema no qual estivera atuando, sem influência do meu próprio ambiente cultural.

Durante a pesquisa fiquei hospedada na casa de dona Mercedes, um dos três curandeiros com quem trabalhei. Não apenas gravei, entrevistei e observei os curandeiros e seus inúmeros pacientes como também participei das sessões de cura, imergindo totalmente na nova situação.

Ainda assim, diariamente eu deparava com gritantes inconsistências em suas práticas curativas e suas explicações sobre elas. Doña Mercedes ria da minha confusão e do que ela considerava minha falta de fluidez em aceitar mudanças e inovações.

— Tem certeza de que eu disse isto? — perguntou doña Mercedes após ouvir uma das fitas que insisti em colocar para ela.

— Não sou eu que estou falando — repliquei, mordaz, e comecei a ler minhas notas datilografadas, esperando que ela percebesse que me dera uma informação contraditória.

— Soa maravilhoso — disse dona Mercedes, interrompendo minha leitura. — É realmente de mim que está falando? Você me transformou num verdadeiro gênio. Leia para mim suas anotações sobre Rafael e Serafino.

Eram os dois outros curandeiros com quem eu estava trabalhando.

Fiz o que ela pediu, depois retrocedi o gravador mais uma vez, esperando que ela me ajudasse com a informação conflitante. Mas doña Mercedes, afinal, não estava interessada no que dissera meses atrás. Para ela isso era coisa do passado e, portanto, sem validade. Atrevidamente, deu-me a entender que o gravador estava errado por ter registrado algo que não se lembrava de ter dito.

— Se eu realmente disse essas coisas, a culpa é sua. Sempre que me pergunta sobre curas, eu começo a falar sem realmente saber o que estou dizendo. Você vive pondo palavras na minha boca. Se soubesse como é que se cura, não se apoquentaria escrevendo ou falando sobre isso. Devia somente fazer.

Eu não estava disposta a crer que meu trabalho fosse inútil. Fui ver os outros dois curandeiros. Para meu enorme desprazer, eles também não ajudaram muito. Receberam e explicaram as inconsistências tal como dona Mercedes o fizera.

Em retrospecto, meu desespero por causa dessa falha parece cômico. Num acesso de raiva, desafiei dona Mercedes a queimar minhas anotações. Ela o fez de bom grado, queimando folha por folha na chama de uma das velas que iluminavam a imagem da Virgem Maria no altar do seu aposento de curas.

— Realmente não entendo por que se preocupa tanto com o que sua máquina diz e com o que eu digo — observou doña Mercedes, acendendo outra vela no altar. — Que diferença isso faz acerca do que faço agora e do que fiz poucos meses atrás? Tudo que importa é que os pacientes estão bem. Anos atrás, um psicólogo e um sociólogo vieram aqui e gravaram tudo que eu disse numa máquina como a sua. Acho que era uma máquina melhor; era bem maior do que a sua. Só ficaram aqui uma semana. Com a informação que tiveram, escreveram um livro sobre curas.

— Conheço o livro — repliquei. — Não acho que seja um estudo acurado. É simplista, superficial, e carece de uma compreensão real.

Doña Mercedes fitou-me de modo zombeteiro, seu olhar meio depreciativo. Observei em silêncio a última página virar cinzas. Não me aborreci pelo que ela fizera; ainda tinha a tradução para o inglês das fitas e anotações. Ela se levantou de sua cadeira e veio sentar-se ao meu lado no banco de madeira.

— Muito em breve você sentirá que um pesado fardo foi tirado de suas costas — consolou-me ela.

Fui compelida a fazer uma longa explanação relativa à importância do estudo de práticas curativas não-convencionais. Dona Mercedes ouviu com atenção, um sorriso zombeteiro na face.

— Se eu fosse você — sugeriu —, aceitaria o convite de seu amigo para ir caçar no alto Orinoco. Seria uma boa mudança para você.

Embora eu pretendesse voltar a Los Angeles o mais breve possível a fim de concluir meu trabalho, tive de considerar seriamente o convite de um amigo para uma viagem de duas semanas na selva. Não tinha o menor interesse em caçar, mas acreditava que teria a oportunidade de conhecer um xamã, ou testemunhar uma cerimônia curativa, por intermédio de um dos guias índios que planejava contratar tão logo chegasse à missão católica, último posto avançado da civilização.

— Acho que deveria aceitar — disse eu a doña Mercedes. — Talvez encontre um grande curandeiro índio que me contará coisas sobre curas que até mesmo você desconhece.

— Tenho certeza de que ouvirá coisas interessantes de todos os tipos. — Doña Mercedes riu. — Mas não se preocupe em escrevê-las... não vai fazer nenhum tipo de pesquisa.

— É mesmo? E como sabe disso?

— Lembre-se: sou uma bruja — disse ela, tocando minha face. Havia uma expressão de indizível gentileza em seus olhos escuros. — E não se preocupe com as anotações guardadas seguramente em sua escrivinha. Quando retornar, suas anotações não terão a menor utilidade.

2

UMA SEMANA DEPOIS, EU ESTAVA a caminho no pequeno avião de uma das missões católicas no alto Orinoco, em companhia do meu amigo. Íamos encontrar os outros membros da expedição que tinham seguido de barco alguns dias antes, com os apetrechos de caça e as provisões necessárias para passarmos duas semanas na selva.

Meu amigo estava ansioso em me mostrar as maravilhas do lodoso e turbulento rio Orinoco. Ele manobrava o pequeno avião com ousadia e perícia. Houve um momento em que ficamos tão perto da superfície da água que assustamos os jacarés que se refestelavam ao sol nas margens arenosas. No instante seguinte estávamos no ar, acima da aparentemente infinita e impenetrável floresta. Eu mal acabara de relaxar e ele mergulhava outra vez — tão baixo que podíamos ver as tartarugas aquecendo-se ao sol nos troncos à beira do rio.

Eu estava acometida de tonteiças e náuseas quando finalmente pousamos na pequena clareira perto dos campos cultivados da missão. Fomos recepcionados por padre Coriolano, o sacerdote encarregado da missão, pelos outros componentes da expedição e por alguns índios que gritavam excitadamente enquanto se amontoavam ao redor do avião.

Padre Coriolano conduziu-nos através das plantações de milho, mandioca, banana e cana-de-açúcar. Era um homem magro, com braços longos e pernas curtas. Sobrancelhas espessas quase escondiam-lhe os olhos fundos, e uma massa de barba indisciplinada cobria o resto de sua face. Em disputa com sua batina preta estava o surrado chapéu de palha, que ele mantinha afastado para trás de modo que a brisa pudesse refrescar sua testa coberta de suor.

As roupas grudavam umedecidas no meu corpo enquanto ultrapassávamos um improvisado cais de estacas cravadas no lodo à margem do rio, onde o barco estava amarrado. Paramos, e padre Coriolano começou a falar sobre nossa partida no dia seguinte. Fui rodeada por um grupo de mulheres índias. Elas não diziam uma palavra, apenas sorriam acanhadas para mim. Seus vestidos mal-ajustados eram curtos na frente e se alongavam atrás, dando a impressão de que estavam todas grávidas. Entre elas havia uma velha tão pequena e enrugada que me parecia uma criança envelhecida. Ela não sorria como as outras. Havia um apelo silencioso nos seus olhos, como se ela guardasse algo para mim. Meus sentimentos eram estranhos enquanto via seus olhos encherem-se de lágrimas; eu não queria vê-las rolando por suas faces pintadas de argila. Pus minhas mãos nas dela. Sorrindo satisfeita, ela me conduziu na direção das árvores frutíferas que circundavam a comprida missão de um só pavimento.

À sombra, sob a ampla cobertura do teto de amianto, acocorava-se um grupo de velhos, suas mãos trêmulas segurando canecas de estanho esmaltadas. Vestiam roupas de cor caqui, suas faces parcialmente cobertas por chapéus de palha manchados de suor. Eles riam e falavam em tom exaltado, estalando os lábios ao saborear seu café misturado com rum. Um barulhento casal de araras, com as coloridas asas aparadas, empoleirava-se nos ombros de um dos homens.

Eu não conseguia distinguir as feições dos homens, nem mesmo a cor de sua pele. Pareciam estar falando em espanhol, ainda que suas palavras soassem ininteligíveis para mim.

— Aqueles homens são índios? — perguntei à velha enquanto ela me conduzia para um pequeno quarto nos fundos de uma das casas ao redor da missão.

A velha riu. Seus olhos, quase invisíveis entre as fendas das pálpebras, pousaram em meu rosto.

— Eles são racionais. Os que não são índios são chamados de racionais — repetiu. — Aqueles velhos vivem aqui há muito tempo. Vieram procurar ouro e diamantes.

— Encontraram alguma coisa?

— Muitos deles sim.

— Por que continuam aqui?

— São aqueles que não querem voltar para o lugar de onde vieram — disse ela, descansando as mãos ossudas em meus ombros. Não fiquei surpresa por seu gesto.

Havia algo de cordial e afetuoso naquele toque. Simplesmente pensei que fosse meio maluca. — Perderam suas almas na floresta. — Os olhos da velha se ampliaram; tinham a cor de folhas secas de tabaco.

Sem saber o que dizer, afastei meus olhos de seu olhar penetrante e examinei o quarto. As paredes pintadas de azul estavam desbotadas pelo sol e descascando devido à umidade. Perto de uma janela estreita havia um leito de madeira toscamente construído. Parecia um berço em tamanho gigante, ao redor do qual fora pregada uma armação de tela contra os mosquitos. Quanto mais olhava para aquilo, mais me lembrava uma gaiola onde só se podia entrar levantando-se a pesada tampa telada.

— Sou Angélica — disse a velha, examinando-me. — Isto é tudo que trouxe com você? — perguntou, tirando a mochila cor de laranja das minhas costas.

Sem falar e com um olhar de completo atordoamento, observei-a tirar da mochila minhas roupas íntimas, um par de jeans e uma camiseta comprida.

— É tudo que preciso para duas semanas — falei, apontando para a minha câmera e para o kit de toalete no fundo da mochila.

Ela retirou cuidadosamente a câmera e abriu o zíper do kit de toalete de plástico. Rapidamente esvaziou seu conteúdo no chão. Havia um pente, um cortador de unhas, pasta de dente, escova, um frasco de xampu, sabonete. Balançando a cabeça em descrença, ela dobrou para fora o forro da mochila. Distraidamente, puxou para trás o cabelo escuro que estava grudado na testa. Havia um vago ar de reminiscência sonhadora em seus olhos, enquanto sua face se franzia num sorriso. Pôs tudo de volta dentro da mochila e, sem uma palavra, reconduziu-me até meus amigos.

Muito depois de a escuridão e o silêncio terem caído sobre a missão, eu continuava acordada, ouvindo os sons noturnos pouco familiares que passavam através da janela aberta.

Não sei se foi por causa do meu cansaço ou se pela atmosfera relaxante da missão, mas antes de me recolher aquela noite eu decidira não acompanhar meus amigos na expedição de caça. Em vez disso, eu iria permanecer as duas semanas na missão. Felizmente, ninguém se importou. Na verdade, todos pareceram ficar aliviados. Embora não o expressassem, alguns dos meus amigos achavam que uma pessoa que não sabia usar uma arma nada tinha a fazer numa caçada.

Fascinada, observei a transparência azul do ar dissolver as sombras da noite. Uma suavidade se expandia no céu, revelando os contornos dos galhos e folhas ondulando à brisa do lado de fora da janela. O guincho solitário de um macaco-gritador foi a última coisa que ouvi antes de mergulhar num sono profundo.

— Então você é antropóloga — disse padre Coriolano ao almoço do dia seguinte. — Os antropólogos que conheci andavam carregados de equipamento de filmagem e gravação, e quem sabe lá que engenhocas mais. — Ele me ofereceu outra porção de peixe assado e milho em espiga. — Está interessada nos índios?

Expliquei-lhe o que tinha ido fazer em Barlovento, falando superficialmente nas dificuldades que encontrara com os dados.

— Gostaria de ver algumas sessões de cura enquanto estiver aqui.

— Receio que não verá muito disso por aqui — disse padre Coriolano, arrancando migalhas de pão de mandioca alojadas em sua barba. — Temos um dispensado muito bem equipado. Há índios que vêm de longe para tratar suas doenças. Mas talvez eu possa arranjar para que faça uma visita a um dos assentamentos vizinhos, onde poderia encontrar um xamã.

— Eu ficaria muito grata se fosse possível. Não que eu tenha vindo para trabalho de campo, mas seria interessante ver um xamã.

— Você nem parece uma antropóloga. — As pesadas sobrancelhas de padre Coriolano se arquearam. — Claro que a maioria dos que conheci eram homens; mas havia umas poucas mulheres. — Ele cocou a cabeça. — De qualquer modo, você não combina com a descrição que eu faria de uma antropóloga.

— Não pode esperar que todas as antropólogas se pareçam — repliquei alegremente, imaginando quais ele teria conhecido.

— Suponho que não — disse ele, encabulado. — O que eu quis dizer é que você não parece plenamente adulta. Esta manhã, após a partida de seus amigos, várias pessoas me perguntaram por que a menina foi deixada comigo.

Seus olhos eram vividos, como se ele brincasse acerca de como os índios encaravam uma branca adulta que fosse mais alta do que eles.

— Especialmente se são louras de olhos azuis — acrescentou ele. — Acreditam que sejam autênticas gigantes.

Aquela noite tive o mais terrível pesadelo em meu "berço" protegido com telas. Sonhei que a tampa fora pregada. Todos os meus esforços para me libertar revelaram-se inúteis contra a pressão da tampa. O pânico me dominou. Gritei e sacudi a armação de tela até que toda a geringonça desabou. Eu estava ainda semi-adormecida enquanto jazia no chão, minha cabeça repousando na pequena protuberância dos seios caídos da velha. Por um momento não pude recordar onde estava. Um medo infantil fez com que me aconchegasse mais à velha índia, sabendo que estava salva.

A velha cocava o topo de minha cabeça e sussurrava palavras incompreensíveis no meu ouvido, até que fiquei totalmente desperta. Senti-me reconfortada pelo seu toque e pelo som estranho e anasalado de sua voz. Eu não era capaz de racionalizar este sentimento, mas havia alguma coisa que fazia eu me apegar a ela. A velha levou-me para o seu quarto, atrás da cozinha. Deitei ao lado dela numa pesada rede sustentada por duas estacas. Protegida pela presença da velha estranha, fechei os olhos sem medo. O débil batimento do seu coração e o gotejar de água filtrando através de uma moringa de barro me fizeram dormir.

— Será muito melhor se você dormir aqui — disse a velha na manhã seguinte, enquanto prendia uma rede de algodão junto à dela.

Daquele dia em diante Angélica raramente se afastou de mim. Na maior parte do tempo permanecíamos no rio, conversando e nos banhando nas margens, onde a areia vermelho-acinzentada era da cor de cinzas misturadas com sangue. Completamente em paz, eu passaria horas vendo a índia lavar suas roupas e ouvindo as histórias do seu passado. Como nuvens vagueando pelo céu, suas palavras entremesclavam-se com as imagens de mulheres enxaguando suas roupas na água e espalhando-as nas pedras para secar.

Angélica não era uma maquiritare como a maior parte dos índios na missão. Fora oferecida como esposa a um maquiritare ainda muito jovem. Ele a havia tratado bem, fazia questão de dizer. Rapidamente ela aprendera os costumes dos maquiritares, que não diferiam muito dos de seu próprio povo. Também estivera na cidade. Ela nunca me disse qual cidade. Nem me disse qual era seu nome índio, que, de acordo com os costumes de sua tribo, não poderia ser dito em voz alta.

Sempre que falava do passado, sua voz soava estranha aos meus ouvidos. Tornava-se muito anasalada e com freqüência podia mudar do espanhol para sua própria língua, misturando tempo e lugar. Freqüentemente parava no meio de uma frase; horas depois, ou mesmo no dia seguinte, podia retomar a conversa no ponto exato onde havia parado, como se conversar daquela maneira fosse a coisa mais natural do mundo.

— Vou levar você até meu povo — disse Angélica uma tarde. Olhou para mim, um sorriso trêmulo nos lábios. Eu tinha a sensação de que estivera a ponto de dizer algo

mais, e especulei se sabia do acordo que padre Coriolano fizera com o Sr. Barth para me levar ao assentamento maquiritare próximo.

O Sr. Barth era um garimpeiro americano que passara mais de vinte anos na selva venezuelana. Vivia rio abaixo com uma mulher índia e mais de uma vez se convidara a jantar na missão. Embora não desejasse retornar aos Estados Unidos, gostava muito de ouvir sobre seu país.

— Eu levo você até meu povo — repetiu Angélica. — Vai levar muitos dias para chegar lá. Milagros nos guiará através da selva.

— Quem é Milagros?

— É um índio como eu. Fala espanhol bem. — Angélica esfregou as mãos de contentamento. — Ele iria acompanhar seus amigos, mas decidiu ficar. Agora eu sei por quê.

Angélica falava com estranha intensidade; seus olhos cintilavam, e tive a mesma sensação que tivera por ocasião de minha chegada: de que era meio doida.

— Ele sabia o tempo todo que eu precisaria dele para nos acompanhar — disse Angélica. Suas pálpebras se fecharam como se ela jamais fosse ter energia para abrir amplamente os olhos. — Não importa o que você me diga agora. Sei que irá comigo.

Aquela noite permaneci desperta em minha rede. Pelo som da respiração de Angélica, eu sabia que estava acordada. Orei para que não esquecesse o oferecimento de levar-me até a selva. As palavras de dona Mercedes cruzavam minha mente: "Quando retornar, suas anotações não terão a menor utilidade." Talvez eu devesse fazer algum trabalho de campo entre os índios. O pensamento me divertiu. Eu não trouxera gravador; nem tinha papel ou lápis — tinha apenas um pequeno diário e uma caneta esferográfica. Trouxera minha câmera, mas apenas três rolos de filme.

Inquieta, voltei para a minha rede. Não, eu não tencionava me embrenhar na selva com uma velha, que eu acreditava ser meio doida, e com um índio que nunca tinha visto. Ainda assim, havia algo de muito tentador numa viagem através da selva. Eu podia facilmente conseguir algum tempo extra. Não tinha prazos a cumprir; não havia ninguém me esperando. Eu podia deixar uma carta para meus amigos explicando minha súbita decisão. Eles não se incomodariam. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais intrigada ficava. Padre Coriolano, sem dúvida, seria capaz de me abastecer de papel e lápis. E, sim, talvez dona Mercedes estivesse certa. Minhas anotações sobre cura não teriam utilidade quando — e se, o pensamento ruim se intrometeu — eu retornasse de tal jornada.

Saltei de minha rede e olhei para a velha encarquilhada que dormia. Como se sentindo minha presença, suas pálpebras se entreabriram, os lábios começaram a se mover.

— Não morrerei aqui, mas sim entre minha própria gente. Meu corpo será cremado e minhas cinzas ficarão com eles. — Seus olhos se abriram lentamente; estavam embotados, enevoados pelo sono, e nada expressavam, mas senti profunda tristeza em sua voz. Toquei suas faces encovadas. Ela sorria para mim, mas sua mente estava obviamente em outro lugar.

Acordei com a sensação de estar sendo observada. Angélica contou-me que estivera esperando que eu despertasse. Acenou para que eu olhasse uma caixa, do tamanho de um estojo, feita de casca de árvore. Abriu a tampa fortemente apertada e com grande alívio começou a me mostrar item por item, interrompendo com exclamações de alegria e surpresa, como se visse cada coisa pela primeira vez. Havia um espelho, um pente, um colar de pérolas de plástico, alguns potes vazios de creme Pond's, um batom, uma tesoura enferrujada e blusa e saia desbotadas.

— E o que acha disso? — perguntou, segurando alguma coisa às suas costas.

Confessei minha ignorância e ela riu.

— Este é o meu caderno de notas. — Ela abriu o caderno de anotações, as páginas amareladas pelo tempo. Em cada página havia fileiras de letras retorcidas. — Olhe só. — Pegando um toco de lápis da caixa, começou a escrever seu nome. — Aprendi a fazer isso na outra missão. Muito maior do que esta aqui. Tinha também uma escola. Foi há muitos anos, mas não esqueci o que aprendi. — Mais uma vez rabiscou seu nome nas páginas desbotadas. — Gosta?

— Muito. — Eu estava atordoada com a visão da velha acorçada no chão, seu corpo curvado para a frente, a cabeça quase tocando o caderno no solo. Ainda assim, estava perfeitamente equilibrada enquanto traçava com esmero as letras que formavam seu nome.

De repente, ela se empertigou, fechando o caderno de anotações.

— Eu já estive na cidade — disse, os olhos fixados num ponto além da janela. — Uma cidade cheia de gente que parecia tudo igual. No início gostei, mas comecei a me cansar bem depressa. Havia coisas demais para eu ver. E era muito barulhento. Não eram só as pessoas que falavam, as coisas também falavam. — Fez uma pausa, e uma careta para se concentrar, todas as rugas de seu rosto se aprofundando. Por fim, disse: — Na verdade, eu não gosto da cidade.

Perguntei-lhe em que cidade ela estivera e em qual missão aprendera a escrever seu nome. Ela me olhou como se não tivesse ouvido a pergunta, depois continuou sua narrativa. Como fizera antes, começou a misturar tempo e lugar, voltando à sua própria língua. Às vezes ela ria, repetindo sem parar:

— Eu não irei para o céu do padre Coriolano.

— Falava sério acerca de ir visitar seu povo? — perguntei. — Não acha que é perigoso duas mulheres penetrarem na floresta? Sabe realmente o caminho?

— Claro que sei o caminho — retrucou, voltando de repente ao seu estado como que hipnótico. — Uma velha está sempre a salvo.

— Mas eu não sou velha. Ela alisou meus cabelos.

— Você não é velha, mas seu cabelo tem a cor das fibras de palmeira e seus olhos, a cor do céu. Estará a salvo também.

— Tenho certeza de que vamos nos perder — falei suavemente. — Você nem sequer se lembra de quanto tempo faz que visitou seu povo. Disse-me que seu povo cada vez se embrenha mais na floresta.

— Milagros vai conosco — disse Angélica convincentemente. — Ele conhece bem a floresta. Conhece todos os povos que vivem na selva. — Angélica começou a guardar seus pertences na caixa. — É melhor eu ir procurá-lo, de modo que possamos partir o mais cedo possível. Você vai ter que lhe dar alguma coisa,

— Não tenho nada que ele queira — repliquei. — Talvez eu consiga que meus amigos deixem para ele, na missão, os facões que trouxeram.

— Dê a sua câmera para ele — sugeriu Angélica. — Sei que ele deseja uma câmera tanto quanto outro facão.

— Ele sabe usar uma câmera?

— Não sei dizer. — Ela riu, colocando a mão sobre a boca. — Ele me disse uma vez que queria tirar retratos dos brancos que vinham à missão observar os índios.

Eu não estava disposta a me desfazer de minha câmera, que era de qualidade e muito cara. Desejei ter trazido uma mais barata.

— Eu lhe darei a câmera — falei, esperando que, tão logo explicasse a Milagros como era complicado usá-la, ele optasse por facões de mato.

— Quanto menos tiver que carregar, melhor — disse Angélica, fechando a tampa de sua caixa com uma batida. — Vou dar tudo isso para uma das mulheres da missão. Não preciso de mais nada disso. Se for de mãos vazias, ninguém espera nada de você.

— Gostaria de levar a rede que você me deu — falei de gozação.

— Seria uma boa idéia. — Angélica olhou para mim, sacudindo a cabeça. — Você é uma dorminhoca e talvez não consiga dormir nas redes de fibra usadas por meu povo.

— Ela pegou sua caixa e foi saindo do quarto. — Voltarei quando achar Milagros.

Padre Coriolano bebia seu café e olhava para mim como se eu fosse uma estranha. Com grande esforço ele se levantou, apoiando-se numa cadeira. Parecendo desorientado, fitou-me sem proferir uma palavra. Era o silêncio de um velho. Enquanto ele passava seus dedos rígidos e nodosos pela face, percebi pela primeira vez como ele era frágil.

— Está louca se vai para a selva com Angélica — disse por fim. — Ela é muito velha; não irá muito longe. Caminhar pela floresta não é uma excursão.

— Milagros nos acompanhará.

Padre Coriolano voltou-se na direção da janela, imerso em pensamentos. Continuou puxando a barba para a frente e para trás.

— Milagros não quis ir com seus amigos. Estou certo de que não irá acompanhar Angélica selva adentro.

— Ele irá. — Minha certeza era incompreensível. Era uma sensação completamente estranha ao meu comportamento habitual.

— Embora ele seja um homem confiável, é inexperiente — disse padre Coriolano pensativo. — Ele tem atuado como guia para várias expedições. Ainda assim... — Padre Coriolano voltou à sua cadeira e, inclinando-se para mim, continuou: — Você não está preparada para entrar na selva. Não pode imaginar as agruras e perigos que envolvem uma tal aventura. Você não tem sequer calçados apropriados.

— Vários conhecidos que já estiveram na selva me disseram que os tênis são a melhor coisa para se usar. Eles secam depressa nos pés sem encolherem e não provocam bolhas.

Padre Coriolano ignorou meu comentário.

— Por que você quer ir? — perguntou em tom exasperado. — O Sr. Barth a levará para conhecer um xamã maquiritare; poderá testemunhar uma cerimônia curativa sem precisar ir muito longe.

— Não sei realmente se quero ir. — Olhei para ele desesperançada. — Talvez eu queira ver mais do que uma cerimônia de cura. Na verdade, queria lhe perguntar se poderia me arranjar papel e lápis.

— E quanto a seus amigos? O que vou dizer a eles? Que você simplesmente desapareceu com uma velha senil? — perguntou ele enquanto se servia de outra xícara de café. — Estou aqui há mais de trinta anos e nunca soube de um plano mais despropositado.

Já passara da hora da sesta, porém a missão permanecia silenciosa e eu me espreguiçava na rede pendurada à sombra de duas árvores de poma-rosa, com galhos retorcidos e folhas denteadas. Ao longe vi a figura alta do Sr. Barth aproximando-se da clareira da missão. Estranho, pensei, porque ele costumava vir à noite. Depois adivinhei por que viera.

Parando junto aos degraus da varanda, perto de onde eu estava, ele agachou-se e acendeu um dos cigarros que meus amigos tinham-lhe trazido.

O Sr. Barth parecia inquieto. Levantou-se e caminhou para lá e para cá, parecendo uma sentinela guardando o prédio. Eu estava a ponto de chamá-lo quando ele começou

a falar sozinho, suas palavras saindo com a fumaça. Ele esfregou a barba branca por fazer em seu queixo e raspou uma bota contra a outra, num esforço para tirar a lama. Agachando-se mais uma vez, começou a sacudir a cabeça, como se assim pudesse livrar-se daquilo que lhe passava pela mente.

— Já sei: veio me contar acerca dos diamantes que achou na Gran Sabana — falei à guisa de cumprimento, esperando dissipar a expressão melancólica em seus olhos castanhos gentis.

Ele deu uma tragada e soltou a fumaça pelo nariz em jatos curtos. Após cuspir umas poucas partículas de tabaco que ficaram grudadas na ponta de sua língua, perguntou:

— Por que quer ir para a floresta com Angélica?

— Já disse a padre Coriolano: realmente não sei.

O Sr. Barth repetiu com suavidade minhas palavras, interpretando-as como uma pergunta. Acendendo outro cigarro, tragou devagar, observando a espiral de fumaça dissolver-se no ar transparente.

— Vamos dar um passeio — sugeri. Caminhamos ao longo da margem do rio, onde longas raízes entrelaçadas emergiam da terra como esculturas de madeira e lodo. Logo, a morna e pegajosa umidade permeou minha pele. De sob uma camada de ramos e folhas o Sr. Barth puxou uma canoa, empurrando-a para a água, e depois instou-me a subir nela. Ele manobrou a canoa através do rio, conduzindo-a para o abrigo da margem esquerda, que oferecia alguma proteção contra a plena força da correnteza. Com movimentos firmes e precisos, guiou a canoa rio acima até alcançar um pequeno afluente. As touceiras de bambu ali cediam lugar a uma escura e pesada vegetação, uma barreira sem fim de árvores que se fixavam tronco a tronco em toda a margem do rio. Raízes e ramos pairavam sobre a água; parreiras desciam engatinhando das árvores, enroscando-se nos troncos como serpentes esmagando-os num forte abraço.

— Oh, ali está — disse o Sr. Barth, apontando uma abertura no que parecia uma muralha impenetrável.

Empurrou a canoa pela margem pantanosa e amarrou-a firme num tronco. O sol mal penetrava entre a densa folhagem; a luz se fundia a um ténue verde enquanto eu seguia o Sr. Barth através das moitas. Ramos e parreiras roçavam em mim como coisas vivas. O calor não era mais tão intenso, mas a umidade pegajosa fazia as roupas grudarem em mim como limo. Logo meu rosto estava coberto por uma poeira vegetal encardida e teias de aranha que fediam em decomposição.

— Isto é uma trilha? — perguntei, incrédula, quase tropeçando numa poça d'água esverdeada. Sua superfície tremulava com centenas de insetos que mal passavam de pontinhos pulsantes no líquido turvo. Pássaros voavam, e em meio ao verde eu não podia distinguir suas cores e tamanhos, apenas ouvir seus guinchos em protesto contra nossa intrusão. Compreendi que o Sr. Barth estava tentando me assustar. Também me passou pela mente a idéia de que ele estivesse me levando para outra missão católica. — Isto é uma trilha? — repeti.

O Sr. Barth parou de repente diante de uma árvore, tão alta que seus galhos mais elevados pareciam alcançar o céu. Plantas trepadeiras retorciam-se e voltavam para cima em torno do tronco e dos galhos.

— Eu queria lhe fazer um sermão e afastar o diabo de você — disse o Sr. Barth, com expressão mal-humorada. — Mas o que quer que tivesse ensaiado dizer parece tolice agora. Vamos descansar por um momento e depois voltamos.

O Sr. Barth conduziu a canoa ao sabor da corrente, remando apenas quando nos aproximávamos muito da margem.

— A selva é um mundo que você possivelmente não pode imaginar — disse ele. — Não posso descrevê-lo para você; muito embora o tenha vivenciado com muita frequência. É um caso pessoal... a experiência de cada pessoa é diferente e única.

Em vez de voltarmos à missão, o Sr. Barth convidou-me a visitar sua casa. Era uma ampla cabana redonda com um telhado cônico de folhas de palmeira. Lá dentro estava quase escuro, a única luz vindo de uma pequena entrada e da janela retangular no teto, que se abria e fechava por meio de uma polia de couro cru. Duas redes estavam penduradas no meio da cabana. Cestos cheios de livros e revistas estavam encostados nas paredes caiadas; acima deles pendiam cabaças, conchas, facões e uma espingarda.

Uma mulher nua ergueu-se de uma das redes. Era alta, de seios amplos e quadris largos, mas seu rosto parecia o de uma criança, redondo e liso, com olhos escuros e oblíquos. Sorrindo, ela procurou por seu vestido, pendurado perto de um abanador de fogo.

— Café? — perguntou ela em espanhol enquanto sentava-se no chão, diante do fogão, ao lado de panelas e caldeirões de alumínio.

— Conhece bem Milagros? — perguntei ao Sr. Barth após ele ter me apresentado sua esposa e estarmos todos sentados nas redes, eu e a jovem partilhando uma delas.

— É difícil dizer — respondeu ele, procurando sua caneca de café no chão. — Ele vem e vai; é como o rio. Nunca pára, nunca parece descansar. Até onde Milagros vai, quanto tempo permanece em algum lugar, ninguém sabe. Tudo que ouvi é que, quando jovem, foi tomado de sua gente por homens brancos. Ele nunca é coerente com sua história. Uma hora diz que eram seringueiros, outra hora eram missionários, no momento seguinte diz que eram garimpeiros ou cientistas. Independentemente do que eles foram, Milagros viajou com eles por muitos anos.

— De que tribo ele é? Onde ele vive?

— Ele é um maquiritare — disse o Sr. Barth. — Mas ninguém sabe onde vive. De tempos em tempos volta para seu povo. A que aldeia pertence, não sei.

— Angélica foi à procura dele. Imagino que ela saiba onde está.

— Tenho certeza de que sabe — disse o Sr. Barth. — Eles são muito unidos. Imagino que sejam parentes. — Ele pôs a caneca no chão e levantou-se de sua rede, desaparecendo por instantes no denso mato do lado de fora da cabana. Reapareceu segundos depois com uma pequena caixa metálica. — Abra-a — disse, entregando-me a caixa.

Dentro havia uma bolsa de couro marrom.

— Diamantes? — perguntei, sentindo o conteúdo da bolsa.

Sorrindo, o Sr. Barth assentiu, depois instou-me a sentar no chão. Ele tirou a camisa, abriu-a no chão, depois pediu-me que esvaziasse a bolsa na superfície de pano. Mal escondi meu desapontamento. As pedras não brilhavam; em vez disso, pareciam quartzo opaco.

— Tem certeza de que são diamantes? — indaguei.

— Absoluta — disse ele, colocando uma pedra do tamanho de uma cereja em minha mão. — Se lapidado adequadamente, pode tornar-se o mais gracioso anel.

— Encontrou estes diamantes aqui?

— Não — riu ele. — Perto da Sierra Parima, anos atrás. — Olhos semicerrados, balançou-se para a frente e para trás. Suas faces estavam rosadas, com pequenas veias, e a barba por fazer no queixo estava úmida. — Muito tempo atrás, meu único interesse na vida era encontrar diamantes a fim de voltar para casa como um homem rico. — O Sr. Barth suspirou profundamente, o olhar perdido além da cabana. — Então, um dia, percebi que meu sonho de enriquecer tinha murchado, por assim dizer; não me obcecava mais e nem eu queria retornar ao mundo que um dia conhecera. Fiquei aqui. — Os

olhos do Sr. Barth brilhavam com lágrimas não-derramadas enquanto ele gesticulava para os diamantes. — Com eles. — Piscou repetidamente, depois me fitou e sorriu. — Gosto deles como gosto desta terra.

Eu queria fazer muitas perguntas a ele, mas temia causar-lhe sofrimento. Permanecemos em silêncio, ouvindo o sereno e profundo murmúrio do rio.

O Sr. Barth tornou a falar:

— Você sabe, antropólogos e missionários têm muito em comum. Ambos são maus para esta terra. Os antropólogos são mais hipócritas; eles conversam fiado e mentem para obter a informação desejada. Acho que acreditam que tudo é válido em nome da ciência. Não, não me interrompa — advertiu o Sr. Barth, sacudindo a mão diante do meu rosto. — Antropólogos — continuou no mesmo tom rude — queixaram-se a mim acerca da arrogância dos missionários, de sua arbitrariedade e postura paternalista em relação aos índios. E olhe para eles, os mais arrogantes de todos, intrometendo-se na vida das pessoas como se tivessem todo o direito de fazê-lo. — O Sr. Barth resfolegou, como se exausto por sua explosão.

Decidi não defender os antropólogos, pois temia uma outra explosão, portanto contentei-me em examinar o diamante em minha mão.

— É muito bonito — exclamei, segurando a pedra.

— Guarde-o — disse ele, pegando depois as pedras restantes. Uma a uma, foi jogando-as na bolsa de couro.

— Acho que não posso aceitar um presente tão valioso. — Comecei a rir e acrescentei como desculpa: — Nunca usei jóias.

— Não pense nele como um presente valioso. Veja-o apenas como um talismã. Apenas pessoas da cidade o vêem como uma jóia — disse ele casualmente, fechando meus dedos sobre a pedra. — Vai lhe trazer sorte. — Ele levantou-se, espanando com as mãos a umidade no fundilho das calças e em seguida estendendo-se na rede.

A jovem mulher reencheu nossas canecas. Bebericando o café fortemente adoçado, observamos as paredes caiadas se tornarem roxas à luz do crepúsculo. As sombras não tardaram a crescer, e num instante tudo escureceu.

Acordei com Angélica sussurrando em meu ouvido:

— Partiremos pela manhã.

— O quê?! — Pulei da rede, totalmente desperta. — Pensava que levaria uns dois dias para achar Milagros. É melhor eu embalar minhas coisas.

— Embalar? — riu Angélica. — Você não tem nada para embalar. Dei seu par de calças extra para um garoto índio. Você não precisa de dois pares. É melhor voltar a dormir. Amanhã terá uma longa jornada. Milagros anda depressa.

— Não consigo dormir — falei, excitada. — Logo será madrugada. Escreverei um bilhete para meus amigos. Espero que a rede e o cobertor caibam em minha mochila. E quanto à comida?

— Padre Coriolano separou sardinhas e pão de mandioca para embalarmos de manhã. Levaremos num cesto.

— Falou com ele esta noite? O que foi que ele disse?

— Ele disse que entrega nas mãos de Deus.

Eu estava com tudo embalado quando o sino da capela começou a badalar. Pela primeira vez, desde que eu chegara à missão, fui à missa. Índios e racionais encheram os bancos de madeira. Riam e conversavam como se estivessem numa reunião social. Padre Coriolano pediu silêncio várias vezes até poder celebrar a missa.

A mulher sentada ao meu lado queixava-se de que padre Coriolano sempre acordava seu bebê com aquele tom de voz alto. De fato, o bebê começou a chorar, mas antes que

seu primeiro berro fosse ouvido, a mulher desnudou o seio e pressionou-o contra a boca do filho.

Ajoelhando-me, ergui os olhos para a Virgem acima do altar. Ela usava um manto azul bordado em ouro. Seu rosto estava voltado na direção do céu, os olhos eram azuis, as faces pálidas, e a boca era de um vermelho forte. Um dos braços sustinha o Menino Jesus; o outro estava estendido, a mão branca e delicada tentando alcançar os estranhos gentios a seus pés.

3

EMPUNHANDO O FACÃO, Milagros encabeçava a marcha pela estreita trilha que margeava o rio. Suas costas musculosas apareciam através dos rasgões na camisa vermelha. As calças caqui, arregaçadas até a altura das canelas e presas acima da cintura com um cordão de algodão, faziam-no parecer mais baixo do que sua altura mediana. Caminhava em passos rápidos, apoiando seu peso na parte externa dos pés, que eram estreitos nos calcanhares e abriam-se em leque nos dedos. O cabelo aparado rente e a ampla tonsura na coroa da cabeça recordavam-me um monge.

Parei e virei-me antes de seguir a trilha que levava à floresta. Do outro lado do rio, já quase oculta por uma curva, ficava a missão. Banhada pelos primeiros raios de sol da manhã, parecia alguma coisa já fora de alcance. Senti-me estranhadamente removida, não só do lugar e das pessoas com quem convivera na última semana, mas de todas as coisas familiares. Sentia alguma coisa mudar dentro de mim, como se ter cruzado o rio assinalasse o fim de uma fase, uma reviravolta. Algum indício disso devia transparecer no meu rosto, porque quando olhei para o lado e captei o olhar de Angélica senti compreensão nele.

— Prontos para partir — disse Milagros, parando junto a nós. Braços cruzados, ele deixou o olhar vaguear ao longo do rio. A ofuscante luz da manhã sobre a água refletia-se em seu rosto, tingindo-o com um brilho dourado. Era uma face ossuda e angulosa, à qual o nariz pequeno e o lábio inferior polpudo acrescentavam uma inesperada vulnerabilidade que contrastava agudamente com os círculos profundos e rugas em torno de seus olhos castanhos oblíquos. Eram estranhamente similares aos olhos de Angélica, com aquela mesma expressão intemporal.

Em absoluto silêncio, caminhamos para as profundezas das árvores altaneiras, ao longo de trilhas ocultas por arbustos maciços emaranhados com videiras, ramos e folhas, plantas rasteiras e raízes. Teias de aranha aderiam ao meu rosto como um véu invisível. O verde era tudo que eu podia ver, a umidade era tudo de que eu podia sentir o cheiro. Contornamos e saltamos por cima de troncos, cruzamos riachos e charcos sombreados por touceiras de bambu. Às vezes Milagros estava à minha frente; outras vezes era Angélica, com seu cesto em forma de U nas costas, sustentado em parte por uma cinta de cortiça que ela trazia ao redor da cabeça. O cesto ia cheio de abóboras, pão de mandioca e latas de sardinha.

Eu não tinha noção do rumo que seguíamos. Mal podia ver o sol — apenas sua luz, filtrando-se através da densa folhagem. Logo meu pescoço estava rígido de tanto olhar para cima, para a incrível altura das árvores imóveis. Apenas as esguias palmeiras, imbatíveis em sua investida vertical rumo à luz, pareciam vasculhar os poucos retalhos visíveis do céu com suas copas de tonalidade prateada.

— Preciso descansar — falei, sentando-me pesadamente num tronco caído. Pelo meu relógio já passava de três da tarde. Tínhamos caminhado mais de seis horas sem parar. — Estou esfomeada.

Estendendo-me uma cabaça tirada do seu cesto, Angélica sentou-se ao meu lado.

— Encha isto — disse, apontando com o queixo para o córrego próximo.

Agachando-se no córrego, as pernas afastadas e as palmas das mãos descansando nas coxas, Milagros inclinou-se até seus lábios tocarem a água. Conseguiu beber sem molhar o nariz.

— Beba — disse-me ele, aprumando-se. Devia ter seus cinquenta anos, pensei, embora a inesperada elegância de seus movimentos fluentes o fizesse parecer mais jovem. Sorriu levemente, depois chapinhou correnteza abaixo.

— Cuidado ou acabará tomando um banho — exclamou Angélica, sorrindo zombeteira.

Sobressaltada por sua voz, perdi o equilíbrio e caí de ponta-cabeça na água.

— Não sou boa para beber água do jeito que Milagros faz — falei casualmente, estendendo-lhe a cabaça cheia. — Acho que me limitarei a encher as cabaças. — Sentando-me perto dela, tirei meus tênis ensopados. — Quem disse que os tênis eram a melhor coisa para a selva nunca deve ter caminhado seis horas com eles. — Meus pés estavam vermelhos e cheios de bolhas, meus tornozelos esfolados e sangrando.

— Não está tão mau — disse Angélica, examinando meus pés. Passou os dedos delicadamente sobre as solas e dedos dos pés esfolados. — Você tem calos muito bons. Por que não anda descalça? Tênis molhados só irão amolecer seus pés ainda mais.

Olhei para as extremidades dos meus pés; eram recobertas de pele calosa e endurecida, resultado de anos praticando caratê.

— E se eu pisar numa cobra? — perguntei. — Ou num espinho? — Embora eu nunca tivesse visto um único réptil, observara Milagros e Angélica pararem várias vezes para puxar espinhos dos pés.

— Só alguém muito idiota pisaria numa cobra — disse ela, empurrando meus pés do seu colo. — Comparados aos mosquitos, os espinhos não são tão ruins. Você tem sorte de os pequenos diabinhos não a picarem do jeito que costumam fazer com os racionais. — Ela esfregou meus braços e mãos, como se esperando achar algum indício de picada. — E eu lá sei por quê?

Já na missão, Angélica ficara maravilhada ao ver que eu dormia como os índios, sem mosquiteiro.

— Devo ter sangue ruim — falei rindo. Vendo seu olhar intrigado, expliquei que quando criança eu costumava ir com meu pai para a selva procurar orquídeas. Invariavelmente, ele acabava ferroadado por mosquitos, vespas e todos os insetos picadores que houvesse. Eu, de alguma maneira, nunca era incomodada. Uma vez meu pai chegou até a ser picado por uma cobra.

— Ele morreu? — perguntou Angélica.

— Foi a coisa mais curiosa. A mesma cobra me mordeu também. Gritei logo depois que meu pai. Ele pensou que eu estava caçoando dele, até que lhe mostrei as finas manchas vermelhas no meu pé. Só que não tinham inflamado e ficado roxas como as dele. Amigos nos levaram para a cidade mais próxima, onde meu pai recebeu soro antiofídico. Ficou mal por quatro dias.

— E você?

— Nada me aconteceu. — E contei-lhe que foi aí que os amigos de meu pai começaram a fazer piadas de que eu tinha sangue ruim. Eles não acreditaram, bem como o médico, que a cobra havia esgotado seu suprimento de veneno na primeira mordida, e o que quer que tivesse restado fora insuficiente para ter qualquer efeito sobre mim.

Disse também a Angélica que, certa ocasião, fui mordida por sete marimbondos, daqueles que conheciam como mata-cavalo. O médico pensou que eu fosse morrer, mas apenas desenvolvi uma febre e em poucos dias estava bem.

Eu nunca vira Angélica tão atenta, ouvindo com leves acenos de cabeça, como se temesse perder uma única palavra.

— Também fui mordida de cobra uma vez — disse ela.

— As pessoas pensaram que eu ia morrer. — Ficou em silêncio por um momento, imersa em pensamentos, depois um sorriso tímido enrugou-lhe face. — Acha que a cobra esgotou o veneno em alguém antes de mim?

— Tenho certeza que sim — falei, tocando suas mãos esbranquiçadas.

— Talvez eu tenha sangue ruim também — disse ela, sorrindo. Parecia tão velha e frágil que por um instante tive a sensação de que pudesse desaparecer em meio às sombras. — Estou velha — continuou, olhando-me como se eu tivesse expressado meus pensamentos em voz alta. — Eu devia ter morrido muito tempo atrás. Tenho mantido a morte à espera. — Virou-se para olhar uma fileira de formigas demolir um arbusto, cortando quadrados de folhas e carregando-os na boca. — Eu soube que seria você quem iria me levar para meu povo... soube disso no momento em que a vi. — Houve uma longa pausa. Ela não quis dizer algo mais ou tentar encontrar as palavras adequadas. Ficou me observando, um sorriso vago nos lábios. — Você também sabia... senão não estaria aqui — concluiu finalmente, com convicção total.

Ri nervosamente; ela sempre conseguia me deixar pouco à vontade com aquele intenso brilho nos olhos.

— Não estou certa do que estou fazendo aqui — repliquei. — Não sei por que estou indo com você.

— Você sabia que pretendia vir aqui — insistiu Angélica.

Havia algo na certeza de Angélica que me deixou sem argumentos. Devia ter sido muito fácil simpatizar com ela, especialmente porque nem eu mesma sabia o que fazia no meio da selva, indo sabe lá Deus para onde.

— Para dizer a verdade, eu não tencionava ir para lugar nenhum — falei. — Lembre-se, eu nem sequer acompanhei meus amigos rio acima para caçar jacarés, como tinha planejado.

— Mas é exatamente o que estou dizendo — assegurou-me ela, como se falasse a uma criança boba. — Você achou uma desculpa para cancelar sua viagem e poder vir comigo. — Repousou as mãos ossudas em minha cabeça. — Acredite em mim, eu não tinha pensado muito sobre isso. Nem você. A decisão foi tomada no momento em que pus os olhos em você.

Enterrei a cabeça no colo da velha para esconder meu riso. Não havia como argumentar com ela. Além disso, ela poderia estar certa, pensei. Eu mesma não tinha explicação.

— Esperei um longo tempo — continuou Angélica. — Eu tinha quase esquecido que você estava destinada a chegar para mim. Mas, quando vi você, soube que o homem estivera certo. Não que eu um dia houvesse duvidado dele, mas ele me disse, muito tempo atrás, que eu acreditava ter perdido minha chance.

— Que homem? — perguntei, erguendo a cabeça do colo dela. — Quem lhe disse que eu viria?

— Outra hora eu lhe digo. — Angélica puxou o cesto para perto e pegou um grande pedaço de pão de mandioca. — É melhor a gente comer — acrescentou e abriu uma lata de sardinhas.

Não havia como insistir. Uma vez que Angélica decidira não falar, era impossível fazê-la mudar de idéia. Minha curiosidade insatisfeita, contentei-me em examinar a

saborosa fileira de sardinhas gordas boiando no espesso molho de tomate. Eu já vira sardinhas daquele tipo num supermercado de Los Angeles; um amigo meu costumava comprá-las para dar ao gato. Peguei uma com os dedos e espalhei-a no pedaço de pão branco.

— Gostaria de saber onde está Milagros — falei, mordendo o sanduíche de sardinha. Estava realmente bom.

Angélica não respondeu; nem comeu. De vez em quando bebericava a água da cabaça. Um débil sorriso se alongou nos cantos de sua boca, e me perguntei em que a velha estaria pensando que lhe criava tal ar de ansiedade nos olhos. De repente, ela olhou para mim como que despertando de um sonho.

— Veja — disse, cutucando meu braço.

Diante de nós estava parado um homem, nu exceto pelos fios vermelhos de algodão em volta da parte superior dos braços e um cordão em torno da cintura e que circundava seu prepúcio, prendendo o pênis contra o abdome. Todo o seu corpo estava coberto com desenhos de tom vermelho-acastanhado. Numa das mãos segurava um longo arco e flechas; na outra, um facão de mato.

— Milagros? — consegui finalmente murmurar, recobrando-me do choque inicial. Ainda assim, mal o reconheci. Não apenas porque estava nu; ele parecia mais alto, mais musculoso. As linhas vermelhas em ziguezague, que corriam desde sua testa até as maçãs do rosto, cruzavam o nariz, realçavam os contornos de sua face ao redor da boca e extinguíam sua vulnerabilidade. Havia alguma coisa mais além da mudança física, algo que eu não podia apontar com exatidão. Era como se, ao tirar as roupas de um racional, ele tivesse se livrado de algum peso invisível.

Milagros começou a rir de uma maneira alta e confusa. Um riso que brotava do seu mais profundo interior, sacudindo-lhe todo o corpo. Ecoando e retumbando através da floresta, confundia-se com os gritos sobressaltados de um bando de papagaios que alçara vôo. Agachando-se diante de mim, ele parou abruptamente e disse:

— Você quase não me reconheceu. — Ele estendeu o rosto tão perto do meu que nossos narizes se tocaram. Então disse: — Quer que eu pinte seu rosto?

— Sim — falei, tirando a câmera da minha mochila. — Mas posso primeiro tirar um retrato seu?

— Esta é a minha câmera — disse ele, enfático, procurando alcançá-la. — Pensei que você a tinha deixado na missão para mim.

— Eu gostaria de usá-la enquanto estivermos no assentamento indígena. — Comecei a mostrar a ele como funcionava a câmera, colocando primeiro um rolo de filme. Ele ficou muito atento às explicações, acenando com a cabeça cada vez que eu perguntava se estava entendendo. Esperava que ficasse confuso enquanto eu explicava todos os detalhes intrincados do artefato. — Agora deixe-me tirar um retrato seu, assim você verá como se deve segurar a câmera.

— Não, não. — Ele foi rápido em me parar, tomando a câmera de minhas mãos. Sem qualquer dificuldade, abriu a tampa de trás e retirou o filme, expondo-o à luz. — Ela é minha, você prometeu. Só eu posso tirar retratos com ela.

Sem fala, observei-o pendurar a câmera sobre o peito. Parecia tão incongruente contra a sua nudez que fui incapaz de reprimir uma risada. Com gestos exagerados, ele começou a focalizar, ajustar e apontar a câmera ao redor de si, falando para pessoas imaginárias, pedindo-lhes para sorrir, se aproximar ou se afastar. Tive o forte impulso de puxar o cordão em volta do seu pescoço, que sustentava a aljava de setas pontiagudas que pendia de suas costas.

— Você não pode tirar retratos sem filme — disse eu, estendendo-lhe o terceiro e último rolo.

— Eu nunca disse que queria tirar retratos. — Alegremente, ele expôs o filme à luz; depois, muito deliberadamente, pôs a câmera em sua bolsa de couro. — Índios não gostam de ser fotografados — disse sério; virou-se então para o cesto de Angélica no chão e vasculhou seu conteúdo até encontrar uma pequena cabaça forrada com uma peça de pele animal. — Isto é onoto — disse, mostrando-me uma pasta vermelha. Era gordurosa e tinha um leve odor aromático que fui incapaz de definir. — Esta é a cor da vida e da alegria.

— Onde deixou suas roupas? — perguntei-lhe enquanto ele cortava com os dentes um pedaço de planta do tamanho de um lápis. — Você mora aqui perto?

Ocupando-se em mastigar uma ponta da planta até ela ficar parecendo um pincel improvisado, Milagros não se incomodou em responder. Cuspiu no onoto, depois misturou a pasta vermelha com o pincel até ficar macia. Com a mesma mão firme, desenhou linhas ondulantes na minha testa, desceu pelas bochechas, queixo e pescoço, circundou meus olhos e decorou meus braços com manchas redondas.

— Há algum assentamento índio por aqui?

— Não.

— Você vive por sua conta?

— Por que faz tantas perguntas? — A expressão de aborrecimento, acentuada pelas linhas nítidas de sua face pintada, combinava com seu tom de voz irritado.

Abri a boca, emiti um som, depois hesitei em dizer que era importante para mim saber sobre ele e Angélica — pois, quanto mais eu soubesse, melhor me sentiria.

— Fui treinada para ser curiosa — disse após um instante, sentindo que ele não devia entender a efêmera ansiedade que eu tentava aliviar fazendo perguntas. Saber sobre eles, pensei, me daria algum senso de controle.

Sorrindo, totalmente esquecido do que eu dissera, Milagros olhou para mim de soslaio, examinou meu rosto pintado, depois explodiu em gargalhadas. Era um riso alegre e puro, como o de uma criança.

— Uma índia loura — disse ele, lágrimas derramando-se dos olhos.

Ri com ele, toda a minha apreensão momentânea dispersada. Parando de repente, Milagros inclinou-se para mim e suspirou uma palavra ininteligível em meu ouvido.

— Este é seu novo nome — disse sério, colocando a mão em meus lábios para evitar que eu o repetisse em voz alta. Voltando-se para Angélica, murmurou o nome no ouvido dela.

Tão logo acabou de comer, Milagros instou-nos a que o seguíssemos. Sem ligar para minhas bolhas, rapidamente calcei os tênis. Eu nada podia distinguir além do verde enquanto subíamos colinas e descíamos planícies — um verde interminável de trepadeiras, ramos, folhas e arbustos espinhosos, onde todas as horas pareciam ser crepusculares. Eu nem mais erguia a cabeça para ver o céu de relance através do emaranhado de folhas, contentando-me em ver seu reflexo em charcos e riachos.

O Sr. Barth estivera certo quando me contou que a selva era um mundo impossível de imaginar. Eu não podia acreditar que estivesse caminhando através daquele verdor interminável rumo a um destino ignorado. Minha mente se eletrizava com descrições dos antropólogos sobre índios ferozes e beligerantes de tribos não-aculturadas.

Meus pais tinham conhecido alguns exploradores alemães que estiveram na selva amazônica. Quando criança, eu me encantava com seus relatos de canibais e caçadores de cabeças; todos contavam incidentes nos quais haviam escapado de morte certa ao salvarem a vida de um índio doente, geralmente um cacique ou um de seus parentes. Um casal alemão e sua filha pequena, que tinham retornado de uma jornada de dois anos pela selva sul-americana, me haviam causado a mais profunda impressão. Eu tinha

sete anos quando vi artefatos culturais e fotografias em tamanho natural que eles coletaram nas suas viagens.

Totalmente cativada pela sua filha de oito anos de idade, segui-a pelo salão decorado com folhas de palmeira no foyer do prédio da Sears de Caracas. Mal tive oportunidade de olhar o sortimento de arcos e flechas, cestos, aljavas, penas e máscaras pendurados nas paredes enquanto ela me apressava até um nicho sombrio. Agachando-se, puxou uma caixa tingida de vermelho de debaixo de uma pilha de folhas de palmeira e abriu-a com uma chave que trazia pendurada no pescoço.

— Ganhei isto de um dos meus amigos índios — disse, tirando uma pequena cabeça enrugada. — É uma tsantsa, uma cabeça de inimigo encolhida — acrescentou, afagando o longo cabelo escuro como se fosse uma boneca.

Eu estava estupefata enquanto ela me contava que não tivera medo na selva, que não tinha sido de modo algum do jeito como seus pais descreviam.

— Os índios não eram aterrorizantes ou ferozes — dissera, muito honestamente. Nem por um instante duvidei de suas palavras, enquanto ela me fitava com seus olhos sérios e enormes. — Eles eram gentis e cheios de riso... eram meus amigos.

Eu não conseguia recordar o nome da menina, que, tendo vivido os mesmos eventos que seus pais, não os via com os mesmos medos e preconceitos. Dei um risinho, quase tropeçando numa raiz nodosa coberta por limo escorregadio.

— Está falando sozinha? — A voz de Angélica cortou meus devaneios. — Ou com os espíritos da floresta?

— Eles existem?

— Sim. Espíritos habitam em meio a tudo isto — disse ela suavemente, gesticulando à sua volta. — No meio das lianas rasteiras, na companhia dos macacos, cobras, aranhas e onças.

— Não chove esta noite — afirmou Milagros, cheirando o ar quando paramos junto a algumas pedras que margeavam o rio. Suas calmas e límpidas águas estavam salpicadas com flores rosadas que caíam das árvores que se elevavam como sentinelas na margem oposta. Tirei os tênis, deixando meus pés feridos balançarem na frieza reconfortante, e observei o céu, um dourado escarlata, mudar para laranja, rubro e, finalmente, para um púrpura acentuado. A umidade da noitinha inundava meu nariz com o aroma da floresta, um cheiro de terra, de vida, de abandono.

Antes que as sombras se fechassem por completo à nossa volta, Milagros fizera duas redes de tiras de córtex, atadas em cada extremidade a uma corda de suspensão de videiras. Não pude disfarçar meu prazer quando ele pendurou minha rede de algodão entre dois jiraus de córtex de aparência desconfortável.

Cheia de expectativa, acompanhei os movimentos de Milagros enquanto ele deixava cair a aljava das costas. Meu desapontamento foi imenso quando, removendo a tampa de pele de macaco da aljava, ele tirou uma caixa de fósforos e acendeu a lenha que Angélica juntara.

— Comida de gato — disse eu irritada enquanto Milagros me entregava uma lata de sardinhas aberta. Eu imaginara meu primeiro jantar na selva consistindo em anta recém-caçada ou carne de tatu assada à perfeição sobre um fogo crepitante. Todos os galhos que ardiam não enviaram uma tênue linha de fumaça para o ar, suas chamas baixas mal iluminavam as proximidades.

A escassa luz do fogo dramatizava as feições de Angélica e de Milagros, enchendo cavidades com sombras, adicionando um brilho às suas têmporas, acima das sobrancelhas espessas, ao longo dos narizes curtos e dos malaras salientes. Imaginei por que o fogo os fazia parecer tão iguais.

— Vocês são parentes? — perguntei finalmente, intrigada com a semelhança.

— Sim — disse Milagros. — Sou filho dela.

— Filho dela! — repeti, descrente. Esperava que fosse um irmão mais novo ou primo; ele parecia ter seus cinqüenta anos. — Então você é apenas meio maquiritare?

Ambos começaram a rir, como se desfrutando de uma piada secreta.

— Não, ele não é meio maquiritare — disse Angélica entre acessos de riso. — Ele nasceu quando eu ainda estava com meu povo. — Ela não disse nenhuma outra palavra, mas aproximou seu rosto do meu com uma expressão ao mesmo tempo desafiadora e confusa.

Levantei-me nervosamente sob seu olhar penetrante, especulando se minha pergunta a ofendera. A curiosidade devia ser uma característica aprendida, decidi. Eu estava ansiosa em saber tudo sobre eles, embora nunca tivessem perguntado coisa alguma sobre mim. Tudo que parecia importar para eles era que estávamos juntos na floresta. Na missão, Angélica não demonstrara interesse por meus antecedentes. Tampouco queria me deixar saber sobre os dela, exceto pelas poucas histórias relativas à sua vida na missão.

Nossa fome satisfeita, estendemo-nos em nossas redes; a minha e a de Angélica penduradas perto do fogo. Ela logo adormeceu, as pernas encolhidas sob o vestido. O ar esfriou, e ofereci a Milagros o fino cobertor que trouxera comigo, que ele aceitou satisfeito.

Os vaga-lumes, como pontinhos de fogo, iluminavam a densa escuridão. A noite pulsava com o cricrilar dos grilos e o coaxar dos sapos. Eu não conseguia dormir; exaustão e nervosismo me impediam de relaxar. Observei as horas se passarem no meu relógio de pulso iluminado e ouvi os sons na selva que jamais poderia identificar. Havia criaturas rosnando, assobiando, chiando e uivando. Sombras deslizavam por baixo de minha rede, movendo-se silenciosamente como o próprio tempo.

Num esforço para ver através da escuridão, sentei-me, piscando, sem saber se estava dormindo ou acordada. Macacos de olhos fosforescentes saíam disparados de detrás das samambaias. Bestas de bocas rosnantes escancaravam-nas para mim dos ramos acima, e aranhas gigantes, rastejando sobre pernas finas como cabelo, fiavam teias prateadas acima de meus olhos.

Quanto mais observava, mais assustada eu ficava. Um suor frio se irradiou do meu pescoço até a base da espinha quando contemplei uma figura nua com o arco retesado, mirando no céu negro. Ao ouvir claramente o som sibilante da flecha, pus a mão sobre a boca para abafar um grito.

— Não tenha medo da noite — disse Milagros, sua mão na minha face. Era uma mão carnuda, calosa; cheirava a terra e raízes. Ele fixou sua rede acima da minha, tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo através das tiras de córtex. Começou a falar suavemente em sua língua, um cortejo de palavras rítmicas e monótonas que abafavam todos os outros sons da floresta. Um sentimento de paz me envolveu e meus olhos começaram a se fechar.

A rede de Milagros não estava mais pendurada sobre a minha quando despertei. Os sons da noite, agora muito tímidos, se alongavam entre as indistintas palmeiras, bambus, as trepadeiras sem nome e plantas parasitas. Ainda não havia cor no céu, apenas uma vaga claridade que antecipava um dia sem chuva.

Agachada sobre o fogo, Angélica atiçou e soprou as brasas, trazendo-as de novo à vida. Sorrindo, instou-me a ficar junto dela.

— Ouvi você no meu sono — disse ela. — Estava com medo?

— A floresta é tão diferente à noite — respondi, um tanto embaraçada. — Eu devia estar supercansada.

Sacudindo a cabeça, ela disse:

— Observe a luz... vê como ela se reflete de folha para folha até chegar ao chão, às sombras adormecidas? É o modo como a aurora põe para dormir os espíritos da noite. — Angélica começou a afagar as folhas no solo. — Durante o dia as sombras dormem. À noite elas dançam na escuridão.

Sorri acanhada, sem saber exatamente o que dizer.

— Aonde foi Milagros? — perguntei um instante depois. Angélica não respondeu; levantou-se, olhando à sua volta.

— Não tenha medo da selva — disse. Erguendo os braços acima da cabeça, começou a dançar em pequenos passos convulsivos e a cantar num tom baixo e monótono que mudou abruptamente para uma intensidade muito alta. — Se dançar com as sombras da noite, vai dormir despreocupada. Se permitir que as sombras a assustem, elas vão destruir você. — Sua voz se desfez num murmúrio. Ela deu-me as costas e caminhou lentamente para o rio.

A água estava fria quando me agachei nua no meio do córrego; seus plácidos remansos retinham a primeira luz do dia. Observei Angélica juntar lenha, colocando cada galho na dobra do braço como se segurasse um bebê. Ela devia ser mais forte do que parecia, pensei, enxaguando o xampu do meu cabelo. Mas nesse caso também não deveria ser tão velha quanto aparentava. Padre Coriolano me dissera que uma mulher índia já é avó por volta dos trinta anos. Se chegam aos quarenta, são consideradas idosas.

Lavei as roupas que tinha usado, pendurei-as numa vara perto do fogo, depois vesti uma camiseta comprida que me chegava quase aos joelhos. Era muito mais confortável do que meus jeans apertados.

— Você cheira bem — disse Angélica, passando os dedos pelo meu cabelo molhado. — Esse cheiro vem do frasco?

Assenti.

— Você quer que eu lave seu cabelo?

Ela hesitou por um momento, depois tirou o vestido depressa. Era tão enrugada que não lhe sobrava um centímetro de pele lisa. Ela me lembrava uma daquelas árvores quebradiças que margeavam a trilha com seus finos troncos castanhos, já quase embranquecidos, ainda suportando galhos com folhas verdes. Eu nunca vira Angélica nua antes, pois ela usava seu vestido de algodão dia e noite. Tive certeza então de que tinha mais de quarenta anos — idosa, de fato, como me dissera.

Sentando-se na água, Angélica gritava e ria deliciada enquanto se borrifava, espalhando a espuma da cabeça por todo o corpo. Usando uma tigela quebrada, enxagüei o xampu e, após secá-la com um fino cobertor, pentei seu curto e escuro cabelo, arrumando as mechas num ângulo.

— É muito ruim não termos um espelho — falei. — Ainda estou com a tinta vermelha?

— Só um pouco — disse Angélica, movendo-se para mais perto do fogo. — Milagros terá que pintar seu rosto de novo.

— Logo logo iremos cheirar a fumaça — disse eu, voltando-me na direção da rede de Angélica. Ajeitando-me dentro dela, imaginava como ela conseguia dormir ali sem cair. Mal tinha comprimento suficiente para mim, e era tão estreita que não se podia virar de lado. Ainda assim, apesar do córtex que dava coceira nas minhas costas, vi-me cochilando enquanto observava a velha índia quebrar a lenha recolhida em galhos do mesmo tamanho.

Uma estranha indolência mantinha-me entre aquele limiar de consciência que não era vigília nem sono. Eu podia sentir o vermelho do sol através das pálpebras fechadas.

Estava ciente de Angélica à minha esquerda, murmurando consigo mesma enquanto alimentava o fogo, e da floresta atrás de mim, empurrando-me mais e mais fundo para suas cavernas verdes. Chamei o nome da velha índia, mas nenhum som escapou de meus lábios. Chamei outra e outra vez, mas só emiti formas sem som, elevando-se e caindo com a brisa como borboletas mortas. As palavras começaram a ser faladas sem lábios, escarnecendo de meu desejo de saber, de fazer mil perguntas. Elas explodiram em meus ouvidos, seus ecos reverberando em torno de mim como um bando de papagaios cruzando o céu.

Abri os olhos, ciente do cheiro de cabelo chamuscado. Numa plataforma de assar toscamente construída, a uns trinta centímetros acima do fogo, estava um macaco, com cauda, mãos e pés. Ansiosamente, olhei para o cesto de Angélica, ainda repleto com latas de sardinha e pão de mandioca.

Milagros estava adormecido em minha rede, seu arco apoiado num tronco de árvore, a aljava e o facão de mato ao alcance no chão.

— Isto é tudo o que ele matou? — perguntei a Angélica, pulando da rede. Achando que nunca ficaria pronto, acrescentei: — Quanto tempo leva até ficar no ponto?

Angélica olhou-me com um sorriso extasiado de indisfarçável divertimento.

— Um pouco mais — disse. — Você vai gostar mais disso do que de sardinhas.

Milagros trinchou o macaco com a mão, servindo-me a parte nobre, a cabeça, considerada uma iguaria. Incapaz de me forçar a chupar os miolos do crânio quebrado, optei por um pedaço bem-passado da coxa. Era remosa e dura e tinha gosto de um velho pássaro de caça, ligeiramente amargo. Terminando de comer os miolos com satisfação um tanto exagerada, Milagros e Angélica continuaram comendo as vísceras, que tinham sido cozidas na brasa, embrulhadas individualmente em resistentes folhas em formato de leque. Eles mergulhavam cada naco nas cinzas antes de levá-lo à boca. Fiz como eles ao comer os pedaços de coxa e fiquei surpresa ao notar que isso servia para salgar a carne. O que sobrou foi embrulhado em folhas, amarrado com parreiras e colocado no cesto de Angélica para a nossa próxima refeição.

4

OS QUATRO DIAS E NOITES seguintes pareceram se fundir uns aos outros enquanto caminhávamos, tomávamos banho e dormíamos. Tinham uma qualidade de sonho, na qual árvores e parreiras de estranha conformação repetiam-se como imagens infundavelmente refletidas em espelhos invisíveis — imagens que desapareciam para emergir numa clareira da floresta ou junto a uma praia do rio onde o sol resplandecia em cheio sobre nós.

Por volta do quinto dia, meus pés não estavam mais com bolhas. Milagros tinha cortado meus tênis, amarrando às solas pedaços de fibras vegetais amaciadas. A cada manhã ele tornava a atar as improvisadas sandálias, e meus pés, como que obedecendo a um impulso próprio, iriam seguir Milagros e a velha índia.

Caminhávamos sempre em silêncio, ao longo de trilhas margeadas por folhas e samambaias do tamanho de um homem. Rastejávamos debaixo da vegetação rasteira ou cortávamos caminho através de muralhas de ramos e trepadeiras que deixavam nossos rostos sujos e arranhados. Havia ocasiões em que eu perdia meus companheiros de vista, mas seguia facilmente os galhos que Milagros tinha o hábito de quebrar durante a caminhada. Cruzávamos rios e córregos transpostos por pontes penseis feitas de parreiras ligadas às árvores em cada margem. Eram de aparência tão frágil que sempre

que as cruzávamos eu receava que não suportassem nosso peso. Milagros ria, assegurando-me que seu povo, embora fosse mau navegante, era perito na arte de construir pontes.

Em algumas trilhas descobrimos pegadas no lodo, que, segundo Milagros, indicavam que estávamos nas vizinhanças de um assentamento índio. Nunca chegamos bem perto de um deles, porque Milagros queria que alcançássemos nosso destino sem demora.

— Se eu estivesse indo sozinho, já teria chegado há muito tempo — dizia Milagros sempre que eu perguntava quando chegaríamos à aldeia de Angélica. Então, olhando para nós, ele balançaria a cabeça e acrescentaria, num tom resignado: — Vocês mulheres são muito lentas.

Mas Milagros não se importava com nosso passo descansado. Quase sempre ele acampava no início da tarde, em alguma larga praia do rio, onde nos banhávamos nas piscinas naturais aquecidas pelo sol e nos secávamos sobre enormes rochas lisas que se projetavam da água. Entorpecidos, observávamos as nuvens imóveis, tão lentas em mudar suas formações que seria noite antes que se desintegrassem em diferentes configurações.

Foi durante essas tardes preguiçosas que ponderei sobre meus motivos em participar daquela desnorteante aventura. Era para satisfazer uma fantasia pessoal? Estava fugindo de alguma responsabilidade que eu não podia mais assumir? Cheguei até a considerar a possibilidade de que Angélica tivesse lançado um encantamento sobre mim.

Enquanto os dias passavam, meus olhos ficaram acostumados com o verde onipresente. Logo comecei a distinguir araras-vermelhas e azuis, tucanos raros com bicos pretos e amarelos. Uma vez cheguei a ver uma anta focinhando entre as macegas à procura de água. Ela acabou sendo a nossa próxima refeição.

Macacos de pêlo avermelhado nos seguiam de cima, só desaparecendo quando continuávamos através de trechos de rio, entre cascatas, e pelos plácidos canais que refletiam o céu. Enterrados fundo no mato rasteiro, em toras cobertas de limo, brotavam cogumelos vermelhos e amarelos, tão delicados que se desintegravam ao meu toque, como se feitos de poeira colorida.

Tentei me orientar através dos rios largos que encontramos, achando que deviam corresponder àqueles que eu lembrava dos livros de geografia. Mas, cada vez que perguntava seus nomes, eles nunca coincidiam com os que eu sabia, pois Milagros se referia a eles apenas pelos nomes indígenas.

À noite, sob a luz da débil fogueira, quando uma névoa branca parecia emanar do solo e eu sentia a umidade da noite orvalhar em meu rosto, Milagros falava com sua voz baixa e anasalada sobre os mitos de seu povo.

Angélica, com seus olhos bem abertos, como se tentasse manter-se acordada em vez de prestar atenção, sentar-se-ia rígida por uns dez minutos antes de cair no sono. Milagros falava longamente na noite, revivendo o tempo em que seres que eram parte espíritos, parte animais e parte humanos habitavam a floresta — criaturas que causavam inundações e doenças, abasteciam a floresta de caça e frutos e ensinavam o homem a caçar e plantar.

A lenda favorita de Milagros era sobre Iwrame, um jacaré que antes de se tornar um animal do rio andava e falava como um homem. Iwrame era o guardião do fogo, que ele escondia na boca, recusando-se a partilhá-lo com os outros. As criaturas da floresta decidiram entreter o jacaré com uma festa suntuosa, pois sabiam que só fazendo Iwrame rir poderiam roubar o fogo. Várias piadas foram contadas até que, finalmente, incapaz de se conter por mais tempo, Iwrame explodiu em risos. Um pequeno pássaro voou para as mandíbulas abertas, roubou o fogo e voou para cima de uma árvore sagrada.

Sem mudar a estrutura básica das várias lendas que escolhia contar, Milagros as modificava e embelezava de acordo com seu humor. Acrescentava detalhes em que não tinha pensado antes, inserindo visões pessoais que pareciam surgir ao estímulo do momento.

— Sonhar, sonhar — dizia Milagros todas as noites ao terminar suas histórias. — Uma pessoa que sonha vive mais tempo.

O que era real? O que era um sonho? Eu estava acordada ou dormindo quando ouvi Angélica se agitando? Ela murmurou algo ininteligível e sentou-se. Ainda estonteada, puxou para trás o cabelo que lhe cobria o rosto, olhou em torno, depois se acercou de minha rede. Olhou-me com estranha intensidade; seus olhos eram enormes no rosto fino e enrugado.

Ela abriu a boca; sons estranhos brotaram de sua garganta e seu corpo inteiro começou a sacudir-se. Estendi a mão, mas não havia nada — apenas uma sombra vaga recuando para as moitas.

— Velha, aonde você vai? — ouvi minha voz perguntar. Não houve resposta, apenas o som da gotejante garoa nas folhas. Por um instante a vi mais uma vez, do modo como a vira aquela mesma tarde banhando-se no rio; depois desapareceu na espessa névoa da noite.

Incapaz de pará-la, vi-a desaparecer numa invisível fenda da terra. Por mais que eu tivesse procurado, não consegui encontrar nem mesmo seu vestido. É apenas um sonho, repetia para mim mesma, embora continuasse procurando-a entre as sombras, em meio às folhas cobertas de névoa. Mas não havia sinal dela.

Acordei numa profunda ansiedade. Notei as pesadas palpitações de meu coração. O sol já ia alto sobre as copas das árvores. Eu nunca dormira até tão tarde desde o início de nossa jornada — não porque não o quisesse, mas porque Milagros insistia em madrugar. Angélica não estava lá; nem sua rede e seu cesto. Apoiado num tronco estavam o arco e as flechas de Milagros. Estranho, pensei. Ele nunca saíra sem eles antes. Deve ter ido com Angélica colher os frutos e nozes que descobriu ontem à tarde, continuei repetindo para mim mesma, tentando apaziguar minha acrescida aflição.

Caminhei à beira d'água, sem saber o que fazer. Eles nunca tinham partido antes deixando-me para trás. Uma árvore, infinitamente solitária, erguia-se na outra margem do rio, seus ramos arqueando-se sobre a água, seu peso sustentando um emaranhado de trepadeiras nas quais brotavam delicadas flores vermelhas que se lhe aderiam como borboletas aprisionadas numa gigantesca teia de aranha.

Um bando de papagaios pousou ruidosamente em algumas parreiras que pareciam brotar da água sem qualquer apoio visível, pois não pude distinguir as árvores a que pertenciam. Comecei a imitar os gritos dos papagaios, mas eles permaneceram completamente alheios à minha existência. Só quando caminhei para a água foi que eles alçaram vôo, estendendo um arco verde no céu.

Esperei até que o sol desaparecesse além das árvores e o céu de um vermelho sangue tingisse o rio com seu fogo. Apática, caminhei de volta à minha rede, aticei o fogo e tentei reavivar as cinzas. Fiquei entorpecida de terror enquanto uma cobra-verde fixava em meu rosto os olhos cor de âmbar. Com sua cabeça pousada no ar, parecia tão surpresa quanto eu. Temendo respirar, ouvi o farfalhar das folhas enquanto ela desaparecia lentamente por entre as raízes retorcidas.

Eu sabia com absoluta certeza que nunca mais veria Angélica. Não queria chorar, mas não pude reprimir as lágrimas ao enterrar meu rosto nas folhas secas do chão.

— Velha, aonde você foi? — suspirei, como fizera no meu sonho. Chamei o nome dela através do imenso mar verde da vegetação. Não houve resposta das árvores ancestrais. Mudadas, elas testemunhavam minha aflição.

Mal percebi a figura de Milagros nas espessas sombras. Rígido, ele parou diante de mim, sua face e corpo escurecidos por cinzas. Por um instante sustentou meu olhar, depois seus olhos fecharam, suas pernas fraquejaram e, exausto, ele desabou na terra.

— Você a enterrou? — perguntei, apoiando o braço dele nos meus ombros a fim de arrastá-lo até minha rede. Com grande dificuldade, acomodei-o: primeiro o tronco, depois as pernas.

Ele abriu os olhos, estendendo a mão para o céu como se as longínquas nuvens estivessem ao seu alcance.

— Sua alma subiu para o céu, para a casa do trovão — disse ele com grande esforço. — O fogo libertou sua alma dos ossos — acrescentou, e depois caiu num sono profundo.

Enquanto eu velava seus sonhos agitados, via a sombria massa de árvores fantasmas se agigantar diante dos meus olhos cansados. Na escuridão da noite, essas árvores quiméricas pareciam mais reais e mais altas do que as palmeiras. Eu não estava mais triste. Angélica tinha desaparecido em meu sonho; ela era parte das árvores reais e fictícias. Iria vaguear para sempre entre os espíritos de animais desaparecidos e seres míticos.

Estava quase amanhecendo quando Milagros procurou por seu facão e seu arco e flechas pousados no chão. Distraidamente, pendurou a aljava nas costas e, sem dizer nada, caminhou para a mata. Eu o segui, receando perdê-lo entre as sombras.

Caminhamos em silêncio por cerca de duas horas; então Milagros parou abruptamente à beira de uma área aberta na floresta.

— A fumaça dos mortos é nociva a mulheres e crianças — disse ele, apontando para uma pira formada com toras. Tinha parcialmente desabado em meio às cinzas e pude ver ossos escurecidos.

Sentei-me no chão e observei Milagros secar sobre um pequeno fogo um pilão que ele fizera de um tronco de árvore. Algo entre horror e fascinação manteve meus olhos colados em Milagros enquanto ele começava a peneirar as cinzas para os ossos de Angélica. Esmigalhou-os com um fino bastão até reduzi-los a um pó cinza-negro.

— Através da fumaça da fogueira, sua alma alcançou a casa do trovão — disse Milagros. Já era noite quando ele encheu nossas cabaças com os ossos em pó, lacrando-as com uma resina pegajosa.

— Se ela ao menos pudesse ter mantido a morte esperando um pouco mais — falei pesarosa.

— Não faz diferença — disse Milagros, voltando os olhos para o pilão. Sua face estava inexpressiva, embora os olhos negros estivessem brilhantes de lágrimas não-derramadas. Seu lábio inferior estremeceu quando ensaiou um meio-sorriso. — Tudo que ela queria para sua essência de vida era ser mais uma vez parte do seu povo.

— Não é a mesma coisa — repliquei sem realmente entender o que Milagros estava dizendo.

— A essência da vida dela está nos ossos — disse ele, como se desculpando minha ignorância. — As cinzas ficarão em meio ao seu povo na floresta.

— Ela não está viva — insisti. — De que adiantam as cinzas quando ela desejava tanto ver seu povo? — Uma tristeza incontrolável me dominou ao pensar que nunca mais veria a velha sorrir, nem ouviria a sua voz e seus risos. — Ela nunca me contou por que estava tão certa de que eu viria com ela.

Milagros começou a chorar e, pegando pedaços de carvão da pira, esfregou-os contra a face banhada em lágrimas.

— Um dos nossos xamãs disse a Angélica que, embora deixasse o assentamento, ela deveria morrer entre seu próprio povo e que sua alma permaneceria sendo parte da tribo.

— Milagros olhou-me penetrantemente, como se eu estivesse a ponto de interrompê-lo.

— O xamã garantiu a ela que uma jovem com cabelos e olhos da cor dos seus asseguraria isso.

— Mas eu pensava que o seu povo não tivesse contato com os brancos.

Lágrimas continuavam fluindo dos olhos de Milagros enquanto explicava que tinha havido um tempo em que seu povo vivera perto do grande rio.

— Hoje em dia há apenas poucos dos velhos sobreviventes que ainda lembram daquela época — disse suavemente. — Faz longo tempo que temos nos embrenhado cada vez mais na floresta.

Não havia razão para continuar a jornada, pensei melancólica. O que eu iria fazer na tribo sem a velha índia? Fora por causa dela que eu viera até ali.

— O que faremos agora? Vai me levar de volta à missão? — perguntei. Depois, vendo a intrigada expressão de Milagros, acrescentei: — Levar as cinzas dela não é a mesma coisa.

— É a mesma coisa — murmurou ele. — Para ela era a parte mais importante — acrescentou, amarrando uma das cabaças cheias de cinzas em torno da minha cintura.

Meu corpo enrijeceu por um instante, depois relaxou enquanto eu olhava nos olhos de Milagros. Sua face enegrecida era apavorante e triste ao mesmo tempo. Pressionou suas bochechas molhadas de lágrimas contra as minhas, enegrecendo-as depois com carvão. Timidamente, toquei a cabaça em torno da minha cintura; era leve, tal como a risada da velha.

5

POR DOIS DIAS, NUM PASSO sempre acelerado, subimos e descemos colinas sem descanso. Apreensiva, eu observava a figura silenciosa de Milagros deslizar dentro e fora das sombras. A urgência de seus movimentos apenas intensificava meus sentimentos de incerteza; havia momentos em que eu me via quase gritando com ele para que me levasse de volta à missão.

A tarde fechou-se sobre a floresta, enquanto as nuvens mudaram de branco para cinza e de cinza para negro. Pesadas e opressivas, elas pairavam sobre a copa das árvores. Um rugido ensurdecido de trovão quebrou a quietude; a água desabou em jorros, despedaçando ramos e folhas com fúria implacável.

Instando-me a procurar abrigo sob as gigantescas folhas que tinha cortado, Milagros agachou-se no solo. Em vez de juntar-me a ele, peguei minha mochila, desamarrei da cintura a cabaça cheia com as cinzas dos ossos de Angélica e despi minha camiseta. Morna e dardejante, a água batia contra meu corpo dolorido. Espumando minha cabeça e depois meu corpo com xampu, lavei as cinzas, o cheiro de morte de minha pele. Virei-me para olhar Milagros; o rosto escuro estava marcado pela fadiga, os olhos expressavam tal tristeza que lamentei ter me limpado com tanto açodamento. Nervosa, comecei a lavar minha camiseta e, sem olhar para ele, perguntei:

— Já estamos perto do assentamento? — Eu estava certa de que tínhamos caminhado bem mais de 150 quilômetros desde que deixáramos a missão.

— Estaremos lá amanhã — disse Milagros, desembulhando uma pequena trouxa de carne assada conservada com cipós e folhas. Um sorriso peculiar elevou os cantos de sua boca e aprofundou as rugas em volta de seus olhos oblíquos. — Isto é, se caminharmos no meu passo.

A chuva estiou. As nuvens se dispersaram. Respirei profundamente, enchendo os pulmões com o ar puro e fresco. Pingos continuaram a gotejar das folhas muito tempo após a chuva ter cessado. Enquanto captavam o reflexo do sol, eles reluziam com a deslumbrante intensidade de pedacinhos de vidro quebrado.

— Ouço alguém chegando — sussurrou Milagros. — Fique quieta.

Eu nada ouvi — nem mesmo o canto de um pássaro ou o roçar de folhas. Estava a ponto de dizer isso quando um galho estalou e um homem nu apareceu na trilha diante de nós. Não era muito mais alto do que eu — talvez só um pouquinho. Imaginei se não seria seu tórax musculoso ou sua nudez que o fazia parecer muito maior do que eu. Ele carregava um longo arco e várias flechas. Seu rosto e corpo estavam cobertos de linhas vermelhas serpenteantes que se estendiam pelos lados das pernas abaixo, terminando em pontinhos em volta dos tornozelos.

A curta distância atrás dele, duas jovens nuas me olhavam. Uma expressão paralisada de surpresa mantinha seus olhos escuros arregalados. Tufos de fibras pareciam brotar de suas orelhas. Algo parecendo gravetos prejetava-se dos cantos de suas bocas e lábios inferiores. Amarradas em volta de suas cinturas, braços, pulsos e debaixo dos joelhos havia cintas de fios de algodão vermelhos. Os cabelos pretos eram cortados curtos e, como o homem, tinham uma ampla e caprichada tonsura na coroa da cabeça.

Ninguém disse uma palavra e, sem o menor nervosismo, gritei:

— Shori noje, shori noje! — Angélica me avisara que, se por acaso encontrasse índios na floresta, eu deveria saudá-los com gritos de "Bons amigos, bons amigos!"

— Aia, aia, shori — respondeu o homem, chegando mais perto. Penas vermelhas adornavam suas orelhas, que eram atravessadas por pedaços curtos de bambu, do tamanho de meu dedo mindinho, inseridos em cada lóbulo. Ele começou a falar com Milagros, gesticulando bastante, apontando com a mão ou acenando com a cabeça em direção à trilha que conduzia à mata. Repetidamente, ele erguia os braços bem acima da cabeça, os dedos estendidos como se procurando por um raio de sol.

Acenei para as mulheres se aproximarem. Rindo, elas se esconderam detrás de arbustos. Quando vi bananas nos cestos pendurados às suas costas, abri amplamente a boca e fiz um gesto com as mãos, indicando que queria comer uma. Cautelosamente, a mais velha das duas aproximou-se e, sem olhar para mim, pôs a cesto no chão e tirou da penca a banana mais madura e macia. Num movimento rápido, ela removeu os esguios gravetos ao redor de sua boca, enfiou os dentes na casca da banana, mordeu ao longo dela, rompeu-a e depois segurou a fruta descascada diante de meu rosto. Tinha um estranho formato triangular e certamente era a banana mais grossa que eu já vira.

— Deliciosa — falei em espanhol, esfregando o estômago. Era muito mais saborosa do que uma banana comum, mas deixara uma pesada cica em minha boca.

Ela me deu mais duas. Quando estava descascando a quarta, tentei fazê-la entender que eu não agüentaria comer outra. Rindo, ela jogou a fruta restante no chão, depois colocou as mãos em meu estômago. Eram mãos calosas, ainda que os dedos esguios e delicados fossem gentis enquanto ela tocava hesitante meus seios, ombros e rosto, como se quisesse verificar se eu era real. Começou a falar num tom agudo e anasalado que me lembrava a voz de Angélica. Puxou o elástico de minhas calças e chamou a companheira para dar uma olhada. Foi só então que me senti embaraçada; tentei recuar. Rindo e guinchando deliciadas, elas me abraçaram, acariciando meu corpo pela frente e

por trás. Então pegaram minha mão e guiaram-na até suas próprias faces e corpos. Elas eram ligeiramente mais baixas do que eu, embora maciças; com os seios fartos, estômagos protuberantes e lábios grossos, eu parecia uma anã perto delas.

— São da aldeia iticoteri — disse Milagros em espanhol, voltando-se para mim. — Etewa e suas duas esposas, Ritimi e Tutemi, bem como as outras pessoas do assentamento, acamparam por uns poucos dias num velho pomar abandonado aqui perto. — Ele pegou seu arco e flechas que deixara apoiados num tronco, e acrescentou: — Nós viajaremos com eles.

Enquanto isso, as mulheres tinham descoberto minha camiseta molhada. Fascinadas, esfregaram-na contra suas faces e corpos pintados antes que eu tivesse uma chance de enfiá-la pela cabeça. Esticada e estriada com a pasta onoto vermelha, a camiseta ficou pendendo em mim como uma saca de arroz suja e grande demais.

Pus a cabaça com as cinzas na minha mochila e, enquanto a erguia para as costas, as mulheres começaram a rir incontrolavelmente. Etewa parou junto a mim; fitou-me com seus olhos castanhos, depois um largo sorriso iluminou-lhe a face enquanto corria os dedos pelo meu cabelo. Seu nariz finamente cinzelado e a suave curva dos lábios davam a seu rosto redondo uma aparência quase de menina.

— Irei com Etewa pegar uma anta que ele avistou há pouco — disse Milagros. — Você segue com as mulheres.

Por um instante pude apenas fitá-lo em descrença.

— Mas... — consegui finalmente pronunciar, não sabendo o que mais dizer. Eu devia ter parecido cômica, pois Milagros começou a rir; seus olhos oblíquos praticamente desapareceram entre a testa e os maldades salientes. Ele pôs a mão no meu ombro. Tentou parecer sério, mas um sorriso oscilante permanecia em seus lábios.

— É o povo de Angélica e o meu — disse ele, voltando-se para Etewa e suas duas esposas. — Ritimi é sobrinha-neta de Angélica, que nunca a viu.

Sorriu para as duas mulheres; elas acenaram com a cabeça como se houvessem entendido as palavras de Milagros.

O riso de Milagros e de Etewa ecoou através dos cipós, depois foi se extinguindo enquanto eles atingiam o bambuzal que margeava a trilha ao longo do rio. Ritimi pegou minha mão e guiou-me para o mato.

Eu caminhava entre Ritimi e Tutemi. Movíamos-nos silenciosamente em fila indiana em direção às abandonadas lavouras dos iticoteris. Elas caminhavam com os joelhos e dedos voltados para dentro, e eu imaginava se era porque essa postura lhes dava maior firmeza no solo. Nossas sombras cresciam e diminuía aos tênues raios do sol que se filtravam entre as copas das árvores. Meus tornozelos estavam fracos de exaustão. Eu me movia desajeitada, tropeçando em galhos e raízes. Ritimi pôs o braço ao redor de minha cintura, mas isso fez com que eu caminhasse ainda mais desajeitadamente na estreita trilha. Ela tirou a mochila das minhas costas e socou-a dentro do cesto de Tutemi.

Fui acometida de estranha apreensão. Eu queria reaver minha mochila, tirar a cabaça com as cinzas e amarrá-la na cintura. Tinha a vaga impressão de que eu cortara uma espécie de vínculo. Se eu fosse solicitada a pôr meus sentimentos em palavras, eu não seria capaz de explicar. Ainda assim eu sentia que, daquele momento em diante, algo da magia e encantamento que Angélica inoculava em mim tinha desaparecido.

O sol já estava baixo no horizonte de árvores quando alcançamos uma clareira na floresta. Em meio a todos os tons de verde, distingui claramente o mais brilhante, quase translúcido, verde das bananeiras. Enfileiradas na orla do que devia ter sido uma enorme horta, estavam cabanas baixas de formato triangular arrumadas num semicírculo, de

costas para a floresta. As habitações eram abertas de todos os lados, exceto nos tetos, que eram cobertos com várias camadas de largas folhas de bananeira.

Como se alguém tivesse feito um sinal, fomos imediatamente cercados por mulheres e homens de boca aberta e olhos arregalados. Agarrei o braço de Ritimi; ter caminhado comigo através da floresta tornava-a diferente daquelas figuras boquiabertas.

Enlaçando-me pela cintura, puxou-me para mais junto de si. Seu rápido e excitado tom de voz manteve a multidão acuada por mais um momento. De súbito, seus rostos estavam a centímetros do meu. A saliva escorria por seus queixos, e suas feições estavam desfiguradas pelos chumaços de tabaco grudados entre suas gengivas e lábios inferiores. Esqueci tudo sobre a objetividade com que um antropólogo deve observar uma outra cultura. Naquele momento aqueles índios não passavam de um grupo de gente suja e feia. Fechei os olhos, só abrindo-os um instante depois, quando uma mão trêmula e ossuda tocou minhas faces. Era um velho. Arreganhando os dentes, ele começou a gritar:

— Aia, aia, aula shori!

Ecoando seus gritos, cada um por sua vez tentou me abraçar, quase me esmagando de alegria. Tentaram puxar minha camiseta por cima da cabeça. Eu sentia suas mãos, lábios e línguas em meu rosto e corpo. Eles cheiravam a fumaça e terra; sua saliva, que grudava na minha pele, tinha cheiro de folhas de tabaco podres. Apavorada, irrompi em lágrimas.

Com expressões apreensivas nos rostos, eles arrancaram a camiseta. Embora eu não pudesse entender as palavras, seu tom revelava claramente o aturdimento deles.

Mais tarde naquela noite, eu soube por Milagros que Ritimi explicara ao grupo que havia me encontrado na floresta. De início ela pensara que eu fosse um espírito e ficara com medo de se aproximar. Só depois de ter-me visto devorar as bananas foi que se convenceu de que eu era humana, porque só os humanos comem tão vorazmente.

Um fogo ardia entre a minha rede e a de Milagros; fumegando e crepitando, a fogueira lançava uma débil luz sobre a cabana aberta, deixando as árvores lá fora numa escuridão maciça. Era uma luz avermelhada que, combinada com a fumaça, fazia meus olhos lacrimejar. As pessoas sentavam-se ao redor do fogo, tão próximas umas das outras que seus ombros se tocavam. Seus rostos sombrios me pareciam iguais; os desenhos em vermelho e preto nos seus corpos pareciam ter vida própria quando se moviam e se retorciam a cada gesto.

Ritimi sentava-se no chão, as pernas estendidas ao máximo, o braço esquerdo descansando contra minha rede. Sua pele era de um profundo amarelo suave à luz bruxuleante; as linhas pintadas em sua face corriam até as têmporas, acentuando suas feições asiáticas. Pude ver claramente pequenos furos, livres dos gravetos, nos cantos da boca, lábio inferior e septo de suas largas narinas. Ciente do meu olhar fixo, ela me encarou, sua face redonda se enrugando num sorriso. Tinha dentes pequenos e quadrados; eram fortes e muito brancos.

Comecei a cochilar ao doce murmúrio de suas vozes, já semi-adormecida, imaginando o que Milagros lhes contava, enquanto era mantida acordada pelo som de risos.

Segunda Parte

—QUANDO VOCÊ ACHA que voltará? — perguntei a Milagros seis meses depois, estendendo-lhe a carta que escrevera para padre Coriolano na missão. Nela eu lhe avisava sucintamente que pretendia ficar pelo menos dois meses mais com os iticoteris. Pedia-lhe que avisasse meus amigos em Caracas; e, mais importante que tudo, suplicava-lhe que mandasse por Milagros o máximo de papel e lápis de que pudesse dispor. — Quando vai voltar?

— perguntei de novo.

— Em duas semanas, mais ou menos — disse Milagros de modo casual, pondo a carta em sua aljava de bambu. Devia ter percebido a ansiedade em meu rosto, pois acrescentou:

— Não há meio de dizer, mas voltarei.

Observei-o começar a descer a trilha que levava ao rio. Ajustou a aljava nas costas, depois voltou-se para mim brevemente, seus movimentos suspensos por um instante, como se houvesse algo que desejasse dizer. Em vez disso, acenou com a mão em despedida.

Lentamente, segui de volta para o shabono, passando por vários homens que derrubavam árvores junto às plantações. Contornei os troncos que atravancavam a clareira, cuidando para não cortar os pés nos pedaços de córtex, aparas e lascas de madeira enterrados em meio às folhas secas no chão.

— Ele voltará tão logo as bananas estejam maduras — gritou Etewa, acenando com a mão tal como Milagros acabara de fazer. — Ele nunca perde a festa.

Sorrindo, acenei de volta, querendo perguntar-lhe quando seria a festa. Mas não era preciso; ele já dera a resposta: quando as bananas estivessem maduras.

Os arbustos e troncos que toda noite eram espalhados defronte à entrada principal do shabono, para manter afastados os intrusos, já tinham sido removidos. Ainda era cedo, embora as cabanas de frente para a clareira circular estivessem vazias. Homens e mulheres trabalhavam nas plantações próximas ou tinham ido à floresta colher frutos silvestres, mel e lenha.

Armado com arcos e flechas em miniatura, um grupo de garotos juntou-se à minha volta.

— Olha o lagarto que eu matei — disse Sisiwe, segurando o animal morto pela cauda.

— É tudo que ele sabe fazer... caçar lagartos — disse zombeteiro um garoto do grupo, cocando o tornozelo com os dedos do outro pé. — E na maioria das vezes erra.

— Eu não — gritou Sisiwe, o rosto se avermelhando de raiva. Acariciei a penugem na coroa de sua cabeça. À luz do sol seu cabelo não era negro, mas de um castanho-avermelhado. Procurando pelas palavras certas de meu limitado vocabulário, tentei assegurar-lhe que um dia ele seria o melhor caçador do assentamento.

Sisiwe, filho de Ritimi e Etewa, tinha seis, no máximo sete anos, por isso ainda não usava um cordão pubiano na cintura. Ritimi, acreditando que, quanto mais cedo um garoto amarrasse seu pênis contra o abdome, mais rápido ele cresceria, repetidamente forçara o menino a fazê-lo. Mas Sisiwe tinha se recusado, alegando que doía. Etewa não insistira. Seu filho estava crescendo saudável e forte. Logo, argumentara o pai, Sisiwe perceberia que era impróprio para um homem ser visto sem o cordão de cintura. Como a maioria das crianças, Sisiwe usava um pedaço de raiz fragrante em torno do pescoço, um talismã contra doença, e, tão logo os desenhos de seu corpo se desvanecessem, ele seria pintado de novo com onoto.

Sorrindo, sua raiva esquecida, Sisiwe segurou minha mão e, num rápido movimento, subiu em mim como se eu fosse uma árvore. Enlaçou minha cintura com as pernas. Balançou-se para trás e, esticando os braços para o céu, gritou:

— Olhe só como é azul... da cor dos seus olhos.

Do meio da clareira, o céu parecia imenso. Não havia árvores, cipós ou folhas para macular seu esplendor. A densa vegetação avultava-se do lado de fora do shabono, além das paliçadas de troncos que guarneciam o assentamento. As árvores pareciam esperar o seu momento propício, como se soubessem que eram contidas apenas provisoriamente.

Rebocando-me pelo braço, as crianças puxaram-me junto com Sisiwe para o chão. De início, eu fora incapaz de associá-las com quaisquer pais específicos, porque elas vagueavam por entre as cabanas, comendo e dormindo onde melhor lhes conviesse. Só os bebês eu sabia a quem pertenciam, pois viviam perenemente pendurados nos corpos de suas mães. Fosse dia ou noite, as crianças nunca pareciam perturbadas, não importava em que atividades suas mães estivessem empenhadas.

Imaginei como eu faria sem Milagros. Diariamente ele passava várias horas ensinando-me a língua, costumes e crenças de seu povo, que eu ansiosamente registrava em meus blocos de anotações.

Aprender quem era quem entre os iticoteris provou ser mais confuso. Eles nunca se tratavam pelo nome, exceto quando para insultar alguém. Ritimi e Eteawa eram conhecidos como Pai e Mãe de Sisiwe e Texoma. (Era permitido usar nomes de crianças, mas, tão logo elas chegavam à puberdade, todos se abstinham disso.) As coisas eram ainda mais complicadas porque homens e mulheres de uma linhagem determinada tratavam-se por irmão e irmã; homens e mulheres de outra linhagem eram considerados cunhado e cunhada. Um homem que casasse com uma mulher de uma linhagem qualificada chamava todas as mulheres daquela linhagem de esposa, mas não tinha contato sexual com elas.

Milagros com freqüência assinalava que não era só eu que precisava me adaptar. Os iticoteris estavam igualmente desconcertados com meu estranho comportamento; para eles eu não era nem mulher, nem homem e nem criança, e como tal não sabiam bem o que pensar de mim ou onde poderiam me encaixar.

A velha Hayama emergiu de sua cabana. Numa voz aguda, pediu às crianças para me deixarem em paz.

— Ela está de estômago vazio — disse. Enlaçando-me pela cintura, levou-me para o fogo de sua cabana.

Tomando cuidado para não pisar ou esbarrar em nenhum dos utensílios culinários de esmalte e alumínio (adquiridos em transações comerciais com outros assentamentos), cascos de tartaruga, cabaças e cestos espalhados pelo chão, sentei-me de frente para Hayama. Estiquei ao máximo as pernas, à moda das mulheres iticoteris, cocei a cabeça de seu papagaio de estimação e fiquei esperando a comida.

— Coma — disse ela, estendendo-me uma banana-da-terra assada numa cabaça quebrada. A velha observou-me atentamente enquanto eu mastigava de boca aberta, estalando os lábios repetidamente. Ela sorriu, contente por eu estar gostando.

Hayama me fora apresentada por Milagros como a irmã de Angélica. Sempre que eu olhava para ela, tentava descobrir alguma semelhança com a frágil velha que eu perdera na floresta. Com cerca de 1,60m de altura, Hayama era alta em relação às mulheres iticoteris. Não apenas diferia fisicamente de Angélica como também não possuía a leveza de espírito da irmã. Havia uma aspereza na voz e maneiras de Hayama que costumava me deixar desconfortável. E as pálpebras pesadas e abatidas davam a seu rosto uma expressão peculiarmente sinistra.

— Você vai ficar aqui comigo até Milagros voltar — disse a velha, servindo-me outra banana assada.

Eu tinha enchido a boca com a fruta quente, de modo que não pude responder. Milagros me apresentara a seu cunhado Arasuwe, que era o chefe dos iticoteris, bem como aos outros membros da aldeia. Contudo, foi Ritimi quem, ao pendurar minha rede na cabana que partilhava com Etewa e seu dois filhos, tinha feito saber que eu lhe pertencia.

— A moça branca dorme aqui — dissera ela a Milagros, explicando que os pequenos Texoma e Sisiwe teriam suas redes penduradas perto do fogo de Tutemi, na cabana adjacente.

Ninguém havia interferido no esquema de Ritimi. Silenciosamente, com um sorriso tolerante, Etewa observava a correria de Ritimi entre sua cabana e a de Tutemi, rearrumando as redes no habitual triângulo ao redor do fogo. Num pequeno paiol construído entre as estacas traseiras que sustentavam a habitação, ela colocou minha mochila, em meio a caixas de cortiça, um sortimento de cestos, um machado, cabaças com onoto, sementes e raízes.

A presunção de Ritimi provinha não só do fato de ser a filha mais velha do chefe Arasuwe — com sua primeira esposa, uma filha da velha Hayama, já falecida — e a primeira e favorita esposa de Etewa, como também porque sabia que, apesar do seu temperamento arrebatado, todos no shabono gostavam dela e a respeitavam.

— Chega — protestei com Hayama enquanto ela tirava outra banana do fogo. — Minha barriga está cheia. — Levantando minha camiseta, exibi o estômago para que ela visse o quanto ele parecia cheio.

— Você precisa engordar em volta dos ossos — disse a velha, amassando a banana com os dedos. — Seus peitos são miúdos como os de uma menina. — Rindo, puxou ainda mais minha camiseta. — Homem nenhum vai querer você um dia... ficará com medo de se ferir nos seus ossos.

Arregalando meus olhos em fingido horror, simulei engolir o mingau.

— Eu certamente ficarei gorda e bonita comendo sua comida — repliquei de boca cheia.

Ainda molhada do banho de rio, Ritimi chegou à cabana penteando o cabelo com uma vagem densamente espinhosa. Sentando-se a meu lado, pôs os braços em torno do meu pescoço e plantou beijos estalados em minha face. Tive que me conter para não rir. Os beijos dos iticoteris me provocavam cócegas. Eles beijavam diferente; sempre que punham a boca em minha face e pescoço, vibravam os lábio, enquanto sonoramente expeliam ar.

— Você não vai trazer a rede da garota branca para cá — disse Ritimi, olhando para sua avó. O tom imperioso não combinava com a suavidade inquisitiva de seus olhos escuros.

Não querendo ser pivô de uma discussão, deixei claro que não fazia muita diferença onde pendurassem minha rede. Como não havia divisórias entre as cabanas, praticamente viveríamos todas juntas. A cabana de Hayama ficava à esquerda da de Tutemi, e à sua direita estava a do chefe Arasuwe, que ele dividia com a esposa mais velha e três de seus filhos menores. Suas outras duas esposas e as respectivas proles ocupavam cabanas contíguas.

Ritimi fixou seu olhar em mim, uma expressão de súplica nos olhos.

— Milagros me pediu para tomar conta de você — disse ela, passando com suavidade a vagem espinhosa em meu cabelo, de modo a não arranhar meu couro cabeludo.

Após o que pareceu um silêncio interminável, Hayama finalmente disse:

— Você pode deixar sua rede onde está, mas irá comer aqui comigo.

Foi um bom arranjo, pensei. Etewa já tinha quatro bocas para alimentar. Hayama, por outro lado, era sustentada por seu filho mais novo. A julgar pela quantidade de crânios de animais e bananas pendurados no teto, seu filho era bom caçador e lavrador. Além das bananas assadas comidas de manhã, havia apenas uma refeição no fim da tarde, quando as famílias se reuniam para comer. Durante o resto do dia todos beliscavam o que estivesse à mão — frutas, nozes, ou iguarias como formigas e larvas torradas.

Ritimi também parecia satisfeita com o arranjo das refeições. Sorrindo, veio à nossa cabana, baixando o cesto que me dera e que se achava pendurado acima de minha rede. Depois pegou meu bloco e lápis.

— Agora vamos trabalhar — disse num tom imperioso.

Nos dias que se seguiram, Ritimi ensinou-me sobre seu povo tal como Milagros fizera nos últimos seis meses. Ele gastava algumas horas por dia no que eu chamava de educação primária.

No início tive grande dificuldade em aprender a língua. Não apenas achei-a fortemente anasalada, como também difícil de entender quando eles falavam com chumacos de tabaco na boca. Tentei planejar alguma espécie de gramática comparativa, mas desisti ao perceber que, além de não possuir treinamento lingüístico adequado, quanto mais tentava aprender sua língua menos eu a conseguia falar.

Meus melhores professores eram as crianças. Embora me corrigissem e me fornecessem palavras para repetir, não se esforçavam conscientemente para me explicar qualquer coisa. Com elas eu estava apta a tagarelar, inteiramente desinibida quanto a possíveis erros. Após a partida de Milagros, ainda havia muita coisa que eu não compreendia, embora ficasse espantada pelo jeito como eu conseguia me comunicar com os outros, lendo corretamente a inflexão de suas vozes, a expressão de suas faces e o eloqüente movimento de suas mãos e corpos.

Durante aquelas horas de instrução formal, Ritimi me levava para visitar as mulheres nas diversas cabanas e era-me permitido fazer perguntas à vontade. Divertidas pela minha curiosidade, as mulheres falavam livremente, como se estivessem disputando um jogo. Explicavam pacientemente, vezes e mais vezes, tudo aquilo que eu não compreendia.

Eu estava grata a Milagros por ter aberto o precedente. A curiosidade não apenas era vista como falta de educação, como também ia contra a sua vontade de ser interrogado. Ainda assim, Milagros fora profusamente indulgente comigo no que ele chamava de meu capricho excêntrico, decidindo que, quanto mais eu soubesse sobre a língua e costumes dos iticotris, mais me sentiria em casa na companhia deles.

Logo se tornou evidente que eu não precisava fazer perguntas diretas demais. Com frequência, a observação mais trivial que eu fizesse era respondida com um fluxo de informação que eu jamais teria sonhado provocar.

Todos os dias, pouco antes de anoitecer, ajudada por Ritimi e Tutemi, eu costumava revisar todos os dados reunidos durante o dia e tentava organizá-los numa espécie de esquema classificatório, como: estrutura social, valores culturais, técnicas de subsistência e outras categorias universais do comportamento humano.

Contudo, para grande desapontamento meu, havia um tema que Milagros evitava: xamanismo. De minha rede eu pudera observar duas sessões de cura, das quais tomei detalhadas anotações.

— Arasuwe é um grande shapori — dissera-me Milagros enquanto eu observava meu primeiro ritual de cura.

— Ele invoca a ajuda dos espíritos enquanto entoava os cânticos? — perguntei enquanto observava o cunhado de Milagros massagear, sugar e friccionar o combalido corpo de uma criança.

Milagros me lançou um olhar ultrajado.

— Há coisas de que não se deve falar. — Levantou-se abruptamente e, antes de sair da cabana, acrescentou: — Não pergunte essas coisas. Se o fizer, vai se meter em grande encrenca.

Eu não ficara surpreendida por sua resposta, mas não estivera preparada para sua raiva franca. Especulava se sua recusa em me falar sobre o assunto era por eu ser mulher ou porque o xamanismo era um assunto considerado tabu. Eu não ousara decifrar isso na ocasião. Já era frágil o bastante sendo mulher, branca e sozinha.

Eu estava ciente de que na maioria das sociedades o conhecimento relativo ao xamanismo e práticas curativas só era revelado aos iniciados. Durante a ausência de Milagros eu não mencionara a palavra "xamanismo" uma vez sequer, mas gastei horas especulando acerca da melhor maneira de aprender sobre o assunto sem despertar raiva e suspeita.

Das minhas anotações sobre as duas sessões tornou-se evidente que os iticoteris acreditavam que o corpo de um shapori sofria uma mudança quando se via sob a influência da inalação de um alucinógeno chamado epena. Ou seja, o xamã agia sob a presunção de que seu corpo humano se transformaria num corpo sobrenatural. Assim, ele fazia contato com os espíritos da floresta. Minha óbvia abordagem chegaria a uma compreensão do xamanismo através do corpo — não como um objeto determinado por leis psicoquímicas, forças holísticas na natureza, o meio ambiente, ou pela própria psique, mas através de um entendimento do corpo como experiência vivida, o corpo como uma expressiva unidade conhecida através do desempenho.

A maioria dos estudos do xamanismo, inclusive os meus, focaliza-se nos aspectos sociais da cura. Eu achava que minha abordagem não desencadearia uma explicação inusitada, mas me daria um meio de aprender sobre curas sem levantar suspeitas. Perguntas relativas ao corpo não seriam necessariamente associadas ao xamanismo. Eu não tinha dúvida de que, aos pouquinhos, compilaria os dados necessários sem que os iticoteris jamais suspeitassem do que eu realmente pretendia.

Qualquer remorso que eu sentisse em relação à desonestidade de minha tarefa era prontamente apaziguado ao repetir para mim mesma que meu trabalho era importante para a compreensão de práticas de cura não-ocidentais. Os estranhos e freqüentemente esquecidos costumes do xamanismo se tornariam incompreensíveis à luz de um diferente contexto interpretativo, assim como para o conhecimento antropológico em geral.

— Faz dois dias que você não trabalha — disse-me Ritimi uma tarde. — Não me perguntou ontem à noite sobre as danças e cânticos. Não sabe que são importantes? Se não cantar e dançar, os caçadores voltarão sem carne para a festa. — Emburrada, jogou o bloco de anotações no meu colo. — Você nem sequer pintou no seu livro.

— Tirei uns dias para descansar — falei, apertando o bloco contra meus seios como se fosse o meu bem mais valioso. Não pretendia deixá-la saber que reservava cada folha para ser preenchida exclusivamente com dados sobre o xamanismo.

Ritimi pegou minhas mãos nas suas, examinando-as intensamente; depois, assumindo uma expressão muito séria, comentou:

— Parecem muito cansadas... precisam descansar. Explodimos em risadas. Ritimi sempre zombara do que eu considerava meu livro de trabalho. Para ela, trabalho significava plantar sementes na horta, catar lenha e consertar o teto do shabono.

— Gosto muito das danças e cânticos — falei. — Reconheci sua voz... era linda. Ritimi sorriu para mim.

— Eu canto muito bem. — Havia uma candura encantadora e segura em sua afirmação; não estava apenas gabando-se, mas confirmando um fato. — Estou certa de que os caçadores voltarão cheios de caça para alimentar os convidados na festa.

Acenando em concordância, procurei por um graveto, depois comecei a traçar uma figura humana na poeira.

— Este é o corpo de uma pessoa branca — falei enquanto esboçava os principais órgãos e ossos. — Posso saber como é o corpo de um iticoteri?

— Você deve estar muito cansada para fazer uma pergunta tão bobá — disse Ritimi, olhando-me como se eu fosse estúpida. Levantou-se e começou a dançar, entoando numa voz alta e melodiosa: — Esta é minha cabeça, este é meu braço, este é meu seio, este é meu estômago, este é meu...

Sem perda de tempo, atraído pelas cabriolas de Ritimi, um grupo de mulheres e homens se reuniu à nossa volta. Gritando e rindo, fizeram observações obscenas sobre os respectivos corpos. Alguns dos rapazes adolescentes riam tanto que chegavam a rolar no chão, segurando seus pênis.

— Alguém sabe desenhar um corpo do jeito que eu desenhei o meu? — perguntei.

Vários aceitaram o desafio. Pegando um pedaço de pau, um graveto ou um arco quebrado, começaram a desenhar na poeira. Seus esboços diferiam acentuadamente uns dos outros, não só por causa das óbvias diferenças sexuais, as quais faziam questões de enfatizar, mas também porque todos os corpos masculinos eram pintados com minúsculas figuras dentro do peito.

Eu mal podia ocultar minha satisfação. Pensei que deviam ser os espíritos que eu ouvira Arasuwe invocar com seu cântico antes de iniciar a sessão de cura.

— Quem são eles? — perguntei casualmente.

— Os hekuras da floresta que vivem no peito de um homem — explicou um deles.

— Todos os homens são shaporis?

— Todos os homens têm hekuras no peito — disse o homem. — Mas somente um shapori autêntico pode fazer uso deles. Apenas um grande shapori pode ordenar a seus hekuras que ajudem o doente e neutralizem a magia do inimigo shapori. — Estudando meu esboço, ele perguntou: — Por que seu desenho tem hekuras, até mesmo nas pernas? Mulheres não têm hekuras.

Expliquei que aqueles não eram espíritos, mas sim órgãos e ossos, e eles prontamente os acrescentaram a seus próprios esboços.

Contente com o que tinha aprendido, acompanhei de bom grado Ritimi para catar lenha na floresta — a mais árdua e desagradável tarefa das mulheres. A lenha que conseguiam jamais era o suficiente, pois as fogueiras nunca podiam se extinguir.

Naquela noite, conforme fazia todas as noites desde que eu chegara ao assentamento, Ritimi examinou meus pés à procura de espinhos e farpas de madeira. Satisfeita por não achar nada, friccionou meus pés.

— Eu gostaria de saber se os corpos dos shaporis sofrem algum tipo de transformação quando eles estão sob o efeito do epena — falei. Era importante ter isso confirmado em suas próprias palavras, já que a premissa original do meu esquema teórico era que o xamã atuava sob certas pressuposições concernentes ao corpo. Eu precisava saber se essas pressuposições eram partilhadas pelo grupo e se eram de natureza consciente ou inconsciente.

— Você viu Iramamowe ontem? — perguntou Ritimi. — Você o viu caminhar? Seus pés não tocavam o chão. Ele é um shapori poderoso. Ele se tornou o grande jaguar.

— Ele não curou ninguém — repliquei, sombria. Estava desapontada por considerarem o irmão de Arasuwe um grande xamã. Em duas ocasiões eu o vira bater na mulher.

Não mais interessada em prosseguir a conversa, Ritimi afastou-se de mim e começou a preparar-se para o nosso ritual noturno. Içando o cesto que continha meus pertences do pequeno paiol no fundo da cabana, ela os colocou no chão. Um por um, foi pegando todos os itens e erguendo-os acima da cabeça para que eu os identificasse. Tão logo eu o fazia, ela repetia o nome em espanhol, depois em inglês, dando início ao coro noturno, já que as esposas dos chefes e várias das outras mulheres que toda noite se reuniam em nossa cabana ecoavam as palavras estrangeiras.

Relaxe na minha rede enquanto os dedos de Tutemi repartiam meu cabelo em busca de um piolho imaginário; eu certamente não tinha piolhos — por enquanto. Tutemi parecia ser cinco ou seis anos mais nova que Ritimi, que eu calculava ter vinte. Era mais alta e mais pesada. Com frequência eu percebera um ar triste e distante em seus olhos escuros, e às vezes ela falava consigo mesma como se pensasse em voz alta.

— Piolho! Piolho! — gritou Tutemi, interrompendo o cântico espanhol-inglês das mulheres.

— Deixe-me ver — falei, convencida de que ela estava brincando. — Existem piolhos brancos? — perguntei, examinando os minúsculos insetos brancos em seu dedo. Eu sempre acreditara que fossem escuros.

— Moça branca, piolho branco — disse Tutemi, maliciosa. Com alegre deleite, esmagou-os um por um entre os dentes e engoliu. — Todos os piolhos são brancos.

7

ERA O DIA DA FESTA. Desde o meio-dia eu estivera sob a orientação de Ritimi e Tutemi, que tiveram grande dificuldade para me embelezar. Com um afiado pedaço de bambu, Tutemi cortou meu cabelo no estilo habitual, e com uma folha de capim afiada como uma faca ela raspou a coroa de minha cabeça. Os pêlos de minhas pernas foram removidos com uma pasta abrasiva feita de cinzas, resina vegetal e lixo.

Ritimi pintou linhas onduladas no meu rosto e intrincados padrões geométricos pelo meu corpo inteiro, utilizando um graveto com a ponta mastigada à guisa de pincel. Minhas pernas, vermelhas e inchadas pela depilação, foram deixadas sem pintura. Em meus brincos de argola, que supliquei não fossem tirados, ela atou uma flor cor-de-rosa junto com tufo de penas brancas. Ao redor dos meus braços, pulsos e tornozelos, ela prendeu tiras de algodão vermelhas.

— Oh, não. Você não vai fazer isto — falei, saltando fora do alcance de Ritimi.

— Isso não machuca — assegurou-me e depois perguntou, exasperada: — Você quer ficar parecendo uma velha? Isso não machuca — insistiu, seguindo atrás de mim.

— Deixe a moça em paz — disse Etewa, procurando uma caixa de cortiça no paiol. Ele olhou para mim, depois explodiu em risos. Seus grandes dentes brancos e seus ameaçadores olhos amendoados pareciam zombar do meu embaraço. — Ela não tem muitos pêlos pubianos.

Grata, atei em meus quadris o cinto vermelho de algodão que Ritimi me dera e acompanhei seu riso. Cuidando para fixar bem o largo e achatado cinto, de modo que as extremidades franjadas cobrissem os pêlos ofensivos, eu disse a Ritimi:

— Agora você não pode ver nada.

Ritimi não ficou impressionada e, com um dar de ombros, continuou a examinar seu púbis à procura de algum pêlo.

Círculos escuros e arabescos decoravam o corpo bronzeado e o rosto de Etewa. Na cintura ele amarrou um largo cinto vermelho de algodão tecido. Em volta dos braços arrumou estreitas tiras de pele de macaco, às quais Ritimi amarrou as penas brancas e pretas que Etewa selecionara da caixa tirada do paiol.

Mergulhando os dedos na viscosa pasta de resina, que uma das esposas de Arasuwe preparara de manhã, Ritimi esfregou-os no cabelo de Etewa. Tutemi pegou imediatamente um punhado de penas brancas de outra caixa e colocou em sua cabeça, até parecer que ele estava usando um boné branco de pele.

— Quando começa a festa? — perguntei, observando um grupo de homens puxando enormes pilhas de cascas de banana da clareira já limpa e livre de ervas daninhas.

— Quando a sopa de banana e toda a carne estiverem prontas — disse Etewa, pavoneando-se, querendo certificar-se de que poderíamos vê-lo de cada ângulo. Seus lábios torceram-se num sorriso e seus olhos zombeteiros permaneceram semicerrados. Ele olhou para mim, depois tirou o chumaço de tabaco da boca. Colocando um pedaço de cabaça quebrada no chão, cuspiu nele por cima de sua rede, num arco vigoroso e espesso. Com a segurança de alguém que se sente gratificado e deliciado com a própria aparência, voltou-se para nós mais uma vez e depois saiu da cabana.

A pequena Texoma catou no chão o chumaço viscoso. Enchendo a boca cora ele, começou a mascá-lo com a mesma satisfação que eu teria sentido ao morder um pedaço de chocolate. Sua face pequena, meio desfigurada pelo chumaço de tabaco que transbordava de sua boca, parecia grotesca. Rindo, ela subiu na minha rede e logo caiu no sono.

Na cabana ao lado pude ver o chefe Arasuwe deitado em sua rede. Dali ele supervisionava o cozimento das bananas e o assamento da carne trazida pelo grupo de caça que liderara poucos dias antes. Como operários de linha de montagem, vários homens tinham arrumado em tempo recorde os numerosos fardos de bananas-da-terra. Um enfiava os dentes afiados na casca, cortando-a; outro arrancava fora a pele dura, depois lançava a fruta na gamela de cortiça que Etewa construía aquela manhã; um terceiro cuidava dos três pequenos fogos que ele acendera embaixo.

— Por que só há homens cozinhando? — perguntei a Tutemi. Eu sabia que mulheres nunca cozinhavam caça grossa, mas estava frustrada pelo fato de nenhuma delas ter sequer chegado perto das bananas.

— Mulheres são muito descuidadas — respondeu Arasuwe por Tutemi enquanto entrava na cabana. Seus olhos pareciam desafiar-me a contradizer sua afirmação. Ele acrescentou, sorrindo: — Elas se distraem muito facilmente e deixam o fogo queimar através da gamela.

Antes que eu tivesse chance de dizer qualquer coisa, ele estava de volta à sua rede.

— Ele só veio para dizer isto?

— Não — disse Ritimi. — Veio para inspecionar você. Relutei em perguntar se eu passara pela inspeção de Arasuwe, temendo que ela lembrasse dos meus pêlos sem raspar.

— Veja — falei —, estão chegando visitas.

— É Puriwariwe, irmão mais velho de Angélica — disse Ritimi, apontando para um velho no meio do grupo de homens. — É um temido shapori. Foi morto uma vez mas não morreu.

— Morto uma vez mas não morreu — repeti devagar, imaginando se eu devia considerar isso literal ou figuradamente.

— Morto num ataque — disse Etewa, caminhando na cabana. — Morto, morto, morto, mas não morreu. — Ele falou com nitidez, movendo os lábios de uma maneira exagerada, como se assim pudesse me fazer compreender o verdadeiro significado de suas palavras.

— Ainda ocorrem ataques?

Ninguém respondeu à minha pergunta. Etewa procurou por uma longa taquara oca e uma pequena cabaça oculta atrás de um dos caibros, depois nos permitiu saudar os convidados que permaneciam parados no meio da clareira, em frente à cabana de Arasuwe.

Mais homens chegavam, e pensei em voz alta se alguma mulher fora convidada para a festa.

— Elas estão lá fora — disse Ritimi. — Com o resto dos convidados, se enfeitando enquanto os homens inalavam epena.

O chefe Arasuwe, seu irmão iramamowe, Etewa e seis outros homens iticoteris — todos enfeitados com penas, peles e pasta vermelha de onoto — agacharam-se diante dos visitantes, que já estavam agachados. Falaram por instantes, uns evitando os olhos dos outros.

Arasuwe soltou a pequena cabaça pendurada em seu pescoço, serviu um pouco do pó verde-acastanhado na extremidade da taquara oca, depois encarou o irmão de Angélica. Colocando a ponta do tubo de encontro ao nariz do xamã, Arasuwe soprou o pó alucinógeno com grande força nas narinas do velho. O xamã não recuou, grunhiu ou cambaleou, tal como eu vira outro homem fazer. Mas seus olhos ficaram lacrimejantes e logo um muco verde gotejou de seu nariz e boca, e ele limpou-o com um graveto. Lentamente, começou a cantar. Não captei suas palavras; eram faladas com extrema suavidade, e os grunhidos dos outros as abafavam.

Os olhos vítreos de muco e a saliva escorrendo por seu queixo e peito, Arasuwe saltou no ar. As penas de arara-vermelha pendentes de suas orelhas e braços agitavam-se em torno dele. Ele saltava sem parar, tocando o solo com uma leveza que parecia incrível em alguém de tão precária envergadura. Sua face parecia esculpida em pedra. Mechas lisas de cabelo pairaram sobre sobrancelhas salientes. O largo nariz e a boca rosnante me lembravam um dos quatro reis guardiões que eu vira uma vez num templo do Japão.

Alguns dos homens cambalearam para fora do grupo, segurando as cabeças enquanto vomitavam. O cântico do velho tornou-se mais alto; um por um, os homens reuniram-se mais uma vez em torno dele. Quietamente, eles se agacharam, os braços dobrados sobre os joelhos, os olhos perdidos em algum ponto invisível que só eles podiam ver, até o shapori acabar seu cântico.

Cada homem iticoteri voltou à sua cabana acompanhado de um convidado. Arasuwe tinha convidado Puriwariwe;

Etewa entrou em sua cabana com um dos jovens que haviam vomitado. Sem olhar para nós, o convidado estendeu-se na rede de Etewa como se fosse a sua; não parecia ter mais que dezesseis anos.

— Por que nem todos os homens iticoteris cheiram epena ou se enfeitam? — sussurrei para Ritimi, ocupada em limpar e repintar o rosto de Etewa com onoto.

— Amanhã eles irão se enfeitar. A maioria dos convidados virá nos próximos dias — disse ela. — Hoje é para os parentes de Angélica.

— Mas Milagros não está aqui.

— Ele chegou esta manhã.

— Esta manhã! — repeti, descrente. O jovem deitado na rede de Etewa abriu largamente os olhos, olhou para mim, depois fechou-os de novo. Texoma acordou e

começou a chorar. Tentei acalmá-la com o tabaco para mascar, que caíra de sua boca. Recusando-o, ela começou a chorar ainda mais alto. Entreguei-a a Tutemi, que balançou a criança para a frente e para trás, até que se aquietou. Por que Milagros não me deixara saber que estava de volta?, pensei, entre raivosa e magoada. Lágrimas de autopiedade escorreram de meus olhos.

— Veja, lá vem ele — disse Tutemi, apontando para a entrada do shabono.

Seguido por um grupo de homens, mulheres e crianças, Milagros caminhou direto para a cabana de Arasuwe. Linhas vermelhas e pretas circulavam seus olhos e boca. Fascinada, embasbaquei-me com a cauda preta de macaco enrolada em torno de sua cabeça, da qual balançavam penas multicoloridas de arara, combinando com as que pendiam das faixas feitas de pele nos braços. Em vez do cinto festivo de algodão, ele usava uma tanga de um vermelho vivo.

Uma inexplicável inquietude me dominou enquanto ele se aproximava de minha rede. Senti meu coração bater de medo ao olhar para seu rosto tenso e retorcido.

— Traga sua cabaça — disse ele em espanhol. Depois deu meia-volta e caminhou em direção à gamela cheia de sopa de banana.

Sem me dedicarem a mais leve atenção, todos seguiram Milagros até a clareira. Sem fala, alcancei meu cesto, coloquei-o no chão diante de mim e tirei todos os meus pertences. No fundo, embrulhada em minha mochila, estava a cabaça cor de ocre com as cinzas de Angélica. Eu me perguntara com freqüência o que seria feito com elas. Ritimi nunca tocara na mochila ao procurar meus pertences.

A cabaça parecia pesada em minhas mãos frias e rígidas. E tinha sido tão leve na floresta, quando eu a carregara atada à minha cintura.

— Esvazie na gamela — disse Milagros, ainda em espanhol.

— Mas está cheia de sopa — falei estupidamente. Senti minha voz tremer, e minhas mãos estavam tão inseguras que achei que não seria capaz de puxar a tampa de resina da cabaça.

— Esvazie — repetiu Milagros, tocando meu braço gentilmente.

Agachei-me, desajeitada, e, bem devagar, despejei os ossos finamente moídos na sopa. Olhei como que hipnotizada para a camada escura que se formou sobre a espessa superfície amarela. O cheiro me deu náuseas. As cinzas não submergiram. Milagros despejou o conteúdo de sua própria cabaça em cima das cinzas. As mulheres começaram a chorar e gritar. Deveria eu me juntar a elas? Eu sentia que, por mais que tentasse, nem uma única lágrima sairia de meus olhos.

Chocada pelos sons agudos e estalantes, empertiguei-me. Com o punho de seu facão de mato, Milagros partira as duas cabaças em metades perfeitas. Em seguida, misturou o pó na sopa, mexendo bem até a papa amarela se transformar num cinzento sujo.

Observei-o levar a cabaça cheia de sopa até a boca, depois esvaziá-la num longo gole. Limpando o queixo com as costas da mão, encheu a cabaça uma vez mais e me entregou a concha.

Horrorizada, olhei para os rostos ao meu redor; intencionalmente, observavam cada gesto ou movimento que eu fazia, com olhos que nem de longe pareciam humanos. As mulheres tinham parado de chorar. Eu podia até ouvir as batidas aceleradas de meu coração. Engolindo repetidamente, num esforço para superar a secura em minha boca, resisti a um tremor de mão. Depois fechei firmemente os olhos e engoli o pesado líquido. Para minha surpresa, a sopa doce e levemente salgada desceu com suavidade por minha garganta.

Um débil sorriso relaxou a tensão no rosto de Milagros enquanto ele me tomava a cabaça. Dei meia-volta e me afastei devagar, enquanto ondas de náusea reviraram meu estômago.

Um tagarelar estridente e acessos de riso vinham da cabana. Sisiwe, rodeado por seus amigos, sentava-se no chão, mostrando-lhes cada um dos meus objetos pessoais, que eu deixara espalhados. Minha náusea se dissolveu em raiva ao ver meus cadernos de anotações ardendo no fogo.

Assustadas, as crianças riram para mim enquanto eu queimava os dedos tentando retirar o que sobrara dos cadernos. Lentamente, as expressões divertidas em suas faces mudaram para espanto ao perceberem que eu estava chorando.

Corri para fora do shabono, descendo a trilha que levava ao rio, segurando junto aos seios as páginas chamuscadas.

— Vou pedir a Milagros que me leve de volta à missão — murmurei, limpando as lágrimas do rosto. A idéia me pareceu tão absurda que explodi em risos. Como encararia padre Coriolano com aquela tonsura?

Agachando-me à beira da água, enfiei o dedo na garganta para induzir o vômito. Não adiantou. Exausta, deitei-me numa pedra plana que se projetava sobre a água e examinei o que restava de minhas anotações. Uma brisa fresca agitava meus cabelos. Girei, deitando-me de bruços. O calor da pedra encheu-me de uma suave preguiça que dissipou toda a minha raiva e o enjôo.

Procurei por meu rosto na água cristalina, mas o vento enrugava qualquer reflexo na superfície. O rio nada retribuía. Aprisionado nos escuros remansos ao longo da margem, o verde brilhante da vegetação era uma massa enevoadada.

— Deixe suas notas descerem rio abaixo — disse Milagros, sentando-se ao meu lado na pedra. Sua súbita presença não me assustou. Eu esperava por ele.

Com um leve movimento de cabeça, assenti em silêncio e deixei minha mão balançar sobre a rocha. Meus dedos se soltaram. Ouvi um leve espadanar quando o bloco chamuscado caiu na água. Senti como se um fardo tivesse sido retirado de minhas costas enquanto via minhas anotações à deriva rio abaixo.

— Você não foi para a missão — falei. — Por que não me disse que precisava trazer os parentes de Angélica?

Milagros não respondeu; olhou através do rio.

— Você mandou as crianças queimarem minhas anotações? — perguntei.

Ele voltou o rosto para mim, mas continuou em silêncio. A contração de sua boca revelava uma vaga decepção que eu falhara em compreender. Quando faláramos pela última vez, fora num tom suave que nele parecera forçado, contra a sua vontade.

— Os iticoteris, bem como outros assentamentos, vêm através dos anos se embrenhando mais e mais na floresta, para longe da missão e dos grandes rios por onde viajam os homens brancos. — Virou-se para olhar um lagarto que escalava a pedra com dificuldade. Por um instante, ele fitou-nos com seus olhos sem pálpebras, depois deslizou afastando-se. — Outros assentamentos têm escolhido o oposto — continuou Milagros. — Buscam as mercadorias que os racionais oferecem. Não conseguem compreender que só a floresta pode lhes dar segurança. Tarde demais, irão descobrir que, para o homem branco, o índio não é melhor que um cachorro.

Ele sabia, explicou, que, por ter passado toda a vida entre os dois mundos, os índios não teriam uma chance no mundo do homem branco, não importava o que uns poucos indivíduos de uma ou outra raça fizessem ou acreditassem.

Falei acerca de antropólogos e de seu trabalho, da importância de registrar costumes e crenças, que, conforme ele mencionara numa ocasião anterior, eram fadados ao esquecimento.

O indício de um sorriso de mofa retorceu-lhe os lábios.

— Sei sobre os antropólogos; uma vez trabalhei para um deles como informante — disse ele e começou a rir; era um riso estridente, mas não havia emoção em seu rosto. Seus olhos não estavam rindo, e sim brilhando de animosidade.

Fiquei surpresa porque sua raiva parecia dirigida a mim.

— Você sabia que eu era antropóloga — falei, hesitante. — Você mesmo me ajudou a preencher parte de minhas anotações, dando informações sobre os iticoteris. Foi você quem me levou de cabana em cabana, quem estimulou os outros a falar comigo, quem me ensinou sua língua e seus costumes.

Impassível, Milagros ficou ali sentado, seu rosto pintado, uma máscara inexpressiva. Senti vontade de sacudi-lo. Era como se não tivesse ouvido minhas palavras. Milagros olhava fixamente para as árvores, já escuras contra o céu desvanecente; encarei-o. Sua cabeça estava silhuetada contra o céu. Vi as flamejantes penas de arara e as crinas purpurinas de macaco como se o céu estivesse raiado com elas. Milagros meneou a cabeça com tristeza.

— Você sabe que não veio aqui para fazer seu trabalho. Poderia tê-lo feito muito melhor nos assentamentos próximos à missão. — Lágrimas formaram-se no canto de suas pálpebras; elas aderiam às pestanas hirsutas, brilhantes e tremeluzentes. — O conhecimento de nossos costumes e crenças foi dado a você de modo a se adaptar ao ritmo de nossas vidas; para que se sentisse segura e protegida. Foi uma dádiva, não é para ser partilhada ou usada por outros.

Não pude desviar meu olhar de seus olhos brilhantes e úmidos; não havia ressentimentos neles. Vi meu rosto refletido em suas pupilas negras. Dádiva de Angélica e Milagros. Finalmente entendi. Eu fora conduzida através da floresta não para ver sua gente com os olhos de uma antropóloga — esmiuçando, julgando e analisando tudo que via ou ouvia —, mas para vê-la como Angélica os teria visto, pela última vez. Ela também teria sabido que seu tempo e o tempo de seu povo estavam chegando ao fim.

Dirigi meu olhar para a água. Eu não percebera meu relógio caindo no rio, mas lá estava ele em meio aos seixos, uma visão instável de minúsculos pontos luminosos reunindo-se e desaparecendo na água. Um dos elos metálicos da pulseira devia ter quebrado, pensei, mas não fiz qualquer esforço para recuperar o relógio, meu último vínculo com o mundo além da floresta.

A voz de Milagros interrompeu meus devaneios.

— Muito tempo atrás, num assentamento próximo ao grande rio, trabalhei para um antropólogo. Ele não vivia conosco num shabono, mas construía para si uma cabana fora da paliçada. Tinha paredes e uma porta que fechava por dentro e por fora. — Milagros fez uma pausa, limpando as lágrimas que escorriam de seus olhos oblíquos. Depois, me perguntou: — Quer saber o que fiz com ele?

— Sim — falei, hesitante.

— Dei epena para ele. — Milagros fez outra pausa e sorriu como se estivesse se divertindo com a minha apreensão. — Este antropólogo agiu como qualquer outro que tivesse inalado o poder sagrado. Disse ter tido as mesmas visões que um xamã.

— Não há nada de estranho nisso — falei, meio espicaçada pelo tom presunçoso de Milagros.

— Há, sim — disse-me ele, rindo. — Porque tudo que soprei nas narinas dele foram cinzas. Todas as cinzas que fazem seu nariz sangrar.

— Foi o que você andou dando para mim? — perguntei, ruborizada pela autopiedade que permeava minha voz.

— Dei a você uma parte da alma de Angélica — disse ele suavemente, ajudando-me a levantar.

As cercanias do shabono pareciam se dissolver contra a escuridão. Eu podia enxergar bem à luz fraca. As pessoas reunidas em torno do fogo lembravam-me criaturas da floresta, seus olhos brilhantes manchados com a luz do fogo.

Sentei-me perto de Hayama e aceitei o pedaço de carne que ela me ofereceu. Ritimi esfregou a cabeça contra meu braço. A pequena Texoma sentou-se em meu colo. Fiquei contente, protegida pelos odores e sons familiares. Intencionalmente, observei os rostos ao meu redor, imaginando quantos deles tinham parentesco com Angélica. Não havia um único rosto que parecesse com o dela. Mesmo as feições de Milagros, que certa vez se assemelharam demais às de Angélica, pareciam diferentes. Talvez eu já tivesse esquecido como ela parecia, pensei tristemente. Então, num feixe luminoso se estendendo do fogo, vi sua face sorridente. Balancei minha cabeça, tentando apagar a visão, e me descobri olhando fixamente para o xamã Puriwariwe, agachado um pouco distante do grupo.

Era um homem pequeno, magro e seco, com uma pele amarelo-acastanhada; os músculos de seus braços e pernas já estavam murchos. Mas seu cabelo continuava escuro, levemente cacheado em torno da cabeça. Não estava enfeitado; tudo que usava era uma corda de arco em volta da cintura. Pêlos esparsos pendiam de seu queixo e os vestígios de um bigode sombreavam as beiradas do lábio superior. Sob as sobrancelhas fortemente enrugadas, seus olhos eram como pequenas luzes refletindo o clarão do fogo.

Bocejando, ele abriu uma boca cavernosa onde dentes amarelados pendiam como estalactites. Os risos e conversas cessaram quando ele começou a cantar numa voz que dava a impressão de pertencer a outro tempo e lugar. Ele possuía duas vozes: a que vinha de sua garganta era estridente e irada; a outra, proveniente de sua barriga, era profunda e reconfortante.

Muito tempo após todos se recolheram às suas redes e os fogos se extinguirem, Puriwariwe continuava de cócoras diante de um pequeno fogo no meio da clareira. Cantava numa afinada voz de baixo.

Levantei da minha rede e fui me agachar ao lado dele, tentando fazer minhas nádegas tocarem o chão. Segundo os iticoteris, era o único jeito de alguém ficar agachado por horas e totalmente relaxado. Puriwariwe olhou para mim, reconhecendo meu olhar, depois fitou o espaço como se eu tivesse perturbado sua corrente de pensamentos. Ele não se moveu, e tive a estranha sensação de que caíra no sono. Depois, ele mudou a posição de suas nádegas no solo sem relaxar as pernas e gradualmente recomeçou a cantar numa voz que não passava de um débil murmúrio. Eu não era capaz de entender uma única palavra.

Começou a chover, e voltei para a minha rede. Os pingos batiam suavemente no teto de folhas de palmeira, criando um estranho ritmo, como que hipnótico. Quando olhei de novo na direção do centro da clareira, o velho tinha desaparecido. E, como a aurora começava a iluminar a floresta, senti-me deslizar para um sono interminável.

O CREPÚSCULO VERMELHO tingia o ar com um brilho feérico. O céu, flamejante poucos minutos antes, dissolveu-se rapidamente na escuridão. Era o terceiro dia de festa. De minha rede, junto com as crianças de Etewa e Arasuwe, observei cerca de sessenta homens, tanto iticoteris como seus convidados, que desde o meio-dia, sem

comida ou descanso, dançavam no meio da clareira. Ao som de seus próprios gritos estridentes, ao entrecchoque de seus arcos e flechas, eles volteavam uma vez, depois outra, andando para a frente e para trás, num ondulante arranjo de penas e corpos, um borrão de desenhos em preto e escarlate.

Uma lua cheia ergueu-se acima das copas das árvores, lançando uma luz radiante sobre a clareira. Por um momento, houve uma calmaria no barulho e movimento incessantes. Depois, os dançarinos irromperam em gritos selvagens e estrangulados, que encheram o ar com um som ensurdecedor, enquanto atiravam de lado seus arcos e flechas.

Correndo para dentro da cabana, os dançarinos apossaram-se de toras que ardiam na fogueira e com violência frenética bateram com elas nas estacas de sustentação do shabono. Todos os tipos de insetos rastejantes correram em busca de segurança no teto de folhas de palmeira antes de caírem ao chão em cascata.

Cheia de pavor de que as cabanas pudessem desabar, ou de que as brasas esvoaçantes pusessem fogo no teto, corri para fora com as crianças. A terra tremia sob os pés saltitantes dos homens enquanto eles pisoteavam todos os braseiros nas cabanas. Brandindo as toras em brasa bem acima de suas cabeças, eles correram para o centro da clareira e retomaram sua dança com renovado frenesi. Contornaram a praça, suas cabeças sacudindo-se para a frente e para trás como marionetes com os cordões rompídos. As leves penas brancas em seus cabelos agitavam-se sobre seus ombros gotejantes de suor.

A lua escondeu-se atrás de uma nuvem escura; apenas o brilho das toras flamejantes iluminava a clareira. Os gritos estridentes dos homens subiram para um tom mais alto; agitando suas clavas sobre as cabeças, convidaram as mulheres a participar da dança.

Gritando e rindo, as mulheres se arremessavam para a frente e para trás, esquivando-se com perícia às toras balançantes. O frenesi dos dançarinos evoluiu para uma intensidade compulsiva, convergindo para um clímax final em que garotas, segurando feixes de frutos amarelos de palmeira nos braços erguidos, juntaram-se à multidão, seus corpos gingando em abandono sensual.

Eu não tinha certeza se fora Ritimi quem pegara minha mão e me puxara para a dança, porque no instante seguinte me vi sozinha em meio às faces extasiadas rodopiando à minha volta. Capturada entre sombras e corpos, tentei alcançar a velha Hayama, de pé na segurança de uma cabana, mas não soube em que direção me mover. Não reconheci o homem que, brandindo uma tora acima da cabeça, empurrou-me de volta para o meio dos dançarinos.

Gritei. Tomada de pavor, percebi que meus gritos pareciam mudos, esgotados pelos incontáveis ecos que reverberavam dentro de mim. Senti uma dor aguda do lado da cabeça, bem debaixo da orelha, enquanto caía de cara no chão. Abri os olhos, tentando ver através das sombras que engrossavam ao meu redor, e imaginei se aqueles frenéticos pés que rodopiavam e saltavam no ar perceberiam que eu caíra no meio deles. Então sobreveio a escuridão, pontuada por alfinetes de luz dardejando dentro e fora de minha cabeça, como pirilampos na noite.

Tive uma vaga consciência de alguém me arrastando para fora do tropel de dançarinos e me deitando numa rede. Esforcei-me para manter os olhos abertos, mas a figura que pairava sobre mim permanecia difusa. Senti mãos levemente trêmulas tocarem com suavidade minha face e nuca. Por um instante pensei que fosse Angélica. Mas, após ouvir aquela voz inconfundível saindo das profundezas do seu estômago, eu soube que era o velho xamã Puriwariwe, entoando um cântico. Tentei focalizar meus olhos, mas o rosto dele continuou distorcido, como se eu estivesse vendo através de

camadas de água. Eu queria perguntar-lhe onde ele estivera, pois não o vira desde o primeiro dia da festa, mas as palavras não eram mais que visões em minha cabeça.

Não sei se estivera inconsciente ou se pegara no sono, mas, quando despertei, Puriwariwe não estava mais ali. Em vez disso, vi o rosto de Eteawa inclinado sobre o meu, tão próximo que eu poderia tocar os círculos vermelhos em suas faces, entre as sobrancelhas e nos cantos de cada olho. Estiquei o braço, mas não havia ninguém. Fechei os olhos; os círculos dançavam dentro de minha cabeça como um véu vermelho num vazio escuro. Fechei-os mais apertados até que a imagem se desfez em mil fragmentos. O fogo tinha sido reaceso, enchendo a cabana com um calor aconchegante que me fez sentir como se estivesse envolta num casulo opaco de fumaça. Sombras dançantes silhuetadas contra a escuridão refletiam-se na patina dourada das cabaças pendentes dos caibros.

Rindo, feliz, a velha Hayama entrou na cabana e sentou-se no chão, a meu lado.

— Pensei que você fosse dormir até de manhã. — Erguendo as mãos até minha cabeça, seus dedos procuraram até achar o caroço inchado atrás de minha orelha. — Está grande — disse. Suas feições desgastadas expressavam um distante pesar; seus olhos mantinham uma leve e suave luminosidade.

Sentei-me na rede de fibra. Só então me dei conta de que não estava na cabana de Eteawa.

— Iramamowe — disse Hayama antes que eu tivesse oportunidade de perguntar onde eu estava. — Foi à cabana mais próxima para Puriwariwe trazer você de volta a si, depois que foi atingida por uma das toras.

A lua havia subido alto no céu. Sua pálida luz difusa se espalhava na clareira. A dança cessara, ainda que uma vibração inaudível permanecesse no ar.

Gritando, batendo com seus arcos e flechas, um grupo posicionou-se num semicírculo em frente à cabana. Iramamowe e um dos visitantes pararam no meio de homens que gesticulavam. Eu não sabia de qual assentamento o convidado provinha; era incapaz de distinguir os vários grupos que tinham vindo desde o início das festividades.

Iramamowe abriu as pernas numa postura firme, erguendo o braço esquerdo sobre a cabeça e expondo o peito estofado.

— Ha, ha ahaha, aita; aita — gritou, batendo o pé no chão, um grito destemido que significava desafiar o oponente a atacá-lo.

O jovem visitante calculou sua distância medindo o comprimento de seu braço até o corpo de Iramamowe; ensaiou várias vezes até que, com o punho fechado, assentou um potente soco no lado esquerdo do peito de Iramamowe.

Meu corpo se contraiu em choque. Senti náuseas como se a dor percorresse meu próprio corpo.

— Por que eles estão lutando? — perguntei a Hayama.

— Não estão lutando — disse ela, rindo. — Eles querem ouvir seus hekuras, a essência da vida que habita dentro de seus peitos, ressoando. Eles querem ouvir como os hekuras vibram com cada soco.

A multidão ovacionava, entusiasmada. O jovem visitante recuou, o peito arfando de excitação, e golpeou Iramamowe outra vez. O queixo erguido com arrogância, olhos perfeitamente calmos, o corpo rígido em desafio, Iramamowe agradeceu os aplausos. Foi só depois do terceiro soco que ele vacilou em sua postura. Por um instante, seus lábios se dividiram num esgar apreciativo, depois se fixaram uma vez mais num rosnado de indiferença e desdém. O persistente tamborilar de seu pé, explicou-me Hayama, nada mais revelava senão seu tédio; o adversário ainda não o golpeara com força suficiente.

Com mórbida e justificada espécie de satisfação, eu esperava Iramamowe sentir a dor de cada soco. Ele merecia, pensei. Desde que eu o vira bater na mulher, tinha alimentado um ressentimento contra ele. Contudo, enquanto observava, não pude deixar de admirar o modo galante como ele permanecia no meio da multidão. Havia algo de infantilmente desafiador no agressivo aprumo de suas costas, na maneira como seu peito golpeado estava estofado para a frente. Seu rosto redondo e achatado, com a testa estreita e o lábio superior espichado, parecia vulnerável enquanto ele encarava o jovem à sua frente. Imaginei se o leve tremor em seus olhos castanhos denunciaria que ele estava abalado.

Com uma força dilacerante, o quarto soco bateu no peito de Iramamowe. Reverberou como as pedras que tombavam no rio durante uma tempestade.

— Acho que ouvi seus hekuras — falei, certa de que uma das costelas de Iramamowe se quebrara.

— Ele é waiteri — os iticoteris e seus convidados gritaram em uníssono. Saltitavam com expressões extasiadas, fazendo os arcos e flechas se chocarem acima de suas cabeças.

— Sim, ele é valente — repetiu Hayama, os olhos fixados em Iramamowe, que, satisfeito por seus hekuras terem ressoado poderosamente, permanecia ereto entre os homens que o saudavam, seu peito golpeado inflando-se de orgulho.

Silenciando os presentes, o chefe Arasuwe deu um passo à frente do seu irmão.

— Agora você leva socos de Iramamowe — disse ao jovem que aplicara os quatro golpes.

O visitante posicionou-se na mesma postura desafiadora diante de Iramamowe. O sangue fluíu da boca do jovem enquanto ele desabava ao chão após o terceiro soco do oponente.

Iramamowe saltou no ar, depois começou a dançar ao redor do homem caído. O suor brilhava em sua face, nos músculos retesados de seu pescoço e ombros. Mas sua voz soou clara e vibrante de alegria quando gritou:

— Ai ai aiaiaiai, ai, ai!

Duas das mulheres visitantes carregaram o homem ferido para a rede vazia perto daquela onde eu me sentara com Hayama. Uma delas gritou; a outra inclinou-se sobre o homem e começou a sugar-lhe sangue e saliva da boca até sua respiração voltar em lentos e dosados arquejos.

Iramamowe desafiou outros dos convidados a bater nele. Após receber o primeiro murro, caiu de joelhos no solo, de onde desafiou o oponente a bater mais uma vez. Cuspiu sangue ao levar o próximo soco. O convidado agachou e encarou Iramamowe. Um passou os braços ao redor do outro e trocaram um abraço.

— Você bate bem — disse Iramamowe, sua voz quase um sussurro inaudível. — Meus hekuras estão cheios de vida, poderosos e felizes. Nosso sangue correu. Isso é bom. Nossos filhos serão fortes. Nossos pomares e os frutos da floresta irão amadurecer com doçura.

O convidado expressou pensamentos similares. Com votos de amizade eterna, prometeu dar a Iramamowe um facão de mato que obtivera de um grupo de índios que acampara perto do grande rio.

— Tenho que observar aquele ali mais de perto — disse Hayama, saindo da cabana. Seu filho mais novo era um dos homens que caminharam até o círculo para o próximo combate do ritual dos socos.

Eu não queria ficar com o ferido ali na cabana de Iramamowe. As duas mulheres que o haviam trazido saíram para pedir ao xamã de seu próprio grupo que preparasse alguma bebida capaz de aliviar a dor no peito do homem.

Minha cabeça começou a girar quando levantei. Lentamente caminhei através das cabanas vazias até encontrar a de Etewa. Estirei-me em minha rede de algodão; um silêncio soturno fechou-se sobre mim como se eu estivesse caindo num leve desmaio.

Fui acordada por gritos furiosos. Alguém dizia:

— Etewa, você dormiu com minha mulher sem a minha permissão.

A voz soou tão perto que foi como se tivesse falado em meu ouvido. Sobressaltada, sentei-me. Um grupo de homens, aos risos, se reunira em frente à cabana. Etewa, parado perfeitamente ereto no meio da multidão, o rosto uma impenetrável máscara, não contestou a acusação. De súbito, gritou:

— Você e sua família têm comido como porcos nos últimos três dias. — Era uma acusação deplorável; aos visitantes era concedido tudo que pediam, pois durante a festa os pomares e territórios de caça dos anfitriões ficavam à disposição dos convidados. Ser insultado dessa maneira significava que o homem tirara vantagem de seu status privilegiado. — Ritimi, traga minha nabrushí — gritou Etewa, olhando carrancudo para os jovens furiosos diante dele.

Soluçando, Ritimi correu para a cabana, pegou a borduna e, sem olhar para o marido, entregou-lhe o cacete de 1,20m.

— Não posso ver — disse ela, jogando-se na minha rede. Pus meus braços em torno dela, tentando confortá-la. Não estivesse ela tão angustiada, eu poderia ter rido. Nem de longe tinha relação com a infidelidade de Etewa. Ritimi temia que a noite pudesse terminar numa briga séria. Observando os dois homens furiosos gritando um para o outro e a reação excitada da multidão, eu não poderia evitar, como também ficaria alarmada.

— Bata na minha cabeça — desafiou o enraivecido visitante. — Bata, se você é homem. Vamos ver se podemos rir juntos de novo. Vamos ver se minha raiva passa.

— Nós dois estamos nervosos — gritou Etewa com vigor insolente, sopesando a nabrushí na mão. — Devemos apaziguar nossa raiva. — Então, sem maiores cerimônias, desferiu uma firme pancada na cabeça tonsurada do homem.

O sangue esguichou do ferimento. Lentamente, espalhou-se por sua face até ficar coberta com uma grotesca máscara vermelha. Suas pernas vacilaram, já se curvando debaixo dele. Mas ele não caiu.

— Bata e ficaremos amigos de novo — gritou Etewa, beligerante, silenciando a multidão. Alinhou-se com sua borduna, baixou a cabeça e esperou. Quando o homem o golpeou, Etewa ficou momentaneamente atordoado; o sangue fluiu por suas sobrancelhas e pestanas, forçando-o a fechar os olhos. Os urros explosivos dos homens quebraram o silêncio, um coro de gritos de aprovação pedindo que se batessem novamente.

Num misto de fascinação e desprazer, eu observava os dois homens se encarando. Seus músculos estavam fortemente retesados, as veias do pescoço distendidas, os olhos brilhantes, como se rejuvenescidos pelo raivoso fluxo de sangue. Seus rostos, transformados em máscaras vermelhas de desdém, não denotavam dor enquanto faziam roda um em volta do outro, como dois galos feridos.

Com as costas da mão, Etewa limpou o sangue que obstruía sua visão, depois cuspiu. Erguendo sua borduna, deixou-a cair sobre a cabeça do oponente, que, sem emitir um som, desabou ao solo.

Estalando as línguas, seus olhos meio fora de foco, os espectadores emitiram gritos como que de medo. Eu estava certa de que uma luta iria irromper, enquanto o shabono inteiro enchia os ares com seus gritos ensurdecedores. Agarrei-me ao braço de Ritimi e fiquei surpresa de ver sua face manchada de lágrimas marcada por uma expressão complacente e quase satisfeita. Ela explicou que poderia dizer pelo tom dos gritos dos

homens que não tinham mais nada a ver com os insultos iniciais. Tudo que os interessava agora era testemunhar o poder dos hekuras de cada homem. Não havia vencedores nem vencidos. Se um guerreiro caísse, só revelaria que seus hekuras não estavam fortes o bastante no momento.

Um dos espectadores esvaziou uma cabaça cheia de água sobre o hóspede prostrado, puxou suas orelhas, limpou-lhe o sangue do rosto. Depois, ajudando-o a levantar, entregou ao homem meio grogue a sua borduna e instou-o a bater mais uma vez na cabeça de Etewa. O homem mal tinha força para erguer o pesado porrete; em vez de acertar a cabeça de Etewa, o golpe atingiu-o no meio do peito.

Etewa caiu de joelhos; o sangue gotejou de sua boca, sobre os lábios, queixo e garganta, desceu pelo peito e coxas, uma trilha vermelha filtrando-se até a terra.

— Como você bate bem — disse Etewa numa voz estrangulada. — Nosso sangue correu. Não teremos mais encrencas. Acalmamos nossa raiva.

Ritimi foi até Etewa. Suspirando alto, caí de volta na minha rede e fechei os olhos. Já vira sangue demais naquela noite. Apalpei a área inchada na minha cabeça, querendo saber se tinha uma concussão grave.

Quase caí de minha rede, como se alguém tivesse se pendurado na corda de cipó que a atava a uma das estacas da cabana. Espantada, olhei para o rosto ensangüentado de Etewa. Ou ele não me vira ou estava incapaz de saber onde dormia, porque desabou em cima de mim. O odor de sangue, quente e pungente, mesclava-se com o cheiro acre de sua pele. Re-pugnada e fascinada, eu nada podia fazer senão olhar para o talho aberto em seu crânio, ainda sangrando, o peito inchado e arroxeadado.

Eu imaginava como livrar minhas pernas de sob o seu peso quando Ritimi entrou na cabana carregando uma cabaça cheia de água, que aqueceu sobre o fogo. Com perícia, ela o ergueu um pouco e instou-me a deslizá-lo por trás da rede, de modo a que pudesse ampará-lo em meus joelhos levantados. Gentilmente, ela lavou-lhe o rosto e o peito.

Etewa tinha seus 25 anos; mesmo com o cabelo grudado à testa, seus lábios divididos fortemente, ele parecia tão desamparado quanto uma criança dormindo. Ocorreu-me que ele poderia morrer de lesões internas.

— Amanhã ele estará bem — disse Ritimi, como se tivesse adivinhado meus pensamentos. Suavemente, começou a rir. Seu riso tinha o som de uma secreta alegria infantil. — É bom o sangue correr. Sinal de que os hekuras estão fortes. Ele é waiteri.

Etewa abriu os olhos, grato por ouvir o elogio de Ritimi. Ele murmurou algo ininteligível enquanto fitava meu rosto.

— Sim. Ele é waiteri — concordei com Ritimi. Tutemi chegou com uma infusão quente e escura.

— O que é isso? — perguntei.

— Remédio — disse Tutemi, sorrindo. Ela enfiou o dedo na infusão, depois encostou-o em meus lábios. — Puriwariwe o fez de raízes e plantas mágicas.

Um lampejo de contentamento brilhou nos olhos de Tutemi enquanto forçava Etewa a beber o chá de gosto amargo. O sangue correrá; ela estava convencida de que iria gerar um filho forte e saudável.

Ritimi examinou minhas pernas, que estavam cortadas e machucadas, por eu ter sido arrastada através da clareira por Puriwariwe, e lavou-as com o restante da água morna. Deitei-me na desconfortável rede de fibra de Etewa.

A lua, circundada por uma névoa amarela, movera-se até quase acima do horizonte de árvores. Uns poucos homens continuavam dançando e cantando na clareira; então, uma nuvem cobriu a lua, escurecendo tudo. Apenas o som das vozes, não mais estridente, mas um suave murmúrio, dizia-me que os homens permaneciam lá. A lua se revelou mais uma vez, sua luz pálida iluminando as copas das árvores, e as figuras de

pele bronzeada se materializaram contra a escuridão, sombras de corpos longos dando substância ao suave bater de arcos e flechas.

Alguns dos homens cantaram até um anel de luz aparecer sobre as árvores a leste. Nuvens de um púrpura escuro como das feridas no peito de Etewa cobriram o céu. O orvalho brilhava nas folhas, na franja das copas das árvores, elevando-se em torno das cabanas. As vozes começaram a se desvanecer, deslizando à brisa fria da aurora.

Terceira Parte

9

PLANTAR E SEMEAR ERA essencialmente uma tarefa masculina, embora a maioria das mulheres acompanhasse seus maridos, pais e irmãos sempre que eles saíam para trabalhar nas hortas pela manhã. Além de se manterem na companhia deles, as mulheres ajudavam a semear ou aproveitavam a oportunidade para catar lenha se novas árvores tivessem sido derrubadas.

Por várias semanas eu tinha ido com Etewa, Ritimi e Tutemi até seus pedaços de terra. As longas e árduas horas passadas na semeadura pareciam inúteis, pois não havia qualquer melhoramento visível. O sol e a chuva favoreciam por igual o crescimento de todas as espécies, sem reconhecer as preferências humanas.

Cada chefe de família possuía seu próprio pedaço de terra, demarcado pelos troncos das árvores derrubadas. A horta de Etewa ficava perto da de Arasuwe, que cultivava a maior área entre os iticoteris, por isso saiu do seu lote a alimentação dos convidados à festa.

No início eu nada reconhecera senão bananas-da-terra, várias outras espécies de banana e diversas palmeiras espalhadas pelos pomares. As palmeiras eram deliberadamente cultivadas pelo seu fruto, cada árvore pertencendo ao indivíduo que a plantasse. Eu ficara surpresa ao descobrir entre o emaranhado de arbustos um sortimento de raízes comestíveis como mandioca e batata-doce, e trepadeiras de abóboras maduras, algodão, tabaco e plantas mágicas. Também cresciam nas hortas, bem como nas cercanias do shabono, às árvores de flores cor-de-rosa e vagens vermelhas das quais era feita a pasta onoto.

Feixes das espinhosas vagens vermelhas eram cortados e debulhados; as sementes de um escarlate brilhante, junto com a polpa carnuda que a rodeava, eram colocadas numa grande cabaça cheia d'água. Tão logo eram esmagadas e misturadas, a pasta onoto era posta a ferver por uma tarde inteira. Após esfriar durante a noite, a massa semi-sólida era envolta em camadas perfuradas de folhas de bananeira e então pendurada num dos caibros da cabana para secar. Poucos dias depois, a pasta vermelha era transferida para pequenas cabaças, prontas para uso.

Ritimi, Tutemi e Etewa tinham cada um seus próprios pés de tabaco e plantas mágicas na horta de Etewa. Tal como os canteiros de tabaco dos demais, os deles eram cercados com espetos e ossos pontiagudos para afastar os intrusos. O tabaco jamais era colhido sem permissão; havia briga sempre que isso ocorria. Ritimi me mostrara várias de suas plantas mágicas. Algumas eram usadas como afrodisíaco e agentes protetores;

outras eram empregadas para propósitos maléficis. Etewa nunca falava sobre suas plantas mágicas, e Ritimi e Tutemi presumiam que ele nada soubesse sobre elas.

Uma vez observei Etewa cavar uma raiz bulbosa. No dia seguinte, antes de partir para a caça, ele passou a raiz amassada por suas pernas e pés. Nosso jantar aquela noite foi carne de tatu.

— Que planta poderosa — comentara eu. Intrigado, ele me olhara por longo tempo. Depois, rindo disse:

— Raízes de adorna protegem contra picadas de cobra. Em outra ocasião, quando eu estava sentada na horta com

o pequeno Sisiwe, ouvindo sua detalhada explanação concernente à variedade de formigas comestíveis, vimos seu pai colher outra de suas raízes. Etewa esmagou a raiz, misturou-a com onoto e passou a substância pelo corpo inteiro.

— Um porco-do-mato cruzará o caminho de meu pai — sussurrou Sisiwe. — Eu sei, por causa da raiz que ele usou. Tem uma planta mágica para cada animal.

— Até mesmo os macacos? — indaguei.

— Os macacos são assustados por gritos terríveis — disse Sisiwe sabiamente. — Paralisados de medo, eles não conseguem fugir, e os homens podem então matá-los.

Certa manhã, quase oculta por trás da emaranhada massa de trepadeiras e arbustos, captei uma visão de Ritimi. Eu podia ver apenas sua cabeça elevando-se por trás dos caules arborizados, folhas pontudas e ramos de flores brancas em forma de sino dos pés de mandioca. Ela parecia estar falando sozinha; eu não podia ouvir o que dizia, mas seus lábios moviam-se incessantemente, como se estivesse recitando algum encantamento. Imaginei se estava encantando seus pés de tabaco para crescerem mais rápido ou se na verdade pretendia surripiar algum do canteiro de Etewa, que ficava ao lado.

Sub-repticiamente, Ritimi avançou cautelosa até o meio de seu próprio canteiro de tabaco. Seu ar de urgência era inconfundível enquanto arrancava ramos e folhas. Olhando em volta, enfiou-os em seu cesto, depois cobriu-os com folhas de bananeira. Sorrindo, ergueu-se; hesitou por um instante, depois caminhou na minha direção.

Arregalei os olhos em fingida surpresa ao sentir sua sombra acima de mim.

Ritimi colocou o cesto no chão e sentou-se ao meu lado. Eu ardia de curiosidade, embora soubesse que seria fútil perguntar o que ela estivera fazendo.

— Não toque o fardo no meu cesto — disse ela após um momento, incapaz de reprimir uma risada. — Eu sei que esteve me observando.

Senti-me enrubescer e sorri.

— Você roubou algum pé de tabaco de Etewa?

— Não — disse ela com um arremedo de horror. — Ele conhece suas folhas tão bem que notaria se estivesse faltando uma.

— Pensei ter visto você no canteiro dele — falei casualmente.

Levantando as folhas de bananeira do cesto, Ritimi disse:

— Eu estava no meu próprio canteiro. Veja, peguei alguns ramos de okoshiki, uma planta mágica — sussurrou. — Dará uma poderosa mistura.

— Você vai curar alguém?

— Curar! Você não sabe que só o shapori cura? — Inclinando a cabeça ligeiramente para um lado, ela refletiu, antes de continuar: — Vou enfeitiçar aquela mulher que manteve relação com Etewa durante a festa — disse ela, com um longo sorriso.

— Talvez você devesse preparar uma porção também para Etewa — falei, olhando-a no rosto. Sua mudança de expressão pegou-me de surpresa. Sua boca transformou-se numa linha estreita; os olhos apertados se focalizaram em mim. — Afinal, ele é tão

culpado quanto a mulher — murmurei em tom de desculpas, sentindo-me pouco à vontade sob seu rígido exame.

— Não viu com que descaramento aquela mulher escarneceu dele? — disse Ritimi, cheia de reprovação. — Não viu com que vulgaridade todas aquelas mulheres visitantes se comportaram? — Ritimi suspirou, quase comicamente, e acrescentou, com indisfarçável desapontamento: — Às vezes você é bem idiota.

Eu não soube o que dizer. Estava convencida de que Etewa era tão culpado quanto a mulher. Por falta de alguma coisa melhor, sorri. A primeira vez em que descobri Etewa numa situação comprometedora tinha sido quase accidental. Como todos faziam, eu saía da cabana todas as manhãs para fazer minhas necessidades. Sempre me perdia um pouco mais longe da floresta, por trás da área reservada para evacuação humana. Certa manhã, sobressaltei-me por um leve gemido. Acreditando que fosse um animal ferido, rastejei, o mais quietamente que pude, na direção do ruído. Totalmente surpresa, mal pude crer que estava vendo Etewa em cima da esposa mais nova de Iramamowe. Ele olhou para o meu rosto, sorrindo encabulado, mas não parou de se mover em cima da mulher.

Mais tarde naquele dia, Etewa ofereceu-me um pouco do mel que achara na floresta. Mel era uma iguaria rara, e nunca era dividido com a mesma boa vontade como ocorria com os outros alimentos. De fato, na maioria das vezes, o mel era consumido no próprio local em que o encontravam. Agradei a Etewa pelo presente, presumindo que estava sendo subornada.

Açúcares eram algo pela qual eu constantemente ansiava. Eu não ficava mais melindrada por consumir o mel junto com favos de cera, abelhas, larvas, crisálidas e pólen, como os iticoteris faziam. Sempre que Etewa trouxesse mel para o assentamento, eu me sentaria perto dele e olharia ansiosa para a pasta gotejante, cheia de abelhas em variados estágios do processo de metamorfose, até que ele me oferecesse um pouco. Nunca me ocorreu que ele acreditasse que eu tivesse finalmente aprendido que olhar para algo que alguém desejava, ou pedi-lo diretamente, era considerado um comportamento apropriado. Uma vez, esperando lembrá-lo que eu sabia de seu flerte, perguntei-lhe se não temia ser golpeado novamente na cabeça por algum marido enraivecido. Etewa me olhara em total espanto.

— É porque você não sabe o bastante... do contrário não diria tais coisas. — Seu tom era distante, o aspecto dos seus olhos arrogantes enquanto se voltava na direção de um grupo de rapazes empenhados em afiar pedaços de bambu que seriam usados como pontas de flechas.

Havia outras ocasiões, nem sempre accidentais, em que encontrava Etewa em circunstâncias similares. Logo se tornou óbvio que o amanhecer não era apenas a hora para satisfazer as funções básicas do organismo, mas também representava a oportunidade mais segura para práticas extraconjugais. Tornei-me grandemente interessada em saber quem estava traindo quem. Dando uma deixa uma para a outra na noite anterior, as partes envolvidas desapareciam no mato ao amanhecer. Poucas horas depois, muito casualmente, voltavam por caminhos diferentes, com frequência carregando nozes, frutos, mel, e às vezes até lenha. Alguns maridos reagiam com mais violência do que outros após saberem do comportamento de suas mulheres — e batiam nelas, tal como eu vira Iramamowe fazer. Outros, além de espancarem as esposas, exigiam um duelo de borduna com o homem culpado, que às vezes terminava numa luta maior envolvendo terceiros.

As palavras de Ritimi cortaram meus devaneios:

— Por que você está rindo?

— Porque você está certa — falei. — Eu às vezes sou mesmo estúpida. — Isso me despertou para o fato de que Ritimi sabia das atividades de Etewa; provavelmente todo o shabono sabia o que estava ocorrendo. Sem dúvida, fora uma coincidência Etewa ter-me oferecido o mel aquela primeira vez. Bastou-me examinar o acontecimento com suspeição, acreditando o tempo todo que eu tinha sido sua cúmplice.

Ritimi pôs os braços em torno do meu pescoço e plantou-me beijos estalados na face, assegurando-me que eu não era estúpida — apenas muito ignorante. Explicou que, contanto que soubesse com quem Etewa estava envolvido, não se preocupava muito com as escapadas amorosas do marido. Ela não estava exatamente satisfeita com isso, mas acreditava ter alguma espécie de controle se fosse com alguém de shabono. O que a afligia era a possibilidade de Etewa tomar uma terceira esposa de outro assentamento.

— Como vai enfeitiçar aquela mulher? — perguntei. — Você mesma vai preparar a mistura?

Levantando-se, Ritimi sorriu com óbvia satisfação.

— Se eu lhe disser agora, a magia não vai funcionar. — Fez uma pausa, com uma expressão interrogativa nos olhos. — Eu lhe contarei sobre isso depois que tiver enfeitiçado a mulher. Talvez algum dia você vá precisar enfeitiçar alguém.

— Você vai matá-la?

— Não. Não sou tão corajosa. A mulher terá dores nas costas até sofrer um aborto. — Ritimi pendurou o cesto nos ombros, depois seguiu para as três árvores deixadas de pé perto de sua plantação de tabaco. — Venha, preciso descansar antes de me banhar no rio.

Fiquei de pé imóvel por um momento para acalmar meus músculos com câibras, depois fui atrás dela. Ritimi sentou-se no chão, descansando as costas contra o maciço tronco de árvore. Suas folhas eram como mãos abertas entre nós e o sol, proporcionando uma sombra fresca. A terra, coalhada de folhas, era macia. Pousei minha cabeça na coxa de Ritimi e observei o céu — tão azul e tão pálido que parecia transparente. A brisa sussurrava por entre as moitas de taquara que cresciam atrás de nós, gentilmente, como se relutando em impor-se sobre a quietude do meio da manhã.

— O inchaço se foi — disse Ritimi, passando os dedos pelos meus cabelos. — E não ficaram cicatrizes em suas pernas — acrescentou, zombeteira.

Concordei, sonolenta. Ritimi rira do meu medo de ficar doente do que ela considerava uma ferida insignificante. Ter sido puxada para a segurança por Puriwariwe era garantia suficiente de que eu estaria bem, assegurou-me ela. Todavia, eu ficara temerosa de que os cortes em minha perna infeccionassem e insistira para que ela os lavasse diariamente com água fervida. A velha Hayama, como uma precaução adicional, passara nos ferimentos um pó de ninho de formiga queimado, garantindo que era um desinfetante natural. Não tive reações maléficas ao pó ardente; os cortes sararam com rapidez.

Através de pálpebras semicerradas, olhei a etérea amplidão das hortas diante de mim. Assustada por gritos vindos da extremidade mais afastada das hortas, abri os olhos. Iramamowe parecia ter-se materializado de debaixo das bananeiras em seu caminho na direção do céu. Fascinada, segui seus movimentos enquanto ele trilhava seu caminho até o tronco espinhoso de uma palmeira de rasha. Para não se ferir nos espinhos, ele trabalhava com dois pares de estacas cruzadas amarradas juntas, as quais colocava no tronco uma de cada vez. Relaxado, um movimento levando ao seguinte sem uma parada considerável, ele alternava-se entre colocar um par de estacas cruzadas e erguer o outro par para colocá-lo mais alto no tronco, até alcançar os feixes amarelos de rasha, a pelo menos vinte metros acima do solo. Por um momento ele desapareceu sob as copas das palmeiras que formavam um arco prateado contra o céu. Iramamowe cortou as drupas,

amarrou os pequenos feixes com uma longa parreira, depois acomodou-as no solo. Lentamente, retomou seu caminho, desaparecendo no verdor das folhas de bananeira.

— Gosto de drupas cozidas; elas cheiram como... — comecei a dizer, depois percebi que não sabia a palavra para "batata". Sentei-me. Com sua cabeça para o lado, a boca ligeiramente aberta, Ritimi parecia adormecida. — Vamos tomar banho — sugeri, fazendo cócegas no nariz dela com um pedaço de grama.

Ritimi olhou-me fixamente; tinha o olhar desorientado de alguém que acabara de despertar de um sonho. Vagarosamente, pôs-se de pé, bocejou e espreguiçou-se como um gato.

— Sim, vamos — disse ela, fixando o cesto em suas costas. — A água irá lavar meu sonho.

— Você teve um sonho ruim?

Ela olhou-me gravemente, depois tirou o cabelo da testa.

— Você estava sozinha numa montanha — disse ela vagamente, como se tentando lembrar seu sonho. — Você não estava assustada, embora estivesse chorando. — Ritimi fitou-me intensamente, depois acrescentou: — Então você me acordou.

Enquanto nos virávamos para a trilha que conduzia ao rio, Etewa veio correndo atrás de nós.

— Consiga algumas folhas de pishaansi — disse ele a Ritimi. Ele virou-se para mim. — Você vem comigo.

Segui-o através da área da floresta recém-limpada, onde os rebentões de banana-da-terra novos já tinham sido plantados entre o entulho das árvores derrubadas, as bainhas aparadas da folha expostas acima do solo.

Distavam de três a quatro metros um do outro, permitindo que no futuro as folhas das plantas em pleno crescimento ficassem sobrepostas mas não fizessem sombra umas às outras. Fazia apenas uns poucos dias que Iramamowe e outros aparentados do chefe Arasuwe o tinham ajudado a separar os rebentões do grande caule subterrâneo das bananeiras. Num dispositivo feito com videiras e folhas grossas, adaptado a uma faixa que passava pela testa e ombros, eles transportaram os rebentões até o novo sítio.

— Encontrou algum mel? — perguntei ansiosa.

— Mel não — disse Etewa —, mas uma coisa também deliciosa. — Apontou para onde estavam Arasuwe e seus dois filhos mais velhos. Eles revezavam-se em chutar uma velha bananeira. Centenas de larvas gordas e esbranquiçadas caíram do tronco de múltiplas camadas.

Tão logo Ritimi retornou com as folhas de pishaansi apanhadas na floresta, os garotos pegaram os vermes retorcidos e puseram-nos nas folhas robustas e largas. Arasuwe acendeu um pequeno fogo. Um de seus filhos segurava um pedaço de madeira de forma elíptica com os pés firmemente apoiados no solo, enquanto Arasuwe girava o pau entre as palmas das mãos com espantosa velocidade. A serragem inflamada pôs fogo no ninho das larvas, sobre o qual gravetos e brotos estavam grudados.

Ritimi cozinhou as larvas apenas um momento, até que as folhas de pishaansi ficassem pretas e quebradiças. Abrindo um dos fardos, Etewa molhou o dedo indicador com saliva, passou-o nas larvas torradas e depois me ofereceu a iguaria.

— Tem gosto bom — insistiu quando virei o rosto. Dando de ombros, ele lambeu o próprio dedo.

Murmurando entre porções de larvas, Ritimi instou-me a provar.

— Como pode dizer que não gosta se nunca experimentou?

Com o polegar e o indicador, coloquei na boca uma das larvas acinzentadas e ainda macias. Não era diferente de escargot, disse para mim mesma, ou ostras cozidas. Mas,

quando tentei engolir, a larva ficou grudada na minha língua. Tentei empurrá-la de novo, esperei até juntar bastante saliva e então engoli como se fosse uma pílula.

— De manhã, tudo que consigo comer é banana-da-terra — falei enquanto Etewa empurrava um punhado à minha frente.

— Você trabalhou na horta — disse. — Tem que comer. Quando não há alimento, é bom comer isto. — Ele recordou-me que eu gostara das formigas e lacraias que ele me oferecera em várias ocasiões.

Olhando para seu rosto ansioso, não pude me forçar a dizer que não gostara nem um pouco, muito embora as lacraias parecessem petiscos vegetais bem fritos. Relutante, forcei-me a engolir um pouco mais das larvas torradas.

Eu e Ritimi seguíamos à retaguarda dos homens em nosso caminho para o rio. Crianças espadanando a água cantavam sobre um gordo porco-do-mato que caíra numa piscina natural profunda e se afogara. Homens e mulheres se esfregavam com folhas; seus corpos reluziam ao sol, dourados e macios. Gotículas espalhadas na ponta de seu cabelo rente refletiam a luz como contas de diamantes.

A velha Hayama acenou para que eu fosse sentar perto dela numa grande rocha à beira do rio. Imaginei que eu me tornara um encargo especial da avó de Ritimi, e que ela assumira isso como um desafio pessoal para me engordar. Como as crianças no shabono, que se fossem bem-alimentadas cresceriam fortes e saudáveis, a velha Hayama assegurava-se de que eu tivesse fartura de petiscos todas as horas do dia. Satisfazia meu apetite insaciável por coisas doces. Sempre que alguém achava o doce e espesso mel de cor suave produzido por abelhas sem ferrão — a única espécie dada às crianças —, a velha Hayama cuidava para que eu ganhasse um pouco. Se o mel das abelhas-pretas com ferrão era trazido para o shabono, Hayama também garantia a minha parte. Só os adultos partilhavam esta espécie, pois os iticoteris achavam que provocava náusea e até morte nas crianças. Os iticoteris tinham certeza de que nenhum mal resultaria se eu comesse das duas espécies de mel, pois eram incapazes de decidir se eu era adulta ou criança.

— Coma isto — disse a velha Hayama, me oferecendo alguns frutos sopaa. De uma cor verde-amarelada, tinham o tamanho de limões. Abri-os usando uma pedra (eu já quebrara um dente tentando abrir nozes e frutos como os iticoteris faziam) e suguei a doce polpa branca, cuspindo fora as pequenas sementes de cor marrom. O sumo viscoso grudava em meus dedos e boca.

A pequena Texoma montou nas minhas costas, empoleirando na minha cabeça o pequeno macaco-prego que ela levava para todo lado, dia e noite. O bichinho enrolou sua comprida cauda em volta do meu pescoço, tão apertado que quase sufoquei. Uma mão peluda puxava meu cabelo enquanto a outra balançava diante do meu rosto, tentando roubar minha fruta. Receando engasgar com pêlo e piolho de macaco, tentei sacudi-lo de cima de mim. Mas Texoma e sua mascote gritavam delicias, pensando que eu estava brincando. Baixando meus pés para a água, tentei puxar minha camiseta por cima da cabeça. Pegos de surpresa, macaco e criança pularam fora.

As crianças puxaram-me para a areia, caindo a meu lado. Rindo, começaram, uma a uma, a andar sobre minhas costas, e usufruí do prazer de seus pequenos e gelados pés sobre meus músculos doloridos. Em vão eu tentara convencer as mulheres a massagear meus ombros, pescoço e costas depois de ter trabalhado durante horas na lavoura. Sempre que eu tentara mostrar a elas como me sentia bem, deram-me a entender que, embora gostassem de ser tocadas, massagem era algo que apenas os shaporis faziam quando uma pessoa estava doente ou enfeitiçada. Felizmente, não faziam objeções a que

as crianças andassem sobre minhas costas. Para os iticoteris era quase inconcebível que alguém realmente extraísse prazer de um ato tão bárbaro.

Tutemi sentou-se ao meu lado na areia e começou a embrulhar os fardos de pishaansi que Ritimi lhe dera. Sua barriga de grávida e os seios intumescidos pareciam sustentados no lugar pela pele retesada. Ela nunca se queixava de dores ou náuseas, nem tinha desejos de qualquer tipo. De fato, havia tantos tabus a que uma grávida devia observância que eu freqüentemente me perguntava como elas podiam parir bebês saudáveis. Não podiam comer carne de caça. Sua única fonte de proteína eram insetos, nozes, larvas, peixe e certos tipos de pequenos pássaros.

— Quando vai ter o bebê? — perguntei, acariciando o lado de seu estômago.

Franzindo as sobrancelhas em concentração, Tutemi pensou por um momento.

— Esta lua vem e vai; uma outra vem e vai, depois mais uma vem e, antes que se vá, eu terei um saudável bebê.

Especulei se ela estava certa. Pelos seus cálculos, aquilo significava três meses. Para mim, ela parecia pronta para o parto a qualquer momento.

— Há peixe rio acima... do tipo que você gosta — disse Tutemi, sorrindo para mim.

— Vou dar uma nadada rápida, depois irei pescar com você.

— Posso ir nadar com você? — pediu a pequena Texoma.

— Vai ter que deixar o macaco aqui — disse Tutemi.

Texoma empoleirou o macaco-prego na cabeça de Tutemi e veio correndo para mim. Gritando de satisfação, deitou em minhas costas, já na água, suas mãos agarrando meus ombros. Estendi meus braços e pernas lenta e plenamente a cada braçada, até alcançar uma piscina natural na margem oposta

— Quer mergulhar até o fundo? — perguntei.

— Quero, quero — gritou ela, focinhando minha bochecha com seu narizinho. — Vou ficar de olhos abertos, não vou respirar, e vou me agarrar com força mas sem sufocar você.

A água era muito profunda. Os seixos borrados de cinza, cinabre e branco que repousavam na areia âmbar reluziam brilhantemente, a despeito das árvores que sombreavam o local. Senti as mãos de Texoma puxando meu pescoço; nadei depressa para a superfície.

— Saia — gritou Tutemi tão logo avistou nossas cabeças. — Estamos esperando você. — E apontou para as mulheres perto dela.

— Vamos voltar para o shabono agora — disse Ritimi. — Se encontrar Kamosiwe, dê isto a ele. — Entregou-me o último dos fardos de larvas.

Segui as mulheres e vários homens pela trilha bem batida. Logo encontramos Kamosiwe, parado no meio da trilha. Reclinado contra seu arco, ele parecia caído no sono. Coloquei o fardo a seus pés. O velho abriu seu olho bom; o sol brilhante o fez piscar, desfigurando de modo grotesco seu rosto cheio de cicatrizes. Ele pegou as larvas; lentamente, começou a comer, apoiando-se ora num pé ora noutro.

Seguindo Kamosiwe enquanto ele escalava uma pequena colina cheia de mato, maravilhei-me com a excepcional agilidade com que se movia. Ele nunca olhava por onde caminhava, embora sempre evitasse as raízes e espinhos no solo.

Leve e encolhido pela idade, era o homem de aparência mais velha que eu já vira. Seu cabelo não era nem preto, nem cinza ou branco, mas de uma indistinta coloração lanosa de um esfregão que não era desenredado havia anos. Ainda assim era curto, como se aparado periodicamente. Provavelmente parará de crescer, decidi, tal como a penugem no seu queixo, que estava sempre do mesmo tamanho. As cicatrizes em seu rosto enrugado tinham sido causadas por um golpe de borduna que lhe arrancara um dos

olhos. Quando ele falava, sua voz não passava de um murmúrio, e eu tinha de adivinhar o que estava dizendo.

À noite ele costumava permanecer no meio da clareira, falando por horas sem fim. As crianças se agachavam, alimentando o fogo que tinha sido aceso para ele. Sua voz gasta possuía uma força e uma ternura que pareciam não combinar com sua aparência. Havia sempre um sentimento de necessidade urgente em suas palavras, um senso de premonição, de encantamento, enquanto se espalhavam na noite. "Há palavras de sabedoria, de tradição, preservadas na memória deste velho", explicara Milagros. Foi só depois das festas que ele mencionou que Kamosiwe era pai de Angélica.

— Quer dizer que é seu avô? — perguntei, descrente. Assentindo, Milagros acrescentou:

— Quando nasci, Kamosiwe era o chefe dos iticoteris.

Kamosiwe vivia por sua conta numa das cabanas próximas à entrada do shabono. Nem caçava e nem trabalhava na lavoura por muito tempo; contudo, nunca lhe faltava comida ou lenha. Ele acompanhava as mulheres às hortas ou à floresta quando elas iam colher nozes, frutos e lenha. Enquanto as mulheres trabalhavam, Kamosiwe limitava-se a observar, apoiado em seu arco, uma folha de bananeira presa na ponta de sua flecha para proteger seu rosto do sol.

Às vezes acenava com a mão — talvez para um pássaro, talvez para uma nuvem, que ele acreditava ser a alma de um iticoteri. Às vezes ria consigo mesmo. Mas na maioria das vezes ficava quieto, devaneando ou ouvindo o vento sussurrar por entre as folhas.

Embora nunca tivesse reconhecido minha presença entre seu povo, com frequência eu captava seu único olho fixado em mim. Às vezes eu tinha a nítida impressão de que ele procurava intencionalmente a minha presença, porque sempre acompanhava o grupo de mulheres com quem eu estava. E ao crepúsculo, quando eu ia buscar a solidão do rio, lá estaria ele, agachado não muito longe de mim.

Paramos num ponto onde o rio se alargava. As rochas escuras se espalhavam pela areia amarela, dando a impressão de que alguém deliberadamente as arrumara numa ordem simétrica. A água parada e sombreada era como um espelho escuro refletindo as raízes aéreas das gigantescas matapalos. Caindo de uma altura de trinta metros, elas sufocavam e apertavam as árvores. Tinha sido em um dos seus ramos, como uma minúscula semente despejada por um pássaro, que as mortíferas raízes haviam brotado inicialmente. Eu não sabia dizer em que espécie de árvore tinha sido — talvez uma ceiba, porque os galhos inclinados em trágica grandeza eram cheios de espinhos.

Munidas de galhos de arapuris que cresciam ali perto, algumas das mulheres vadeavam o rio pouco profundo. Seus gritos agudos e penetrantes quebravam a quietude enquanto batiam na água. Peixes assustados refugiavam-se sob folhas podres na margem oposta, onde as outras mulheres os capturavam com as mãos nuas. Cortando suas cabeças, elas jogavam os peixes ainda se contorcendo nos cestos dispostos na areia.

— Venha comigo — disse uma das mulheres do chefe. Tomando-me pela mão, conduziu-me um pouco mais rio acima. — Vamos tentar nossa sorte com as flechas dos homens.

Os homens e rapazes que nos acompanhavam foram circundados por um grupo de mulheres estridentes, que pediam suas armas emprestadas. A pesca era considerada uma atividade feminina; os homens só iam para rir e fazer chacota. Era a única vez em que permitiam às mulheres usar seus arcos e flechas. Alguns homens entregaram suas armas às mulheres, depois correram para a segurança na margem, com medo de um ferimento acidental. Ficaram deliciados quando nenhuma delas conseguiu flechar um peixe.

— Tente — disse Arasuwe, passando-me seu arco.

Eu tomara lições de arco e flecha na escola e estava certa de minha habilidade. Todavia, tão logo peguei o arco, soube que seria impossível. Eu mal conseguia retesá-lo; meu braço tremia incontrolavelmente enquanto disparava a curta flecha. Tentei outras vezes, mas não acertei um peixe sequer.

— Que maneira mais confiante de disparar — disse o velho Kamosiwe, entregando-me um arco menor, pertencente a uns dos filhos de Iramamowe. O garoto não reclamou, mas fitou-me carrancudo. Na sua idade, homem nenhum emprestava suas armas de bom grado a uma mulher.

— Tente de novo — insistiu Kamosiwe. Seu único olho brilhava com estranha intensidade.

Sem a mais leve hesitação, retesei o arco uma vez mais, mirando a flecha no bruxuleante corpo prateado que por um instante parecia imóvel sob a superfície. Senti a tensão do arco retesado afrouxar subitamente; a flecha disparou sem esforço. Ouvi distintamente o som agudo da flecha penetrando a água e depois vi uma trilha de sangue. Aplaudindo, as mulheres recolheram o peixe atravessado pela flecha. Não era maior que uma truta de tamanho médio. Devolvi a arma ao garoto, que me olhava com atônita admiração.

Procurei pelo velho Kamosiwe, mas ele se fora.

— Farei um arco pequeno para você — disse Arasuwe. — E flechas leves... do tipo usado para pegar peixes.

Os homens e mulheres tinham se reunido ao meu redor.

— Você realmente flechou o peixe? — perguntou um dos homens. — Tente de novo. Eu não vi.

— Ela flechou sim — assegurou-lhe a mulher de Arasuwe, mostrando o troféu.

— Ahahaha — exclamaram os homens.

— Onde aprendeu a atirar com arco e flecha? — quis saber Arasuwe.

Tentei, da melhor maneira que pude, explicar o que era uma escola. Notando os olhos intrigados de Arasuwe, desejei ter dito que aprendera com meu pai. Explicar algo que exigisse mais do que umas poucas sentenças de cada vez poderia se tornar uma experiência frustrante, não apenas para mim como também para meus ouvintes. Nem sempre era uma questão de saber escolher as palavras certas, mas sim a dificuldade derivada do fato de que certas palavras não existiam na língua deles. Quanto mais eu falava, mais conturbada se tornava a expressão de Arasuwe. Franzindo o cenho, desapontado, ele insistiu para que eu explicasse por que sabia usar arco e flecha. Desejei que Milagros não tivesse ido visitar outra aldeia.

— Sei de brancos que têm ótima pontaria com armas de fogo — disse Arasuwe. — Mas nunca vi um branco atirar de arco e flecha com tanta habilidade.

Senti uma necessidade de minimizar o fato. Aleguei que só acertara o peixe por pura sorte, era isso. Mas Arasuwe continuou insistindo que eu sabia usar armas índias. Até mesmo Kamosiwe notara a maneira como eu segurara o arco, disse em voz alta.

Creio que, de certa maneira, eu conseguira transmitir o conceito de escola, pois insistiram para que eu contasse o que mais havia aprendido. Os homens riram afrontosamente ao saberem que a maneira como eu enfeitara meu caderno de notas fora aprendida na escola.

— Você não deve ter aprendido direito — disse Arasuwe, convicto. — Seus desenhos são muito fracos.

— Sabe fazer facões de mato? — indagou um dos homens.

— É preciso centenas de homens para isso — falei. — Facões são feitos numa fábrica. — Quanto mais eu tentava fazê-los compreender, mais minha língua ficava

presa. — Só os homens fazem facões — disse por fim, grata por ter achado uma explicação que os satisfizesse.

— O que mais aprendeu? — indagou Arasuwe.

Desejei ter algum artefato comigo — gravador, lanterna, ou algo similar — para impressioná-los. Então me lembrei da ginástica que praticara durante vários anos.

— Posso saltar através do ar — falei de improviso. Limpando uma área quadrangular na praia arenosa, dispus quatro dos cestos com os peixes, um em cada canto do quadrado. — Ninguém pode penetrar neste espaço. — De pé no meio da minha arena, olhei para os curiosos rostos ao meu redor. Eles irromperam em hilariantes gargalhadas quando me viram fazer uma série de exercícios de alongamento. Embora a areia não tivesse a elasticidade de uma esteira de academia de ginástica, pelo menos fui consolada pelo pensamento de que não me machucaria se perdesse o pé de apoio. Dei saltos mortais para a frente e para trás, executei movimentos giratórios laterais, apoiando-me alternadamente nas palmas das mãos e nas solas dos pés. Eu não o fazia com a leveza e a graça de uma consumada ginasta olímpica, mas notei que agradava, pelos rostos admirados ao meu redor.

— Que coisas estranhas você aprendeu — disse Arasuwe. — Faça de novo.

— Só se pode fazer isso uma vez. — Sentei-me na areia para recuperar o fôlego.

Mesmo que quisesse, não conseguiria repetir o desempenho.

Os homens e mulheres se acercaram, os olhos intensos fixados em mim.

— O que mais sabe fazer? — perguntou um deles. Por um instante, fiquei perdida; pensava que já fizera demais. Após um momento de consideração, falei:

— Posso sentar na minha cabeça.

O riso sacudiu seus corpos até lágrimas rolarem por suas faces.

— Sentar na cabeça — repetiam, sempre explodindo em novos acessos de riso.

Apoiei os antebraços no solo, coloquei a testa entre as palmas das mãos entrelaçadas e lentamente ergui o corpo. Certa do meu equilíbrio, cruzei minhas pernas erguidas. Os risos pararam. Arasuwe deitou-se plano no chão, seu rosto perto do meu. Ele sorriu, enrugando os cantos dos olhos.

— Garota branca, não sei o que pensar de você, mas o que sei é que, se for à floresta comigo, os macacos vão parar para ver você. Eles vão ficar encantados, sentarão para lhe ver, e eu poderei caçá-los. — Tocou meu rosto com a enorme mão calosa. — Sente-se sobre as nádegas de novo. Seu rosto está vermelho, parece pintado com onoto. Tenho medo de que seus olhos caiam fora da cabeça.

De volta ao shabono, Tutemi colocou diante de mim, no chão, um dos fardos de peixe cozido em folhas de pishaansi. Peixe era meu alimento favorito. Para surpresa de todos, eu preferia peixe a tatu, porco-do-mato ou macaco. As folhas de pishaansi e a solução salina derivada das cinzas da árvore kurori adicionaram uma qualidade condimentada que realçava enormemente seu sabor natural.

— Seu pai queria que você aprendesse a atirar de arco e flecha? — perguntou Arasuwe, agachando-se perto de mim. Antes que eu pudesse responder, ele continuou: — Quando você nasceu ele queria um menino?

— Acho que não. Ele ficou muito contente quando nasci. Ele já tinha dois filhos.

Arasuwe abriu o fardo à sua frente. Silenciosamente, levantou o peixe para o meio das folhas, como se estivesse avaliando um mistério para o qual não tinha palavras adequadas. Instou-me a pegar um pouco do alimento. Com dois dedos e o polegar, levei uma boa porção do peixe à boca. Como era apropriado, lambi o sumo que escorria pelo meu braço abaixo, e quando encontrava uma espinha eu a cuspi no chão, sem desperdiçar nem um pouco da carne escamosa.

— Por que aprendeu a disparar flechas? — perguntou Arasuwe em tom imperioso. Sem pensar, respondi:
— Talvez algo em mim soubesse que eu viria para cá algum dia.
— Devia ter aprendido que garotas não usam arco e flecha. — Ele sorriu para mim brevemente, depois começou a comer.

10

O SUAVE RUÍDO DA CHUVA e das vozes de homens cantando fora da cabana acordou-me da minha soneca vespertina. As sombras começaram a se estender, e o vento brincava com as copas das palmeiras, curvando-as sobre os telhados. Sons e presenças encheram as cabanas, tudo de uma vez. Fogueiras foram atizadas. Logo, tudo cheirava a fumaça, umidade, comida e cães molhados. Havia homens entoando cânticos lá fora, sem se importarem com os pingos que espicaçavam suas costas, as faces parecendo máscaras. Seus olhos, aquosos pelo efeito do epena, fitavam as nuvens distantes, abertos amplamente para os espíritos da floresta.

Caminhei debaixo da chuva em direção ao rio. Os pesados pingos que tamborilavam nas folhas de ceiba despertaram os pequenos sapos ocultos sob a alta relva que crescia ao longo da margem. Sentei-me à beira d'água. Alheia à passagem do tempo, observei os círculos concêntricos de chuva se espalhando sobre o rio, flores rosadas arrastadas por algo como sonhos abandonados de outro lugar. O céu escureceu; o contorno das nuvens começou a ficar borrado, enquanto elas se fundiam umas às outras. As árvores se tornaram uma única massa. Folhas perdiam seus formatos peculiares, tornando-se indistinguíveis do céu noturno.

Ouvi um som lamuriento atrás de mim; olhei em volta, mas só vi o brilho desmaiado da chuva sobre as folhas. Tomada por inexplicável apreensão, subi a trilha que levava ao shabono. À noite eu nunca estava segura de nada; o rio e a floresta eram como presenças que eu podia sentir, mas jamais compreender. Escorreguei no caminho lodoso e bati com o dedão numa raiz retorcida. Ouvi mais uma vez um suave som lamuriento. Recordava-me os uivos melancólicos do cão de caça de Iramamowe, que, num acesso de raiva, ele atingira com uma flecha envenenada durante uma caçada, porque o animal latira na hora errada. O cão ferido retornara ao assentamento e se escondera fora da paliçada, onde ganira durante horas, até Arasuwe pôr um fim ao seu sofrimento com outra flechada.

Chamei suavemente. Os gritos cessaram, e então ouvi distintamente em gemido agonizante. Talvez fosse verdade que existissem os espíritos da floresta, pensei, empertigando-me. Os iticoteris sustentavam que havia seres que cruzavam a tênue fronteira que separava o animal do homem. Essas criaturas chamavam os índios à noite, atraindo-os para a própria morte.

Sufoquei um grito; parecia que uma forma se avultava da escuridão — alguma figura dissimulada que se movia entre as árvores a apenas um passo de onde eu me encontrava. Sentei-me de novo, num esforço para dissimular também. Ouvi uma débil respiração; era mais que um suspiro, acompanhado por um som chocalhante e sufocado. Por minha cabeça passavam as histórias de vingança, de sangrentos ataques, histórias que os homens gostavam de contar durante a noite. Em especial eu recordava a história do irmão de Angélica, o velho xamã Puriwariwe, que supostamente fora morto num ataque, embora não tivesse morrido.

— Ele foi flechado no estômago, onde a morte se esconde — dissera Arasuwe uma noite. — Ele não deitou em sua rede, mas permaneceu de pé no meio da clareira, apoiado em seu arco e flecha. Ele balançou, mas não caiu. Os atacantes permaneceram nas cercanias, incapazes de disparar outra flecha enquanto o velho invocava os espíritos. Com a flecha ainda cravada onde jaz a morte, ele desapareceu na floresta. Sumiu por muitos dias e noites. Viveu na escuridão da floresta sem comida ou bebida. Entoava cânticos aos hekuras de animais e árvores, criaturas inofensivas na claridade do dia, mas que nas trevas da noite causam terror a qualquer um que não saiba comandá-las. De seu lugar oculto, o velho shapori atraía seus inimigos, matando um por um com suas flechas mágicas. Ouvi de novo o som lamuriento, depois um ruído sufocante. Rastejei, evitando cuidadosamente os espinhos no mato rasteiro. Arfei aterrorizada quando toquei uma mão, os dedos curvados ao redor de um arco quebrado. Não reconheci o corpo estatelado até que toquei o rosto cheio de cicatrizes de Kamosiwe.

— Velho — chamei, temendo que estivesse morto.

Ele virou-se de lado e encolheu as pernas com a facilidade de uma criança buscando calor e conforto. Tentou focalizar seu único olho, profundamente encravado, enquanto olhava para mim, impotente. Era como se estivesse retornando de uma grande distância, de um outro mundo. Firmando-se no arco quebrado, tentou erguer-se. Agarrou meu braço, depois emitiu um som lúgubre enquanto desabava ao solo. Não pude segurá-lo. Eu o sacudi, mas ele permaneceu imóvel.

Tentei ouvir os batimentos cardíacos, para saber se estava morto. Kamosiwe abriu seu único olho; seu olhar parecia conter um apelo silencioso. A pupila dilatada não refletia a luz; como um túnel comprido e escuro, parecia extrair energia de meu corpo. Temendo cometer um erro, falei com ele em espanhol, suavemente, como se fosse uma criança. Esperava que ele fechasse aquele olho horrível e caísse no sono.

Erguendo-o pelas axilas, fui arrastando-o na direção do shabono. Embora ele só fosse pele e ossos, seu corpo parecia pesar uma tonelada. Após uns poucos minutos, precisei sentar e descansar, imaginando se ainda estava vivo. Seus lábios tremiam; ele cuspiu fora seu chumaço de tabaco. A saliva escura gotejou em minha perna. Seu olho inundou-se de lágrimas. Pus o chumaço de volta em sua boca, mas ele recusou-o. Peguei suas mãos, esfreguei-as contra o meu corpo, de modo a fornecer-lhes um pouco de calor. Ele começou a dizer algo, mas ouvi somente um resmungo ininteligível.

Um dos jovens que dormiam junto à entrada, perto da cabana do velho, ajudou-me a pôr Kamosiwe em sua rede.

— Ponha lenha no fogo — falei para um dos jovens sonolentos. — E vá chamar Arasuwe, Etewa, ou qualquer um que possa ajudar o velho.

Kamosiwe abriu a boca para facilitar a respiração. A luz bruxuleante da pequena fogueira acentuava sua palidez fantasmagórica. Seu rosto retorceu-se num estranho sorriso, uma careta que me reassegurou ter feito a coisa certa.

A cabana encheu-se de gente. Seus olhos brilhavam de lágrimas; seus uivos lamentosos espalhavam-se pelo shabono.

— A morte não é como a escuridão da noite — disse Kamosiwe num sussurro quase inaudível. Suas palavras caíram no silêncio, enquanto as pessoas, reunidas em torno da rede, interrompiam momentaneamente seus lamentos.

— Não nos abandone — gemiam os homens enquanto irrompiam num choro alto. Começaram a falar da coragem do velho, dos inimigos que matara, dos seus filhos, dos dias em que fora chefe dos iticoteteris e da prosperidade e glória que trouxera ao assentamento.

— Não vou morrer ainda. — As palavras do velho silenciaram-nos mais uma vez. — O choro de vocês me deixa muito triste. — Abriu seu olho e examinou os rostos que o

rodeavam. — Os hekuras ainda estão no meu peito. Cantem para eles, porque são os seres que me mantêm vivo.

Arasuwe, Iramamowe e mais quatro homens sopraram epena nas narinas uns dos outros. Com olhos vidrados, começaram a cantar para os espíritos que habitavam acima e abaixo da terra.

— O que há com você? — perguntou Arasuwe após um momento, inclinando-se sobre o velho. Suas mãos fortes massagearam o peito fraco e murcho; seus olhos sopraram calor na forma imóvel.

— Estou apenas triste — suspirou Kamosiwe. — Os hekuras logo abandonarão meu peito. É minha tristeza que me deixa fraco.

Voltei com Ritimi para nossa cabana.

— Ele não morrerá — disse ela, limpando as lágrimas da face. — Não sei por que quer viver tanto. Ele já é tão velho, não é mais um homem.

— O que ele é?

— Seu rosto se tornou tão pequeno, tão fino... — Ritimi olhou para mim como se carente de palavras para expressar seus pensamentos. Fez um gesto vago com a mão, como procurando por algo que ela não sabia como pôr em palavras. Sorriu, dando de ombros. — Os homens cantarão através da noite e os hekuras manterão o velho vivo.

Uma chuva monótona, morna e persistente misturava-se ao cântico dos homens. Sempre que sentava em minha rede eu podia vê-los através da clareira na cabana de Kamosiwe, agachados diante do fogo. Cantavam com uma força compulsiva, convencidos de que suas invocações poderiam preservar a vida, enquanto os demais iticoteris dormiam.

As vozes se fundiram com a rósea melancolia da aurora. Levantei-me e cruzei a clareira. O ar estava frio, o solo úmido da chuva. O fogo tinha se extinguido, embora a cabana estivesse aquecida pela névoa de fumaça. Os homens se amontoavam agachados em torno de Kamosiwe. Seus rostos estavam tensos; os olhos tinham fundas olheiras.

Voltei para minha rede enquanto Ritimi se levantava para reacender o fogo.

— Kamosiwe parece bem — falei, deitando para dormir.

Enquanto eu me levantava de detrás de um arbusto, vi a esposa mais nova de Arasuwe e sua mãe seguirem através da mata em direção ao rio. Silenciosamente, segui as duas mulheres. Elas não levavam cestos, apenas um pedaço de bambu afiado. A mulher grávida mantinha as mãos na barriga como se suportasse um grande peso. Pararam à sombra de uma arapuri, onde a vegetação rasteira tinha sido limpada e largas folhas de platanillo espalhadas pelo chão. A mulher grávida ajoelhou-se nas folhas, pressionando o abdome com as duas mãos. Um suave gemido escapou de seus lábios, e ela deu à luz.

Pus a mão na boca para abafar um risinho. Eu não podia conceber que dar à luz pudesse ser tão pouco trabalhoso, tão rápido. As duas mulheres falavam aos sussurros, mas nenhuma olhou ou pegou o brilhante e molhado bebê sobre as folhas.

Com a faca de bambu, a velha cortou o cordão umbilical, depois olhou em volta até descobrir um galho reto. Observei-a colocar o graveto atravessado no pescoço do bebê e depois subir com os dois pés na outra ponta. Houve um leve som estalante. Eu não tinha certeza se fora o pescoço do bebê ou o galho que se partira.

Placenta e membranas foram embrulhadas num fardo de folhas de platanillo, o pequeno corpo sem vida em outro. Amarraram os fardos com videiras e os puseram debaixo da árvore.

Tentei me ocultar atrás dos arbustos quando as mulheres se prepararam para ir embora, mas minhas pernas não obedeciam. Procurei me livrar de toda emoção, como se a cena que eu presenciara não passasse de um estranho pesadelo. As mulheres me

olharam. Uma leve vacilação de surpresa evidenciou-se em seus rostos, mas não vi dor ou remorso em seus olhos.

Tão logo elas se afastaram, desatei as videiras. O corpo sem vida de uma menina jazia nas folhas como se dormindo. Cabelo preto espesso, como fios de seda, enchia sua cabeça escorregadia. As pálpebras sem pestanas estavam intumescidas, cobrindo os olhos fechados. O filete de sangue que escorria do nariz e boca secara, como algum macabro desenho com onoto na tênue pele arroxeadada. Abri os pequenos punhos. Examinei os tornozelos para ver se estavam perfeitos; não descobri qualquer deformação visível.

A tardinha se esvaía. As folhas secas não faziam um som farfalhante sob meus pés descalços; a umidade descera com a noite. O vento dobrava os galhos folhudos das ceibas. Milhares de olhos pareciam me fitar; olhos indiferentes, sob um véu de sombras verdes. Caminhei rio abaixo e sentei-me num tronco caído que ainda não tinha morrido. Toquei os ramos recém-brotados que queriam desesperadamente ver a luz. O cricrilar dos grilos parecia zombar das minhas lágrimas.

Pude sentir o cheiro da fumaça das cabanas e fiquei ressentida com aquelas fogueiras que ardiam noite e dia, engolindo tempo e acontecimentos. Nuvens negras ocultaram a lua, cobrindo o rio com um véu de luto. Ouvi os animais — aqueles que acordam do seu sono diurno e perambulam pela floresta à noite. Não tive medo. Um silêncio, como uma suave poeira das estrelas, caiu à minha volta. Eu queria dormir e acordar sabendo que tudo não passara de um sonho. Através de um pedaço de céu claro, vi uma estrela cadente. Sorrir não ajudaria. Eu sempre fora rápida em formular um desejo, mas agora não podia pensar em nenhum.

Senti o braço de Ritimi enlaçar meu pescoço. Como algum espírito da floresta, ela se sentara ao meu lado sem o menor ruído. Os pálidos gravetos nos cantos de sua boca brilhavam no escuro como se fossem feitos de ouro. Fiquei tão grata por estar perto de mim que ela não disse uma palavra.

O vento espalhou as nuvens que obscureciam a lua; sua luz cobria-nos com um débil azul. Só então notei o velho Kamosiwe agachado ao lado do tronco, seu olho fixado em mim. Ele começou a falar, devagar, enunciando cada palavra. Mas eu não ouvia. Apoiando-se pesadamente no seu arco, ele insistiu para que o seguíssemos até o shabono. Parou em sua cabana; Ritimi e eu seguimos para a nossa.

— Faz apenas uma semana, homens e mulheres choravam — falei, sentando em minha rede. — Choravam porque Kamosiwe ia morrer. Hoje vi a mulher de Arasuwe matando seu bebê recém-nascido.

Ritimi deu-me um pouco de água.

— Como ela poderia alimentar um novo bebê ao peito se tem uma outra criança que ainda mama? — disse ela, ríspida. — Uma criança que tem vivido assim por tanto tempo.

Intelectualmente eu entendia as palavras de Ritimi. Eu sabia que o infanticídio era prática comum entre os índios da Amazônia. Crianças eram espaçadas por aproximadamente dois ou três anos. A mãe amamentava durante este tempo e evitava gerar outro filho a fim de conservar um amplo suprimento de leite. Se uma criança deformada ou do sexo feminino nascesse durante esse período, era morta, de modo a dar à criança lactente uma melhor chance de sobrevivência.

Emocionalmente, porém, eu era incapaz de aceitar isso. Ritimi segurou meu rosto, obrigando-me a encará-la. Seus olhos brilhavam, os lábios tremiam de emoção.

— Aquele que ainda não vislumbrou o céu tem que voltar para o lugar de onde veio. — Estendeu o braço na direção das imensas sombras escuras que começavam a nossos pés e findavam no céu. — Para a casa do trovão.

EM VEZ DO TAGARELAR suave das mulheres, fui acordada certa manhã pelos gritos de Iramamowe anunciando que iria preparar curare naquele dia.

Sentei-me em minha rede. Iramamowe estava de pé no centro da clareira. Pernas afastadas, braços cruzados no peito, ele examinava os jovens reunidos à sua volta. No tom máximo de sua voz, ele os prevenia de que, se pretendiam ajudá-lo a preparar o veneno, não poderiam dormir com uma mulher naquele dia. Iramamowe continuou, bombástico, como se os homens já tivessem se comportado mal, lembrando-lhes que ele saberia se o desobedecessem, pois iria testar o veneno num macaco. Caso o animal sobrevivesse, ele nunca mais os chamaria para ajudá-lo. Concluindo, disse que, se desejavam acompanhá-lo à floresta para colher as várias videiras necessárias para fazer o mamucori, deveriam se abster de comer e beber até que o veneno tivesse sido aplicado na ponta de suas flechas.

A calma voltou ao shabono tão logo os homens partiram. Tutemi, após avivar as fogueiras, enrolou pedaços de tabaco para si mesma, para Ritimi e para Eteawa, retornando então para sua rede.

Achei que havia tempo de tirar um cochilo antes que as bananas-da-terra enterradas sob as cinzas ficassem prontas. Voltei para a minha rede; a fumaça aquecia o ar frio. Como faziam todas as manhãs após satisfazerem suas necessidades, os pequenos Texoma e Sisiwe, bem como as crianças mais novas de Arasuwe, subiram em minha rede e se aconchegaram a mim.

Ritimi ficara indiferente aos eventos da manhã. Ela continuava dormindo no chão. Dormir não interferia com a vaidade de Ritimi. Sua cabeça, repousando sobre o braço, estava amparada de tal maneira que lhe permitia usar seus mais belos ornamentos; pequenas varetas polidas atravessavam-lhe o septo nasal e os cantos da boca. Sua face exposta revelava dois traços marrons, um sinal conhecido por todos no shabono de que estava menstruada. Nas duas últimas noites Ritimi não dormira em sua rede, não comera carne, não cozinhara nenhum dos alimentos e não tocara Eteawa ou qualquer dos seus pertences.

Os homens temiam as mulheres menstruadas. Ritimi me contara que as mulheres eram conhecidas por não possuírem hekuras no peito, mas por serem ligadas à essência da vida da lontra, ancestral da primeira mulher na terra. Durante suas regras, as mulheres eram ensinadas a se imbuir dos poderes sobrenaturais da lontra. Ritimi aparentemente não sabia quais eram esses poderes, mas disse que, se um homem visse uma lontra no rio, de maneira alguma a mataria, por recear que uma mulher na aldeia morresse naquele mesmo instante.

As mulheres iticoteris ficaram intrigadas no início pelo fato de eu não ter ficado menstruada desde a minha chegada. Minha explicação — perda de peso, mudança de dieta, novo ambiente — não convenceu. Em vez disso, elas acreditavam que, por eu não ser índia, não era plenamente humana. Eu não tinha vínculo com a essência de vida de qualquer animal, planta ou espírito.

Apenas Ritimi quis acreditar que eu era humana e tentou prová-lo às outras mulheres.

— Você tem que me contar imediatamente quando estiver roo, como se eu fosse sua mãe — costumava me dizer sempre que ela própria ficava menstruada. — E tomarei as

providências adequadas para que não seja transformada em pedra pelas pequenas criaturas que vivem embaixo da terra.

A insistência de Ritimi era provavelmente outro motivo por que meu corpo não seguia seus ciclos normais. Como eu tendia a sofrer de claustrofobia, tinha ataques periódicos de ansiedade, desencadeados pela possibilidade de ter de passar pelas mesmas restrições que uma garota iticoteri suportava por ocasião de suas primeiras regras.

Apenas uma semana antes, Xotomi, uma das filhas do chefe, saíra de um confinamento de três semanas. Sua mãe, ao descobrir que Xotomi iniciara seu primeiro período menstrual, construíra um cercado feito de bambus, folhas de palmeira e videiras num canto da cabana. Uma estreita abertura fora deixada, com largura suficiente para sua mãe passar duas vezes ao dia para alimentar o escasso fogo (que nunca poderia se extinguir) e remover as folhas sujas de platanillo que cobriam o chão. Os homens, temerosos de morrerem jovens ou de ficarem doentes, nunca lançavam mais que um ligeiro olhar para aquela área da cabana.

Nos primeiros três dias de seu período menstrual, Xotomi recebeu apenas água e teve que dormir no chão. Depois disso passaram a dar-lhe três pequenas bananas por dia e permitiram-lhe descansar na pequena rede de cortiça pendurada lá dentro. Não lhe era permitido falar ou chorar durante o confinamento. Tudo que eu ouvia de detrás das folhas de palmeiras amarradas era o débil som de Xotomi coçando-se com um graveto, porque não lhe era permitido tocar seu corpo.

Ao fim da terceira semana, a mãe de Xotomi dismantelou o cercado, amarrou as folhas de palmeira num fardo, e pediu a algumas colegas de sua filha que as escondessem na floresta. Xotomi não se moveu, como se as folhas de palmeira ainda estivessem ao seu redor. Permanecia agachada no chão, com um olhar deprimido. Seus ombros levemente arqueados pareciam tão frágeis que tive certeza de que, se alguém os apertasse, os ossos se partiriam com um estalo surdo. Mais do que nunca, ela parecia uma criança assustada, magra e suja.

— Mantenha seus olhos no chão — disse-lhe a mãe, ajudando a menina, de doze, talvez treze anos de idade, a se erguer. Enlaçando-a pela cintura, ela conduziu Xotomi até o braseiro. — Não ponha os olhos em nenhum dos homens na clareira — advertiu —, a menos que queira que as pernas deles tremam quando subirem nas árvores.

Água tinha sido esquentada. Amorosamente, Ritimi lavou sua meia-irmã da cabeça aos pés, depois esfregou seu corpo com onoto até ele reluzir, uniformemente vermelho. Folhas frescas de banana-da-terra foram colocadas no fogo enquanto Ritimi guiava a garota em volta do braseiro. Só depois que o corpo de Xotomi ficou cheirando a folha queimada foi que lhe permitiram olhar para nós e falar.

Ela mordeu o lábio inferior enquanto erguia a cabeça lentamente.

— Mãe, eu não quero sair da cabana do meu pai — disse por fim, irrompendo em lágrimas.

— Oh, criança tola — exclamou a mãe, tomando o rosto de Xotomi entre as mãos. Enxugando-lhe as lágrimas, a mulher lembrou à garota o quanto ela era afortunada por tornar-se esposa de Matuwe, o filho mais novo de Hayama, como tinha muita sorte em ficar perto de seus irmãos, que iriam protegê-la caso o marido a maltratasse. Os olhos escuros da mãe brilhavam, banhados em lágrimas.

— Eu tive razões para ser infeliz quando cheguei a este shabono, pois havia deixado minha mãe e irmãos para trás. Não tinha ninguém que me protegesse.

Tutemi abraçou a jovem.

— Olhe para mim. Eu também vim de longe. Mas agora estou feliz. Em breve terei um bebê.

— Mas eu não quero um bebê — soluçou Xotomi. — Só quero o meu macaco de estimação.

Num impulso repentino, alcancei o macaco empoleirado num cacho de bananas e entreguei-o a Xotomi. As mulheres irromperam em risos.

— Se tratar seu marido bem, ele gostará de seu macaquinho — disse uma delas entre acessos de riso.

— Não diga essas coisas para a garota — censurou a velha Hayama, reprovadora. Sorrindo, ela encarou Xotomi. — Você nada terá a temer. — Hayama continuou louvando seu filho, destacando a perícia de Matuwe como caçador e provedor.

No dia do casamento, Xotomi suspirava quietamente. Hayama veio para perto dela.

— Não chore mais. Nós iremos enfeitar você. Ficarão tão linda hoje que todas irão arfar de espanto. — Pegou a mão de Xotomi e instou as mulheres a segui-las por uma saída lateral para a floresta.

Sentando num cepo, Xotomi enxugou as lágrimas com as costas da mão. Um sorriso extravagante apareceu nos seus lábios enquanto fitava o rosto da velha Hayama, depois prontamente submeteu-se aos cuidados das mulheres. Seu cabelo foi cortado curto, a tonsura aparada. Tufos de leves penas brancas foram empurrados através de seus lóbulos de orelha perfurados; eles faziam enorme contraste com seu cabelo preto, acrescentando uma beleza etérea a seu rosto fino. Os buracos nos cantos de sua boca e lábio inferior foram decorados com penas de arara-vermelha. Através do septo perfurado de seu nariz, Ritimi inseriu um graveto muito fino e polido, quase branco.

— Como você ficou linda — exclamamos quando Xotomi parou diante de nós.

— Mãe, estou pronta para ir — disse ela, solene. Seus olhos escuros e oblíquos brilharam, sua pele parecia inflamada com o onoto. Ela sorriu brevemente, revelando dentes brancos e fortes, então tomou o caminho de volta para o shabono. Apenas por um instante, pouco antes de entrar na clareira, houve um apelo silencioso em seus olhos enquanto se voltava para olhar sua mãe.

A cabeça erguida, o olhar focalizado em ninguém em particular, Xotomi circundou a clareira devagar, aparentemente imperturbável pelas palavras e olhares de admiração dos homens. Entrou na cabana de seu pai e sentou-se diante da gamela cheia de sopa de banana-da-terra. Primeiro, ofereceu um pouco de sopa a Arasuwe, depois a seus tios, seus irmãos e, finalmente, a cada homem no shabono. Após servir as mulheres, caminhou na direção da cabana de Hayama, sentou-se numa das redes e começou a comer a caça preparada por seu marido, a quem fora prometida mesmo antes de nascer.

As palavras de Tutemi interromperam meus devaneios:

— Vai comer sua banana aqui ou com Hayama?

— Acho melhor comer aqui — falei, rindo para a avó de Ritimi, que já estava aguardando por mim na cabana ao lado da de Tutemi.

Xotomi sorriu-me quando cheguei. Estava bastante mudada. Nada a ver com o peso que ganhara após ter saído do confinamento, e sim com o comportamento amadurecido, a maneira de olhar para mim, o modo como me convidava a comer a banana. Imaginei se era porque as garotas, ao contrário dos garotos, que tendiam a prolongar sua infância nos anos de adolescência, eram estimulados desde os seis ou sete anos a ajudar suas mães nas tarefas domésticas — catar lenha, capinar as hortas, tomar conta das crianças menores. À época em que um garoto era considerado adulto, uma garota da mesma idade estava casada e não raro era mãe de um ou dois filhos.

Após comermos, eu, Tutemi e Xotomi caminhamos por várias horas nos pomares, depois voltamos ao shabono, refrescadas pelo nosso banho no rio. Um grupo de homens, os rostos e corpos pintados de preto, sentou-se na clareira. Alguns raspavam o córtex de pedaços finos de galhos.

— Quem é essa gente? — perguntei.

— Não os reconheceu? — Tutemi riu para mim. — São Iramamowe e os homens que foram com ele ontem para a floresta.

— Por que se pintaram de preto?

— Iramamowe! — gritou Tutemi. — A moça branca quer saber... por que pintaram os rostos de preto? — perguntou e depois correu para a sua cabana.

— É melhor você correr — disse Iramamowe, levantando-se. — O bebê em seu útero pode ter enfraquecido o mamucori por mistura de água. — Carrancudo, ele voltou-se para Xotomi e para mim; antes que tivesse uma chance de dizer qualquer coisa a mais, Xotomi puxou-me pela mão até a cabana de Etewa.

Entre acessos de riso, Xotomi explicou-me que qualquer um que entrasse na água aquele dia não poderia se aproximar dos homens que preparavam o curare. A água, supostamente, enfraquecia o veneno.

— Se o mamucori não funcionar, ele irá culpar você.

— Eu gostaria de observá-los preparar o mamucori — falei, desapontada.

— Quem iria querer ver alguma coisa como aquela? — disse Ritimi, sentando-se. — Posso lhe dizer o que eles estão fazendo. — Ela bocejou e espreguiçou-se, depois dobrou as folhas de platanillo sobre as quais dormira e cobriu o chão com outras frescas. — Os homens se pintaram de preto porque o mamucori não é usado só para a caça, mas também para a guerra — disse Ritimi, convidando-me a sentar perto dela. Descascou uma banana; depois, com a boca cheia, explicou como os homens ferviam o mamucori até transformá-lo num líquido escuro. Mais tarde, videiras secas de ashukamaki deveriam ser acrescentadas para engrossar o veneno. Tão logo a mistura fervesse, estaria pronta para ser esfregada nas flechas dos homens. Resignada, ajudei Tutemi a preparar as folhas de tabaco para secar. Seguindo suas estritas instruções, parti cada folha ao longo da nervação, puxando para cima de modo a se entouxarem; depois amarrei-as em penca nos caibros. De onde estava sentada eu não podia ver o que se passava do outro lado da cabana de Iramamowe. Crianças rodeavam os homens que trabalhavam, esperando que as chamassem para ajudar. Era por isso que eu não vira uma única criança banhando-se no rio aquela manhã.

— Pegue um pouco de água no riacho — disse Iramamowe ao pequeno Sisiwe. — Mas não molhe os pés. Pise em troncos, raízes ou pedras. Se você se molhar, terei que mandar outro.

Era fim de tarde quando Iramamowe acabou de misturar e ferver o curare.

— Agora o mamucori está se tornando forte. Posso sentir minhas mãos adormecendo. — Numa voz lenta e monótona, ele começou a cantar para os espíritos do veneno enquanto fervia o curare.

Por volta do meio da manhã do dia seguinte, Iramamowe chegou correndo ao shabono.

— O mamucori é inútil. Flechei um macaco e ele não morreu. Ele fugiu com a flecha cravada na perna. — Iramamowe foi de cabana em cabana, insultando os homens que o ajudaram a preparar o curare. — Eu os avisei para não dormirem com as mulheres. Agora o mamucori está imprestável. Se um inimigo nos atacasse, vocês não seriam capazes nem de defender suas mulheres. Vocês pensam que são guerreiros valentes, mas são tão inúteis quanto suas flechas. Deveriam carregar cestos em vez de armas.

Por um momento pensei que Iramamowe fosse chorar, quando sentou-se no chão no meio da clareira.

— Eu mesmo farei o veneno. Vocês são todos incompetentes — resmungou repetidamente até extinguir sua raiva, até ficar exausto.

Poucos dias depois, ao alvorecer, pouco antes de o macaco que Iramamowe abatera com sua flecha novamente envenenada estar de todo cozido, um estranho entrou no shabono carregando um imenso fardo. Seu cabelo ainda estava molhado de um banho de rio; o rosto estava pintado com onoto de modo extravagante. Colocando tanto seu fardo quanto arco e flechas no chão, ele permaneceu em silêncio no meio da clareira por alguns minutos, antes de se aproximar da cabana de Arasuwe.

— Vim para convidá-los à festa do meu povo — disse ele numa voz alta e cantante. — O chefe dos mocototeris mandou-me dizer a vocês que temos muita banana madura.

Arasuwe, sem levantar de sua rede, disse ao homem que não poderia comparecer à festa.

— Não posso deixar minha lavoura agora. Plantei novos pés de banana que necessitam ser cuidados. — Arasuwe fez um gesto abrangente com a mão. — Olhe todos esses frutos pendurados nos caibros. Não quero que estraguem.

O visitante caminhou até nossa cabana e dirigiu-se a Etewa.

— Seu sogro não deseja ir. Espero que possa visitar meu povo, que me mandou para convidar vocês.

Etewa bateu nas coxas com satisfação.

— Sim, eu irei. Não me importo em deixar minhas bananas para trás. Darei permissão para que os outros as comam.

Os olhos escuros e vividos do visitante brilhavam deliciados quando ele foi de cabana em cabana, convidando os iticoteris para festa em seu assentamento. O homem foi convidado a descansar na cabana do velho Kamosiwe, onde lhe serviram sopa de banana e carne de macaco. Mais tarde, à noite, ele desatou seu embrulho no meio da clareira.

— Uma rede — murmuraram desapontados os homens que se haviam juntado em torno dele. Muito embora os iticoteris reconhecessem o conforto e o calor das redes de algodão, apenas algumas poucas mulheres possuíam uma. Os homens preferiam as de córtex ou de videiras, trocando-as periodicamente. O visitante estava ansioso em trocar a rede de algodão por novas flechas envenenadas e pó de epena feito de sementes. Conversando e trocando informações, alguns homens iticoteris passaram a noite toda com o visitante.

Arasuwe insistia para que eu não participasse do grupo que ia à festa dos mocototeris.

— Milagros confiou você aos meus cuidados — lembrou-me o chefe. — Como posso protegê-la se estiver em outro lugar?

— Por que preciso ser protegida? Os mocototeris são perigosos?

— Os mocototeris não são confiáveis — disse Arasuwe após um longo silêncio. — Posso sentir nas minhas pernas que não é bom você ir.

— Quando conheci Angélica, ela me disse que não era perigoso para uma mulher caminhar através da floresta.

Arasuwe não se dignou a responder ou comentar minha declaração, mas olhou-me como se eu tivesse ficado invisível. Obviamente, considerava o assunto resolvido e não pretendia se degradar por qualquer zombaria adicional de uma garota ignorante.

— Talvez Milagros esteja lá — insisti. Arasuwe sorriu.

— Milagros não vai estar lá. Se estivesse, eu não teria com que me preocupar.

— Por que os mocototeris não são confiáveis? — insisti.
— Você pergunta demais — disse Arasuwe. — Nós não estamos em termos amigáveis com eles — acrescentou, relutante.
Olhei para ele em descrença.
— Por que então convidam vocês para a festa?
— Você é ignorante — disse Arasuwe, saindo da cabana. Não fui apenas eu que me decepcionei com a decisão de
Arasuwe. Ritimi ficou tão desapontada por não poder me exibir aos mocototeris que se aliou a Etewa e Iramamowe, bem como ao velho Kamosiwe, para ajudar a convencer o pai a me deixar ir com eles. Embora o conselho dos mais velhos fosse acatado e respeitado, foi Iramamowe, conhecido por sua valentia, quem finalmente convenceu seu irmão, assegurando que nenhum mal me aconteceria no assentamento mocototeri.
— Você deveria levar o arco e as flechas que fiz para você — disse-me Arasuwe, mais tarde naquela noite. Ele começou a rir estrepitosamente. — Certamente isso deixaria os mocototeris espantados. Acho que até valeria a pena eu ir só para testemunhar a surpresa deles. — Vendo que eu examinava minhas flechas, Arasuwe acrescentou, sério: — Você não pode levá-las. Não ficaria bem para uma mulher caminhar pela floresta carregando as armas de um homem.
— Tomarei conta dela — prometeu Ritimi ao pai. — Cuidarei para que nunca se afaste do meu lado... até mesmo quando tiver que ir ao mato.
— Tenho certeza de que Milagros gostaria que eu fosse — falei, esperando tornar Arasuwe mais flexível.
Olhando-me com ar desalentado, ele deu de ombros.
— Acredito que voltará sã e salva.
Expectativa e apreensão mantiveram-me acordada aquela noite. Os ruídos familiares das toras se extinguindo na fogueira enchiam-me de maus presságios. Etewa avivou as brasas com um graveto antes de se deitar. Através da fumaça e da névoa, as distantes copas das árvores pareciam fantasmas. O espaço entre as folhas eram como olhos encovados acusando-me de alguma coisa que eu não compreendia. Quase fui tentada a seguir o conselho de Arasuwe, mas a luz do dia desfez minha apreensão.

12

O SOL MAL ARREFECERA o ar frio da manhã quando enchemos nossos cestos com bananas-da-terra, abóboras, redes, a parafernália de pintura e artigos para comerciar: fardos de algodão pronto para tecer, pontas de flechas recém-talhadas, recipientes de bambu cheios de pena e onoto. Com suas próprias redes penduradas ao redor do pescoço, as crianças mais velhas caminhavam atrás de suas mães. Os homens, à retaguarda de cada unidade familiar, carregavam apenas seus arcos e flechas.

Éramos 23 pessoas. Por quatro dias caminhamos em silêncio através da floresta num passo relaxado marcado pelos velhos e crianças. Sempre que percebíamos o mais leve movimento ou ruído no mato, as mulheres se imobilizavam, apontando o queixo na direção do distúrbio. Agilmente, os homens desapareciam no rumo apontado. Na maioria das vezes eles voltavam com uma cutia, um porco-do-mato ou um pássaro, que eram assados tão logo acampassem para a noite. As crianças estavam sempre à procura de frutos silvestres. Seus olhos argutos seguiam o vôo das abelhas até que elas alcançavam sua colméia num tronco de árvore. Mesmo com os insetos em vôo, elas eram capazes de identificar acuradamente se eram ou não da espécie que possui ferrão.

Hayama, Kamosiwe e vários dos velhos enrolaram tiras de casca fibrosa de uma árvore em volta do peito e abdome. Garantiam que isso restaurava sua energia e tornava a caminhada mais fácil. Tentei também, mas a tira fortemente apertada apenas me causou brotoejas.

Enquanto subia e descia colinas, imaginei se era um percurso diferente daquele que eu fizera com Milagros. Não havia uma árvore, pedra ou trecho de rio que eu pudesse recordar. Nem mesmo lembrava de ter encontrado mosquitos ou outros insetos esvoaçando sobre os pântanos. Atraídos por nossos corpos suados, eles zumbiam à nossa volta numa persistência de enlouquecer. Eu, que nunca fora incomodada por insetos, era incapaz de decidir qual parte de meu corpo eu cocaria primeiro. Minha camiseta rota não oferecia proteção. Até mesmo Iramamowe, que de início passara incólume pelas impiedosas mordidas, ocasionalmente se apercebia da inconveniência, batendo no pescoço, braços, ou erguendo a perna para cocar o tornozelo.

Por volta da metade do quinto dia, acampamos à beira das lavouras dos mocototeris. A vegetação rasteira removida fazia as gigantescas ceibas parecerem ainda mais monumentais do que na floresta. Feixes de luz solar filtravam-se por entre as folhas, iluminando e sombreando o solo escuro.

Tomamos banho no rio próximo, onde flores vermelhas, suspensas de cipós que se projetavam sobre a água, balançavam com graça sensual ao ritmo da brisa. Iramamowe voltou dentro em pouco, carregando um cesto cheio de carne e bananas assadas.

— Oh, os mocototeris têm muito mais — disse ele, distribuindo a comida entre nós.

Antes que as mulheres comessem a se embelezar, elas ajudaram os homens a empastar os cabelos de branco e a colar penas e pêlo de macaco em volta dos braços e cabeça. Recebi a incumbência de decorar as faces e corpos das crianças com os desenhos a onoto prescritos.

Nossas risadas e nosso tagarelar foram interrompidos pelos gritos de um mocototeri que se aproximava.

— Ele parece um macaco — suspirou Ritimi. Acenei em concordância, quase incapaz de conter meu riso. As pernas curtas e arqueadas do homem e os braços desproporcionalmente longos se mostravam mais pronunciados quando ele ficava perto de Etewa e Iramamowe, que pareciam imponentes com suas cabeças cobertas de branco, as longas e multicoloridas penas de arara vertendo de suas braçadeiras e cintos de um vermelho vivo.

— Nosso chefe quer começar a festa. Quer que vocês venham logo — disse o mocototeri na mesma voz formal e aguda usada pelo homem que fora ao shabono nos convidar para a festa. — Se demorarem muito se arrumando, não haverá tempo para conversar.

Com suas cabeças erguidas bem alto, os queixos espichados, Etewa, Iramamowe e três jovens, também adequadamente pintados e enfeitados, seguiram o mocototeri. Embora simulassem indiferença, os homens estavam cientes dos nossos olhares de admiração enquanto marchavam para o shabono.

Superando o nervosismo de última hora, as mulheres se apressaram nos retoques finais, adicionando uma flor aqui, um salpico de onoto ali. Sua aparência dependia inteiramente da opinião alheia, porque não havia espelhos.

Ritimi ajustou a faixa de cintura em torno de mim, certificando-se de que a franja mais larga estivesse adequadamente centralizada.

— Você continua muito magra — disse ela, tocando meus seios —, mesmo comendo bastante. Não coma hoje do jeito como faz no shabono ou os mocototeris pensarão que está passando fome.

Prometi comer bem moderadamente, depois irrompi em risos ao recordar que era este o mesmo conselho que minha mãe costumava me dar na infância sempre que eu era convidada a passar o fim de semana com amigos. Ela também ficara embaraçada com meu apetite voraz, achando que as pessoas pensariam que eu não era bem-alimentada em casa ou, pior ainda, podiam pensar que eu tinha solitária.

Pouco antes de sairmos para o shabono mocototeri, a velha Hayama recomendou que seus netos, Texoma e Sisiwe, se comportassem adequadamente. Erguendo a voz de modo que as outras crianças também ouvissem, ela enfatizou como era importante minimizar qualquer chance de as mulheres mocototeris os criticarem depois que tivessem partido. A velha Hayama insistia que as crianças deviam urinar ou defecar pelo menos uma última vez atrás dos arbustos, porque, uma vez dentro do shabono, ninguém iria limpá-los depois ou levá-los para fora se quisessem satisfazer suas necessidades.

Após alcançarem a clareira dos mocototeris, os homens alinharam-se, segurando as armas verticalmente, suas faces arrogantes erguidas. Ficamos atrás deles com as crianças.

Várias mulheres saíram aos gritos das cabanas tão logo me viram. Não fiquei temerosa nem enjoada quando me tocaram, beijaram e lamberam meu rosto e meu corpo. Mas Ritimi pareceu ter esquecido como os iticoteris me receberam quando cheguei a seu assentamento, porque ficou resmungando que teria que refazer os desenhos com onoto em minha pele.

Segurando meu braço num forte aperto, uma das mulheres mocototeris empurrou Ritimi para o lado.

— Venha comigo, moça branca — disse ela.

— Não — gritou Ritimi, puxando-me para perto dela. Seu sorriso não arrefecia o cortante tom raivoso de sua voz. — Eu só trouxe a moça branca para que vocês a vissem. Ninguém deve afastá-la de mim. Nós somos como sombra uma da outra. Eu vou aonde ela vai, ela vai aonde eu vou. — Tentando intimidar sua oponente, Ritimi sustentou o olhar fixo da mulher, desafiando-a a contradizê-la.

A mulher abriu a boca cheia de tabaco num riso entrecortado.

— Se você trouxe a moça branca em visita, deve permitir que ela vá até minha cabana.

Alguém surgiu de detrás do grupo de mulheres. Os braços cruzados no peito, lançou os quadris para a frente com arrogância enquanto parava à minha frente.

— Sou o chefe dos mocototeris — disse. Ao mesmo tempo em que sorria, seus olhos não eram mais do que dois pontinhos brilhantes em meio aos desenhos vermelhos em sua face profundamente enrugada. — A moça branca é uma irmã que deve proteger? — perguntou a Ritimi.

— Sim — disse ela, determinada. — Ela é minha irmã. Balançando a cabeça, descrente, o chefe me examinou.

Não parecia nem um pouco impressionado.

— Posso ver que ela é branca, mas não parece uma mulher branca de verdade — disse, por fim. — Tem os pés descalços como vocês, não usa roupas estranhas, a não ser por isto. — E puxou minha calcinha folgada. — Por que ela usa isto debaixo de uma faixa de cintura índia?

— Pantiis — disse Ritimi, cheia de importância. Ela gostava mais da palavra inglesa do que da espanhola, a qual também aprendera. — É como os brancos chamam. Ela usapantiis porque tem medo de que as aranhas à noite, ou lacraias durante o dia, possam se arrastar pelo seu corpo.

Assentindo como se entendesse meus receios, o chefe tocou meu cabelo curto e esfregou a palma da mão carnuda sobre minha tonsura raspada.

— Tem a cor das copas das jovens palmeiras assai. — Ele aproximou o rosto do meu até nossos narizes se tocarem. — Que olhos estranhos... eles têm a cor da chuva. — Sua carranca desapareceu num sorriso deliciado. — Sim, ela deve ser branca; e se você a chama de irmã, então ninguém irá tomá-la de você — disse a Ritimi.

— Como pode chamá-la de irmã? — perguntou a mulher que continuava segurando meu braço. Havia uma sincera perplexidade escrita em toda a sua face pintada enquanto olhava para mim.

— Eu a chamo de irmã porque ela é como nós — disse Ritimi, pondo o braço em torno da minha cintura.

— Quero que ela venha e fique na minha cabana — disse a mulher. — Quero que toque meus filhos.

Seguimos a mulher até uma das cabanas. Arcos e flechas estavam apoiados contra o teto inclinado. Bananas, cabaças e fardos de carne enrolados em folhas pendiam dos caibros. Facões de mato, machados e um sortimento de bordunas repousavam nos cantos. O chão estava atulhado com galhos, ramos, cascas de fruta e cacos de vasos de cerâmica.

Ritimi sentou-se comigo na mesma rede de algodão. Mal acabei o suco de fruto de palmeira que a mulher me dera, ela colocou um bebê no meu colo.

— Faça carinho nele.

Virando e contorcendo-se em meus braços, a criança quase caiu no chão. E, quando fitou meu rosto, começou a berrar.

— É melhor pegar ele — falei, entregando o bebê à mulher. — Os bebês têm medo de mim. Eles precisam primeiro me conhecer antes que eu possa tocá-los.

— Então é isto? — perguntou a mulher, olhando Ritimi com suspeita enquanto embalava o bebê nos braços.

— Nossos bebês não choram. — Ritimi lançou olhares desdenhosos para a criança. — Meus filhos e os filhos do meu pai até dormem com ela na mesma rede.

— Vou chamar as outras crianças — disse a mulher, gesticulando na direção dos meninos e meninas que espreitavam detrás dos cachos de banana empilhados contra o teto inclinado.

— Não — falei. Eu sabia que elas também se assustariam. — Se obrigá-las a vir, elas também vão chorar.

— Sim — disse uma das mulheres que tinham nos seguido até a cabana. — As crianças irão sentar com a moça branca quando virem que suas mães não têm medo de tocar no cabelo de fibra de palmeira e no corpo pálido.

Várias mulheres tinham se reunido em torno de nós. Experimentalmente de início, suas mãos exploraram meu rosto, depois meu pescoço, braços, seios, estômago, coxas, joelhos, panturrilhas, dedões; não houve uma parte de mim que não fosse examinada. Sempre que descobriam uma picada de mosquito ou um arranhão, elas cuspiam em cima, depois esfregavam o local com os polegares. Se a picada era recente, elas sugavam o veneno.

Embora eu tivesse me acostumado com as generosas demonstrações de afeto dos filhos de Ritimi, Tutemi e dos iticoteris, que nunca duravam mais que um momento, senti-me desconfortável sob o toque exploratório de tantas mãos em meu corpo.

— O que estão fazendo? — perguntei, apontando um grupo de homens agachados do lado de fora da cabana junto à nossa.

— Estão preparando as folhas de assai para a dança — disse a mulher que colocara o bebê no meu colo. — Você quer ver?

— Quero — falei enfática, querendo afastar as atenções de mim.

— Ritimi tem que acompanhar você a todo lugar que vá? — perguntou a mulher quando Ritimi levantou-se da rede comigo.

— Sim — falei. — Se não fosse ela eu não teria vindo ao shabono de vocês. Ritimi tem tomado conta de mim desde que cheguei à floresta.

Ritimi sorriu exultante para mim. Fiz votos de que tivesse expressado palavras para aquele efeito tão rápido. Nem uma vez sequer durante o resto de nossa estada alguma das mulheres mocototeris questionou os modos possessivos de Ritimi em relação a mim.

Os homens fora da cabana estavam separando as folhas de um amarelo pálido, ainda fechadas, com pequenos gravetos afiados. Um dos homens ergueu-se de sua posição de cócoras quando nos aproximamos. Tirando o tabaco da boca, limpou o suco gotejante do queixo com as costas da mão e segurou a copa de palmeira sobre minha cabeça. Sorrindo, apontou para os finos veios dourados na folha, quase invisíveis contra a luz do sol poente. Tocou meu cabelo, recolocou o tabaco na boca e, sem dizer uma palavra, continuou a separar as folhas.

Fogueiras foram acesas no meio da clareira tão logo escureceu. Os homens iticoteris provocaram uma explosão de saudações arrebatadas por parte dos anfitriões enquanto se alinhavam, armas empunhadas, em volta do fogo. Dois de cada vez, os iticoteris dançaram ao redor da clareira, demorando-se diante de cada cabana, de modo que todos pudessem admirar seus trajes e seus passos de dança.

Etewa e Iramamowe formaram o último par. Os gritos chegaram ao ponto máximo quando se movimentaram em passos perfeitamente sincronizados. Eles não dançavam em torno da clareira, mas sim mantinham-se perto das fogueiras, volteando e rodopiando em velocidade cada vez maior, seu ritmo ditado pelas chamas saltitantes. Etewa e Iramamowe pararam abruptamente seus movimentos, segurando os arcos e flechas verticalmente perto de seus rostos e depois apontando-os para os mocototeris de pé diante de suas cabanas. Rindo ruidosamente, os dois homens retomaram sua dança enquanto os assistentes prorrompiam em exultantes gritos de aprovação.

Os homens iticoteris foram convidados por seus anfitriões a descansar em suas redes. Enquanto a comida era servida, um grupo de mocototeris irrompeu na clareira.

— Haii, haiii, haiiii — gritaram, movendo-se para o bater de seus arcos e flechas, para o som silvante das franjadas e ondulantes copas das palmeiras assai.

Eu mal podia ver as figuras que dançavam. Às vezes pareciam se fundir, depois saltavam afastadas, fragmentos de braços, pernas e pés dançantes visíveis por entre as oscilantes copas de palmeiras — silhuetas negras que pareciam pássaros de asas gigantes enquanto se afastavam da luz das fogueiras, flamejantes vultos cor de cobre, não mais homem ou pássaro, seus corpos rebrilhando de suor reluzente à luz das chamas.

— Queremos dançar com suas mulheres — exigiram os mocototeris. Como não houve resposta dos iticoteris, eles zombaram. — Vocês têm ciúme delas. Por que não deixam suas pobres mulheres dançarem? Esqueceram que dançaram com nossas mulheres na festa de vocês?

— Aquelas que quiserem dançar com os mocototeris podem fazê-lo — gritou Iramamowe, e depois avisou: — Mas não obrigarão nossas mulheres a dançar se elas não quiserem.

— Haii, haiii, haiiit — gritavam os homens, eufóricos, recebendo as mulheres iticoteris, bem como as suas.

— Não quer dançar? — perguntei a Ritimi, — Eu irei com você.

— Não. Não quero perder você de vista — disse ela. — Não quero que ninguém acerte sua cabeça.

— Mas aquilo foi acidental. Além disso, os mocototeris não estão dançando com toras em fogo. O que poderiam fazer com copas de palmeira?

Ritimi deu de ombros.

— Meu pai disse que os mocototeris não são confiáveis.

— Eu pensava que só amigos eram convidados para uma festa.

— Inimigos também — disse Ritimi, rindo. — Festas são a melhor ocasião para descobrir o que as pessoas planejam fazer.

— Os mocototeris são muito amigáveis — repliquei. — Eles nos alimentaram muito bem.

— Só fizerem isso porque não querem que ninguém diga que são sovinas. Mas, como meu pai lhe disse, você ainda é muito ignorante. Obviamente não sabe o que acontece, se acha que eles são amigáveis. — Ritimi acariciou minha cabeça como se eu fosse criança, depois continuou: — Não notou que nossos homens não aspiraram epena esta noite? Não reparou como eles estão atentos?

Eu não havia notado, e fiquei tentada a acrescentar que o comportamento iticoteri é que não era lá muito amigável, mas permaneci calada. Afinal, como Ritimi assinalara, eu não entendia o que se passava. Observei os seis iticoteris dançando em volta das fogueiras. Eles não se moviam com seu habitual abandono, e seus olhos corriam de um lado para outro, observando atentamente tudo o que acontecia ao redor. Os demais iticoteris não se alojaram nas redes de seus anfitriões, mas ficaram de pé do lado de fora das cabanas.

A dança perdera o encanto para mim. Sombras e vozes adquiriram um humor diferente. Comecei a comer o que tinham servido para mim mais cedo.

— Esta carne tem gosto amargo — falei, imaginando que pudesse estar envenenada.

— Está amarga por causa do mamucori — disse Ritimi casualmente. — O ponto onde a flecha envenenada feriu o macaco não foi lavado adequadamente.

Cuspi fora a carne. Não só tinha medo de ter sido envenenada como me lembrei da visão do macaco fervilhando na panela de alumínio, com uma camada de gordura e pêlos boiando na superfície.

Ritimi pôs o pedaço de carne de volta em meu prato de cabaça.

— Coma — insistiu. — Está bom... mesmo a parte amarga. Seu corpo se acostumará com o veneno. Não sabe que os pais sempre dão aos filhos a parte onde a flecha penetrou? Se forem feridos por uma flecha envenenada num ataque, eles não morrerão porque seus corpos já estarão acostumados com o mamucori.

— Meu medo é que, antes de ser ferida por uma flecha envenenada, eu vá morrer por causa de comida envenenada.

— Não. Ninguém morre por comer mamucori — assegurou-me Ritimi. — Ele tem que atravessar a pele. — Ela pegou o pedaço já mastigado do meu prato, mordeu um pedaço, depois enfiou na minha boca aberta a metade restante. Sorrindo zombeteira, trocou seu prato com o meu. — Não quero que você engasgue — disse, comendo o resto do peito de macaco cozido com apetite exagerado. Ainda mastigando, apontou para a clareira e perguntou se eu podia ver a mulher de rosto redondo dançando à luz do fogo.

Assenti, mas não sabia a qual mulher se referia. Havia umas dez mulheres dançando perto do fogo. Todas tinham rosto redondo, olhos oblíquos escuros e voluptuosos corpos cor de mel à luz das chamas.

— É aquela que fez sexo com Etewa em nossa festa. Eu já a enfeiticei.

— Quando fez isto?

— Esta tarde — disse Ritimi suavemente e começou a rir.

— Soprei na sua rede o okoshiki que colhi na minha horta

— acrescentou, satisfeita.

— E se outra pessoa deitar na rede?

— Não faz diferença. A magia só pode fazer mal a ela

— assegurou-me.

Não pude saber mais sobre o feitiço porque nesse momento a dança parou e os cansados e sorridentes dançarinos voltaram às diversas cabanas para descansar e comer.

As mulheres que se reuniram a nós junto ao braseiro estavam surpresas por Ritimi e eu não termos dançado. Dançar era tão importante quanto pintar o corpo com onoto — mantinha a pessoa jovem e feliz.

Dentro em pouco, o chefe foi até a clareira e anunciou, numa voz trovejante:

— Quero ouvir as mulheres iticoteris cantando. Suas vozes agradam a meus ouvidos. Quero que nossas mulheres aprendam suas canções.

Rindo, as mulheres se cutucaram.

— Vá você, Ritimi — incentivou uma das mulheres de Iramamowe. — Sua voz é linda.

Era todo o incentivo de que Ritimi precisava.

— Vamos todas juntas — sugeriu, levantando-se.

O silêncio pairou sobre o shabono enquanto saíamos para a clareira, enlaçando uma à outra pela cintura. Em frente à cabana do chefe, Ritimi começou a cantar numa voz clara e melodiosa. As canções eram bem curtas; os dois últimos versos eram repetidos em coro pelo resto de nós. As outras mulheres cantaram também, mas foram as canções de Ritimi que agradaram, particularmente uma, que o chefe dos mocototeris insistiu para que fosse repetida até as mulheres aprenderem.

Quando o vento sopra as folhas de palmeira,

Eu ouço seu som melancólico com os sapos
silenciosos.

Altas no céu, as estrelas estão todas rindo,

Mas choram lágrimas de tristeza quando as nuvens
as cobrem.

O chefe caminhou em nossa direção e, dirigindo-se a mim, disse:

— Agora você deve cantar para nós.

— Mas eu não sei nenhuma canção — falei, incapaz de conter o riso.

— Você deve saber alguma — insistiu o chefe. — Ouvi falar de como os brancos gostam de cantar. Eles têm até caixas que cantam.

No colégio em Caracas, o professor de canto me dissera que além de ter uma voz horrível eu possuía também tom insensível. Contudo, o professor Hans, como preferia que o chamassem, não era insensível ao meu desejo de cantar. Ele me permitiu freqüentar as aulas, providenciando para que eu ficasse na última fila e cantasse baixinho. O professor não se importava muito com as canções religiosas e folclóricas do currículo, e nos ensinava tangos argentinos dos anos trinta. Nunca esqueci aquelas canções.

Olhando para os rostos expectantes que me rodeavam, parei perto do fogo. Limpei a garganta e comecei a cantar, sem me importar com as notas dissonantes que eu emitia. Por um momento, senti que reproduzia fielmente a maneira passional como o professor Hans interpretava seus tangos. Apertei minhas mãos no peito e fechei os olhos, como se arrebatada pela tristeza e pelas tragédias de cada verso.

Minha platéia estava fascinada. Os mocototeris e iticoteris tinham saído das cabanas para observar cada gesto meu.

O chefe me olhou fixamente por longo tempo, depois disse, por fim:

— Nossas mulheres não aprendem a cantar dessa estranha maneira.

Os homens cantaram em seguida. Cada cantor permaneceu no meio da clareira, ambas as mãos descansando no alto do seu arco apumado. Às vezes um amigo acompanhava o intérprete; então o cantor descansava o braço no ombro do companheiro. Uma canção em particular, cantada por um jovem mocototeri, foi a favorita da noite.

Quando um macaco pula de árvore em árvore

Eu disparo minha flecha.

Somente folhas verdes caem.

Rodopiando em volta, elas se juntam a meus pés.

Os homens iticoteteris não foram deitar em suas redes, mas passaram a noite conversando e cantando com seus anfitriões. Dormi com as mulheres e crianças nas cabanas vazias em volta da entrada principal do shabono.

Pela manhã, entupi-me de mamões e abacaxis que uma das jovens mocototeris trouxe para mim do pomar de seu pai. Eu e Ritimi os tínhamos descoberto mais cedo em nosso caminho para o mato. Ela me advertira que não perguntasse pelas frutas — não porque não fosse adequado, mas porque estavam verdes. Mas não liguei para seu gosto ácido ou mesmo para a dor de estômago que se seguiu. Há meses que não comia frutos familiares. Bananas e frutos de palmeira para mim eram vegetais.

— Você teve uma voz deplorável quando cantou — disse um jovem, agachando-se junto a mim. — Oh, não entendi sua canção, mas parecia abominável.

Sem falar, olhei para ele. Eu não sabia se ria ou se devolvia o insulto.

Colocando seu braço em volta do meu pescoço, Ritimi explodiu em risos. Ela me olhou de soslaio, depois murmurou no meu ouvido:

— Quando você cantava, pensei que a carne de macaco tinha lhe dado dor de barriga.

Agachado no mesmo local na clareira onde tinham começado a noite passada, um grupo de iticoteteris e mocototeris ainda estava falando na maneira formal e ritualizada típica do wayamou. A barganha era uma lenta e envolvente negociação, durante a qual idêntica importância era dada aos artigos para comerciar e à troca de informações e mexericos.

Por volta do meio-dia, algumas mulheres mocototeris começaram a criticar seus maridos pelos itens que haviam negociado, declarando que precisavam era de facões, painéis de alumínio e redes de algodão.

— Flechas envenenadas! — gritou uma delas, com raiva. — Vocês mesmos poderiam fazê-las, se não fosse tão preguiçosos.

Sem dar a menor atenção às observações das mulheres, os homens continuaram a barganhar.

13

PASSAVA DO MEIO-DIA quando deixamos o assentamento mocototeri, nossos cestos cheios das costumeiras bananas-da-terra, frutos de palmeira e carne oferecidos aos hóspedes que partiam.

Pouco antes de anoitecer, três mocototeris nos interceptaram. Um deles levantou seu arco enquanto falava.

— Nosso chefe quer que a moça branca fique conosco.

— Ele me fitava por baixo da haste de sua flecha apontada.

— Só um covarde aponta sua flecha para uma mulher

— disse Iramamowe, parando à minha frente. — Por que não dispara, seu mocototeri inútil?

— Não viemos para lutar — declarou o homem, voltando seu arco e flecha para a posição vertical. — Podíamos ter emboscado vocês algum tempo atrás. Tudo que queremos é assustar a moça branca para que venha conosco.

— Ela não pode ficar com vocês — disse Iramamowe.

— Milagros a trouxe para o nosso shabono. Se ele quisesse que ficasse com vocês, tê-la-ia levado para o seu assentamento.

— Queremos que ela venha conosco — insistiu o homem.

— Nós a traremos de volta antes das chuvas.

— Se me deixar irritado, vou matar você aqui mesmo.

— Iramamowe bateu no peito. — Lembre-se, seu mocototeri covarde, de que sou um guerreiro feroz. Os hekuras em meu peito estão sempre ao meu comando, mesmo sem epena. — Iramamowe chegou mais perto dos três homens. — Não sabe que a moça branca pertence aos iticoteris?

— Por que não pergunta a ela onde quer ficar? — disse o mocototeri. — Ela gosta de nosso povo. Talvez queira ficar conosco.

Iramamowe começou a rir — um riso retumbante que não revelava se ele estava divertido ou ultrajado. Parou abruptamente.

— A garota branca não gosta da aparência dos mocototeris. Ela diz que todos vocês parecem macacos. — Iramamowe virou-se para mim. Havia uma tal expressão de súplica nos seus olhos que precisei me conter para não rir.

Senti uma pontada de remorso enquanto olhava para os rostos confusos dos três mocototeris. Por um instante, senti-me tentada a desmentir as palavras de Iramamowe. Mas eu não podia ignorar sua fúria, nem esquecer a apreensão de Arasuwe sobre minha ida à floresta. Cruzei os braços sobre o peito, ergui o queixo e, sem olhar para eles diretamente, disse:

— Não quero ir para o seu assentamento. Não quero comer e dormir com macacos.

Os iticoteris explodiram em altas gargalhadas. Os três homens fizeram uma meia-volta abrupta, depois desapareceram na trilha que levava ao mato.

Acampamos não muito longe do rio numa área aberta da floresta, onde ainda havia vestígios de abrigos temporários. Não precisamos cobri-los com folhas novas, pois o velho Kamosiwe garantiu-nos que não choveria aquela noite.

Iramamowe não comeu, mas sentou-se, taciturno e preocupado, diante do fogo. Havia uma tensão nele, como se esperasse que os três mocototeris reaparecessem a qualquer momento.

— Há perigo de os mocototeris voltarem? — perguntei. Iramamowe levou algum tempo antes de me dar uma resposta.

— Eles são covardes. Sabem que minhas flechas os matarão aqui mesmo. — Olhou fixamente para o chão, seus lábios uma linha fina. — Estou pensando na melhor maneira de voltar ao nosso shabono.

— Poderíamos dividir nosso grupo — sugeriu o velho Kamosiwe, fitando-me com seu único olho. — Não há lua esta noite; os mocototeris não voltarão. Talvez amanhã eles voltem a perguntar pela moça branca. Nós lhes diremos que eles a assustaram, que ela pediu para ser levada de volta à missão.

— Vai mandá-la de volta? — A voz de Ritimi sobressaiu na escuridão, carregada de ansiedade.

— Não — disse o velho, gentil. Os pêlos grisalhos em seu queixo, seu único olho que não perdia nada e seu corpo enrugado davam-lhe a aparência de um duende malvado. — Etewa retornará ao shabono levando Ritimi e a moça branca através das montanhas. É um caminho mais longo, mas eles não serão retardados por velhos e crianças. Chegarão ao shabono não mais que um dia ou dois depois de nós. É uma boa rota, não muito percorrida. — O velho Kamosiwe levantou-se e farejou o ar. — Vai chover amanhã. Faça um abrigo para a noite — disse a Etewa, depois agachou-se, um sorriso nos lábios, seu único olho afundado fitando-me. — Tem medo de voltar ao shabono pelas montanhas?

Sorrindo, sacudi a cabeça. De modo algum eu podia me imaginar em perigo real.

— Teve medo quando o mocototeri apontou a flecha para você? — perguntou o velho.

— Não. Eu sabia que os iticoteris me protegeriam. — Não me impedi de acrescentar que o incidente para mim parecera mais cômico do que perigoso. Eu não percebera plenamente, àquela ocasião, que, a despeito do óbvio blefe, característico de qualquer circunstância crítica, os mocototeris e iticoteris não estavam nem um pouco brincando em suas ameaças e exigências.

O velho Kamosiwe ficou deliciado com minha resposta. Senti que seu prazer derivava não muito do fato de que eu não me assustara, mas sim de minha confiança em seu povo. Ele conversou com Etewa ao longo da noite. Ritimi adormeceu pegando minhas mãos nas suas, com um alegre sorriso nos lábios. Observando-a sonhar, eu soube por que parecia tão feliz. Por uns poucos dias, ela teria Etewa praticamente para si.

No shabono dificilmente os homens externavam afeição por suas mulheres, o que era considerado uma fraqueza. Apenas em relação às crianças os homens eram abertamente ternos e afetuosos; adulavam, beijavam e acarinhavam prodigamente os filhos. Eu vira Etewa e até mesmo o feroz Iramamowe carregando pesadas cargas de lenha para suas mulheres apenas para deixá-las cair ao se aproximarem do shabono.

Quando não havia nenhum homem por perto, eu vira Etewa guardar um pedaço especial de carne ou uma fruta para Ritimi e Tutemi. Protegida pela escuridão, eu o vira encostar o ouvido no ventre de Tutemi para escutar os fortes pontapés do bebê por nascer. Na presença de terceiros, ele nunca mencionara que ia ser pai.

Ritimi e eu fomos despertadas por Etewa horas antes do alvorecer. Silenciosamente, deixamos o acampamento, seguindo a margem arenosa do rio. Exceto por nossas redes, umas poucas bananas e os três abacaxis que a moça mocototeri me dera, nossos cestos estavam vazios. O velho Kamosiwe assegurara a Etewa que ele encontraria caça abundante. Não havia lua, embora a água brilhasse preta, refletindo a luminosidade do céu. A intervalos, o som de um pássaro noturno percorria a quietude, um débil grito anunciando o alvorecer. Uma a uma, as estrelas sumiram; os contornos das árvores tornaram-se visíveis enquanto a luz rósea da aurora descia até as sombras aos nossos pés. Fiquei espantada pela largura do rio, pelo silêncio de suas águas, tão tranquilas que nem pareciam se mover. Três araras formavam um triângulo no céu, pintando as nuvens estacionárias com suas penas vermelhas, azuis e amarelas, enquanto o brilhante sol alaranjado erguia-se sobre as copas das árvores.

Etewa abriu a boca num bocejo que parecia forçar caminho até as profundezas de seus pulmões. Ele apertou os olhos; a luz do sol era brilhante demais para olhos que não haviam dormido o bastante.

Soltamos nossos cestos. Eu e Ritimi sentamos num tronco, de onde observamos Etewa retesar seu arco. Lentamente, ele ergueu os braços e curvou as costas, apontando a flecha para bem alto no ar. Ficou imóvel por um tempo interminável, uma figura de pedra, cada músculo cuidadosamente desenhado, seu olhar concentrado nos pássaros que cruzavam o céu. Não ousei perguntar por que ele esperava tanto tempo para disparar a flecha.

Não ouvi a flecha viajar através dos ares — apenas um rápido grito que se dissolveu num bater de asas. Por um instante, a arara, uma massa de penas mantidas juntas pela flecha tingida de vermelho, ficou suspensa no ar antes de desabar, não muito longe de onde estava Etewa.

Etewa fez um fogueira, onde assamos o pássaro depenado e algumas bananas-da-terra. Ele comeu apenas uma pequena porção, insistindo para que comêssemos o resto, de modo que ficássemos bem fortes para a árdua subida das colinas.

Não perdemos a luz do sol sobre o rio enquanto seguíamos a trilha que entrava na mata. A penumbra das árvores e trepadeiras era um bálsamo para nossos olhos cansados. Folhas caídas pareciam canteiros de flores contra o fundo verde. Etewa cortou galhos de cacauzeiros silvestres.

— Com esta madeira se faz as melhores fogueiras — disse, descascando os galhos com sua afiada faca, feita do incisivo inferior de uma cutia. Depois, cortou os frutos de cor verde, amarelo e púrpura, presos individualmente ao tronco por pequenos caules sem folhas. Ele abriu os frutos e sugamos a doce e gelatinosa polpa que envolvia as sementes, que foram enroladas em folhas.

— As sementes do pohoro, depois de cozidas, são deliciosas — explicou Ritimi, e imaginei se teriam gosto de chocolate.

— Deve haver macacos e fuinhas aqui perto — disse Etewa, mostrando-me restos de cascas de cacau espalhados pelo chão. — Eles gostam do fruto do pohoro tanto quanto nós.

Um pouco adiante, Etewa parou em frente a uma videira retorcida, que ele marcou com sua faca.

— Mamucori — disse. — Voltarei a este lugar quando precisarmos fazer mais veneno.

— Ashukamakn — exclamei quando paramos debaixo de uma árvore, seu tronco incrustado de folhas polidas, parecendo de cera. Mas não eram da espécie usada para espessar o curare. Etewa assinalou que aquelas folhas eram longas e denteadas. Ele parará por causa dos vários ossos de animais no chão.

— Gavião-real — disse, gesticulando para o ninho no topo das árvores.

— Não mate o pássaro — pediu Ritimi. — Pode ser o espírito de um iticoteri morto.

Ignorando sua esposa, Etewa subiu na árvore. Alcançando o ninho, ergueu um filhote de penugem branca, que começou a piar. Ouvimos os gritos estridentes da mãe quando Etewa lançou o filhote no chão. Ele se apoiou contra o tronco e um galho, depois mirou sua flecha no gavião que voava em círculos.

— Estou contente por ter acertado o bicho — disse Etewa, instando-nos a segui-lo até o local onde o gavião se espatifara entre as árvores. — Ele só come carne. — Voltou-se para Ritimi acrescentou brandamente: — Ouvi seus gritos antes de apontar minha flecha... não era a voz de um espírito. — Arrancou as penas macias do peito do gavião, as penas compridas e cinzentas das asas, e depois embrulhou-as em folhas.

O calor da tarde que se filtrava por entre as folhas deixava-me tão entorpecida que tudo que eu queria era dormir. Ritimi tinha manchas escuras sob os olhos, como se tivesse aplicado carvão na pele tenra. Etewa abrandou suas passadas. Sem dizer uma palavra, encaminhou-se para o rio. Paramos imóveis nas águas amplas e rasas, mantidos

em suspensão pelo calor e fulgor. Olhamos para o reflexo das árvores e nuvens, depois deitamos num banco de areia cor de ocre no meio do rio. Os azuis fundiam-se em verde e vermelho do tanino das raízes submersas. Nem uma folha se agitava, nem uma nuvem se movia. Mesmo as libélulas pairando sobre as águas pareciam imóveis em suas vibrações transparentes. Ficando de bruços, deixei minhas mãos repousarem niveladas na superfície do rio, como se eu pudesse agarrar a lânguida harmonia reinante entre os reflexo no rio e o brilho no céu. Deslizei sobre o estômago até meus lábios tocarem a água, depois bebi as nuvens refletidas.

Duas garças que tinham alçado vôo à nossa chegada retornaram. Apoiadas nas longas pernas, com os pescoços afundados entre as penas, elas nos observavam através de suas pálpebras piscantes semicerradas. Vi corpos prateados saltando no ar, buscando o calor intoxicante que tremeluzia sobre a água.

— Peixes! — exclamei, minha letargia momentaneamente afastada.

Rindo, Etewa apontou com sua flecha para um estridente bando de papagaios cruzando o céu.

— Pássaros! — gritou ele, alcançando a aljava de bambu às suas costas. Pegou uma ponta de flecha, lambeu-a com a ponta da língua para ver se o veneno ainda estava bom. Satisfeito com seu gosto amargo, fixou a ponta aguçada na haste da flecha. Em seguida, testou seu arco, puxando e soltando a corda.

— Não está bem esticada — disse, desatando-a numa das extremidades. Enroscou a corda várias vezes, depois ajustou-a novamente. — Passaremos a noite aqui — disse, chapinhando na água. Escalou a margem oposta, desaparecendo entre as árvores.

Ritimi e eu permanecemos no banco de areia. Ela desembulhou as penas e espalhou-as numa pedra ao sol para matar os piolhos. Excitadamente, apontou para uma árvore na margem, na qual flores pálidas pendiam como frutos. Cortou galhos inteiros, depois ofereceu-me as flores para comer.

— Elas são doces — salientou, ao notar minha relutância. Tentando explicar que as flores lembravam-me sabonete fortemente perfumado, caí no sono. Acordei com os sons do crepúsculo varrendo a luz do dia, o sussurro da brisa refrescando as árvores, os pios dos pássaros preparando-se para a noite.

Etewa retornou com dois mutuns e um fardo de copas de palmeira. Ajudei Ritimi a catar lenha ao longo da margem do rio. Enquanto ela depenava os pássaros, auxiliei Etewa na construção do abrigo.

— Tem certeza de que vai chover? — perguntei-lhe, olhando para o céu claro, sem nuvens.

— Se o velho Kamosiwe disse que vai chover, então vai. Ele sente cheiro de chuva como os outros sentem cheiro de comida.

Era uma cabaninha aconchegante. A estaca frontal era mais alta do que as duas de trás, mas não tão alta que pudéssemos ficar de pé. As estacas eram ligadas com longas varas, dando ao abrigo um formato triangular. Tanto o teto quanto o fundo eram cobertos com folhas de palmeira. Cobrimos o chão com folhas de platanillo, porque as estacas não eram fortes o suficiente para sustentar três redes.

Na realidade, Etewa fizera o abrigo mais por causa dele do que para conforto meu e de Ritimi. Se ele se molhasse na chuva, a criança no ventre de Tutemi poderia nascer morta ou deformada.

Ritimi cozinhou os pássaros, várias bananas e as sementes de cacau no fogo que Etewa fizera dentro da cabana. Espremi um dos abacaxis. A mistura de aromas e texturas me recordou um jantar de Ação de Graças.

— Deve ser como nozes de momo — disse Ritimi após eu ter explicado sobre molho de uva-do-monte. — O momo também é vermelho; precisa ser fervido por longo tempo até amolecer. É também embebido em água até todo o veneno sair.

— Não sei se ia gostar de nozes de momo.

— Você gostará — assegurou-me ela. — Não viu como gostou de sementes de pohoro? Nozes de momo são muito melhores.

Concordei, sorrindo. Embora as sementes de cacau assadas não tivessem gosto de chocolate, eram tão deliciosas quanto caju fresco.

Etewa e Ritimi adormeceram tão logo deitaram sobre as folhas de platanillo. Estirei-me ao lado de Ritimi. Em seu sono, ela se aconchegou, abraçando-me. O calor de seu corpo encheu-me de uma suave indolência; sua respiração ritmada me acalentou numa agradável sonolência. Uma sucessão de imagens como num sonho vagueou pela minha mente, às vezes lenta, às vezes rápida, como se alguém a estivesse projetando diante de mim: mocototeris se esgueirando de árvores em árvores seguiam furtivamente atrás de mim, seus gritos in-distinguíveis daqueles dos macacos-gritadores. Jacarés com olhos luminosos, pouco acima da superfície d'água, piscavam sonolentos, depois abriam de súbito as mandíbulas gigantes, prontos para me engolir. Tamanduás, com suas línguas viscosas parecendo linha, sopravam bolhas nas quais me vi aprisionada junto com centenas de formigas.

Fui acordada por uma súbita rajada de vento, que trouxe o cheiro de chuva. Sentei-me e ouvi os pingos grossos rufando nas folhas de palmeira. Os sons familiares de grilos e sapos produziam um contínuo e pulsante zumbido como fundo aos lamentosos gritos dos macacos noturnos, aos pios parecidos com flautas das perdizes da floresta. Tive certeza de ter ouvido passos e depois o farfalhar de galhos.

— Há alguém lá fora — falei, me aproximando de Etewa. Ele moveu-se até a estaca frontal do abrigo.

— É uma onça procurando sapos nos charcos. — Etewa virou minha cabeça levemente para a esquerda. — Você pode sentir o cheiro dela.

Farejei o ar repetidamente.

— Não sinto cheiro nenhum.

— É o hálito da onça que cheira. É forte porque ela come tudo cru. — Etewa virou minha cabeça de novo, desta vez para a direita. — Ouça, ela está retornando à floresta.

Deitei-me outra vez. Ritimi acordou, esfregou os olhos e sorriu.

— Sonhei que subi as montanhas e vi as cachoeiras.

— Estaremos a caminho delas amanhã — disse Etewa, tirando a bolsa de epena em volta do seu pescoço. Despejou um pouco do pó na palma da mão, depois inalou-o profundamente.

— Vai invocar os hekuras agora? — perguntei.

— Vou pedir aos espíritos da floresta que nos protejam — disse Etewa, depois começou a cantar em voz baixa. Sua canção, levada pela brisa da noite, parecia atravessar a escuridão. Eu tinha certeza de que alcançaria os espíritos residentes nos quatro cantos da terra. O fogo se reduziu a um bruxuleio vermelho. Não mais ouvia a voz de Etewa, porém seus lábios continuavam se mexendo enquanto eu mergulhava num sono sem sonhos.

Fui acordada pouco depois pelos suaves gemidos de Ritimi e toquei-lhe o ombro, achando que estava tendo um pesadelo.

— Você quer também — murmurou ela.

Surpresa, abri os olhos e vi a face sorridente de Etewa; ele estava fazendo amor com ela. Observei-os por um instante. O movimento de seus corpos era tão sincronizado que mal pareciam se mexer.

Etewa, nem um pouco embaraçado, saiu de cima de Ritimi e ajoelhou-se diante de mim. Erguendo minhas pernas, estendeu-as ligeiramente. Pressionou as bochechas contra minhas panturrilhas; seu toque era como a divertida carícia de uma criança. Não havia embaraço; não havia palavras. Ainda assim eu estava cheia de ternura.

Etewa virou-se de novo para Ritimi, descansando sua cabeça entre o ombro dela e o meu.

— Agora somos irmãos de verdade — disse Ritimi suavemente. — Por fora não parecemos iguais, mas por dentro agora somos.

Aconcheguei-me a ela. A brisa do rio soprando através do abrigo era como uma carícia.

A luz rósea da aurora descia suavemente sobre a copa das árvores. Ritimi e Etewa caminharam para o rio. Saí do abrigo e inspirei o ar de um novo dia. Ao amanhecer a escuridão da floresta não era mais negra, mas de um verde-azulado, como uma caverna subterrânea iluminada por uma luz filtrando-se através de alguma fenda secreta. Um espargir de orvalho, como uma garoa, molhou meu rosto enquanto eu tirava folhas e videiras do meu caminho. Pequenas aranhas vermelhas com patas cabeludas teciam de novo suas teias prateadas.

Etewa encontrou um favo de mel dentro de um tronco oco. Após espremer a última gota em nossas bocas, ele guardou o favo numa cabaça cheia d'água, e mais tarde bebemos da água adocicada.

Subimos trilhas demasiado grandes que margeavam pequenas cascatas e trechos do rio que se precipitavam em estonteantes velocidades, causando uma brisa que soprava nosso cabelo e balançava os bambus na margem.

— Esta é a cena do meu sonho — disse Ritimi, estendendo os braços como se para abraçar a larga vastidão de água que se arremessava diante de nós numa profunda e larga piscina.

Segui hesitante o meu caminho pelas escuras rochas de basalto que se projetavam ao redor das cascatas. Por longo tempo permaneci debaixo delas, minhas mãos erguidas para travar a trovejante força da água que descia das alturas já aquecida pelo sol.

— Vamos, moça branca — gritou Etewa. — Os espíritos da água que corre farão você adoecer.

Naquela tarde, acampamos num bosquete de bananeiras silvestres. Em meio a elas descobri um abacateiro. Tinha apenas um fruto; não possuía a forma de uma pêra, mas era redondo, tão grande quanto um cantalupo, e brilhava como se fosse de cera.

Etewa me levantou para que eu alcançasse o primeiro galho, depois subi lentamente até o fruto pendente na extremidade do ramo mais alto. Minha ânsia em alcançar a bola verde era tão grande que ignorei os galhos quebradiços que estalavam sob o meu peso. Tão logo puxei o abacate para mim, o galho onde eu estava cedeu.

Etewa ria de lágrimas lhe rolarem pelo rosto. Ritimi, também rindo, raspou o abacate amassado de meu estômago e coxa.

— Eu poderia ter me machucado — falei, espicaçada pela indiferença e zombaria deles. — Talvez tenha quebrado uma perna.

— Não quebrou, não — assegurou-me Etewa. — O chão está macio com as folhas mortas. — Ele recolheu mais abacate amassado e insistiu para que eu provasse. — Eu lhe avisei para não ficar debaixo das cascatas — acrescentou, sério. — Os espíritos da água que corre fizeram você ignorar o perigo dos galhos secos.

Enquanto Etewa construía o abrigo, todos os sinais de dia claro desapareceram. A floresta foi tomada por uma névoa esbranquiçada. Não choveu, mas o orvalho caía das folhas em grossos pingos ao mais leve toque.

Dormimos sobre as folhas de platanillo, aquecidos pelo calor dos corpos e pelo fogo baixo que Etewa mantivera aceso durante a noite, empurrando com o pé, a intervalos, as toras para mais perto das chamas.

Partimos antes da aurora. Uma névoa densa continuava ocultando as árvores, e o coaxar de sapos nos alcançava de uma grande distância. Quanto mais alto subíamos, mais escassa se tornava a vegetação, até que, por fim, não havia senão relva e pedras.

Alcançamos o topo de um platô erodido por ventos e chuvas, uma relíquia de outra era. Abaixo, a floresta ainda estava adormecida sob um manto de névoa. Um mundo misterioso e inexplorado, cuja vastidão ninguém poderia adivinhar olhando de fora. Sentamos no chão e em silêncio esperamos o nascer do sol.

Um esmagador senso de reverência me dominou quando o céu a leste reluziu vermelho e púrpura ao longo do horizonte. As nuvens, obedientes ao vento, abriram-se para deixar passar através delas o disco ascendente. Uma névoa cor-de-rosa girava sobre a copa das árvores, retocando as sombras com azul forte, espalhando verde e amarelo de ponta a ponta no céu até ele mudar para um azul translúcido.

Voltei-me para olhar atrás de mim, para oeste, onde nuvens estavam mudando de forma, abrindo caminho para a luz em expansão. Ao sul, o céu estava tingido com traços cor de fogo e nuvens luminosas amontoadas, impulsionadas pelo vento.

— Lá fica o nosso shabono — disse Etewa, apontando na distância. Agarrou meu braço e me fez girar para a direção norte. — E lá fica o grande rio, onde os homens brancos passam.

O sol tinha levantado o manto de fogo. O rio brilhava como uma serpente dourada cortando o verde até perder-se na imensidão de espaço que parecia ser parte de outro mundo.

Eu queria falar, gritar bem alto, mas não tinha palavras que descrevessem minha emoção. Olhando para Ritimi e Etewa, eu soube que eles compreendiam o quão intensamente eu sentia. Ergui os braços como se para abraçar aquela maravilhosa fronteira entre floresta e céu. Senti-me no limiar do tempo e do espaço. Podia ouvir as vibrações da luz, o sussurro das árvores, o canto de pássaros distantes que o vento trazia.

Subitamente eu soube que era por opção e não por falta de interesse que os iticoteris nunca tinham se mostrado curiosos sobre meu passado. Para eles eu não possuía história pessoal. Só assim puderam me aceitar como algo mais que uma excentricidade. Eventos e relacionamentos do meu passado haviam começado a se borrar em minha memória. Não que eu os tivesse esquecido; eu simplesmente parará de pensar neles, porque não tinham significado ali na floresta. Como os iticoteris, eu aprendera a viver o presente. O tempo foi afastado de mim. Era algo a ser usado apenas no momento. Uma vez usado, afundava de volta em si mesmo e tornava-se uma parte imperceptível de meu ser interior.

— Você está em silêncio há muito tempo — disse Ritimi, sentando no chão. Erguendo os joelhos, ela os abraçou, depois apoiou o queixo neles e olhou para mim.

— Tenho pensado em como sou feliz por estar aqui — falei. Sorrindo, Ritimi balançou o corpo graciosamente para a frente e para trás.

— Um dia irei catar lenha e você não estará mais ao meu lado. Mas não ficarei triste, porque esta tarde, antes de chegarmos ao shabono, nós nos pintaremos com onoto e ficaremos felizes observando uma porção de araras seguindo atrás do sol poente.

EU OUVIRA DIZER que as mulheres não se envolviam em nenhum aspecto do ritual do epena. Não eram incumbidas de prepará-lo, nem lhes era permitido inalar o alucinógeno. Não era sequer adequado para uma mulher tocar no tubo de taquara usado para aspirar o pó, a não ser que um homem solicitasse especialmente que lhe trouxesse um. Certa manhã, para meu total espanto, vi Ritimi inclinar-se sobre o fogo, estudando atentamente as sementes preto-avermelhadas de epena secando nas brasas. Sem perceber minha presença, ela começou a friccionar as sementes secas nas palmas das mãos, sobre uma larga folha contendo um punhado de cinzas de cortiça. Com a mesma confiança e habilidade que eu vira em Etewa, ela cuspiu a intervalos nas cinzas e sementes enquanto as amassava numa massa elástica uniforme.

Enquanto transferia a mistura pastosa para um caco de cerâmica quente, Ritimi olhou para mim, seu sorriso revelando claramente o quanto estava deliciada com meu desconcerto.

— Uau, o epena ficará forte — disse ela, erguendo o olhar de volta para a massa alucinógena que rebentava com sons altos e estalantes na peça de terracota. Com uma pedra macia, ela triturou a massa de secamento rápido até dissolvê-la num pó muito fino, que incluía uma camada de poeira de caco de cerâmica.

— Eu não sabia que as mulheres soubessem preparar epena — falei.

— Mulheres podem fazer qualquer coisa — disse Ritimi, afunilando o pó acastanhado num pequeno recipiente de bambu.

Após esperar em vão que ela satisfizesse minha curiosidade, perguntei finalmente:

— Por que está preparando o pó?

— Etewa sabe que preparo o epena bem — disse, orgulhosa. — Ele gosta de ter algum pronto sempre que volta de uma caçada.

Por vários dias não tínhamos comido nada a não ser peixe. Sem disposição para caçar, Etewa e um grupo de homens represaram um pequeno córrego onde puseram pedaços picados da erva ayori-toto. A água adquirira uma cor esbranquiçada, como se fosse leite. Todas as mulheres só precisaram encher seus cestos com os peixes asfíxiados que boiavam à superfície. Mas os iticotéris não eram lá grandes apreciadores de peixe, e logo mulheres e crianças começaram a reclamar da falta de carne. Dois dias tinham se passado desde que Etewa e seus amigos se embrenharam na floresta.

— Como você sabe que Etewa está retornando hoje? — perguntei. Antes que Ritimi respondesse, acrescentei depressa: — Já sei, você pode sentir nas suas pernas.

Sorrindo, Ritimi pegou o comprido e estreito tubo e soprou-o repetidamente.

— Estou limpando ele — disse com um brilho malicioso nos olhos.

— Você já experimentou epena!

Ritimi acercou-se mais para sussurrar em meu ouvido:

— Já, mas não gostei. Fiquei com dor de cabeça. — Olhou em torno furtivamente.

— Gostaria de experimentar?

— Eu não quero uma dor de cabeça.

— Talvez com você seja diferente. — Levantando-se, ela casualmente pôs no cesto o recipiente de bambu e o tubo de taquara de 90 cm. — Vamos até o rio. Quero ver se misturei bem o epena.

Caminhamos ao longo da margem, quase a mesma distância de onde os iticotéris costumavam vir para se banhar ou buscar água. Agachei-me no chão em frente a ela,

que começou meticulosamente a introduzir uma pequena quantidade de epena na extremidade da taquara. Delicadamente, deu pancadinhas no tubo com o dedo indicador, espargindo o pó ao longo de sua extensão. Senti gotas de suor descendo pelos meus flancos. A única vez em que tinha sido drogada fora quando precisara arrancar três dentes do siso. Na ocasião eu me perguntara se não teria sido mais sensato suportar a dor em vez das horríveis alucinações que a droga provocara em mim.

— Levante a cabeça um pouco — disse Ritimi, segurando o leve tubo diante de mim. — Vê a pequena noz de rasha na ponta? Pressione a noz contra sua narina.

Assenti. Eu podia ver que a semente de palmeira tinha sido fortemente colada com resina na ponta da taquara. Certifiquei-me de que o pequeno furo feito no fruto oco estivesse dentro do meu nariz. Percorri com a mão a frágil extensão da taquara macia. Ouvi o som agudo do ar comprimido sendo disparado através do tubo. Esqueci disso enquanto uma dor penetrante crestava meu cérebro.

— Isto parece terrível! — gemi, batendo no topo da cabeça com a palma das mãos.

— Agora a outra — disse Ritimi rindo, enquanto colocava a taquara contra a minha narina esquerda.

Senti como se estivesse sangrando, mas Ritimi me assegurou que era apenas muco e saliva que gotejavam incontrolavelmente de meu nariz e boca. Tentei assoar, mas era incapaz de erguer a mão pesada como chumbo.

— Por que não aproveita, em vez de ficar tão aflita com um pouco de muco escorrendo até seu umbigo? — Ritimi ria dos meus desajeitados esforços. — Depois eu lavo você no rio.

— Não há nada aproveitável — repliquei, suando profundamente por cada poro. Senti náuseas e um estranho peso em cada membro. Por toda parte via pontinhos de luz vermelha e amarela. Gostaria de saber o que Ritimi achava tão engraçado. Seu riso reverberava em meus ouvidos como se vindo de dentro de minha cabeça. — Deixe-me soprar um pouco no seu nariz — sugeri.

— Oh, não. Eu tenho que cuidar de você. Não podemos ficar as duas com dor de cabeça.

— Isto deve causar mais do que uma dor de cabeça. Sobre um pouco mais em meu nariz. Quero ver um hekura.

— Hekuras não aparecem às mulheres — disse Ritimi, entre acessos de riso. Pôs o tubo contra o meu nariz. — Mas talvez, se entoar cânticos, eles venham a você.

Senti cada partícula de pó viajar por minha passagem nasal, explodindo no topo do meu crânio. Lentamente, uma deliciosa lassidão espalhou-se por meu corpo. Voltei o olhar para o rio, quase esperando uma criatura mítica emergir das profundezas. Ondulações na água começaram a crescer em ondas, espadanando para a frente e para trás com tal força que me encolhi entre as mãos e joelhos. Estava certa de que a água tentava me capturar. Erguendo os olhos para o rosto de Ritimi, fiquei atordoada com sua expressão alarmada.

— O que é? — perguntei. Minha voz extinguiu-se enquanto eu seguia a direção do seu olhar. Etewa e Iramamowe estavam parados em frente a nós. Levantei-me com grande dificuldade. Toquei-os para ter certeza de que não era alucinação.

Soltando os grandes fardos que pendiam de suas costas, passaram-nos aos outros caçadores parados atrás, na trilha.

— Levem a carne para o shabono — disse Iramamowe roucamente.

O pensamento de que Etewa e Iramamowe iriam comer tão pouco da carne encheu-me de tal tristeza que comecei a chorar. Um caçador dá a maioria da caça que abate. Ele preferia passar fome ao risco de ser acusado de sovinice.

— Eu cederei a você a minha porção — falei para Etewa. — Prefiro comer peixe.

— Por que estava cheirando epena? — A voz de Etewa era dura, mas seus olhos brilhavam de divertimento.

— Precisava verificar se Ritimi misturou o pó da maneira certa — murmurei. — Não está forte o bastante. Não cheguei a ver nenhum hekura.

— Está forte — replicou Etewa. Pondo a mão nos meus ombros, fez com que eu me agachasse no chão diante dele. — Epena feito de sementes é mais forte do que a espécie feita de cortiça. — Encheu o tubo com o pó. — O sopro de Ritimi é que não deve ter sido muito forte. — Uma careta diabólica vinçou sua face quando ele pôs o tubo contra a minha narina e soprou.

Caí para trás, deitando minha cabeça, que reverberava com os risos roucos de Etewa e Iramamowe. Levantei-me devagar. Meus pés pareciam não tocar o chão.

— Dance, moça branca — estimulou Iramamowe. — Veja se consegue atrair os hekuras com seu cântico.

Mesmerizada por suas palavras, estendi os braços e comecei a dançar com pequenos passos convulsivos, do modo como vira os homens dançarem quando em transe induzido pelo epena.

Pela minha cabeça passavam a melodia e as palavras de um dos cânticos hekuras de Iramamowe.

Após dias invocando o hekura
do beija-flor,
ele finalmente me apareceu.
Deslumbrado, observei sua dança.
Desmaiei no chão
e não senti quando ele
furou minha garganta
e arrancou minha língua.
Não vi como meu sangue
fluiu para o rio,
tingindo a água de vermelho.
Ele tapou a fenda com preciosas penas.
É por isso que sei os cânticos hekuras.
É por isso que canto tão bem.

Etewa guiou-me até a beira do rio, depois espargiu água em meu rosto e peito.

— Não repita este cântico — avisou-me. — Iramamowe ficará furioso. Irá fazer mal a você com suas plantas mágicas.

Eu queria fazer como ele me dizia, porém sentia-me compelida a repetir o cântico hekura de Iramamowe.

— Não repita este cântico — tornou a prevenir Etewa. — Iramamowe tornará você surda. Fará seus olhos sangrarem. — Etewa virou-se para Iramamowe. — Não faça feitiço para a moça branca.

— Não vou fazer — tranqüilizou-o Iramamowe. — Não estou furioso com ela. Sei que ainda ignora os nossos costumes. — Segurando minha face com ambas as mãos, forçou-me a olhar em seus olhos. — Posso ver os hekuras dançando em suas pupilas.

À luz do sol, os olhos de Iramamowe não eram escuros, mas claros, da cor do mel.

— Também posso ver os hekuras em seus olhos — disse a ele, estudando os pontinhos amarelos em suas íris. Seu rosto transmitia uma gentileza que eu nunca vira antes. Enquanto tentava dizer-lhe que finalmente compreendia por que seu nome era Olho de Jaguar, desmaiei sobre ele. Lembro vagamente de ter sido carregada nos braços

de alguém. Tão logo me vi na minha rede, caí num sono profundo, do qual só acordaria no dia seguinte.

Arasuwe, Iramamowe e o velho Kamosiwe tinham se reunido na cabana de Etewa. Ansiosa, olhei de um para outro. Estavam pintados com onoto\ dos lóbulos de suas orelhas perfurados pendiam enfeites feitos com pequenos pedaços de taquara ornamentados com penas. Quando Ritimi sentou-se perto de mim na rede, eu estava certa de que viera me proteger da ira deles. Antes de dar a qualquer dos homens uma chance de falar, comecei a elaborar desculpas por ter aspirado epena. Quanto mais rápido falasse mais segura me sentiria. Um firme fluxo de palavras, pensei, era o meio mais seguro de dissipar a raiva deles.

Arasuwe, por fim, cortou meu falatório incoerente:

— Você fala depressa demais. Não posso entender o que está dizendo.

Fiquei desconcertada com seu tom de voz afável. Eu estava certa de que não era resultado de minhas desculpas. Re-lanceei o olhar para os outros. A não ser uma curiosidade vaga, seus rostos nada revelavam. Inclinei-me contra Ritimi e suspirei:

— Se eles não estão transtornados, por que estão todos na cabana?

— Não sei — disse ela, suavemente. Arasuwe perguntou:

— Moça branca, já tinha visto algum hekura antes de ontem?

— Nunca vi um hekura em minha vida — assegurei-lhe rapidamente. — Nem mesmo ontem.

— Iramamowe viu hekuras em seus olhos — insistiu Arasuwe. — Ele aspirou epena a noite passada. Seu hekura pessoal disse-lhe que havia ensinado o cântico a você.

— Eu sei o cântico de Iramamowe porque já o ouvi com frequência — quase gritei.

— Como poderia o hekura dele ter me ensinado? Espíritos não aparecem às mulheres.

— Você não parece uma mulher iticoteri — disse o velho Kamosiwe, olhando-me como se estivesse me vendo pela primeira vez. — Os hekuras podem facilmente se confundir. — Limpou o suco de tabaco que gotejava do canto de sua boca. — Tem havido ocasiões em que os hekuras aparecem às mulheres.

— Acredite em mim — falei para Iramamowe —, só sei o seu cântico por ter ouvido você entoá-lo muitas vezes.

— Mas eu canto muito suavemente — argumentou Iramamowe. — Se realmente sabe meu cântico, por que não o entoa agora?

Esperando que isso pusesse um fim ao incidente do epena, comecei a entoar a melodia. Para minha profunda aflição, não pude recordar as palavras.

— Viu? — exclamou Iramamowe triunfante. — Meu hekura ensinou-lhe meu cântico. Por isso não fiquei furioso com você ontem, por isso não estourei seus olhos e ouvidos, por isso não lhe bati com um pau em brasa.

— Deve ser isso — disse eu, forçando um sorriso. Interiormente, estremeci.

Iramamowe era bem conhecido por seu temperamento arrebatado, natureza vingativa e castigos cruéis.

O velho Kamosiwe cuspiu seu chumaço de tabaco no chão, depois pegou uma banana do cacho pendurado bem acima dele. Descascando-a, pôs a fruta inteira na boca.

— Muito tempo atrás havia uma mulher shapori — murmurou ele, ainda mastigando.

— Chamava-se Imaawami. Tinha a pele branca como a sua. Era alta e muito forte. Quando cheirava epena, ela cantava para os hekuras, Ela sabia como massagear para aliviar a dor e como sugar a doença para fora. Não havia ninguém como ela para procurar as almas perdidas de crianças e anular as maldições de xamãs inimigos.

— Diga-nos, moça branca — interveio Arasuwe —, conheceu algum shapori antes de chegar aqui? Já foi instruída por algum?

— Tenho conhecido xamãs — falei. — Mas eles nunca me ensinaram nada. —
Descrevi com riqueza de detalhes o tipo de trabalho em que estava engajada antes de
minha chegada à missão. Falei sobre doña Mercedes e de como ela permitira observar e
gravar a interação entre ela e seus pacientes. — Uma vez doña Mercedes deixou-me
tomar parte numa sessão espírita. Ela achava que eu poderia ser uma mediú Curandeiros
de diversas regiões se reuniram na casa. Todos nós sentamos em círculo e invocamos os
espíritos. Entoam cânticos por longo tempo.

— Cheiraram epena? — perguntou Iramamowe.

— Não. Fumamos enormes charutos — falei, quase rindo ao lembrar. Dez pessoas
estiveram presentes no salão de dona Mercedes, sentadas rigidamente em bancos
cobertos de pele de bode. Em concentração obsessiva, déramos baforadas nos charutos,
enchendo o salão com fumaça tão densa que mal podíamos ver um ao outro. Eu estivera
ocupada demais ficando enjoada para ser transportada num transe. — Um dos
curandeiros pediu-me para sair, dizendo que os espíritos não viriam enquanto eu
permanecesse no salão.

— Os hekuras vieram depois que você saiu?

— Sim. Doña Mercedes me contou no dia seguinte como os espíritos entraram na
cabeça de cada curandeiro.

— Estranho — murmurou Iramamowe. — Mas você deve ter aprendido muita coisa
se viveu naquela casa.

— Aprendi suas rezas e encantamentos aos espíritos, e conheci também os tipos de
plantas e raízes que ela usava nos pacientes. Mas ela nunca me ensinou a me comunicar
com os espíritos ou a curar pessoas. — Olhei para cada um dos homens. Etewa era o
único que sorria. — Segundo ela, o único meio de aprender sobre cura é praticar.

— Você se iniciou na cura? — quis saber o velho Kamosiwe.

— Não. Doña Mercedes sugeriu que eu devia vir para a selva.

Os quatro homens se entreolharam, depois viraram-se devagar para mim e
perguntaram em uníssono:

— Veio para cá aprender sobre xamãs?

— Não! — gritei. Depois acrescentei, num tom submisso: — Vim trazer as cinzas de
Angélica. — Escolhendo as palavras com muito cuidado, expliquei como era a minha
profissão de estudar pessoas, inclusive xamãs; não porque eu quisesse me tornar um,
mas porque estava interessada em aprender acerca das similaridades e diferenças entre
várias tradições do xamanismo.

— Esteve com outros shaporis além de doña Mercedes? — perguntou o velho
Kamosiwe.

Contei a eles sobre Juan Caridad, um velho que conheci anos antes. Levantei-me e
peguei minha mochila, que eu mantinha dentro de um cesto atado a um dos caibros. Do
bolso lateral com zíper, o qual, só por causa do estranho fecho, escapara da curiosidade
das mulheres, tirei uma pequena bolsa de couro. Esvaziei-a nas mãos de Arasuwe.
Desconfiado, ele examinou uma pedra, uma pérola, e o diamante bruto que eu ganhara
do Sr. Barth.

— Esta pedra — falei, tomando-a das mãos de Arasuwe — me foi dada por Juan
Caridad. Ele a fez saltar da água diante dos meus olhos. — Acaricieei a pedra macia e de
acentuada cor dourada. Cabia perfeitamente na palma de minha mão. Tinha forma oval,
plana num dos lados, uma saliência redonda no outro.

— Você ficou com ele tanto tempo quanto ficou com doña Mercedes? — indagou
Arasuwe.

— Não. Não fiquei com ele muito tempo. Tinha medo dele.

— Medo? Pensei que nunca tivesse medo — exclamou o velho Kamosiwe.

— Juan Caridad era um homem apavorante. Ele me fez ter estranhos sonhos nos quais sempre aparecia. Todas as manhãs ele vinha me fazer detalhados relatos do que eu havia sonhado.

Os homens acenaram sabiamente uns para os outros.

— Que shapori poderoso — disse Kamosiwe. — Sobre o que ele fazia você sonhar?

Contei-lhes que o sonho que mais me assustara tinha sido, até certo ponto, uma exata réplica seqüencial de um episódio ocorrido quando eu estava com cinco anos. Uma vez, quando voltava da praia com minha família, meu pai decidiu, em vez de seguir direto para casa, fazer um desvio pela floresta para procurar orquídeas. Paramos perto de um rio raso. Meus irmãos foram com meu pai para o bosque. Minha mãe, com medo de cobras e mosquitos, ficou no carro. Minha irmã desafiou-me a caminhar com ela ao longo da margem do rio. Ela era dez anos mais velha do que eu, alta e magra, com o cabelo cacheado curto tão descorado pelo sol que parecia branco. Seus olhos eram de um profundo tom castanho-aveludado, não azuis ou verdes como os da maioria das louras. Enquanto se agachava no meio do rio, ela me disse para observar a água entre seus pés, os quais, para meu espanto total, tinham-se tornado vermelhos de sangue. Perguntei se ela se ferira. Ela não disse uma palavra enquanto se levantava. Sorrindo, acenou para que eu a seguisse. Permaneci na água, petrificada, enquanto a observava subir na margem oposta.

Em meu sonho experimentei o mesmo medo, mas disse a mim mesma que, agora que me tornara adulta, não havia nada que temer. Eu estava prestes a seguir minha irmã quando ouvi a voz de Juan Caridad, pedindo-me para permanecer na água. "Ela está chamando você para a terra dos mortos", disse ele. "Não se lembra de que ela morreu?"

Não importa o quanto eu lhe tivesse pedido, Juan Caridad recusou-se terminantemente a discutir como conseguira aparecer nos meus sonhos ou como sabia que minha irmã morreria num desastre de avião. Eu nunca lhe falara acerca de minha família. Ele nada sabia sobre mim, exceto que eu viera de Los Angeles para aprender práticas curativas.

Juan Caridad não ficou furioso quando sugeri que ele provavelmente era íntimo de alguém que me conhecia bem. Ele me assegurou que, não importava o que eu dissesse ou de que o acusasse, não discutiria um tema que jurara manter em absoluto segredo. Também instou-me a voltar para casa.

— Por que ele lhe deu a pedra? — perguntou o velho Kamosiwe.

— Pode ver estes pontos escuros e veios transparentes se entrecruzando na superfície? — falei, segurando a pedra perto de seu único olho. — Juan Caridad me disse que eles representam as árvores e rios da floresta. Disse que a pedra revelava que eu passaria um longo tempo na selva, que a guardaria como um talismã para me proteger do mal.

Os quatro homens na cabana ficaram em silêncio por longo tempo. Arasuwe passou-me o diamante bruto e a pérola.

— Fale-nos sobre estes. Falei sobre o diamante que o Sr. Barth me dera na missão.

— E esta? — perguntou o velho Kamosiwe, pegando a pequena pérola de minha mão. — Nunca vi uma pedra tão redonda.

— Eu a tenho há muito tempo.

— Mais tempo do que a que Juan Caridad lhe deu? — quis saber Ritimi.

— Muito mais. A pérola também me foi dada por um velho quando cheguei à ilha Margarita, onde fui passar um fim de semana com colegas de escola. Quando descemos do barco, um velho pescador veio diretamente na minha direção. Colocando a pérola na minha mão, ele disse: "É sua desde o dia em que você nasceu. Você a perdeu, mas achei-a para você no fundo do mar."

— O que aconteceu então? — perguntou Arasuwe com impaciência.

— Nada mais — falei. — Antes que eu me recobrasse de minha surpresa, o velho desapareceu.

Kamosiwe segurou a pérola na mão, deixou-a rolar para lá e para cá. Ela parecia estranhamente bonita em sua palma da mão escura e calosa, como se fizesse parte dela.

— Eu queria que ficasse com ela — falei para ele. Sorrindo, Kamosiwe me olhou.

— Eu gostaria muito. — Ele segurou a pérola contra a luz do sol. — Como é bonita. Há nuvens dentro da pedra. O velho que a deu se parecia comigo? — perguntou quando os quatro homens iam saindo da cabana.

— Ele era velho como você — disse eu, enquanto ele voltava para a sua cabana. Mas o velho não me ouviu. Segurando a pérola bem acima de sua cabeça, ele saltitou em torno da clareira.

Ninguém disse uma palavra sobre eu ter aspirado epena. Algumas noites, porém, quando os homens se reuniam do lado de fora de suas cabanas para inalar o pó alucinógeno, alguns jovens gritavam, zombando:

— Moça branca, queremos ver você dançar. Queremos ouvir você cantar a canção do hekura de Iramamowe.

Mas não voltei a experimentar o pó.

15

EU NUNCA SOUBE ONDE Puriwariwe, o irmão de Angélica, morava. Imaginei se alguém realmente o chamava quando estava necessitado ou se ele ia por intuição. Se ele permanecia no shabono por dias ou semanas, ninguém sabia dizer. Havia algo de tranquilizador em sua presença, no modo como entoava cânticos aos hekuras à noite, chamando os espíritos para proteger seu povo — especialmente as crianças, que eram os mais vulneráveis de todos — das magias de um shapori mau.

Certa manhã, o velho shapori caminhou diretamente para a cabana de Etewa. Sentando numa das redes desocupadas, pediu que eu lhe mostrasse os tesouros que mantinha escondidos em minha mochila.

Senti-me tentada a replicar que eu não escondia nada, mas permaneci em silêncio enquanto desprendia meu cesto do caibro. Eu sabia que ele ia me perguntar sobre uma das pedras, e desejei ardentemente que não fosse a que Juan Caridad me dera. De alguma maneira, eu estava certa de que fora a pedra que me trouxera para a selva. Eu receava que, se Puriwariwe a tomasse de mim, Milagros chegaria e me levaria de volta para a missão. Ou, pior, algo horrível poderia me acontecer. Eu acreditava implicitamente nos poderes protetores da pedra. Intencionalmente, o velho estudou tanto o diamante quanto a pedra. Ele segurou o diamante contra a luz.

— Eu quero esta aqui — disse ele, sorrindo. — Ela segura as cores do céu. — Estendendo-se na rede, o velho colocou o diamante e a outra pedra sobre seu estômago. — Agora quero que me fale sobre o shapori Juan Caridad. Quero ouvir sobre todos os sonhos em que este homem apareceu.

— Não sei se posso lembrar de todos. — Olhando de soslaio para seu rosto fino e enrugado e seu corpo emaciado, tive a vaga impressão de que o conhecia há mais tempo do que podia lembrar. Havia uma reação terna e familiar em mim enquanto seus olhos sorridentes sustentavam meu olhar. Deitada confortavelmente em minha rede, comecei a falar com uma fluência desembaraçada. Sempre que desconhecia uma palavra iticoteri,

utilizava uma espanhola. Puriwariwe não parecia se importar. Tive a impressão de que estava mais interessado no som e no ritmo de minhas palavras do que no seu significado real.

Quando terminei minha narrativa, o velho cuspiu o tabaco que Ritimi preparara para ele antes de sair para trabalhar na lavoura. Numa voz suave, ele falou da curandeira sobre a qual Kamosiwe já me falara. Imaawami não só era considerada uma grande shapori como também acreditavam ter sido uma excelente caçadora e guerreira que atacara aldeias inimigas junto com os homens.

— Ela usava arma de fogo? — perguntei, esperando aprender mais sobre sua identidade. Desde que ouvira falar dela pela primeira vez, eu ficara obcecada com a possibilidade de que ela devia ter sido uma mulher branca escravizada. Talvez já na época em que os espanhóis chegaram pela primeira vez em busca do El Dorado.

— Ela usava arco e flechas — falou o velho xamã. — Seu veneno mamucori era da melhor espécie.

Não importa como eu tenha formulado minha pergunta, sentia-me incapaz de concluir se Imaawami era uma pessoa real ou um ser pertencente a uma época mitológica. Tudo que o shapori se dispunha a dizer era que Imaawami existira muito tempo atrás. Eu estava certa de que o velho não estava sendo evasivo; era comum os iticoteris se mostrarem vagos a respeito de acontecimentos passados.

Algumas noites, após as mulheres terem cozinhado a última refeição do dia, Puriwariwe sentava-se junto ao fogo no meio da clareira. Velhos e jovens se agrupavam à sua volta. Eu sempre procurava sentar-me ao lado dele, porque não queria perder uma palavra do que dissesse. Num tom anasalado baixo e monótono, ele falava sobre a origem do homem, do fogo, das águas, da lua e do sol. Alguns desses mitos eu já conhecia, mas a cada vez que os recontava era como se eu estivesse ouvindo uma história diferente. Cada narrador os embelezava e aperfeiçoava de acordo com sua própria visão.

— Qual é o verdadeiro mito da criação? — perguntei a Puriwariwe uma noite, após ele terminar a história de Waipilishoni, uma mulher xamã que criara sangue misturando onoto com água. Ela dera vida aos corpos feitos de madeira de um irmão e irmã, fazendo-os beber sua substância. Na noite anterior, o shapori contara-nos que o primeiro índio viera ao mundo da perna de uma criatura assim.

Por um instante, Puriwariwe olhou-me com expressão perplexa.

— Todos eles são verdadeiros — disse por fim. — Não sabe que o homem foi criado muitas vezes através dos tempos?

Sacudi a cabeça em espanto. Ele tocou meu rosto e riu.

— Oh-oh, como continua ignorante. Preste muita atenção. Eu lhe falarei de todas as vezes em que o mundo foi destruído por incêndios e enchentes.

Poucos dias mais tarde, Puriwariwe anunciou que Xorowe, o filho mais velho de Iramamowe, seria iniciado como shapori. Xorowe tinha seus dezessete ou dezoito anos. Possuía um corpo ágil e leve e um rosto fino e delicadamente delineado, no qual os profundos olhos castanhos pareciam excessivamente amplos e brilhantes. Levando apenas uma rede, mudou-se para a pequena cabana que fora construída para ele na clareira. Uma vez que era crença geral de que os hekuras evitavam as mulheres, não foi permitido a elas se aproximarem da cabana — nem mesmo a mãe, avó e irmãs de Xorowe.

Um rapazinho que nunca estivera com uma mulher foi escolhido para tomar conta do iniciado. Era quem soprava epena nas narinas de Xorowe, quem cuidava para que o fogo nunca apagasse e quem verificava diariamente se Xorowe tinha a provisão

adequada de água e mel, a única alimentação permitida ao iniciado. As mulheres sempre deixavam bastante lenha do lado de fora do shabono, de modo que o garoto não tivesse que ir procurá-la muito longe. Os homens ficavam responsáveis pelo mel. Diariamente o shapori os exortava a se embrenharem mais fundo na floresta em busca de novas fontes.

Xorowe passava a maior parte do tempo dentro da cabana, deitado em sua rede. Às vezes sentava-se num tronco polido que Iramamowe colocara do lado de fora da habitação, pois não lhe era permitido sentar no chão. Ao cabo de uma semana, o rosto de Xorowe estava escurecido de epena. Seus olhos uma vez brilhantes tornaram-se desbotados e sem foco. Seu corpo, sujo e emaciado, movia-se com o desequilíbrio típico de um bêbado.

A vida continuava normal no shabono, exceto para as famílias que viviam perto da cabana de Xorowe, que eram proibidas de cozinhar nos seus braseiros. Segundo Puriwariwe, os hekuras detestavam o cheiro de carne assada, e, se sentissem no ar o mais leve indício do odor ofensivo, poderiam escapar de volta para as montanhas.

Como seu pupilo, Puriwariwe aspirava epena dia e noite. Entoava cânticos durante horas, incansavelmente, convencendo os espíritos na cabana de Xorowe, pedindo aos hekuras que abrissem o peito do jovem. Algumas noites, Arasuwe, Iramamowe e outros acompanhavam o velho em seus cânticos.

Durante a segunda semana, numa voz incerta e trêmula, Xorowe juntou-se aos cânticos. De início, cantou somente as canções hekuras do tatu, do porco-do-mato, do jaguar e de outros animais de grande porte, considerados os espíritos masculinos. Eles eram mais fáceis de atrair. Em seguida, as canções hekuras das plantas e rochas. E por fim entoou as canções dos espíritos femininos — a aranha, a cobra e o beija-flor. Estes não apenas eram mais difíceis de iludir como também, devido à sua natureza traiçoeira e ciumenta, eram os mais duros de controlar.

No fim de uma noite, quando a maior parte do shabono dormia, sentei-me do lado de fora da cabana de Etewa e observei o cântico dos homens. Xorowe estava tão fraco que um dos homens tinha de ampará-lo para que Puriwariwe pudesse dançar em volta dele.

— Xorowe, cante mais alto — exortava o velho. — Cante tão alto quanto os pássaros, tão alto quanto o jaguar. — Puriwariwe dançava na floresta fora do shabono. — Xorowe, cante mais alto — gritava ele. — Os hekuras que habitam todos os cantos do mundo precisam ouvir seu cântico.

Três noites mais tarde, os gritos de alegria de Xorowe ecoaram através do shabono:

— Pai, pai, os hekuras estão se aproximando! Posso ouvir seus zumbidos e sussurros. Estão dançando à minha volta. Estão abrindo meu peito, minha cabeça. Estão vindo através de meus dedos e meus pés. — Xorowe correu para fora da cabana. Agachado diante do velho, ele gritou: — Pai, pai, me ajude, pois eles estão vindo através de meus olhos e meu nariz.

Puriwariwe ajudou Xorowe a se levantar. Começaram a dançar na clareira, suas finas e emaciadas sombras espalhando-se pelo solo enluzado. Horas depois, um grito desesperado, o grito de uma criança tomada de pânico, penetrou o amanhecer.

— Pai, pai, de hoje em diante nenhuma mulher pode chegar perto de minha cabana.

— É o que dizem todos eles — resmungou Ritimi, levantando-se de sua rede. Ela avivou o fogo, depois enterrou várias bananas sob as brasas quentes. — Quando Etewa decidiu ser iniciado como shapori, eu já tinha ido viver com ele. Na noite em que pediu a Puriwariwe para não deixar nenhuma mulher perto dele, entrei na cabana e espantei os hekuras.

— Por que fez isso?

— A mãe de Etewa me estimulou a fazê-lo. Tinha medo de que ele morresse. Ela sabia que Etewa gostava muito de mulheres; sabia que ele nunca se tornaria um grande shapori. — Ritimi sentou-se na minha rede. — Vou lhe contar a história toda. — Aconchegou-se confortavelmente a mim, depois começou a falar num sussurro: — Na noite em que os hekuras entraram no peito de Etewa, ele gritou tal como Xorowe fez esta noite. São os hekuras fêmeas que fazem todo esse estardalhaço. Eles não querem mulher na cabana. Etewa soluçou amargamente naquela noite, gritando que uma mulher malvada tinha passado perto de sua cabana. Fiquei quase triste quando o ouvi dizer que os hekuras o haviam abandonado.

— Etewa soube que foi você quem esteve na cabana?

— Não. Ninguém me viu. Se Puriwariwe soube, não disse nada. Ele estava ciente de que Etewa nunca seria um bom shapori.

— Em primeiro lugar, por que ele quis ser iniciado?

— Sempre existe a possibilidade de que um homem possa tornar-se um grande shapori. — Ritimi descansou a cabeça em meu braço. — Naquela noite muitos homens permaneceram cantando pela volta dos hekuras. Mas os espíritos não desejavam voltar. Eles haviam partido não apenas porque Etewa fora maculado por uma mulher, mas porque os hekuras temiam que não fosse um bom pai para eles.

— Por que um homem fica maculado quando tem contato com uma mulher?

— Coisa dos shaporis — disse Ritimi. — Não sei por quê, pois tanto os homens quanto os shaporis divertem-se com mulheres. Creio que é porque os hekuras fêmeas são ciumentos e receiam um homem que sai com mulheres com muita freqüência. — Ritimi continuou explicando como um homem sexualmente ativo tem pouco desejo de aspirar epena e invocar os espíritos. Os espíritos machos, explicou, não eram possessivos. Ficavam contentes se um homem aspirava o alucinógeno antes e depois de uma caçada ou ataque. — E eu tenho por marido um bom caçador e guerreiro, em vez de um bom shapori — confessou ela. — Shaporis não gostam muito de mulheres.

— E quanto a Iramamowe? — perguntei. — É considerado um grande shapori, e mesmo assim tem duas esposas.

— Oh-oh, você é ignorante demais. Eu tenho que lhe explicar tudo. — Ritimi riu. — Iramamowe não dorme com suas duas esposas com muita freqüência. Seu irmão mais novo, que não tem sua própria mulher, dorme com uma delas. — Ritimi olhou em volta para certificar-se de que ninguém nos ouvia. — Já reparou que Iramamowe vai sozinho para a floresta com muita freqüência?

— Mas outros homens também vão.

— E igualmente mulheres — Ritimi me arremedou, pronunciando do jeito que eu tinha feito. Eu sentia grande dificuldade em reproduzir o característico tom anasalado dos Iticoteris, que provavelmente era resultado do hábito de manter chumaços de tabaco na boca. — Não foi isso que eu quis dizer — continuou. — Iramamowe vai para a floresta encontrar o que o grande shapori procurava.

— E o que é?

— A força para viajar até a casa do trovão. A força para viajar até o sol e voltar vivo.

— Eu tenho visto Iramamowe dormir na floresta com uma mulher — confessei.

Ritimi riu suavemente.

— Vou lhe contar um segredo muito importante — suspirou ela. — Iramamowe dorme com uma mulher do jeito que um shapori faz. Ele suga a energia da mulher, mas não dá nada em troca.

— Já dormiu com ele?

Ritimi assentiu. Porém por mais que eu a adulasse e pedisse, ela não daria mais detalhes.

Uma semana depois, mãe, irmãs, tios e primos de Xorowe começaram a se lastimar em suas cabanas.

— Velho — gritava a mãe —, meu filho não tem mais forças. Está querendo matá-lo de fome? Quer matá-lo de sono? Já é hora de deixá-lo em paz.

O velho shapori não se importou com seus gritos. Na noite seguinte, Iramamowe aspirou epena e dançou em frente à cabana de seu filho. Ele se alternava entre pular alto no ar e rastejar de galinhas, imitando os ferozes rosnados de um jaguar. Com seus olhos fixos em algum ponto diretamente à frente dele, sentou-se no chão.

— Mulheres, mulheres, não se desesperem — gritou em voz alta e anasalada. — Por mais uns poucos dias Xorowe tem que ficar sem comida. Muito embora ele pareça fraco, e seus movimentos desajeitados, e gemendo durante o sono, ele não morrerá. — Levantando-se, Iramamowe caminhou até Puriwariwe e pediu-lhe que soprasse mais epena em suas narinas. Depois, voltou para o mesmo local onde estivera sentado.

— Ouça com atenção — instou-me Ritimi. — Iramamowe é um dos poucos shaporis que viajaram até o sol durante sua iniciação. Ele guiou outros na sua primeira jornada. Ele tem duas vozes. A que você simplesmente ouve é a dele; a outra é a de seu hekura pessoal.

Agora as palavras de Iramamowe espalhavam-se no fundo do seu peito; como pedras rolando por uma ravina, as palavras caíram no silêncio das pessoas reunidas em suas cabanas. Amontoadas numa atmosfera pesada de fumaça e expectativa, elas mal pareciam respirar. Seus olhos cintilavam ansiosos pelo que o hekura pessoal de Iramamowe tinha a dizer, pelo que iria acontecer no misterioso mundo do iniciado.

— Meu filho viajou às profundezas e ardeu nos fogos quentes de suas cavernas silenciosas — disse a voz retumbante do hekura de Iramamowe. — Guiado pelos olhos do hekura, ele foi conduzido por emaranhados de escuridão, cruzando rios e montanhas. Aprendeu canções de pássaros, peixes, serpentes, aranhas, macacos e jaguares.

"Embora seus olhos e faces estejam encovados, ele está forte. Aqueles que desceram às silenciosas cavernas em fogo, aqueles que viajaram além da névoa da floresta, retornarão com seu hekura pessoal no peito. São os seres que serão guiados até o sol, até as luminosas cabanas de meus irmãos e irmãs, os hekuras do céu.

"Mulheres, mulheres, não grem o seu nome. Deixem-no seguir sua jornada. Deixem-no se afastar de sua mãe e irmãs, de modo que ele possa alcançar este mundo de luz, que é mais exaustivo do que o mundo da escuridão.

Fascinada, eu ouvia a voz de Iramamowe. Ninguém falava, ninguém se movia, ninguém olhava senão para a sua figura, sentada rigidamente diante da cabana de seu filho. Após cada pausa, sua voz se elevava a um tom mais alto de intensidade.

— Mulheres, mulheres, não se desesperem. Em seu caminho ele encontrará aqueles que resistiram às longas noites de névoa, encontrará aqueles que não regressaram. Encontrará aqueles que não tremeram de medo pelo que testemunharam em sua jornada. Encontrará aqueles que tiveram seus corpos queimados e cortados, aqueles que tiveram seus ossos removidos e secados ao sol. Encontrará aqueles que não caíram nas nuvens em seu caminho para o sol.

"Mulheres, mulheres, não perturbem o seu equilíbrio. Meu filho está prestes a findar sua jornada. Não reparem em seu rosto escuro. Não olhem em seus olhos encovados que brilham sem luz, porque ele está destinado a ser um homem solitário.

Iramamowe ergueu-se. Junto com Puriwariwe, entrou na cabana de Xorowe, onde passaram o resto da noite cantando suavemente aos hekuras.

Poucos dias depois, o jovem que tomara conta de Xorowe durante suas longas semanas de iniciação lavou-o com água morna e secou-o com folhas fragrantes. Depois

pintou-lhe o corpo com uma mistura de carvão e onoto — linhas ondulantes que se estendiam da testa até as bochechas e ombros. O resto de seu corpo foi marcado com pontos redondos que se distribuíam por igual até alcançarem os tornozelos.

Xorowe permaneceu por um momento no meio da clareira. Seus olhos brilharam tristemente de suas órbitas fundas, cheios de imensa melancolia, como se ele percebesse que não mais possuía a sua forma humana anterior, mas somente uma sombra. Mesmo assim, havia nele uma aura de força nunca vista antes, como se a convicção de sua sabedoria e experiências recém-descobertas fosse mais resistente do que a memória de seu passado. Silenciosamente, Puriwariwe conduziu-o para a floresta.

16

MOÇA BRANCA! — gritou o filho de Ritimi de seis anos de idade, correndo ao longo das fileiras de mandioca. Sem fôlego, ele parou diante de mim, depois gritou, excitadamente; — Moça branca, o seu irmão...

— Meu o quê?! — Largando minha enxada, corri para o shabono. Parei à beira da faixa aberta na floresta, em torno da paliçada de madeira que cercava o shabono. Embora não fosse considerada uma horta, havia abóbora, algodão e um sortimento de plantas medicinais crescendo ali. De acordo com Etewa, esta faixa de terra evitava que inimigos pudessem ultrapassar a paliçada escalando a vegetação do tipo que cobria a floresta.

Sons estranhos vieram das cabanas. Cruzando a clareira em direção ao grupo de pessoas agachadas do lado de fora da cabana de Arasuwe, não fiquei surpresa ao ver Milagros.

— índia loura — disse ele em espanhol, instando-me a me agachar junto dele. — Você está cheirando como uma.

— Estou feliz em ver você aqui — falei. — O pequeno Sisiwe disse que você era meu irmão.

— Falei com padre Coriolano na missão. — Milagros apontou para os blocos, lápis, latas de sardinha, caixas de bolachas e biscoitos doces que os iticoteris distribuíam. — O padre quer que eu leve você de volta à missão — continuou Milagros, olhando-me pensativamente.

Não pude pensar em nenhuma resposta. Pegando um graveto, tracei linhas na poeira.

— Eu ainda não quero ir.

— Sei disso. — Milagros sorriu, mas havia um traço de tristeza em seus lábios. Sua voz era quase gentil, irônica. — Falei com padre Coriolano que você está trabalhando muito. Eu o convenci da importância de você terminar esta extraordinária pesquisa que está realizando.

Não pude reprimir meu riso. Ele falava como um antropólogo pomposo.

— E ele acreditou?

Milagros empurrou na minha direção os blocos e os lápis.

— Garanti a padre Coriolano que você está bem. — De um pequeno fardo Milagros extraiu uma caixa contendo três barras de sabonete Camay. — Ele também lhe mandou isto.

— O que vou fazer com estes sabonetes? — perguntei, cheirando as barras fragrantes.

— Tomar banho! — disse Milagros, enfático, como se acreditasse que eu havia esquecido para que serviam os sabonetes.

— Deixe-me cheirá-los — pediu Ritimi, pegando uma barra da caixa. Segurou-a contra o nariz, fechou os olhos e tomou uma longa inspiração. — Hum, o que vai lavar com isto?

— Meu cabelo! — exclamei. Ocorrera-me que talvez o sabonete matasse os piolhos.

— Vou lavar o meu também — disse Ritimi, esfregando o sabonete na cabeça.

— Sabonete só funciona junto com água — expliquei. — Temos que ir para o rio.

— Para o rio! — gritaram as mulheres que tinham se reunido em volta dos homens quando eles se levantaram.

Rindo, descemos a trilha. Homens que retornavam da lavoura abriram caminho, e as mulheres que os acompanhavam deram meia-volta e correram atrás de nós, na direção de Ritimi, que segurava o precioso sabonete na mão erguida.

— Vocês têm que molhar o cabelo — gritei da água. As mulheres continuaram na margem, olhando duvidosas par mim. Com uma careta, Ritimi passou-me o sabonete. Logo minha cabeça estava coberta com uma espessa espuma. Esfreguei firme, deliciando-me com a suja espuma que escorri pelos meus dedos, pelo meu pescoço, costas e peito. Com um' cabaça cortada ao meio, enxagüei o cabelo, usando a água ensaboada para lavar meu corpo. Comecei a cantarolar um velho jingle do sabonete Camay em espanhol, que eu costumava ouvir no rádio quando criança. "Para um banho refrescante, sabonete Camay, o mais fragrante."

— Quem quer ser a próxima? — perguntei, chapinhando na direção das mulheres na margem. Eu me sentia brilhando de tão limpa.

Recuando, as mulheres sorriram, mas nenhuma se ofereceu.

— Eu quero, eu quero — gritou a pequena Texoma, correndo para a água.

Uma a uma, as mulheres se aproximaram. Temerosas, observaram com atenção a espuma que parecia crescer na cabeça da menina. Produzi uma espuma densa e dei forma ao cabelo de Texoma até mantê-lo espigado ao redor de sua cabeça. Hesitante, Ritimi tocou o cabelo da filha. Um sorriso tímido enrugou-lhe os cantos da boca.

— Oh-oh, que beleza!

— Mantenha os olhos fechados até enxaguarmos o sabão — preveni Texoma. — Feche-os bem apertados. Vão arder se entrar espuma neles.

— Para um banho refrescante... — cantou Texoma enquanto a água espumante descia por suas costas — sabonete Camay... — Ela olhou para mim e completei o jingle. — Cante de novo esta música. Quero que meu cabelo fique da cor do seu.

— Isso não muda a cor — falei. — Mas vai ficar cheiroso.

— Quero ser a próxima — começaram a gritar as mulheres.

Exceto as grávidas, que recebavam que o sabonete mágico pudesse prejudicar as crianças por nascer, lavei pelo menos 25 cabeças. Porém, não querendo se exceder, as mulheres grávidas decidiram lavar o cabelo da maneira de costume — com folhas e lodo do fundo do rio. Tive de cantar também para elas o tolo jingle do sabonete Camay. No momento em que estávamos todas esfregadas, minha voz estava rouca.

Os homens, reunidos em torno da cabana de Arasuwe, continuavam ouvindo o relato de Milagros acerca de sua visita ao outro lado do mundo. Eles cheiraram nosso cabelo quando nos agachamos ao lado deles. Uma velha, acorçada perto de um jovem, pôs a cabeça dele entre suas pernas.

— Cheire só. Lavei com sabonete Camay. — Ela começou a cantar a melodia do jingle.

Homens e mulheres caíram na risada. Ainda rindo, Etewa gritou:

— Avó, ninguém quer sua vagina, nem se estiver cheia de mel.

A mulher fez um gesto obsceno e entrou em sua cabana.

— Etewa — gritou ela de sua rede —, tenho visto você deitar entre as pernas de megeras mais velhas do que eu.

Após os risos se extinguirem, Milagros apontou para os quatro facões de mato colocados no chão diante dele.

— Seus amigos deixaram estes facões na missão antes de voltarem para a cidade — disse. — São para você distribuir.

Olhei para ele, desamparada.

— Por que tão poucos?

— Porque não pude carregar mais — disse Milagros alegremente. — Não os dê para mulheres.

— Eu os darei para o chefe — falei, fitando as faces expectantes à minha volta. Sorrindo, empurrei os quatro facões para a frente de Arasuwe. — Meus amigos mandaram para você.

— Moça branca, você é esperta — disse ele, verificando a ponta aguçada de um dos facões. — Este aqui vou guardar para mim. Este é para meu irmão Iramamowe, que protegeu você dos mocototeris. Este outro é para o filho de Hayama, que a tem alimentado na maioria das vezes. — Arasuwe fitou Etewa. — Um devia ser para você, mas, como já ganhou um facão não faz muito tempo, em uma das nossas festas, darei o facão para suas esposas, Ritimi e Tutemi. Elas cuidarão da moça branca como se fosse irmã delas.

Por um momento reinou um silêncio total; depois, um dos homens levantou-se e dirigiu-se a Ritimi.

— Dê-me seu facão para que eu possa cortar árvores. Você não tem que fazer o trabalho de um homem.

— Não dê a ele — disse Tutemi. — É mais fácil trabalhar na lavoura com um facão do que com uma enxada.

Ritimi olhou para o facão, pegou-o, depois entregou-o ao homem.

— Eu o darei a você. O pior pecado de todos é não distribuir o que os outros lhe pedem. Não quero acabar no shopariwabe.

— Onde fica isso? — sussurrei para Milagros.

— Shopariwabe é um lugar como o inferno dos missionários.

Abri uma das latas de sardinha. Após colocar um dos oleosos peixes prateados na boca, ofereci a lata a Ritimi.

— Experimente — tentei convencê-la.

Ela me olhou, indecisa. Ergueu relutante, entre o polegar e o indicador, um pedaço de sardinha para a sua boca.

— Ahhh, que gosto ruim — gritou, cuspiendo fora. Milagros tomou a lata da minha mão.

— Guarde-as. São para a viagem de volta à missão.

— Mas não vou voltar ainda. Vão se estragar se eu guardar por muito tempo.

— Você deveria retornar antes das chuvas — disse Milagros gravemente. — Quando elas começarem, será impossível cruzar rios ou caminhar através da mata.

Não pude evitar um riso presunçoso.

— Tenho que ficar pelo menos até que a criança de Tutemi nasça — falei. Eu estava certa de que o bebê chegaria durante as chuvas.

— O que direi a padre Coriolano?

— O que você já lhe disse — falei, zombeteira. — Que estou fazendo um trabalho notável.

— Mas ele espera que você volte antes das chuvas — disse Milagros. — Chove durante meses!

Sorrindo, peguei uma das caixas de bolachas.

— É melhor comermos... irão se estragar com a umidade.

— Não abra as outras latas de sardinha — disse Milagros em espanhol. — Os iticoteris não gostam. Eu mesmo irei comê-las.

— Não tem medo de ir para o shopariwabe?

Sem responder, Milagros passou em torno a lata já aberta. A maioria dos homens apenas cheirou o conteúdo, passando a lata ao seguinte. Os que ousaram provar as sardinhas acabaram cuspidando-as. As mulheres sequer tentaram cheirar ou provar. Milagros sorriu para mim quando a lata voltou a ele.

— Eles não gostam de sardinhas. Não irei para o inferno se comê-las sozinho.

As bolachas também não fizeram sucesso, exceto umas poucas crianças, que lamberam o sal. Mas os biscoitos doces, muito embora estivessem rançosos, foram comidos com sons estalantes de aprovação.

Ritimi apropriou-se dos blocos e lápis. Ela insistiu para que ensinasse a ela o mesmo tipo de desenhos com os quais eu tinha enfeitado o meu caderno de notas queimado. Cuidadosamente, ela tentava escrever palavras espanholas e inglesas que eu lhe ensinara. Ela não estava interessada em aprender a escrever, embora eventualmente aprendesse a desenhar todas as letras do alfabeto, incluindo uns poucos ideogramas chineses que eu uma vez aprendera numa aula de caligrafia. Para Ritimi lembravam desenhos que ela às vezes pintava no seu corpo, preferindo as letras S e W.

Milagros ficou por umas poucas semanas no shabono. Saiu para caçar com os homens e ajudou-os na lavoura. A maior parte do tempo, ele passava ocioso em sua rede, nada fazendo senão brincar com as crianças. Todas as horas alguém podia ouvir gritos deliciosos enquanto Milagros equilibrava os menores no ar com seus pés erguidos. À noite ele sempre nos divertia com histórias sobre os nape, os homens brancos que conhecera através dos anos, os lugares que visitara e os costumes excêntricos que observara.

Nape era um termo aplicado a todos os estrangeiros — ou seja, os que não eram ianomâmis. Os iticoteris não faziam distinção entre nacionalidades. Para eles um venezuelano, um brasileiro, sueco, alemão ou americano, independentemente da cor, eram nape.

Vistos pelos olhos de Milagros, esses homens brancos pareciam peculiares para mim. Era o seu senso de humor, sua queda pelo absurdo e sua dramática rendição que transformavam o evento mais insignificante e mundano num extraordinário acontecimento. Se um dia alguém na platéia ousasse duvidar da veracidade de sua narrativa, Milagros, de modo muito digno, se viraria para mim.

— Moça branca, diga-lhes se estou mentindo.

Por mais que ele tivesse exagerado, eu nunca o contradizia.

17

TUTEMI JUNTOU-SE A MIM e a Ritimi na horta. — Acho que chegou minha hora — disse ela, largando no chão o cesto cheio de lenha. — Meus braços não têm força. Minha respiração não é profunda. Não posso mais me inclinar facilmente.

— Sente dor? — perguntei, vendo a face de Tutemi se contorcer numa careta.

Ela assentiu.

— Também estou com medo.

Gentilmente, Ritimi examinou o estômago da jovem, primeiro dos lados, depois na frente.

— O bebê está chutando firme. Está na hora dele sair. — Ritimi voltou-se para mim. — Vá buscar a velha Hayama. Diga-lhe que Tutemi sente dores. Ela saberá o que fazer.

— Onde estará ela?

Ritimi apontou direto à frente. Cortei caminho pela floresta, pulando troncos caídos, indiferente a espinhos, raízes e pedras.

— Venha rápido — gritei, sem fôlego, diante da cabana de Hayama. — Tutemi está tendo a criança. Está com dores.

Pegando sua faca de bambu, a avó de Ritimi foi primeiro falar com um velho que vivia numa cabana do outro lado da clareira.

— Estou certa de que ouviu a moça branca — disse Hayama. Ao ver o velho assentir, acrescentou: — Se precisarmos de sua ajuda, eu a mandarei buscar você.

Eu caminhava à frente de Hayama, esperando impaciente a cada cinqüenta passos até que ela me alcançasse. Apoiando-se pesadamente no pedaço de arco quebrado que usava à guisa de bengala, ela parecia se mover de modo cada vez mais lento que de hábito. .

— O velho é um shapori? — perguntei.

— Ele sabe tudo que há a saber acerca de crianças que não querem nascer.

— Tutemi apenas sente dores.

— Quando há dor — disse Hayama deliberadamente —, significa que a criança não quer deixar o ventre.

— Não sei o que significa isto, de qualquer modo. — Sentia-me incapaz de disfarçar o tom argumentativo de minha voz. — É normal haver dificuldades no primeiro filho — declarei, como se de fato soubesse. — Mulheres brancas sentem dores em quase todos os partos.

— Isso não é normal — afirmou Hayama. — Talvez os bebês brancos não queiram ver o mundo.

Os gemidos de Tutemi chegaram abafados através da vegetação rasteira. Ela estava acocorada sobre folhas de platanillo que Ritimi espalhara no chão. Sombras escuras circundavam seus olhos febris. Gotas diminutas de suor brilhavam acima de suas sobrancelhas e sobre o lábio superior.

— A bolsa d'água já se rompeu — disse Ritimi —, mas o bebê não quer sair.

— Vamos mais para dentro da floresta — pediu Tutemi. — Não quero que ninguém no shabono ouça meus gritos.

Ternamente, a velha Hayama tirou as mechas de cabelo da testa da jovem e limpou o suor de seu rosto e pescoço.

— Ficarei bem num instante — disse ela brandamente, como se falando a uma criança. Sempre que as contrações vinham, Hayama pressionava com firmeza o estômago de Tutemi. Após o que considereei um tempo interminavelmente longo, Hayama mandou-me buscar o velho shapori.

Ele já estava pronto. Aspirava epena, e sobre o fogo fervilhava uma beberagem. Com um graveto ele limpou o muco de seu nariz, depois serviu a infusão numa cabaça.

— De que foi feita?

— De raízes e folhas — disse, mas sem mencionar o nome das plantas. Tão logo alcançou as três mulheres, instou Tutemi a esvaziar a cabaça até a última gota. Enquanto ela bebia, ele dançou à sua volta. Num elevado tom nasal, pediu ao hekura do macaco-branco que libertasse o pescoço da criança por nascer.

Lentamente, o rosto de Tutemi relaxou e seus olhos perderam a expressão assustada.

— Acho que o bebê virá agora — disse ela, sorrindo para o velho.

Hayama segurou-a por trás, esticando os braços de Tutemi sobre sua cabeça. Enquanto eu tentava imaginar se fora a beberagem ou a dança do xamã que induzira um tal estado de relaxamento, perdi o nascimento em si. Pus a mão na boca para abafar um grito enquanto via o cordão umbilical enrolado em torno do pescoço do bebê de pele púrpura. Hayama cortou o cordão, depois colocou uma folha no umbigo para estancar o sangue. Ela esfregou o indicador no recém-nascido, depois passou o dedo nos lábios do bebê.

— O que ela está fazendo? — perguntei a Ritimi.

— Está se certificando de que a criança aprenderá a falar de modo adequado.

Antes que eu tivesse uma chance de falar impensadamente que o bebê estava morto, o grito humano mais desconcertado que já ouvi um dia ecoou pela floresta. Ritimi pegou a criança que gritava e fez sinal para que eu a seguisse até a margem do rio. Ela encheu a boca de água, esperou um momento até esquentar, depois esguichou-a sobre o bebê. Imitando-a, ajudei a enxaguar o sangue e o muco do pequeno corpo.

— Agora ele tem três mães — disse Ritimi, me entregando o bebê. — Toda aquela que leva um bebê recém-nascido fica responsável por ele se alguma coisa acontecer à mãe. Tutemi ficará feliz ao saber que você ajudou a lavar o filho dela.

Ritimi encheu uma grande folha de platanillo com lama, enquanto eu embalava o recém-nascido nos meus braços inseguros. Nunca antes eu segurara um bebê recém-nascido. Olhando espantada para o rosto violáceo enrugado, para os finos pulsos que ele tentava levar à boca, imaginei que milagre o fizera viver.

Hayama enrolou a placenta num apertado fardo de folhas e colocou-a sob um pequeno guarda-vento elevado que o velho construíra debaixo de uma alta ceiba. Ela estaria queimada em poucas semanas. Com a lama cobrimos todos os vestígios de sangue no solo para prevenir que animais selvagens e cachorros farejassem por perto.

Com a criança a salvo nos braços, Tutemi liderou a caminhada de volta ao shabono. Antes de entrar em sua cabana, ela colocou o bebê no chão. Nós que testemunháramos o nascimento tivemos que pisar três vezes no bebê, marcando assim sua aceitação na aldeia.

Etewa não olhou de sua rede; ele estivera descansando desde que tomara conhecimento de que sua esposa mais nova estava em trabalho de parto. Tutemi entrou na cabana com seu filho recém-nascido e sentou-se junto ao braseiro. Após apertar o mamilo, empurrou-o dentro da boca do bebê. Ávido, o bebê começou a sugar, abrindo a toda hora seus olhos ainda desfocados, como se gravando na mente aquela fonte de alimento e conforto.

Nenhum dos pais comeu nada naquele dia. No segundo e no terceiro dias, Etewa trouxe um cesto cheio de peixes, que cozinhamos para alimentar Tutemi. Depois disso, nós todos, aos poucos, retomamos a dieta normal. No dia seguinte ao nascimento, Tutemi voltou a trabalhar na lavoura com o recém-nascido amarrado nas costas. Etewa, por outro lado, continuou descansando em sua rede por mais uma semana. Qualquer esforço físico de sua parte supostamente era nocivo à saúde da criança.

No nono dia, pediram a Milagros que furasse os lóbulos das orelhas do menino com espinhos da palmeira rasha, que eram mantidos nos buracos. Depois de cortar as pontas afiadas perto dos lóbulos, Milagros cobria cada um com resina para que a criança não empurrasse os rombudos espinhos para fora. Naquele mesmo dia, a criança recebeu também o nome de Hoaxiwe, pois fora um macaco-branco que quisera manter a criança no ventre. Era apenas um apelido. Quando o menino começasse a andar, receberia seu verdadeiro nome.

AINDA NÃO AMANHECERA quando Milagros inclinou-se sobre minha rede. Senti sua mão calosa esfregar minha testa e faces. Eu mal podia ver suas feições na escuridão. Eu sabia que ele estava partindo. Esperei que falasse, mas sentia-me adormecida, sem saber se ele realmente queria dizer algo.

— As chuvas logo chegarão — anunciou o velho Kamosiwe naquela noite. — Eu vi o tamanho das tartarugas novas. Tenho ouvido o coaxar dos sapos das chuvas.

Quatro dias depois, no início da tarde, o vento soprou com força terrível através das árvores e do shabono. As redes vazias balançavam para um lado e para o outro, como barcos num mar tempestuoso. As folhas no solo giravam em bales espiralados que cessavam tão subitamente quanto começavam.

Parei no meio da clareira, observando as rajadas de vento vindo de cada direção. Pedacos de córtex grudavam em minhas canelas, e eu tentava removê-los escoiceando com as pernas, mas estavam como que colados em mim. Gigantescas nuvens negras escureceram o céu. O longínquo e constante rugido da chuva iminente crescia cada vez mais alto enquanto se movia através da floresta. Trovões ribombavam por entre as nuvens, e o bruxuleio branco de um relâmpago iluminou a escuridão da tarde. Os gemidos de uma árvore caída, derrubada pelo relâmpago, ecoaram pela floresta com o lamentoso clamor de outras árvores desenraizadas chocando-se com o solo.

Gritando, as mulheres e crianças se amontoavam por trás das bananas-da-terra empilhadas contra o teto inclinado. Pegando uma tora na fogueira, a velha Hayama correu para a cabana de Iramamowe. Desesperadamente, começou a bater numa das estacas.

— Acorde! — gritou. — Seu pai não está aqui. Acorde! Defenda-nos dos hekuras. — Hayama dirigia-se ao hekura pessoal de Iramamowe, que estava fora, caçando com vários outros homens.

Trovões e relâmpagos retrocederam na distância enquanto as nuvens racharam-se sobre nós. A chuva veio num sólido lençol, tão densa que não podíamos ver através da clareira. Momentos depois, o céu estava claro. Acompanhei o velho Kamosiwe para ver o rio turbulento. Massas de terra tinham desabado das margens, esfriadas pela torrente raivosa. Cada deslizamento de terra era seguido pelo dilacerar de parreiras que estalavam com o som de cordas de arco rompidas.

Uma grande quietude pairou sobre a floresta. Nenhum pássaro, inseto ou sapo podia ser ouvido. Subitamente, sem qualquer aviso, um rugido de trovão pareceu cair diretamente do sol, explodindo sobre nossas cabeças.

— Mas não há nuvens — gritei, caindo no solo como que atingida.

— Não desafie os espíritos — preveniu-me Kamosiwe. Cortando duas folhas largas, ele me induziu a me cobrir. Agachados lado a lado, observamos a cascata de chuva desabar de um céu claro. Rajadas de vento sacudiram a floresta até que a cortina de nuvens negras escondeu o sol mais uma vez.

— Tempestades são causadas pelos mortos cujos ossos não foram queimados, cujas cinzas não foram comidas — explicou o velho Kamosiwe. — São esses espíritos desafortunados, ansiando ser cremados, que esquentam as nuvens até os fogos iluminarem o céu.

— Fogos que irão finalmente cremá-los — completei.

— Oh-oh, você não é mais tão ignorante — disse Kamosiwe. — As chuvas começaram. Você ficará conosco por muitos dias... irá aprender muito mais.

Sorrindo, assenti.

— Acha que Milagros alcançará a missão? Kamosiwe olhou para mim de soslaio, depois irrompeu numa risada rouca e estridente, a risada de um homem muito velho, ressoando de modo lúgubre no barulho da chuva. Ele ainda possuía a maior parte dos dentes. Fortes e amarelados, eles sobressaíam de suas gengivas como pedaços de marfim antigo.

— Milagros não foi para a missão. Ele foi ver sua mulher e filhos.

— Em que assentamento Milagros vive?

— Em muitos.

— Tem mulher e filhos em todos eles?

— Milagros é um homem talentoso — disse Kamosiwe, seu único olho brilhando com um lampejo maldoso. — Ele tem uma mulher branca em algum lugar.

Olhei para Kamosiwe cheia de expectativa. Finalmente ia saber alguma coisa sobre Milagros. Mas o velho permaneceu em silêncio. Quando ele pôs sua mão na minha, eu soube que sua mente vagueava por outro lugar. Devagar, massageei seus dedos nodosos.

— Velho, você é mesmo avô de Milagros? — perguntei, esperando trazê-lo de volta ao assunto.

Atônito, Kamosiwe fitou-me, seu único olho examinando-me intensamente como se tivesse pensado em alguma coisa. Resmungando, deu-me a outra mão para massagear.

Distraidamente, observei seu único olho revirar na órbita como se estivesse cochilando.

— Fico me perguntando qual seria a sua idade.

O olho de Kamosiwe veio repousar no meu rosto, enevoado de lembranças.

— Se você dispusesse um após outro os anos que vivi, poderia fazer todo o caminho até a lua — murmurou Kamosiwe. — Sou velho assim.

Permanecemos sob as folhas, observando as nuvens escuras dispersarem-se pelo céu. Uma névoa pairava sobre as árvores, filtrando a luz até um cinzento fantasmagórico.

— As chuvas começaram — repetiu Kamosiwe suavemente enquanto caminhávamos de volta ao shabono. As fogueiras nas cabanas produziam mais fumaça do que calor, mas o ar chuvoso criava uma calidez nevoenta. Estendi-me na minha rede e caí no sono com os sons distantes e confusos da floresta tempestuosa.

O dia amanheceu frio e úmido. Ritimi, Tutemi e eu ficamos nas redes o dia inteiro, comendo bananas assadas e ouvindo a chuva martelar em cima do telhado de folhas de palmeira.

— Gostaria que Etewa e os outros tivessem retornado da caçada na noite passada — resmungava Ritimi de tempos em tempos, olhando para o céu, que mudara de um branco tênue para cinza.

Os caçadores retornaram no fim da tarde do dia seguinte. Iramamowe e Etewa caminharam direto para a cabana da velha Hayama, carregando Matuwe, seu filho mais novo, numa padiola feita de tiras de córtex. Matuwe fora ferido por um galho caído. Cuidadosamente, os dois homens transferiram-no para sua própria rede. A perna pendia molemente, e sua tíbia ameaçava perfurar a pele roxa e intumescida.

— Está quebrada — disse a velha Hayama.

— Quebrada — repeti com as demais mulheres na cabana. Eu tinha adotado o hábito de afirmar o óbvio. Era um meio de expressar interesse, amor e simpatia, tudo de uma vez.

Matuwe arfou de dor quando Hayama endireitou a perna. Ritimi segurou seu pé estendido enquanto a velha fazia uma tala com pedaços quebrados de hastes de flecha. Habilmente, ela os arrumou ao longo de cada lado da perna, inserindo fibras de algodão entre a pele e a tala. Em volta da tala, percorrendo todo o caminho desde o tornozelo até o meio da coxa, Hayama amarrou tiras frescas de uma fina e resistente cortiça.

Totemi e Xotomi, as jovens esposas do homem, riam sempre que Matuwe gemia. Elas não estavam divertidas, mas apenas tentando estimulá-lo.

— Oh, Matuwe, não está doendo — tentava convencê-lo Xotomi. — Lembre-se de como ficou contente quando sua cabeça sangrou após ter levado um golpe de borduna na última festa.

— Fique quieto — disse Hayama ao filho. Amarrando uma tira de cipó em um dos caibros, ela atou uma extremidade em seu tornozelo, a outra em sua coxa. — Agora você não pode mexer a perna — avisou, examinando seu trabalho com satisfação.

Cerca de duas semanas depois, Hayama removeu a cortiça e a tala. O tom arroxeado da perna ferida transformara-se num verde-amarelado, mas não havia mais inchação. Ela apalpou levemente em volta do osso.

— Está consolidando — informou. Depois começou a massagear a perna com água morna.

Diariamente, por quase um mês, ela procedeu à mesma rotina de desatar a tala, massagear a perna e depois prender de volta no caibro.

— O osso emendou — afirmou Hayama um dia, quebrando a tala em pequenos pedaços.

— Mas minha perna não está curada! — protestou Matuwe, alarmado. — Não posso me mexer direito.

Hayama acalmou-o, explicando que seu joelho se tornara rígido por terem esticado sua perna por tanto tempo.

— Continuarei massageando sua perna até que você possa caminhar como fazia antes.

As chuvas trouxeram um senso de tranqüilidade, de intemporalidade, como se dia e noite se fundissem. Ninguém trabalhava muito na lavoura. Por horas intermináveis, ficávamos deitadas ou sentadas em nossas redes, conversando daquela estranha maneira que as pessoas fazem quando chove, com longas pausas e olhares distraídos na distância.

Ritimi tentou fazer de mim uma cesteira. Comecei com o que achava ser a espécie mais fácil — o grande cesto em forma de U usado para carregar lenha. As mulheres se divertiam observando minhas tentativas desajeitadas de assimilar a técnica elementar de entrelaçamento. Depois concentrei meus esforços em algo que acreditava ser mais manuseável — as cestas achatadas, em forma de disco, usadas para armazenar frutos ou separar as cinzas dos ossos dos mortos. Embora eu estivesse quase satisfeita com o produto final, tinha que concordar com a velha Hayama que o cesto não estava do modo como devia estar.

Sorrindo para ela, lembrei-me da época em que uma colega de escola fizera o melhor possível para me ensinar a tricotar. De maneira mais descontraída, vendo televisão, conversando, esperando o namorado, ela tricotava lindos suéteres, luvas e bonés para esquiar. Eu me sentava tensa ao lado dela, os ombros empertigados, meus dedos rígidos segurando as agulhas a centímetros do rosto, praguejando sempre que errava um ponto.

Eu não tinha condições de me tornar uma cesteira. Alguém teria tentado pelo menos três vezes, disse para mim, enquanto eu começava a fazer um dos cestos achatados para peixes.

— Oh-oh, moça branca — riu Xotomi, sem se conter. — Você não enrolou bem apertado. — Ela pôs os dedos entre os fios de videira frouxamente tecidos. — Os peixes vão passar pelos buracos.

Finalmente, resignei-me à simples tarefa de separar a cortiça e videiras necessárias para tecer até mesmo os mais perfeitos filamentos tão exigidos. Animada por meu sucesso, fiz uma rede. Cortei tiras de uns três metros de comprimento, ateí as

extremidades firmemente unidas, reforçando-as com corda de cortiça entrelaçada abaixo da ligadura. Juntei tiras de cipó frouxamente atravessadas com fio de algodão, que eu tingira com onoto. Ritimi ficou tão encantada com a rede que a pôs no lugar da rede velha de Etewa.

— Etewa, fiz uma rede nova para você — eu disse-lhe quando ele regressava da lavoura.

Ele me olhou, cético.

— Acha que agüenta meu peso?

Estalei a língua afirmativamente, mostrando-lhe como eu reforçara bem as extremidades.

Hesitante, ele sentou-se na rede.

— Parece forte — disse, estendendo-se por inteiro. Ouvi o ranger da corda de videira contra a estaca, mas, antes que pudesse preveni-lo, Etewa e a rede foram ao chão.

Ritimi, Tutemi, Arasuwe e suas esposas, observando da cabana ao lado, explodiram em risos, logo atraindo uma multidão. Batendo nas coxas e ombros uns dos outros, eles se dobravam de rir. Mais tarde, perguntei a Ritimi se ela amarrara a rede tão frouxamente de propósito.

— Claro — disse ela, seus olhos brilhando de malícia amorosa. Ela me assegurou que Etewa não ficaria contrariado. — Os homens gostam de ser superados por uma mulher.

Embora eu tivesse minhas dúvidas se Etewa apreciara mesmo a brincadeira, ele certamente não ficou ressentido comigo. Espalhou por todo o shabono o quanto estava descansando bem em sua nova rede. Fui assediada com pedidos. Às vezes fazia três redes por dia. Vários homens comprometeram-se a me fornecer algodão, que eles separavam manualmente das sementes. Com um graveto espiralado, eles torciam as fibras em filamentos para formar o forte fio que eu tecia frouxamente em tiras.

Com uma rede pronta pendurada no braço, entrei na cabana de Iramamowe uma tarde.

— Vai fazer flechas? — perguntei-lhe. Ele subira numa estaca em sua cabana para procurar taquara armazenada sob os caibros do telhado.

— Esta rede é para mim? — perguntou ele, entregando-me a taquara. Ele pegou a rede, fixou-a e depois escarrapachou-se nela. — É muito bem-feita.

— Fiz para sua esposa mais velha — falei. — Farei uma para você, se me ensinar a fazer flechas.

— Não é época de fazer flechas — disse Iramamowe. — Eu estava verificando se a taquara continua seca. — Olhou-me zombeteiro, depois irrompeu em risos. — A moça branca quer fazer flechas — gritou no tom máximo de sua voz. — Eu ensinarei a ela e a levarei para caçar comigo. — Ainda rindo, fez sinal para eu me sentar a seu lado. Estendeu a taquara no chão, depois classificou as hastes de acordo com o tamanho. — As compridas são as melhores para caçar. As pequenas são melhores para pescar e matar o inimigo. Apenas um bom arqueiro usará as compridas para o que quer que ele queira. Elas costumam se estragar, e a trajetória fica imprecisa.

Iramamowe selecionou uma haste pequena e uma comprida.

— Aqui eu fixarei a ponta da flecha — explicou, rachando uma extremidade de cada taquara. Amarrou-as juntas firmemente com fio de algodão. Cortou umas poucas penas ao meio, depois atou-as à outra extremidade utilizando resina e fio de algodão. — Alguns caçadores decoram suas hastes com seus desenhos pessoais. Eu só o faço quando vou atacar o inimigo. Gosto que meu inimigo saiba quem o matou.

Como a maioria dos homens iticoteteris, Iramamowe era um esplêndido narrador, animando suas histórias com a onomatopéia exata, gestos dramáticos e pausas de efeito.

Pouco a pouco, ele levava o ouvinte a participar da caçada: como ele primeiro avistou o animal; como, antes de disparar a flecha, untou-a com raízes em pó de uma de suas plantas mágicas para imobilizar sua vítima, assegurando-se desse modo de que sua flecha não falharia em atingir o alvo; e como, uma vez atingido, o animal resistiria à morte.

Com os olhos fixos em mim, ele esvaziou o conteúdo de sua aljava no chão. Com riqueza de detalhes, explicou acerca de todas as pontas de flechas que fizera.

— Esta é feita de ponta de tronco de palmeira — disse, passando-me um afiado pedaço de madeira. — É feita de lascas. As ranhuras em forma de anel cortadas na ponta são untadas com mamucori. Elas quebram dentro do corpo dos animais. É a melhor ponta para caçar macacos. — Sorriu, depois acrescentou: — E para matar inimigos. — Em seguida, pegou uma ponta comprida e larga, aguçada ao longo das extremidades e decorada com Unhas serpenteantes. — Esta é ótima para caçar onças e antas.

O excitado latir dos cães, misturado aos gritos das pessoas, interrompeu a explicação de Iramamowe. Segui-o enquanto ele se apressava na direção do rio. Um tamanduá, do tamanho de um urso pequeno, refugiara-se na água para escapar dos cães. Etewa e Arasuwe tinham ferido o animal no pescoço, estômago e dorso. Apoiado nas patas traseiras, ele dava golpes no ar desesperadamente com as poderosas garras.

— Quer acabar com ele usando minha flecha? — perguntou Iramamowe.

Incapaz de desviar meu olhar da comprida língua do animal, balancei a cabeça. Eu não sabia com certeza se ele falava sério ou se brincava. A língua do animal surgia de um estreito focinho, gotejando um líquido viscoso no qual boiavam formigas mortas.

A flechada de Iramamowe acertou a minúscula orelha do tamanduá, que morreu no ato. Os homens passaram cordas em volta do corpo maciço, depois puxaram-no para a areia, onde Arasuwe esquartejou o animal, de modo que os homens pudessem carregar as pesadas peças para o shabono.

Os homens raspam os pêlos, depois puseram as várias peças numa plataforma de madeira construída sobre o fogo.

Tão logo enrolou as vísceras em folhas de pishaansi, Hayama foi queimá-las nas brasas.

— Um tamanduá — gritaram as crianças. Batendo palmas, deliciadas, elas dançaram em torno do fogo.

— Esperem até estar bem assado — dizia a velha Hayama às crianças toda vez que uma cutucava os fardos fortemente apertados. — Vão ficar doentes se comerem carne malfeita. Ela tem que assar até que não pingue mais suco das folhas.

O fígado assou primeiro. Hayama cortou um pedaço para mim antes que as crianças atacassem. Era tenro, suculento e desagradavelmente azedo, como se tivesse sido marinado com suco de limão rançoso.

Mais tarde, Iramamowe trouxe-me um pedaço de pernil assado.

— Por que não quis experimentar minha flecha? — perguntou.

— Eu poderia atingir um dos cães — falei, evasiva, mordendo a carne rija. Estava azeda demais. Olhei para o rosto de Iramamowe e imaginei se ele ficara ciente de que eu não queria de modo algum ser comparada a Imaawami, a xamã que sabia invocar os hekuras e caçar como um homem.

Nas tardes chuvosas os homens aspiravam epena e entoavam cânticos ao hekura da sucuri, que se enrolava nas árvores de modo a evitar que o vento quebrasse seus troncos. Durante uma tempestade particularmente violenta, o velho Kamosiwe esfregava cinzas brancas em seu corpo enrugado. Numa voz rascante, ele invocava a aranha, seu hekura

peçoal, a tecer teias prateadas de proteção em volta das plantas na horta. De repente, sua voz mudava para um tom mais alto, enquanto estridulava como o penetrante canto de um periquito.

— Uma vez eu fui uma criança grande que subia na copa da árvore mais alta. Caí e fui transformado numa aranha. Por que perturbam meu sono tranquilo?

Voltando à sua voz de velho, Kamosiwe se levantava de sua posição de cócoras.

— Aranha, quero soprar seu ferrão naqueles hekuras que quebram e dilaceram as plantas em nossas hortas. — Com seu tubo de epena ele soprava em volta de todo o shabono, disparando o ferrão da aranha nos espíritos destrutivos.

Na manhã seguinte, acompanhei Kamosiwe às hortas. Sorrindo, ele apontou para as pequenas aranhas peludas que laboriosamente reteciam suas teias. Gotas minúsculas de umidade grudavam nos tênues fios prateados. À luz do sol eles reluziam como pérolas de jade, refletindo o verdor das folhas. Caminhamos pela floresta opressivamente quente rumo ao rio. Agachados lado a lado, observamos em silêncio os cipós quebrados, árvores e massas de folhas apressando-se para as águas lodosas. De volta ao shabono, Kamosiwe convidou-me à sua cabana para partilhar com ele sua especialidade — formigas tostadas ao mel.

Um passatempo favorito durante aquelas noites chuvosas, para as mulheres, era ridicularizar o marido que cometera uma injustiça através de uma canção. Uma discussão acontecia sempre que a mulher sugeria que seu homem era melhor carregando um cesto do que um arco. Tais disputas sempre acabavam em discussão pública, na qual os outros tomavam parte ativa, expressando suas próprias opiniões. Às vezes, horas depois de ter acabado, alguém gritaria através da clareira com um discernimento diferente do problema particular, reacendendo assim a disputa.

Quinta Parte

19

SEMPRE QUE O SOL penetrava através das nuvens, eu ia trabalhar na lavoura com as mulheres e homens. As sementes eram muito mais fáceis de enfiar no solo encharcado, mas eu tinha pouca energia. Como o velho Kamosiwe, eu simplesmente parava em meio aos altos pés de mandioca e me embebia da luz e calor do sol. Contando os pássaros, que não apareciam há dias, cruzando o céu, ansiei pelos dias quentes e sem chuva. Após tantas semanas chuvosas, eu desejava ardentemente que o sol ficasse por tempo suficiente para dispersar a névoa.

Certa manhã, sentia-me tão cansada que não pude me levantar da rede. Baixei minha cabeça até os joelhos e esperei que o encantamento passasse. Não tive força para erguer minha cabeça e responder às palavras ansiosas de Ritimi, que se perderam no alto e persistente barulho ao meu redor. Devia ser o rio, pensei. Não ficava muito longe, mas então percebi que o barulho vinha de outra direção. Desesperadamente, como se minha vida dependesse disso, tentei imaginar de onde vinha realmente o som. Vinha de dentro de mim.

Durante dias nada ouvi senão um tamborilar em minha cabeça. Eu queria abrir meus olhos. Não conseguia. Através de minhas pálpebras fechadas, vi que as estrelas reluziam

mais brilhantes, em vez de se desvanecerem no céu. O pânico me dominou ao pensar que seria uma noite eterna, que eu submergia cada vez mais fundo num mundo de sombras e sonhos incoerentes.

Acenando das margens enevoadas do rio, Ritimi, Tutemi, Etewa, Arasuwe, Iramamowe, Hayama e o velho Kamosiwe me esperavam. Às vezes eles pulavam de uma nuvem para outra, varrendo a névoa com vassouras folhudas. Sempre que eu os chamava, eles se fundiam à névoa. Às vezes eu podia vê-los à luz do sol, que brilhava vermelho e amarelo, entre galhos e folhas. Forcei meus olhos a ficarem abertos e percebi que tinha sido apenas o fogo dançando no teto de folhas de palmeira.

— O povo branco precisa de comida quando fica doente — ouvi com clareza os gritos de Milagros. Sentia seus lábios nos meus enquanto ele empurrava comida mastigada na minha boca.

Em outra ocasião, reconheci a voz de Puriwariwe.

— Roupas deixam as pessoas doentes. — Senti que puxava meu cobertor. — Preciso refrescá-la. Tragam-me lodo branco do rio. — Senti suas mãos percorrerem meu corpo, cobrindo-me de lodo da cabeça aos pés. Seus lábios deixaram uma trilha de frialdade em minha pele enquanto ele sugava de mim os maus espíritos.

Minhas horas de vigília e sono eram preenchidas com a voz do shapori. Sempre que eu focalizava meus olhos na escuridão, seu rosto aparecia. Eu ouvia a canção do seu hekura. Sentia a bicada aguda do beija-flor cortar meu peito. A bicada se transformava em luz. Não a luz do sol ou da lua, mas a ofuscante radiância dos olhos do velho shapori. Ele exortou-me a olhar em suas profundas pupilas. Seus olhos pareciam sem pálpebras, estendendo-se na direção das têmporas. Estavam cheios de pássaros dançantes. Os olhos de um louco, pensei: vi seus hekuras suspensos em gotas de orvalho, dançando nos olhos brilhantes de uma onça, e bebi as lágrimas aquosas de epena. Uma violenta comichão em minha garganta pressionou meu estômago até que vomitei água. Ela fluiu para fora da cabana, para fora do shabono, desceu pela trilha do rio, mesclando-se na noite de fumaça e encantamento.

Abrindo os olhos, sentei em minha rede. Vi Puriwariwe correr para fora da cabana. Ele estendeu seus braços para a noite, os dedos abertos amplamente como se extraíndo energia das estrelas. Dando meia-volta, ele olhou para mim.

— Você vai viver — disse. — Os espíritos malignos deixaram seu corpo.

Em seguida, desapareceu nas sombras da noite.

Após semanas de tempestades violentas, as chuvas diminuíram de um modo previsível e esperado. O amanhecer podia chegar com uma luz opaca e nevoenta, mas, por volta do meio-dia, nuvens brancas e fofas flutuavam pelo céu. Horas mais tarde, as nuvens se juntariam acima do shabono. Elas podiam estacionar tão baixo que dariam a impressão de estar suspensas das árvores, escurecendo sinistramente o céu da tarde. Um pesado aguaceiro podia se seguir, fundindo-se a uma leve garoa que quase sempre durava a noite toda.

Eu não trabalhava muito na lavoura durante aquelas manhãs chuvosas, mas costumava acompanhar as crianças nos alagados que se formavam em volta do rio. Lá podíamos pegar rãs e espreitar caranguejos debaixo das pedras.

As crianças, com olhos e ouvidos atentos ao mais leve som e movimento, capturavam com extraordinária agilidade as in-suspeitosas rãs. Com olhos que pareciam quase transparentes por causa da luz difusa, as crianças trabalhavam com a precisão de gnomos do mal enquanto puxavam laços de fibra em volta dos pedaços das rãs até se extinguir o último coaxar. Sorrindo, com a candura que só as crianças podem ter quando inconscientes de sua crueldade, elas cortariam os pés das rãs de modo que todo o sangue, que se supunha ser venenoso, pudesse fluir. Depois de esfolarem as rãs, cada

criança iria enrolar sua presa em folhas de pishaansi e cozinhá-la. Com papa de mandioca, as rãs ficavam saborosas.

Na maior parte do tempo, eu simplesmente sentava-me numa pedra junto às altas touceiras de bambu e observava fileiras de reluzentes escaravelhos pretos e amarelos subindo com cuidadosa e quase imperceptível lentidão os caules de um verde suave. Pareciam criaturas de outro mundo, protegidos por suas brilhantes armaduras de obsidiana e ouro. Nas manhãs sem vento, a quietude nas touceiras era tanta que eu podia ouvir os escaravelhos sugando a seiva dos tenros rebentos.

No começo de certa manhã, Arasuwe sentou-se à cabeceira de minha rede. Havia um brilho jovial em seu rosto, estendendo-se dos málares salientes ao lábio inferior, onde se destacava um chumaço de tabaco. A concentração de rugas em torno de se olhos aprofundava-se quando ele sorria, adicionando uma calidez animadora à sua expressão. Fixei meu olhar em suas unhas grossas e estriadas, enquanto ele punha a mão castanha em concha para capturar as últimas gotas de mel de uma cabaça. Ele estendeu a mão para mim e molhei o dedo na sua palma.

— Este é o melhor mel que já provei — falei, lambendo o dedo com satisfação.

— Você pode vir comigo rio abaixo — disse Arasuwe. Continuou explicando que ia com duas de suas esposas e dois genros mais novos, um dos quais Matuwe, a uma plantação abandonada, onde meses antes eles haviam derrubado várias palmeiras para extrair o apetitoso palmito. — Lembra de como você gostou dos brotos triturados tostados? — perguntou ele. — A essa altura, a medula podre dos troncos mortos deve estar cheia de vermes gordos. ..

Enquanto eu pensava num jeito de explicar que eu não gostava de larvas tanto quanto gostava de palmito, Ritimi veio sentar-se ao meu lado.

— Eu também irei — disse ela. — Preciso tomar conta da mulher branca.

Arasuwe espirrou, removendo o muco com o indicador, depois riu.

— Minha filha, nós vamos de canoa. Eu pensava que v não gostava de viajar sobre a água.

— É melhor do que caminhar através da floresta pantanosa — disse Ritimi com petulância.

Ritimi foi no lugar da esposa mais nova de Arasuwe. Caminhamos uma curta distância ao longo da margem do rio até que alcançamos um dique. Oculta debaixo da vegetação estava uma comprida canoa.

— Parece com aquelas gamelas que você usa para fazer sopa — falei, olhando com desconfiança para a engenhoca de córtex.

Orgulhoso, Arasuwe explicou que tanto uma quanto outra eram feitas exatamente da mesma forma. O córtex de uma árvore grande era desprendido por inteiro com pancadas de borduna no tronco. Depois, as extremidades eram aquecidas no fogo para se tornarem suficientemente flexíveis a ponto de se dobrarem para trás e serem apertadas, formando uma bacia de nariz chato. Por fim, as pontas eram atadas com videiras. Uma tosca moldura de gravetos era adicionada para dar estabilidade à embarcação.

Os homens empurraram a canoa para a água. Rindo, eu, Ritimi e a segunda mulher de Arasuwe subimos. Temendo virar a embarcação em forma de banheira, não ousei me mover de minha posição agachada. Arasuwe manobrou a canoa com uma vara até o meio do rio.

De costas para sua sogra, os dois jovens sentaram-se o mais longe dela possível. Especulei por que Arasuwe os trouxera, afinal. Era considerado incestuoso um homem ficar íntimo da mãe de sua mulher, sobretudo se a mulher ainda era sexualmente ativa.

Os homens costumavam evitar completamente suas sogras, ao ponto de sequer olharem para elas. E sob nenhuma circunstância deviam falar seus nomes em voz alta.

A correnteza nos capturou, levando-nos rapidamente pelo rio rumorejante e lodoso. Havia trechos em que as águas eram calmas, refletindo as árvores de cada margem com intensidade exagerada. Olhando as folhas refletidas, tive a sensação de que estávamos rasgando um intrincado véu rendado. A floresta estava em silêncio. De tempos em tempos captávamos a visão de um pássaro planando no céu. Sem bater as asas, ele parecia voar adormecido.

A viagem terminou cedo demais. Arasuwe embicou a canoa na areia, em meio a rochas negras de basalto.

— Agora vamos a pé — falou, olhando para a escura floresta que assomava diante de nós.

— E a canoa? — perguntei. — Não devíamos virá-la de cabeça para baixo, para que a chuva da tarde não a encha d'água.

Arasuwe sacudiu a cabeça, depois explodiu em risadas. Em diferentes ocasiões, ele mencionara que eu dava palpites demais — não necessariamente por ser mulher, mas porque era jovem. Os velhos, independentemente do sexo, eram respeitados e levados em consideração. Seu conselho era solicitado e seguido. Os jovens é que eram desencorajados a emitir seus conceitos.

— Não usaremos a canoa para voltar — disse Arasuwe.

— É muito árduo impeli-la com vara rio acima.

— Quem vai levá-la de volta para o shabono? — não hesitei em perguntar, temendo que tivéssemos de carregá-la.

— Ninguém — assegurou-me. — A canoa só serve para descer o rio. — Rindo, Arasuwe virou a canoa de cabeça para baixo. — Talvez alguém vá precisar dela para descer o rio mais além.

Foi bom para mim movimentar as pernas com câibras. Caminhamos em silêncio através da floresta úmida e encharcada. Matuwe seguia à minha frente. Tinha pernas compridas e esguias. A aljava pendia tão baixo de suas costas que ficava batendo-lhe nas nádegas a cada passo. Comecei a assobiar num tom baixo. Matuwe virou-se. Seu rosto carrancudo me fez rir. Eu tinha a irresistível tentação de cutucar suas nádegas com a aljava, mas controlei o impulso.

— Não gosta de sua sogra? — perguntei, incapaz de evitar provocá-lo.

Sorrindo acanhado, Matuwe enrubescou à minha falta de decoro ao falar em voz alta o nome da esposa de Arasuwe diante dele.

— Não sabe que um homem não pode olhar, nem falar, nem chegar perto de sua sogra?

Seu tom magoado fez com que me sentisse culpada por tê-lo provocado.

— Não sabia — menti.

Após chegarmos ao local, Ritimi assegurou-me que era a mesma lavoura abandonada de onde ela e Tutemi tinham me trazido após nosso primeiro encontro na floresta. Não reconheci o lugar. Estava tão apinhado de ervas daninhas que foi uma trabalhadora descobrir os abrigos temporários que eu sabia estarem próximos às bananeiras.

Limpendo as ervas daninhas com seus facões, os homens procuraram os troncos de palmeira derrubados. Após descobri-los, extraíram a medula apodrecida e abriram-nas com as próprias mãos. Ritimi e a mulher de Arasuwe gritaram extasiadas ao verem as larvas coleantes, algumas tão grandes quanto bolas de pingue-pongue. Agachadas ao lado dos homens, elas ajudavam mordendo as cabeças das larvas e jogando-as fora junto com os intestinos. Os torsos brancos eram reunidos em folhas de pishaansi. Sempre que

Ritimi danificava uma larva, o que fazia com freqüência, ela a comia crua no ato, estalando os beiços em aprovação.

Apesar de seus pedidos zombeteiros para que eu as ajudasse a preparar as larvas, não consegui nem mesmo tocar as bolhas em contorção, muito menos arrancar suas cabeças a dentadas. Pedindo o facão de Matuwe emprestado, cortei frondes de bananeira, que utilizei para cobrir os telhados mal-inclinados dos abrigos.

Arasuwe chamou-me tão logo algumas das larvas estavam tostadas ao fogo.

— Coma — insistiu, empurrando um dos fardos para diante de mim. — Você precisa de gordura... não consumiu o bastante ultimamente. E por isso que tem diarréias — acrescentou num tom que não admitia réplica.

Sorri, acanhada. Com uma determinação que não sentia, abri o invólucro fortemente atado. As encolhidas e esbranquiçadas larvas boiavam em gordura; cheiravam a bacon queimado. Observando os demais, comecei lambendo a folha de pishaansi, depois estalei com cuidado a larva em minha boca. Maravilhosamente, tinha gosto similar à gordura cartilaginosa que encontramos ao redor de um bife no mundo civilizado.

Ao anoitecer, pouco depois que nos acomodamos nas ca-banas reformadas, Arasuwe anunciou em tom solene que devíamos retornar ao shabono.

— Quer viajar à noite? — perguntou Matuwe, incrédulo. — E as raízes que queríamos cavar de manhã?

— Não podemos ficar aqui — insistiu Arasuwe. — Posso sentir em minhas pernas que alguma coisa vai acontecer no shabono. — Fechando os olhos, ele balançou a cabeça para a frente e para trás, como se o lento e ritmado movimento pudesse fornecer-lhe uma resposta quanto ao que deveria fazer. — Temos que alcançar o shabono ao alvorecer — disse com determinação.

Ritimi distribuiu entre nossos cestos cerca de vinte quilos de larvas que os homens haviam extraído dos troncos podres de palmeira, colocando o menor peso para mim. Arasuwe e seus dois genros pegaram toras semiqueimadas no fogo, depois seguimos em fila indiana. Para manter as improvisadas tochas ardendo, os homens as sopravam periodicamente, dispersando um chuveiro de chispas em meio às sombras úmidas. Às vezes, a lua quase cheia atravessava as folhas, lançando na trilha uma soturna luz verde-azulada. Os altos troncos das árvores permaneciam como colunas de fumaça se dissolvendo no ar úmido, como se tentando escapar ao abraço das trepadeiras e plantas parasitas que pendiam através do espaço. Apenas as copas das árvores estavam perfeitamente delineadas contra as nuvens em movimento.

Arasuwe parava freqüentemente, atento ao mais leve som, seus olhos perscrutando aqui e ali na escuridão. Ele aspirava fundo, dilatando as narinas, como se pudesse detectar alguma coisa juntamente com o cheiro de umidade e decomposição. Quando olhava para nós mulheres, seus olhos pareciam ansiosos. Imaginei que lembranças de ataques, emboscadas e sabe Deus que outros perigos percorriam sua mente. Mas não me demorei demais na fisionomia preocupada do chefe. Eu estava concentrada em me certificar de que as raízes expostas de ceibas gigantes não eram s-curis digerindo uma anta ou porco-do-mato.

Arasuwe vadeou um rio pouco profundo. Pôs a mão em concha atrás da orelha, como se tentasse captar o mais leve som. Ritimi sussurrou que seu pai estava ouvindo os ecos da correnteza, o murmúrio dos espíritos que sabiam dos perigos que jaziam adiante. Arasuwe pôs as mãos na superfície da água e, por um momento, segurou a imagem refletida da lua.

Enquanto caminhávamos, a lua se desvaneceu numa imagem nevoenta e pouco distinguível. Imaginei se as nuvens solitárias atravessando o céu estavam tentando ombrear-se a nós em sua jornada rumo ao amanhecer. Pouco a pouco, os guinchos dos

macacos e pássaros sumiram, a brisa noturna cesou, e eu soube que o dia estava prestes a raiar.

Chegamos ao shabono àquela hora cinzenta ainda indeterminada, quando não é noite nem manhã. Muitos dos iticoteris ainda dormiam. Os que já haviam acordado nos saudaram, surpresos por voltarmos tão cedo.

Aliviada por ver que os temores de Arasuwe eram infundados, deitei em minha rede.

Fui acordada abruptamente quando Xotomi sentou-se ao meu lado.

— Coma isto depressa — insistiu, entregando-me uma banana-da-terra assada. — Ontem vi a espécie de peixe de que nós duas gostamos. — Sem esperar para ouvir se eu estava ou não cansada demais para ir, ela passou-me meu pequeno arco e as flechas curtas. O pensamento de comer peixe em vez de larvas dissipou rapidamente minha fadiga.

— Eu quero ir também — disse o pequeno Sisiwe, seguindo-nos.

Seguimos rio acima, onde as águas formavam amplas piscinas. Nem uma folha farfalhava, nem um pássaro ou sapo podia ser ouvido. Agachados numa pedra, observamos os primeiros raios de sol filtrando-se através do dossel de folhas cobertas de névoa. Como se drenados através de um véu diáfano, os débeis raios iluminavam as águas escuras da piscina.

— Ouvi alguma coisa — sussurrou o pequeno Sisiwe, segurando meu braço. — Ouvi um galho estalar.

— Eu também ouvi — disse Xotomi suavemente.

Eu estava certa de que não era um animal, e sim o inconfundível som de um humano que pisava com cautela, e que parou ao barulho que fizera.

— Ele está aqui — gritou Sisiwe, apontando através do rio. — É o inimigo — acrescentou, disparando na direção do shabono.

Aferrando meu braço, Xotomi puxou-me para o lado. Olhei em volta. Tudo que vi foram as samambaias orvalhadas na margem oposta. No mesmo instante, Xotomi soltou um grito agudo. Uma flecha atingira sua perna. Arrastei-a para os arbustos ao lado da trilha, insistindo para que nos embrenhássemos no mato até nos escondermos por completo.

— Esperaremos aqui até que os iticoteris venham nos resgatar — falei, examinando sua perna.

Xotomi limpou as lágrimas de suas faces com as costas da mão.

— Se for um ataque, os homens permanecerão no shabono para defender as mulheres e crianças.

— Eles virão — insisti, com uma confiança que estava longe de sentir. — O pequeno Sisiwe foi buscar ajuda. — A ponta farpada atravessara a barriga da perna. Quebrei a flecha, puxei a ponta da horrenda ferida, que sangrava de ambos os lados, depois enrolei minha calcinha rasgada em volta da perna. O sangue empapou o fino algodão instantaneamente. Com a preocupação de que a flecha pudesse ter sido envenenada, desatei cuidadosamente a bandagem improvisada e examinei o ferimento uma vez mais, para ver se a carne ao redor estava ficando escura. Iramamowe me explicara que um ferimento causado por uma flecha envenenada invariavelmente escurecia. — Não creio que a flecha tenha sido untada com mamucori — falei.

— Sim. Também notei — disse ela, sorrindo debilmente. Inclinando a cabeça para um lado, instou-me a ficar quieta.

— Acha que há mais de um homem? — sussurrei ao ouvir o estalar de um galho.

Xotomi olhou para mim, os olhos arregalados de medo.

— Geralmente há.

— Não podemos esperar aqui como rãs — disse eu, pegando meu arco e flechas. Silenciosamente, rastejei na direção da trilha. — Mostre a cara, seu covarde, seu macaco! Você feriu uma mulher — gritei numa voz que não parecia a minha. Por via das dúvidas, acrescentei as palavras que eu sabia que um guerreiro iticotteri diria: — Vou matá-lo no ato quando o encontrar!

Não mais que a quatro metros de onde eu estava, um rosto escuro espiava por detrás da folhagem. Seu cabelo estava molhado. Tive um desejo irracional de rir. Estava certa de que ele não havia tomado um banho, mas que deslizara cruzando o rio, pois a água estava apenas ao nível da cintura. Apontei minha flecha para ele. Por um instante, fiquei sem saber o que dizer em seguida.

— Deixe cair suas armas na trilha — gritei finalmente, acrescentando depois, por via das dúvidas: — Minhas flechas foram envenenadas com o melhor mamucori dos iticotteris. Deixe cair as armas — repeti. — Estou mirando no seu estômago, bem onde jaz a morte.

Olhos arregalados, como se diante de uma aparição, o homem surgiu na trilha. Não era muito mais alto do que eu, mas tinha compleição robusta. Seu arco e flechas estavam agarrados fortemente em suas mãos.

— Largue suas armas no chão — repeti, adiantando meu pé direito para dar ênfase.

Com cuidadosa lentidão, o homem pousou o arco e as flechas no chão à minha frente.

— Por que flechou minha amiga? — perguntei quando vi Xotomi rastejando pela trilha.

— Eu não quis acertar ela — disse ele, os olhos fixos na rasgada e improvisada bandagem enrolada em volta da perna de Xotomi. — Queria acertar você.

— A mim! — Senti-me desamparada em minha raiva. Abri e fechei a boca repetidamente, incapaz de emitir uma palavra sequer. Quando por fim recuperei a fala, rebati insulto por insulto em todas as línguas que conhecia, inclusive em iticotteri, que era a mais rica em obscenidades.

Petrificado, o homem ficou parado na minha frente, parecendo mais surpreso pela minha linguagem baixa do que pela flecha que eu mantinha apontada para ele. Nenhum de nós notou a aproximação de Etewa e Arasuwe.

— Um mocototeri covarde — disse Arasuwe. — Eu devia matá-lo aqui mesmo.

— Ele quis me matar — falei numa voz entrecortada. Senti toda a minha coragem se dissolver, deixando-me trêmula. — Ele atingiu Xotomi na perna.

— Eu não quis matar você — disse o mocototeri, olhando-me suplicante. — Eu só queria feri-la na perna para evitar que corresse. — Virou-se para Arasuwe. — Pode estar certo de minhas boas intenções; minhas flechas não estão envenenadas. — Olhou para Xotomi. — Feri você acidentalmente, quando puxava a moça branca — murmurou, como se não se conformasse de ter errado.

— Quantos de vocês estão por aí? — perguntou Arasuwe, agachando-se ao lado de sua filha. Nem por um momento ele tirava os olhos do mocototeri enquanto passava os dedos pelo ferimento. — Não é grave — falou, levantando-se.

— Há mais dois. — O mocototeri imitou o canto de um pássaro e obteve imediata resposta de cantos similares. — Queríamos levar a moça branca conosco. Nosso povo quer que ela fique em nosso shabono.

— O quanto acha que eu poderia caminhar se tivesse sido ferida? — perguntei.

— Nós a carregáremos numa rede — disse prontamente o homem, sorrindo-me.

Logo, dois outros mocototeris emergiram da mata. Sorrindo, eles me fitaram, nem um pouco embaraçados ou receosos por terem sido capturados.

— Há quanto tempo anda por aqui? — perguntou Arasuwe.

— Estivemos observando a moça branca por vários dias — disse um dos homens. — Sabemos que ela gosta de pegar rãs com as crianças. — O homem sorriu largamente quando se virou para mim. — Há muitas rãs perto do nosso shabono.

— Por que esperaram tanto? — perguntou Arasuwe.

Da maneira mais franca, o homem observou que sempre tinha muitas mulheres e crianças ao meu redor. Ele esperara me capturar ao amanhecer, quando fosse fazer as necessidades, mas ouvira falar que eu preferia ir mais longe na floresta, sozinha.

— Mas não a vimos ir nem uma vez sequer.

Sorrindo, Arasuwe e Eteawa me olharam, como esperando por mim para se estenderem no assunto. Olhei de volta para eles. Desde que as chuvas tinham começado, eu notara um número de cobras muito maior do que de hábito em volta dos lugares habitualmente determinados para as funções físicas, mas não chegara a discutir com eles aonde eu preferia ir.

Com o mesmo entusiasmo como se estivesse contando uma história, o mocototeri continuou a explicar que eles não tinham vindo matar nenhum iticoteri ou raptar qualquer de suas mulheres.

— Tudo que queríamos era levar a moça branca conosco. — O homem riu, depois declarou: — Não seria uma surpresa para vocês e seu povo se subitamente a moça branca desaparecesse sem deixar vestígios?

Arasuwe concordou que de fato teria sido uma proeza.

— Mas saberíamos que só poderia ter sido coisa dos mocototeris. Vocês foram descuidados a ponto de deixar pegadas no lodo. Enquanto vasculhava os arredores do shabono, vi evidências demais de que os mocototeris tinham estado aqui. A noite passada tive a confirmação de que alguma coisa estava errada. Foi por isso que retornei tão cedo de nossa viagem às antigas plantações. — Arasuwe fez uma pausa momentânea, como se dando tempo aos três homens para que suas palavras calassem fundo, depois declarou: — Se tivessem levado a moça branca com vocês, teríamos atacado seu assentamento para trazê-la de volta, bem como algumas de suas mulheres. O homem que acertara Xotomi na perna pegou seu arco e flechas do chão.

— Hoje seria uma boa ocasião, pensei. Havia apenas uma mulher e um garoto com a moça branca. — Ele olhou desamparado para mim. — Mas acertei a pessoa errada. Deve haver muitos hekuras poderosos em seu assentamento protegendo a moça branca. — Sacudiu a cabeça, como se cheio de dúvidas, depois fixou o olhar em Arasuwe. — Por que ela usa uma arma de homem? Nós a vimos uma manhã no rio com as mulheres, flechando peixes como um homem. Não soubemos o que pensar dela. Foi por isso que errei o alvo. Não sabia mais o que ela era.

Arasuwe ordenou aos três homens que voltassem ao shabono.

Eu me sentia esmagada com o absurdo de toda aquela situação. Só de pensar que Xotomi fora ferida em meu lugar impedia-me de rir, embora um sorriso convulsivo mantivesse meus lábios erguidos. Tentei conservar uma expressão sóbria, mas podia sentir minha boca se repuxando. Carreguei Xotomi nas costas, mas ela ria tanto que sua perna recomeçou a sangrar.

— Será mais fácil se eu me apoiar em você — disse ela. — Minha perna não doerá demais.

— Os mocototeris estão prisioneiros? — perguntei. Ela me olhou sem entender por um instante, depois disse:

— Não. Só mulheres são feitas prisioneiras.

— O que irá acontecer com eles no shabono'!

— Serão alimentados.

— Mas eles são inimigos. Flecharam sua perna. Deveriam ser punidos.

Xotomi me olhou, depois balançou a cabeça como se soubesse que eu não tinha condições de compreender. Perguntou-me se eu teria matado o mocototeri se ele não pousasse suas armas no chão.

— Eu o teria flechado — falei bem alto para que os homens ouvissem. — Eu os teria matado com minhas flechas envenenadas.

Arasuwe e Etewa olharam para trás. A expressão severa em suas faces se transformou num sorriso. Eles sabiam realmente que minhas flechas não eram envenenadas.

— Sim, ela teria flechado você — disse Arasuwe ao mocototeri. — A moça branca não é como nossas mulheres. Os brancos matam muito rápido.

Eu imaginava se teria de fato disparado minha flecha no mocototeri. Eu certamente o teria chutado na virilha ou no estômago se não tivesse pousado seu arco e flechas no chão. Eu sabia que era loucura tentar superar um oponente mais forte, mas não via razão por que uma pessoa pequena não pudesse surpreender um agressor confiante com um rápido soco ou pontapé. Isso, eu estava certa, teria me dado tempo suficiente para fugir. Um pontapé certamente teria chocado o inadvertido mocototeri muito mais do que meu arco e flechas. Este pensamento me reconfortou bastante.

Chegando ao shabono, fomos recebidos sob a mira das flechas dos homens iticoteris. As mulheres e crianças estavam escondidas dentro das cabanas. Ritimi veio correndo na minha direção.

— Eu sabia que você se sairia bem — falou, ajudando-me a carregar sua meia-irmã para a cabana de Hayama.

A avó de Ritimi lavou a perna de Xotomi com água morna, depois colocou pó de epena no ferimento.

— Não levante de sua rede — ralhou com a garota. — Trarei algumas folhas para enrolar em volta da ferida.

Exausta, fui descansar na minha rede. Esperando cair no sono, puxei os lados da rede sobre mim. Mas acordava a intervalos com as risadas de Ritimi. Inclinando-se sobre mim, ela cobriu meu rosto com beijos sonoros.

— Eu soube como você assustou os mocototeris.

— Por que somente Arasuwe e Etewa foram em nosso socorro? — perguntei. — Deveriam ter ido muitos homens.

— Mas meu pai e meu marido não foram salvar vocês — informou-me Ritimi candidamente. Ela se acomodou na minha rede, depois explicou que ninguém no shabono percebera que eu tinha ido com Xotomi e o pequeno Sisiwe pegar peixes, Arasuwe e Etewa haviam nos encontrado por puro acaso. Arasuwe, seguindo suas premonições, tinha ido vasculhar os arredores do shabono após retornar da jornada ao longo da noite. Embora suspeitasse de que alguma coisa não ia bem, ele realmente ignorava haver mocototeris nas redondezas. Seu pai, declarou Ritimi, estava apenas assumindo seu papel de chefe ao verificar se havia sinais de intrusos. Era tarefa do chefe fazer isso pessoalmente, porque, em geral, ninguém o acompanhava numa missão tão perigosa. Não podia contar com ninguém.

Só muito tarde vim a compreender que, embora Arasuwe me tivesse sido apresentado por Milagros como chefe dos iticoteris, era um título incorreto. Os poderes de um chefe eram limitados. Ele não usava qualquer símbolo especial que o distinguisse dos outros homens, e todos os machos adultos estavam envolvidos em importantes decisões. Mesmo se uma decisão tivesse sido alcançada, cada homem era ainda livre para fazer o que bem entendesse. A importância de Arasuwe originava-se de seu séquito de parentes. Seus irmãos, inúmeros filhos e genros garantiam-lhe poder e apoio.

Enquanto suas decisões satisfizessem o povo de seu shabono, sua liderança seria pouco contestada.

— Como Etewa veio a ter com ele?

— Foi totalmente inesperado — disse Ritimi, rindo. — Na certa, ele voltava de um dos seus encontros clandestinos com uma das mulheres do shabono quando esbarrou com seu sogro.

— Quer dizer que ninguém iria nos socorrer? — perguntei, incrédula.

— Se os homens soubessem que o inimigo estava por perto, não sairiam intencionalmente. É muito fácil cair numa emboscada.

— Mas poderíamos ter sido mortas!

— Raramente matam mulheres — declarou Ritimi com plena convicção. — Eles iam capturar vocês, mas nossos homens teriam atacado o assentamento mocototeri e trazido vocês de volta — argumentou ela com espantosa simplicidade, como se fosse o acontecimento mais natural.

— Mas eles feriram Xotomi na perna — senti que gritava. — Eles pretendiam me aleijar.

— Foi só porque não sabiam como capturar você — disse Ritimi, pondo os braços em torno do meu pescoço. — Eles sabem como lidar com as mulheres índias. Nós somos fáceis de raptar. Os mocototeris devem ter ficado desnorteados com você. Devia sentir-se feliz. Você é tão valente quanto um guerreiro. Iramamowe está certo de que você é protegida por hekuras especiais, pois eles desviaram para a perna de Xotomi a flecha dirigida a você.

— O que vai acontecer com o mocototeri? — perguntei, olhando para a cabana de Arasuwe. Os três homens estavam sentados em redes, comendo bananas assadas como se fossem convidados. — É estranho como vocês tratam o inimigo.

— Estranho? — Ritimi olhou-me espantada. — Nós os tratamos do jeito certo. Eles não revelaram seu plano? Arasuwe está contente porque não tiveram sucesso. — Ritimi mencionou que os três homens provavelmente permaneceriam com os iticoteris por algum tempo, em especial se suspeitassem de que havia uma boa chance de a aldeia deles ser atacada pelos iticoteris. Os dois shabonos vinham se atacando há muitos anos, desde o tempo de seus avós e bisavós, e mesmo antes. Ritimi puxou minha cabeça e sussurrou no meu ouvido: — Etewa vem querendo há muitos anos desferrar-se dos mocototeris.

— Etewa! Mas ele ficou tão feliz na festa deles — falei, aturdida. — Eu pensava que gostava deles. Sei que Arasuwe os considera traiçoeiros... e Iramamowe também. Mas Etewa! Eu tinha certeza de que estava deliciado em dançar e cantar na festa deles.

— Eu lhe disse uma vez que não se vai a uma festa apenas para dançar e cantar, mas para descobrir quais são os planos da outra parte — suspirou Ritimi. Olhou-me ansiosamente. — Etewa quer que o inimigo acredite que não pretende vingar seu pai.

— O pai dele foi morto pelos mocototeris? Ritimi pôs a mão em meus lábios.

— Não vamos falar nisso. Dá azar mencionar uma pessoa que foi morta num ataque.

— Vai haver um ataque? — tentei perguntar antes que Ritimi empurrasse um pedaço de banana na minha boca.

Ela apenas sorriu, sem responder. A idéia de um ataque deixou-me extremamente desconfortável. Tive dificuldade de engolir a banana. De alguma forma, eu associava esses ataques ao passado. Nas poucas vezes em que perguntara a Milagros sobre o assunto, ele tinha sido vago em suas respostas. Só agora eu pensava se houvera pesar na voz de Milagros quando ele declarou que os missionários tinham sido inteiramente bem-sucedidos em sua tentativa de pôr um fim às rixas tribais.

— Vai haver um ataque? — perguntei a Etewa assim que ele entrou na cabana.

— Isso não é coisa para uma mulher perguntar — respondeu-me, com ar severo.

20

ESTAVA QUASE ANOITECENDO quando Puriwariwe voltou ao shabono. Eu não o vira desde a minha doença, desde a noite em que ele parará no meio da clareira, os braços estendidos como se argumentando com a escuridão. Milagros me contara que o velho shapori aspirara epena por seis dias e noites consecutivos. O velho estivera à beira de sucumbir ao peso dos espíritos que ele convocara a seu peito. Ainda assim, ele suplicara com perseverança aos hekuras que me curassem do violento ataque de febre tropical.

Ritimi também enfatizara que minha cura tinha sido uma luta particularmente difícil, pois os hekuras não gostavam de ser invocados na estação das chuvas.

— Foi o hekura do beija-flor que salvou você — explicara ela. — Apesar do seu pequeno porte, o beija-flor é um espírito poderoso. É usado como último recurso por um shapori consumado.

Eu não me sentira confortada nem ao menos quando Ritimi passara os braços em torno do meu pescoço, assegurando-me que, se eu morresse, minha alma não ficaria vagando desamparada pela floresta, mas ascenderia em paz para a casa do trovão, porque meu corpo deveria ser cremado e meus ossos pulverizados comidos por ela e seus parentes.

Juntei-me a Puriwariwe na clareira.

— Estou bem agora — falei, acorando-me ao seu lado. Ele fitou-me com olhos velados, quase vagos, depois passou a mão na minha cabeça. Era uma mão pequena e escura que se movia rapidamente, embora parecesse pesada e lenta. Uma vaga ternura suavizava suas feições, mas ele não dizia uma palavra. Imaginei se sabia que eu sentira a bicada do beija-flor cortando meu peito durante minha doença. Eu não contara a ninguém.

Um grupo de homens, os corpos e faces pintados de preto, reuniu-se em torno de Puriwariwe. Sopraram epena nos narizes uns dos outros e ouviram-no entoar seu cântico, convocando os hekuras a saírem de seus recantos ocultos nas montanhas. As negras figuras dos homens mais pareciam sombras, parcamente iluminadas pelas fogueiras das cabanas. Suavemente, eles repetiam os cânticos do xamã. Senti um arrepio percorrer minha espinha quando o acelerado ritmo de suas palavras ininteligíveis tornou-se mais ameaçador e vigoroso.

Ao retornar à cabana, perguntei a Ritimi o que os homens estavam celebrando.

— Eles estão enviando hekuras ao assentamento mocototeri para matar o inimigo.

— O inimigo irá mesmo morrer?

Erguendo os joelhos, ela olhou pensativamente, além da orla de palmeiras da cabana, para o céu escuro como breu, despojado de lua e estrelas.

— Eles irão morrer — disse ela suavemente.

Convencido de que não iria haver um ataque real, cochilei em minha rede, ouvindo o cântico lá fora. Mais do que ouvir os homens, eu visualizava os fragmentos de som elevando-se e baixando interminavelmente, como levados pela fumaça dos braseiros.

Horas depois, levantei-me e fui me sentar do lado de fora da cabana. A maioria dos homens recolhera-se às suas redes. Somente dez permaneciam na clareira, entre os quais Etewa. Com os olhos fechados, repetiam o cântico de Puriwariwe. Suas palavras me chegavam com clareza através do ar úmido;

Sigam-me, sigam minha visão.
Sigam-me sobre as copas das árvores.
Olhem para os pássaros e borboletas; tais cores vocês
nunca irão ver no chão.
Estou me elevando para o céu, na direção do sol.

O cântico do shapori foi interrompido abruptamente por um dos homens.
— Fui atingido pelo sol... meus olhos estão queimando — gritou enquanto se levantava. Olhou desamparado para a escuridão. Suas pernas fraquejaram e ele desabou ao solo num baque surdo. Ninguém pareceu notar.

A voz de Puriwariwe tornou-se mais insistente, como se tentando elevar coletivamente os homens até sua visão. Ele repetiu o cântico outra e outra vez aos que permaneciam agachados à sua volta. Exortando os homens a se refugiarem no orvalho de suas visões, alertou-os sobre folhas de bambus em forma de lança e cobras envenenadas surgindo detrás das árvores e raízes na trilha para o sol. Acima de tudo, exortava os homens a não caírem no sono humano, mas a caminharem das trevas da noite para a escuridão branca do sol. Prometeu-lhes que seus corpos seriam banhados pelo brilho dos hekuras, que seus olhos brilhariam com o fulgor da preciosa luz do sol.

Permaneci do lado de fora da cabana até que a aurora apagou as sombras no solo. Esperando encontrar alguma evidência visível da jornada deles para o sol, fui de um homem a outro, perscrutando atentamente cada rosto.

Puriwariwe observou-me curiosamente, um sorriso zombeteiro no rosto abatido.

— Você não descobrirá sinal exterior do vôo deles — disse, como se lesse meus pensamentos. — Os olhos deles estão embotados e vermelhos da vigília noturna — acrescentou, apontando para os homens que fitavam indiferentes na distância, totalmente alheios à minha presença. — Aquela preciosa luz que espera ver refletida nas pupilas deles brilha somente em seu interior. Só eles podem vê-la.

Antes que eu tivesse uma chance de perguntar-lhe sobre sua jornada para o sol, ele já se retirava do shabono para a floresta.

Nos dias que se seguiram, uma atmosfera opressiva e desalentada envolveu o assentamento. No início foi apenas um sentimento vago, mas por fim fiquei obcecada com a convicção de que estavam me deixando intencionalmente alheia acerca de algum acontecimento iminente. Tornei-me mal-humorada, distante e irritável. Lutei contra a minha sensação de isolamento. Tentei ocultar minha apreensão mal focalizada, embora me sentisse como se atacada por forças não-identificadas. Sempre que eu perguntava a Ritimi ou a qualquer das outras mulheres se havia alguma mudança de abordagem, elas nem sequer levavam em conta minha pergunta. Em vez disso, faziam comentários acerca de algum incidente tolo, esperando me fazer rir.

— Nós vamos ser atacados? — perguntei finalmente a Arasuwe certo dia.

Ele virou seu rosto perplexo para mim como se estivesse tentando desenredar minhas palavras.

Senti-me confusa, nervosa e prestes a chorar. Disse-lhe que não era idiota, que notara os homens em constante estado de alerta e as mulheres temerosas de saírem sozinhas para a lavoura ou para pescar no rio.

— Por que alguém não pode me dizer o que está havendo? — gritei.

— Não está havendo nada — disse Arasuwe calmamente. Dobrando os braços atrás do pescoço, estendeu-se confortavelmente em sua rede. Começou a falar sobre algo não relacionado à minha pergunta, dando risinhos freqüentes enquanto falava. Mas isso não

me apaziguava. Eu não ria com ele. Nem sequer prestava atenção em suas palavras. Ele parecia totalmente confuso enquanto eu voltava para a cabana.

Fiquei infeliz durante dias, alternando ressentimento e autopiedade. Não dormia direito. Continuei repetindo para mim mesma que eu, que havia abraçado totalmente aquela nova vida, estava sendo, de repente, tratada como uma estranha. Fiquei furiosa e sentindo-me traída. Não podia aceitar que Arasuwe não tivesse confiado em mim. Nem mesmo Ritimi se prontificara em me deixar à vontade. Se ao menos Milagros estivesse ali, desejei com fervor. Certamente ele dissiparia minha ansiedade. Ele me contaria tudo.

Uma noite, quando mal podia dormir, pairando num estado de semi-sonolência, veio-me de súbito um discernimento. Não chegou em palavras, mas traduzia-se como um inteiro processo de pensamentos e lembranças que cintilavam como quadros à minha frente e punham tudo numa perspectiva adequada.

Exultei. Comecei a rir com um alívio que se transformou em pura alegria. Podia ouvir meu riso ecoando através das cabanas. Sentando-me em minha rede, notei que a maioria dos iticoteris ria comigo.

Arasuwe agachou-se junto à minha rede.

— Os espíritos da floresta a enlouqueceram? — perguntou, segurando minha cabeça entre suas mãos.

— Quase — falei, ainda rindo. Olhei nos seus olhos, que brilhavam na escuridão. Olhei para Ritimi, Tutemi e Etawa, parados perto de Arasuwe, seus rostos curiosos e sonolentos alvoroçados de riso. As palavras jorraram de mim numa sucessão interminável, passando de uma a outra com espantosa velocidade. Eu falava em espanhol, não porque quisesse ocultar alguma coisa, mas porque minha explicação não faria sentido na linguagem deles. Arasuwe e os outros ouviam como se compreendessem, como se sentissem minha necessidade de me desembaraçar de meu tumulto interior.

Percebi que, afinal de contas, eu era uma estranha, e minha exigência em saber de coisas que os iticoteris nem sequer comentavam entre si devia-se a meus sentimentos de presunção. O que me transformara numa pessoa intolerável fora o pensamento de ter sido deixada de fora — excluída de algo que eu achava ter direito de saber. Eu não me perguntara por que acreditava ter esse direito. Isso me deixou infeliz, cegando-me para todos os momentos de alegria com que fora tratada antes. O desânimo e a opressão que eu sentira não estavam mais fora e sim dentro de mim, comunicando-se com o shabono e seu povo.

Senti a mão calosa de Arasuwe na minha tonsura. Eu não me envergonhava dos meus sentimentos, mas estava contente em perceber que aquilo me devolvia o senso de magia e encantamento de estar num mundo diferente.

— Sobre epena em meu nariz — pediu Arasuwe a Etawa. — Quero me certificar de que os espíritos do mal permanecem longe da moça branca.

Ouvi vozes sussurradas, um riso suave e depois o cântico monótono de Arasuwe. Cai num sono cheio de paz, o melhor que eu tinha em muitos dias. A pequena Texoma, que há dias não vinha para minha rede, acordou-me ao amanhecer.

— Ouvi seus risos a noite passada — disse ela, aconchegando-se a mim. — Já fazia muitos dias que você não ria. Estava com medo de que não fosse rir nunca mais.

Olhei dentro de seus olhos brilhantes, como se pudesse encontrar neles a resposta que me habilitaria futuramente a rir de toda a ansiedade e agitação do meu espírito.

Uma quietude inusitada envolveu o shabono enquanto as sombras da noite se fecharam em torno de nós. O suave toque de Tutemi, ao procurar piolhos em minha cabeça, estava a ponto de me fazer adormecer. O barulhento tagarelar das mulheres reduziu-se a sussurros enquanto elas preparavam a refeição da noite e ninavam seus bebês. Como se obedecendo a um comando mudo, as crianças abandonaram suas vociferantes brincadeiras vespertinas e reuniram-se na cabana de Arasuwe para ouvir as histórias do velho Kamosiwe. Ele parecia inteiramente absorvido pelas próprias palavras, gesticulando dramaticamente enquanto falava. Mesmo assim, seu único olho fitava atentamente os longos espetos de batata-doce assando nas brasas. Observei espantado o velho pegar as batatas no fogo com as mãos nuas. Sem esperar que esfriassem, ele as enfiava na boca.

De onde eu estava sentada podia ver a lua minguante surgir sobre as copas das árvores, obscurecida pelas nuvens em movimento que reluziam brancas contra o céu escuro. A quietude noturna foi rompida por um som sinistro — alguma coisa entre um grito e um rosnado. No instante seguinte, Etewa, com o rosto e o corpo pintados de preto, materializou-se das sombras. Permaneceu diante das fogueiras que tinham sido acesas na clareira e bateu seu arco e flechas bem alto acima da cabeça. Não vi de qual cabana os outros apareceram, mas outros onze homens, os rostos e corpos igualmente enegrecidos, juntaram-se a Etewa na clareira.

Arasuwe empurrou e puxou cada um deles até ficarem em perfeita linha reta; então, após colocar o último homem no lugar, juntou-se a eles. O chefe começou a cantar num tom profundo e anasalado. Os outros repetiram em coro a última frase do cântico. Fui capaz de distinguir cada voz na harmonia murmurada, embora nada entendesse das palavras. Quanto mais cantavam, mais furiosos os homens pareciam ficar. Ao fim de cada cântico, eles soltavam os gritos mais ferozes que eu já ouvira. Estranhamente, eu tinha a sensação de que, quanto mais alto gritavam, mais remota ficava sua raiva, como se não mais fizesse parte de seus corpos pintados de preto.

Abruptamente, ficaram em silêncio. A débil luz das fogueiras acentuava a expressão irada de seus rostos rígidos como máscaras, o brilho febril em seus olhos. Eu não podia ver se Arasuwe dava o comando, mas eles gritavam em uníssono:

— Como eu gostaria de ver minha flecha penetrar no inimigo. Como gostaria de ver seu sangue escorrer pelo chão.

Segurando suas armas acima da cabeça, os guerreiros romperam o alinhamento e reuniram-se num círculo estreito. Começaram a gritar, primeiro suavemente, depois em vozes tão penetrantes que senti um arrepio na espinha. Ficaram mais uma vez em silêncio, e Ritimi sussurrou em meu ouvido que os homens estavam ouvindo o eco de seus gritos de modo que pudessem determinar de que direção vinham. Os ecos, explicou ela, carregavam os espíritos do inimigo.

Gemendo, entrechocando suas armas, os homens começaram a saltitar pela clareira. Arasuwe acalmou-os. Por mais duas vezes reuniram-se num círculo e gritaram com toda a força. Em vez de caminhar na floresta, como eu esperava e temia, os homens se moveram na direção das cabanas perto da entrada do shabono. Deitaram-se nas redes e forçaram-se a vomitar.

— Por que estão fazendo isso? — perguntei a Ritimi.

— Enquanto cantavam, eles devoravam o inimigo — disse ela. — Agora têm que pôr para fora a carne estragada.

Respirei aliviada, embora me sentisse estranhamente desapontada porque o ataque só ocorrera simbolicamente.

Pouco antes do alvorecer, fui despertada pelos lamentos das mulheres. Esfreguei os olhos para ter certeza de que não estava sonhando. Como se o tempo não tivesse

passado, os homens se alinharam exatamente na mesma formação rígida que tinham assumido mais cedo naquela noite. Seus gritos haviam perdido a ferocidade, como se os lamentos das mulheres tivessem arrefecido sua raiva. Eles puseram nos ombros os cachos de banana-da-terra que tinham sido pendurados na entrada do shabono e desceram dramaticamente a trilha que conduzia ao rio.

Eu e o velho Kamosiwe seguimos os homens a distância. Pensei que estava chovendo, mas não passava de orvalho gotejando de uma folha para outra. Os homens pararam por um instante, suas sombras perfeitamente alinhadas contra a areia fina da margem do rio. A meia-lua viajara através do céu, brilhando debilmente através do ar enevoado. Como se a areia os tivesse sugado em suas sombras, os homens desapareceram diante de meus olhos. Tudo que eu ouvia era o som das folhas farfalhantes, dos galhos protuberantes que recuavam para a floresta. A névoa fechou-se sobre nós numa parede impenetrável, embora nada tivesse acontecido, como se tudo que eu vira não passasse de um sonho.

O velho Kamosiwe, sentado numa pedra ao meu lado, tocou levemente meu braço.

— Nunca mais ouvi os ecos dos seus passos — disse ele, seguindo depois lentamente para a água. Fui atrás dele. Tirei de frio. Senti o pequeno peixe que, escondido entre as raízes submersas, roçava contra minhas pernas, mas não pude vê-lo nas águas escuras.

O velho Kamosiwe ria enquanto eu o secava com folhas.

— Veja os sikomasik — disse ele arrebatado, apontando para os cogumelos brancos que cresciam num tronco apodrecido.

Colhi os cogumelos para ele, embrulhando-os em folhas. Quando tostados na brasa, eram considerados uma iguaria, principalmente pelos mais velhos.

Kamosiwe segurou a ponta quebrada de seu arco na minha direção; puxei-a para a trilha escorregadia que conduzia ao shabono. A névoa impedira o nascer do dia pleno, como se o sol tivesse medo de testemunhar a jornada dos homens através da floresta.

21

APEQUENA TEXOMA sentou-se ao meu lado no tronco junto à touceira de bambu. — Está indo pegar rãs? — perguntei a ela. Ela me olhou com pesar. Seus olhos, habitualmente tão brilhantes, estavam opacos. Lentamente, eles se encheram de lágrimas.

— Por que está triste? — perguntei, aninhando-a em meus braços. Às crianças nunca era permitido chorar, por temor de que suas almas pudessem escapar através da boca. Carregando-a nas costas, encaminhei-me para o shabono. — Você está mais pesada do que um cesto de bananas maduras — falei, numa tentativa de fazê-la rir.

Mas a menina nem sequer sorriu. Seu rosto permanecia pressionado contra meu pescoço. Suas lágrimas incontidas rolaram pelos meus seios abaixo. Cuidadosamente, depusitei-a em sua rede. Texoma agarrou-me com força, obrigando-me a deitar junto com ela. Logo adormeceu, mas não foi um sono tranquilo. De tempos em tempos, seu pequeno corpo tremia, como se estivesse lutando contra um horrível pesadelo.

Com o bebê de Tutemi atado às costas, Ritimi entrou na cabana. Começou a chorar quando viu a criança adormecida a meu lado.

— Tenho certeza de que um malvado shapori dos mocototeris seduziu sua alma. — Ritimi chorou com soluços tão sofridos que saí da rede de Texoma e sentei-me junto a ela. Eu não sabia exatamente o que dizer. Estava certa de que Ritimi não chorava apenas

por sua pequena filha, mas também por Etewa, que partira com o grupo de ataque há quase uma semana. Desde a partida do marido ela não era mais a mesma. Não havia trabalhado nas hortas; nem acompanhara as demais mulheres para colher amoras ou lenha na floresta. Apática e desalentada, ela ficava se lastimando pelo shabono. Passava a maior parte do tempo na sua rede, brincando com o bebê de Tutemi. Não importava o que eu dissesse ou fizesse para mimá-la, era incapaz de apagar a expressão desolada em seu rosto. O sorriso de pesar com que Ritimi reagia aos meus esforços só servia para deixá-la mais abatida.

Pus meus braços em torno de seu pescoço e plantei beijos estalados em sua face, reafirmando-lhe o tempo todo que Texoma tinha somente um resfriado. Ritimi não se sentiu consolada. Chorar não lhe trouxe alívio nem deixou-a cansada, apenas intensificou seu desgosto.

— Talvez tenha acontecido alguma coisa com Etewa — disse Ritimi. — Talvez um mocototeri o tenha matado.

— Nada aconteceu com Etewa — declarei. — Posso sentir isso nas minhas pernas. Ritimi deu um sorriso débil, como se duvidando de minhas palavras.

— Mas por que então minha filhinha está doente? — insistiu ela.

— Texoma está doente porque pegou friagem quando foi caçar rãs nos pântanos — afirmei prosaicamente. — Crianças ficam doentes muito depressa e se recuperam com a mesma rapidez.

— Tem certeza de que é isso mesmo?

— Absoluta — garanti.

Ritimi olhou para mim em dúvida, depois disse:

— Mas nenhuma das outras crianças adoeceu. Sei que Texoma foi enfeitiçada.

Não sabendo como responder, sugeri que seria melhor chamar o tio de Ritimi.

Momentos depois, retornei com Iramamowe. Durante a ausência de seu irmão Arasuwe, ele assumia os deveres de um chefe. Sua bravura o tornava o homem mais qualificado para defender o shabono de atacantes potenciais. Sua reputação como xamã protegia o assentamento dos hekuras do mal enviados por feiticeiros inimigos.

Iramamowe olhou para a criança, depois pediu-me para trazer seu tubo de epena e o recipiente com o pó alucinógeno. Mandou um jovem soprar epena em suas narinas, e então entoou cânticos aos hekuras, andando para um lado e outro diante da cabana. De tempos em tempos, dava pulos altos no ar, gritando aos espíritos do mal — que ele acreditava terem se alojado no corpo das crianças — para que deixassem Texoma em paz.

Gentilmente, Iramamowe massageou a criança, começando pela cabeça, descendo ao peito, ao estômago, todo o caminho até os pés. Bateu as mãos repetidamente, sacudindo os hekuras do mal que extraíra de Texoma. Vários outros homens cheiraram epena e cantaram com Iramamowe noite adentro. Alternadamente, ele massageava e sugava a doença do pequeno corpo.

No entanto, a criança não apresentou qualquer melhora no dia seguinte. Imóvel, ela permanecia deitada em sua rede. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Recusava todos os alimentos, inclusive a água e o mel que lhe ofereci.

Iramamowe diagnosticou que sua alma abandonara o corpo e começou a construir uma plataforma de estacas e cipós no meio da clareira. Prendeu folhas de palmeira assai nos seus cabelos; desenhou círculos em torno dos olhos e boca com uma mistura de onoto e carvão. Saltitando em volta da plataforma, imitou os gritos do gavião-real. Com o ramo de um dos arbustos que cresciam em volta do shabono, varreu o chão, num esforço para localizar a alma errante da criança.

Incapaz de encontrar a alma, reuniu em torno dele vários dos amiguinhos de Texoma. Enfeitou seus rostos e cabelos tal como os seus, depois subiu-os para a plataforma.

— Examinem o chão do alto — ordenou às crianças. — Descubram a alma de sua irmã.

Imitando os gritos do gavião-real, as crianças pularam sobre a estrutura precariamente construída. Varreram o ar com os ramos que as mulheres lhes tinham dado; mas também foram incapazes de encontrar a alma perdida.

Pegando o ramo que Ritimi me entregou, juntei-me aos outros na procura. Varremos as trilhas que conduziam ao rio, às hortas e aos pântanos onde Texoma ia pegar rãs. Iramamowe trocou seu ramo pelo meu.

— Você a trouxe para o shabono — disse. — Talvez possa encontrar sua alma.

Sem pensar em outra coisa senão na inutilidade da tarefa, varri o chão com a mesma ânsia que os outros.

— Como alguém sabe que a alma está por perto? — perguntei a Iramamowe enquanto refazíamos o mesmo percurso de volta ao shabono.

— Simplesmente sabe — disse ele.

Procuramos em cada cabana, varrendo debaixo das redes, em volta de cada braseiro, atrás de cachos de bananas. Levantamos cestos do chão. Removemos arcos e flechas encostados no teto inclinado. Desentocamos aranhas e escorpiões de seus ninhos entre as folhas de palmeira do telhado. Desisti da busca quando vi uma cobra coleando atrás de um dos caibros.

Rindo, a velha Hayama cortou a cabeça da cobra com um golpe do afiado facão de mato de Iramamowe. Embrulhou o réptil sem cabeça, ainda se contorcendo, em folhas de pishaansi, depois colocou-o no fogo. Hayama também recolheu as aranhas caídas no chão, que foram igualmente embrulhadas em folhas e assadas. As pessoas mais velhas apreciavam particularmente as tenras barrigas. Hayama separou as patas para posterior preparo. Acreditava-se que seu pó curava cortes, mordidas e arranhões.

Ao anoitecer, Texoma não apresentou sinais de melhora. Imóvel, ficou deitada na rede, os olhos vagueando pelo teto. Eu estava com uma indescritível sensação de desamparo, enquanto Iramamowe mais uma vez se inclinava sobre a criança para massageá-la e sugar os espíritos malignos.

— Deixe-me tentar curar esta criança — pedi. Iramamowe sorriu quase imperceptivelmente, focalizando seu olhar alternadamente em mim e em Texoma.

— O que a faz pensar que pode curar minha sobrinha-neta? — perguntou com amabilidade deliberada. Não havia ironia em seu tom, apenas uma vaga curiosidade. — Não encontramos sua alma. Um poderoso inimigo shapori a seduziu. Acha que pode anular uma maldição de um feiticeiro do mal?

— Não — assegurei-lhe prontamente. — Só você pode fazer isso.

— O que fará então? — perguntou. — Você disse uma vez que nunca curou ninguém. Por que acha que o fará agora?

— Ajudarei Texoma com água quente — falei. — E você irá curá-la com seus cânticos aos hekuras.

Iramamowe refletiu por um momento; gradualmente, sua expressão pensativa relaxou. Manteve a mão sobre a boca, como se escondendo um impulso de riso.

— Você aprendeu muito com os shaporis que conheceu?

— Eu me lembro de alguns de seus métodos de cura — respondi, mas não mencionei que a cura que pretendia para Texoma era o método que minha avó utilizava para lidar com uma febre que não baixava. — Você disse ter visto hekuras em meus olhos. Se cantar para eles, talvez possam me ajudar.

Um leve sorriso surgiu e se estendeu em torno dos lábios de Iramamowe. Ele parecia quase convencido por meu arrazoado. Ainda assim, sacudiu a cabeça, cheio de dúvidas.

— Uma cura não é feita dessa maneira. Como posso pedir aos hekuras que ajudem você? Vai querer aspirar epena?

— Não preciso aspirar — assegurei-lhe, depois assinali que se um poderoso shapori podia ordenar a seus hekuras que roubassem a alma de uma criança, então um consumado feiticeiro como ele certamente podia comandar seus espíritos, que, de acordo com ele, já estavam familiarizados comigo, a vir em meu auxílio.

— Chamarei os hekuras para assistirem você — declarou Iramamowe. — Tomarei epena por você.

Enquanto um dos homens soprava a substância alucinógena nas narinas de Iramamowe, Ritimi, Tutemi e as esposas de Arasuwe trouxeram-me cabaças cheias de água quente que a velha Hayama aquecera nas grandes panelas de alumínio. Embebi retalhos de meu cobertor na água quente e, usando as pernas de meus jeans como luvas, espressei cada tira de pano até não restar uma só gota de umidade. Cuidadosamente, enroli-os em volta do corpo de Texoma, depois os cobri com folhas de palmeira aquecidas que alguns dos garotos tinham cortado para mim.

Eu me movia com dificuldade entre a multidão reunida na cabana. Silenciosamente, todos observavam cada movimento meu, atentos, de modo a não perder nada. Iramamowe agachou-se a meu lado, cantando incansavelmente noite adentro. Conforme as horas passavam, as pessoas retiravam-se para suas tendas. Não me importei com suas mostras de desaprovação e continuei mudando as compressas tão logo esfriavam. Ritimi sentava-se em silêncio em sua rede, os dedos entrelaçados descansando molemente em seu colo numa atitude de suprema desesperança. Sempre que olhava para mim, irrompia em lágrimas.

Texoma parecia esquecida de minhas aplicações de compressas. E se ela tivesse algo mais que um resfriado? — pensei. E se piorasse? Minha confiança vacilou. Murmurei uma prece por ela com um fervor que não tinha desde criança. Notei que Iramamowe me olhava fixamente. Parecia ansioso, como se ciente do conflito de sentimentos — magia, religião e medo — dentro de mim. Continuou seus cânticos com determinação.

O velho Kamosiwe chegou e juntou-se a nós. Agachou-se perto do fogo. O frio da madrugada ainda não tinha penetrado na cabana, mas o simples fato de haver um fogo o fez agachar-se instintivamente. Começou a cantar num tom suave. Sua canção murmurada encheu-me de conforto; parecia carregar as vozes de gerações passadas. A chuva martelava no telhado com um vigor determinado, depois relaxava num chuvisco que me arrastava para uma espécie de estupor.

Era quase manhã quando Texoma começou a agitar-se na rede. Impaciente, arrancou as peças molhadas do cobertor e as folhas de palmeira que a envolviam. Com olhos arregalados de surpresa, sentou-se, depois sorriu para o velho Kamosiwe, para Iramamowe, e eu me agachei ao lado de sua rede.

— Estou com sede — disse ela, engolindo com sofreguidão a água e o mel que lhe dei.

— Estará bem? — perguntou Ritimi, hesitante.

— Iramamowe trouxe sua alma de volta — falei. — A água quente baixou a febre. Agora ela só precisa ficar aquecida e dormir tranqüila.

Caminhei pela clareira e estiquei as pernas com câibras. O velho Kamosiwe, apoiando-se numa estaca» parecia uma criança com seus antebraços fortemente apertados em volta do peito para se manter aquecido. Iramamowe parou ao meu lado a caminho de sua cabana. Nada falamos, mas eu estava certa de que partilhávamos um momento de absoluto entendimento.

AO SOM DE PASSOS SE aproximando, Tutemi insistiu para que eu me abaixasse ao lado das folhas mofadas das parreiras de abóbora.

— É o grupo de ataque — sussurrou. — As mulheres não podem ver de que direção os guerreiros retornam.

Incapaz de conter minha curiosidade, levantei-me lentamente. Havia três mulheres com os homens, uma delas grávida.

— Não olhe — suplicou Tutemi, puxando-me para baixo. — Se vir a trilha usada pelos guerreiros de volta, o inimigo irá capturar você.

— Como os homens estão bonitos, com as penas brilhantes ondulando de suas braçadeiras e os corpos pintados com onoto — comentei. — Mas Etewa não veio! Acha que pode ter sido morto? — perguntei, desalentada.

Tutemi olhou para mim, uma expressão de espanto no rosto. Não havia nervosismo em seus movimentos enquanto afastava as amplas folhas de abóbora para espreitar as figuras que retornavam. Seu rosto ansioso se iluminou com um sorriso enquanto ela aferrava meu braço.

— Veja, lá está Etewa. — Puxou minha cabeça para perto da sua para que eu pudesse ver para onde estava apontando. — Ele é unucai.

Seguindo a boa distância dos outros, Etewa caminhava lentamente, os ombros caídos para a frente como se estivesse vergado por um enorme peso nas costas. Não estava adornado com penas ou pinturas. Apenas pequenos pedaços de taquara de flechas estavam enfiados nos lóbulos de suas orelhas e atados em seus pulsos como braceletes.

— Ele está mal?

— Não! Ele é unucai — disse ela com admiração. — Ele matou um mocototeri.

Incapaz de partilhar do excitação de Tutemi, eu podia apenas fitá-la em muda incredulidade. Senti os olhos cheios de lágrimas e afastei meu olhar dela. Esperamos até Etewa sair de vista e caminhamos lentamente para o shabono.

Tutemi apressou o passo ao ouvir os gritos de boas-vindas dos homens e mulheres nas cabanas. Circundado pelos iticoteris exultantes, o grupo de ataque parou orgulhosamente na clareira. Desviando-se de seu marido, a esposa mais nova de Arasuwe aproximou-se das três mulheres capturadas, que não tinham sido incluídas nas saudações de júbilo. Permaneciam afastadas e em silêncio, seus olhares apreensivos fixados nas mulheres iticoteris que se aproximavam.

— Pintadas com onoto... como é nojento — gritou a mulher de Arasuwe. — O que mais se pode esperar de uma mulher mocototeri? Vocês pensam que foram convidadas para uma festa? — Os olhos dardejando para as três mulheres, ela pegou uma vara. — Vou bater em vocês todas. Se eu tivesse sido capturada, teria fugido — gritou.

As três mocototeris se aconchegaram umas às outras.

— Pelo menos eu teria chegado chorando deploravelmente — provocou a mulher de Arasuwe, puxando o cabelo de uma das mulheres.

Arasuwe plantou-se entre sua esposa e as mocototeris.

— Deixe-as em paz. Elas choraram tanto que ensoparam a trilha com suas lágrimas. Nós as fizemos parar. Não quisemos ouvir seus lamentos. — Arasuwe tomou a vara de sua mulher. — Pedimos que pintassem seus rostos com onoto. Essas mulheres serão felizes aqui. Elas serão bem-tratadas! — Virou-se para as outras iticoteris que se haviam

reunido ao redor de sua esposa. — Tratem de alimentá-las. Estão famintas como nós, que há dois dias não comemos.

A mulher de Arasuwe não se intimidou.

— Seus homens foram mortos? — perguntou às três mulheres. — Vocês os cremaram? Comeram suas cinzas? — Ela encarou a mulher grávida. — Seu marido também foi morto? Espera que um iticoteri se torne o pai de seu filho? Empurrando sua esposa rudemente, Arasuwe anunciou:

— Apenas um homem foi morto. Foi flechado por Etewa. Era o homem que matou o pai de Etewa na última vez em que os mocototeris nos atacaram à traição. — Arasuwe virou-se para a grávida. Não havia simpatia em seus olhos ou sua voz quando continuou: — Vocês foram capturadas pelos mocototeris algum tempo atrás. Vocês não têm irmãos entre eles para resgatá-las. Agora são iticoteris. Não chorem mais. —

Arasuwe continuou explicando às três cativas que elas ficariam melhor com seu povo. Os iticoteris, salientou, desfrutavam de carne quase que diariamente, bem como tinham estoque de raízes e bananas-da-terra para a estação das chuvas. Ninguém passaria fome.

Uma das cativas era ainda uma menina, talvez com dez ou doze anos.

— O que irá acontecer com ela? — perguntei a Tutemi.

— Como as outras, ela será tomada como esposa — disse Tutemi. — Eu tinha provavelmente a mesma idade quando fui raptada pelos iticoteris. — Um pequeno sorriso tristonho curvou seus lábios. — Foi uma sorte a sogra de Ritimi ter me escolhido como segunda esposa de Etewa. Ele nunca me bateu. Ritimi me trata como irmã. Ela não discute comigo, nem me faz trabalhar demais... — Tutemi parou no meio da frase quando a esposa mais nova de Arasuwe prosseguiu em sua gritaria contra as mocototeris.

— Que nojento vocês virem todas pintadas. Só falta colocarem flores nas orelhas e começarem a dançar. — Ela seguiu as três mulheres até a cabana do seu marido. — Os homens violaram vocês na floresta? Foi por isso que eles se ausentaram tanto tempo? Vocês devem ter gostado. — Empurrando a grávida, acrescentou: — Eles também dormiram com você?

— Cale-se! — gritou Arasuwe. — Ou baterei em você até tirar sangue. — Arasuwe voltou-se para as mulheres que tinham seguido atrás. — Vocês deviam se rejubilar por seus homens terem voltado a salvo. Deviam estar contentes por Etewa ter matado um homem, por trazerem três cativas. Voltem para as cabanas e preparem comida para seus homens.

Resmungando, as mulheres se dispersaram para seus respectivos braseiros.

— Por que só a mulher de Arasuwe está inquieta? — perguntei a Tutemi.

— Você não sabe? — Ela sorriu maliciosamente. — Ela tem medo que ele tome uma das mulheres como sua quarta esposa.

— Por que ele quer tantas?

— Ele é poderoso — declarou Tutemi, categórica. — Ele tem muitos genros que trazem caça abundante e ajudam na lavoura. Arasuwe pode alimentar muitas mulheres.

— As prisioneiras foram violadas?

— Uma foi. — Tutemi ficou momentaneamente intrigada com minha expressão de espanto, depois continuou, explicando que uma mulher capturada costumava ser estuprada por todos os homens num grupo de ataque. — É o costume.

— Também estupraram a menina?

— Não. Ela ainda não é mulher. Nem estupraram a grávida... elas nunca são tocadas.

Ritimi permanecera em sua rede durante toda a comoção. Disse-me que não havia razão para se preocupar com as mocototeris, porque ela sabia que Etewa não tomaria

uma terceira esposa. Fiquei feliz ao notar que toda a tristeza e abatimento que fizeram parte dela nos últimos dias tinham desaparecido.

— Onde está Etewa? — perguntei. — Ele não está vindo para o shabono?

Os olhos de Ritimi pareciam quase febris de excitação enquanto explicava que seu marido, uma vez que matara um inimigo, estava procurando por uma árvore, não muito longe do assentamento, na qual pudesse pendurar sua rede e a aljava. Todavia, antes de fazê-lo, teria que despojar o tronco e os galhos do seu córtex.

Os olhos de Ritimi exprimiam um profundo interesse enquanto me encarava. Ela me preveniu que não olhasse para tal árvore. Tinha certeza de que eu não iria confundi-la com o tipo de árvore que era desnudada de seu córtex para a construção de gamelas e canoas. Aquelas árvores, explicou, continuavam parecendo árvores. Já aquelas desnudadas por um homem que havia matado eram como sombras fantasmagóricas, todas brancas entre o verdor em volta delas, com rede, aljava, arco e flechas pendentes de galhos desnudos. Espíritos — maus, principalmente — gostavam de se esconder nas vizinhanças de tais lugares. Tive de prometer a Ritimi que, se um dia me visse perto de uma árvore dessas, fugiria do local o mais rápido possível.

Numa voz tão baixa que imaginei estar falando consigo mesma, Ritimi me revelou seus temores. Ela esperava que Etewa não sucumbisse ao peso do homem que matara. Os hekuras de um homem assassinado alojavam-se no peito do matador, onde permaneceriam até que os parentes do morto tivessem queimado o morto e comido os ossos pulverizados. Os mocototeris iriam protelar ao máximo a cremação do corpo, na esperança de que Etewa morresse de fraqueza.

— Os homens vão falar sobre o ataque? — perguntei.

— Tão logo eles tenham comido — disse Ritimi.

Com seu arco e flechas na mão, Etewa atravessou a clareira até a cabana onde o filho de Iramamowe fora iniciado como xamã. Os homens que haviam acompanhado Etewa no ataque cobriram os lados da cabana com folhas de palmeira. Somente uma pequena entrada foi deixada aberta na frente. Eles trouxeram-lhe uma cabaça cheia d'água e fizeram uma fogueira no interior.

Etewa permaneceria na cabana até que Puriwariwe anunciasse que o mocototeri morto tinha sido cremado. Etewa teria que ficar dia e noite em estado de alerta, pois o espírito do morto poderia rondar as cercanias da cabana sob a forma de uma onça. Etewa morreria se falasse, tocasse uma mulher ou comesse durante aqueles dias.

A velha Hayama, acompanhada pela nora, entrou em nossa cabana.

— Quero descobrir o que está acontecendo no local de Arasuwe — disse a velha, sentando-se à minha frente.

Xotomi sentou-se no chão, repousando a cabeça nas minhas pernas que pendiam da rede. Uma cicatriz roxa — recordação da flechada — marcava-lhe o suave contorno da batata da perna. O que não preocupava Xotomi; ela se sentia grata pelo ferimento não ter infeccionado.

— Matuwe capturou uma das mulheres — disse Hayama, orgulhosa. — Já é uma boa hora de ele arranjar outra esposa. Acho melhor eu escolher a que melhor lhe sirva. Estou certa de que cometerá um erro se a escolha ficar por sua conta.

— Mas ele tem uma esposa — gaguejei, olhando para Xotomi.

— Sim — concordou a velha. — Mas se ele tem que ter uma segunda esposa, este é o melhor momento. Xotomi é jovem. Será fácil para ela ficar amiga de outra mulher agora. Matuwe deveria tomar a mais jovem das três cativas. — Hayama passou a mão na tonsura raspada de Xotomi. — A garota é mais jovem do que você. Irá lhe obedecer. Se ficar menstruada, ela cozinhará para nós. Ela pode ajudar você na lavoura e com a coleta de lenha. Estou muito velha para trabalhar demais.

Xotomi examinou as três mocototeris na cabana de Arasuwe.

— Se Matuwe vai tomar outra esposa, eu quero que tome a garota. Gostarei dela. Ela pode aquecer-lhe a rede quando eu estiver grávida.

— Você está? — perguntei.

— Não tenho certeza — disse ela, sorrindo encabulada.

Hayama dissera algum tempo atrás que uma mulher grávida esperava três ou quatro meses, às vezes mais, antes de contar ao marido sobre seu estado. O homem era um cúmplice tácito nesta farsa, pois seguia as restrições alimentares e os tabus de comportamento. Sempre que uma mulher sofria um aborto, ou dava à luz uma criança deformada, nunca era culpa dela. Era o marido o responsável. De fato, se uma mulher repetidamente gerava crianças doentias, era encorajada a conceber com outro homem. Seu próprio marido, porém, tinha que obedecer tabus e assumir o bebê como se fosse seu.

Hayama foi para a cabana de Arasuwe.

— Levarei comigo a garota mocototeri. Dará uma ótima esposa para meu filho — anunciou, pegando a garota pela mão. — Ela vai viver comigo em minha cabana.

— Eu capturei uma mulher — disse Matuwe. — Não quero esta criança. É muito magra. Quero uma mulher forte, que possa gerar filhos saudáveis.

— Ela irá crescer forte — disse Hayama calmamente. — Ainda está verde, mas em breve ficará madura. Olhe seus peitos. Já estão bem grandes. Além disso, Xotomi não se importará se a tomar. — Hayama encarou os homens reunidos dentro e fora da cabana de Arasuwe. — Ninguém vai tocar nela. Tomarei conta dela até se tornar esposa de meu filho. De hoje em diante, ela é minha nora.

Nenhum dos homens fez qualquer objeção enquanto Hayama levava a garota para nossa cabana. Envergonhada, a jovem mocototeri sentou-se no chão, perto do fogo.

— Não irei bater em você — disse Xotomi, pegando a mão da garota nas suas. — Mas você deve fazer o que eu mandar.

Matuwe riu encabulado para nós através da cabana. Imaginei se estava orgulhoso em ter duas mulheres ou realmente embaraçado por ter sido forçado a ficar com uma criança quando capturara uma mulher feita.

— O que acontecerá com as outras cativas? — perguntei.

— Arasuwe ficará com a grávida — declarou Hayama.

— Como sabe? — Sem esperar resposta, perguntei pela terceira.

— Ela será dada como esposa a alguém depois que tiver sido possuída por qualquer dos homens do shabono que a desejar.

— Mas ela já foi estuprada pelos atacantes — falei, indignada.

A velha Hayama irrompeu em risos.

— Mas não pelos homens que não participaram do ataque. — A velha deu um tapinha na minha cabeça. — Não seja tão rígida. É o costume. Fui capturada uma vez. Fui estuprada por vários homens. Tive sorte e encontrei uma chance de escapar. Não, não me interrompa, moça branca — disse Hayama, pondo a mão na minha boca. — Eu não fugi porque fui estuprada. Esqueci aquilo muito depressa. Fugi porque havia muito trabalho duro e eu não comia o bastante.

Tal como a velha previra, Arasuwe tomou a mulher grávida para si.

— Você já tem três esposas — gritou a mais nova, o rosto contorcido de raiva. — Por que quer mais uma?

Rindo nervosamente, as duas outras esposas de Arasuwe observavam de suas redes enquanto a mais nova empurrava a grávida em cima dos carvões em brasa. Arasuwe saltou de sua rede, pegou uma tora no fogo e entregou-a à mocototeri caída.

— Queime o braço de minha mulher — ordenou-lhe enquanto prendia sua esposa contra uma das estacas da cabana. Soluçando, a grávida cobriu o ombro queimado com a mão.

— Vá, me queime! — desafiou a esposa de Arasuwe, debatendo-se para livrar-se do aperto do marido. — Se o fizer, queimo você viva... mas ninguém irá comer seus ossos. Irei espalhá-los na floresta, onde todo mundo poderá urinar neles... — Ela parou, arregalou os olhos em genuíno espanto ao descobrir a extensão do ferimento no ombro da mulher.

— Você está mesmo queimada! Dói muito?

A mocototeri limpou as lágrimas do rosto.

— Estou sentindo muita dor.

— Oh, pobre mulher! — Solícita, a mulher de Arasuwe ajudou-a a se levantar, conduzindo-a para sua própria rede. Pegou folhas de uma cabaça e gentilmente aplicou-as no ombro da mulher.

— Vai sarar bem rápido. Cuidarei disso.

— Não chore mais — disse a esposa mais velha de Arasuwe, sentando-se ao lado da mocototeri. Bateu afetuosamente na perna dela. — Nosso marido é um bom homem, vai tratar você bem. E cuidarei para que ninguém no shabono a trate mal.

— O que acontecerá quando o bebê nascer? — perguntei a Hayama.

— É difícil dizer — respondeu a velha. Permaneceu em silêncio por um momento, como se imersa em pensamentos.

— Ela poderá matar o bebê. Embora, se for um menino, Arasuwe possa pedir a sua esposa mais velha para assumi-lo como seu.

Horas depois, Arasuwe começou a falar sobre o ataque.

— Viajamos devagar no primeiro dia e paramos para descansar com frequência.

Nossas costas doíam dos pesados fardos de bananas-da-terra. Na primeira noite mal conseguimos dormir, porque não tivemos lenha suficiente para nos manter aquecidos. A chuva caía com tal intensidade que o céu noturno parecia se fundir com a escuridão ao nosso redor. No dia seguinte, de alguma maneira, caminhamos mais rápido, chegando às cercanias do assentamento mocototeri. Estávamos ainda longe o suficiente para que os caçadores inimigos descobrissem nossa presença aquela noite, e ainda assim perto o bastante para não ousarmos acender uma fogueira em nosso acampamento.

Eu só podia ver o rosto de Arasuwe de perfil. Fascinada, observei os desenhos vermelhos e pretos em suas faces movendo-se animadamente ao ritmo de sua fala, como se tivessem vida própria. As penas nos lóbulos de suas orelhas davam suavidade a seu rosto severo e cansado, um aspecto divertido que não correspondia ao horror de sua narrativa.

— Por uns poucos dias, observamos cuidadosamente as idas e vindas de nosso inimigo. Nosso objetivo era matar um mocototeri sem alertar o shabono deles de nossa presença. Certa manhã, vimos o homem que matara o pai de Etewa entrar no mato atrás de uma mulher. Etewa atingiu-o no peito com uma de suas flechas envenenadas. O homem ficou tão atônito que nem sequer gritou. Enquanto nos recuperávamos desta surpresa, Etewa tinha dado uma segunda flechada no peito do homem e outra em seu pescoço, bem atrás da orelha. Ele caiu ao chão, morto.

"Andando como se atordoado, Etewa voltou para casa, acompanhado por meu sobrinho. Enquanto isso, Matuwe descobrira a mulher escondida no mato. Ameaçou matá-la se ela sequer abrisse a boca para tossir. Matuwe, junto com meu genro mais novo, voltou para nosso assentamento com a relutante mulher. Todos nos encontraríamos mais tarde num local predeterminado. Enquanto o resto de nós decidia se devíamos nos dividir em grupos menores, vimos uma mãe com seu filhinho, uma

mulher grávida e uma garota indo para a floresta. Não pudemos resistir à tentação. Silenciosamente, as seguimos.

Inclinando-se para trás em sua rede, as mãos atrás da cabeça, Arasuwe olhou para sua maravilhada platéia.

Aproveitando a pausa do chefe, um dos participantes do ataque levantou-se. Forçando as pessoas a abrirem espaço para ele se mexer, ele começou sua narrativa exatamente com as mesmas palavras usadas por Arasuwe: "Viajamos lentamente no primeiro dia."

Mas isso era tudo que a narrativa dele e de Arasuwe tinham em comum. Gesticulando dramaticamente, o homem imitava com exagerado brilho os modos e expressões de diferentes participantes do grupo de ataque, adicionando assim um toque de humor e melodrama à seca e trivial versão de Arasuwe. Estimulado pelos risos e aplausos da platéia, o homem contou minuciosamente acerca dos dois membros mais novos do grupo de ataque, que não tinham mais que dezesseis ou dezessete anos. Não apenas se queixavam dos pés inchados, do frio, de suas dores e padecimentos, como também das onças rosnantes e espíritos na segunda noite, quando todos tiveram que dormir sem a luz de uma fogueira. O homem intercalava sua história com informações detalhadas sobre a variedade da caça e a madureza das frutas silvestres — cor, tamanho e formato — que ele assinalou no caminho.

Arasuwe resumiu sua própria narração tão logo o homem fez uma pausa:

— Quando as três mulheres e a garota estavam bastante longe do shabono — continuou o chefe —, ameaçamos matá-las se tentassem fugir ou gritar. O garotinho conseguiu se esgueirar entre os arbustos. Não os perseguimos e sim nos retiramos o mais depressa possível, cuidando para não deixar pegadas. Tínhamos certeza de que, tão logo descobrissem o morto, os mocototeris iriam nos perseguir. Pouco antes de escurecer, a mãe do garoto que escapara gritou de dor. Sentando-se no chão, ela pressionava o pé entre as mãos. Chorava amargamente, queixando-se de que uma cobra venenosa a picara. Seus gemidos nos entristeceram tanto que nem sequer nos certificamos de que fora mesmo uma cobra. "De que adiantou", soluçava ela, "meu filhinho ter fugido se não vai mais ter sua mãe para cuidar dele?" Gritando que não poderia suportar a dor por mais tempo, a mulher cambaleou para os arbustos. Levamos algum tempo para perceber que tínhamos sido enganados. Vasculhamos toda a floresta, mas não descobrimos para onde ela escapara.

O velho Kamosiwe riu vigorosamente.

— É bom que ela os tenha enganado. Não vale a pena raptar uma mulher que deixou um filho para trás. Elas choram até caírem doentes e, pior, quase sempre escapam.

Os homens falaram até o amanhecer chuvoso envolver o shabono. No meio da clareira permanecia a solitária cabana onde Etewa estava enclausurado. Era tão silenciosa e afastada — tão perto, embora tão distanciada das vozes e risos.

Uma semana depois, Puriwariwe visitou Etewa. Mal terminou de comer banana assada com mel, o velho pediu que Iramamowe soprasse epena para ele. Cantando, Puriwariwe dançou ao redor da cabana de Etewa.

— O morto ainda não foi cremado — anunciou. — Seu corpo foi colocado numa gamela. Está apodrecendo no alto de uma árvore. Não quebre o seu silêncio por enquanto. Os hekuras do morto continuam em seu peito. Prepare seus novos arcos e flechas. Logo os mocototeris cremarão a carne podre, pois os vermes já estão fervilhando fora da carcaça.

O velho shapori circundou a cabana de Etewa mais uma vez, depois dançou através da clareira na floresta.

Três dias depois, Puriwariwe anunciou que os mocototeris tinham cremado o morto.

— Tire os gravetos de suas orelhas, desate os dos pulsos — disse, ajudando Etewa a se levantar. — Em poucos dias, pegue seus arcos e flechas velhos na mesma árvore pelada onde pendurou sua rede e aljava.

Puriwariwe conduziu Etewa à floresta. Arasuwe, junto com alguns dos homens que tomaram parte no ataque, foi atrás.

Retornaram no fim da tarde. O cabelo de Etewa fora cortado, sua tonsura raspada. Seu corpo fora lavado e pintado de novo com onoto. Varetas de bambu, decoradas com penas de arara-vermelha, tinham sido inseridas no lóbulo de suas orelhas. Ele também usava as novas braçadeiras de pele, adornadas com penas, e a grossa faixa de algodão que Ritimi fizera para ele. Arasuwe ofereceu a Etewa um cesto cheio de pequenos peixes cozidos em folhas de pishaansi.

Três dias depois, Etewa aventurou-se sozinho na floresta pela primeira vez.

— Acertei um macaco — anunciou horas mais tarde, de pé na clareira. Tão logo um grupo de homens se juntou ao seu redor, ele deu informações precisas da localização do animal.

Para garantir a ajuda e proteção dos hekuras durante futuras caçadas, Etewa foi mais duas vezes sozinho à floresta. Em cada ocasião ele voltava sem a caça, informando depois onde poderiam encontrá-la. Etewa não comeu do macaco e dos dois porcos-domato que abatera.

Uma tarde, ele voltou com um mutum pendurado às costas. Esfolou o pássaro, preservando a faixa de pele onde estavam presas as penas pretas aneladas. Serviria como braçadeira. As penas das asas ele preservou para suas flechas. Assou o pássaro de quase 60 cm de comprimento numa plataforma de madeira que montara sobre o fogo. Provando para ver se o mutum estava no ponto, ele começou a dividi-lo entre seus filhos e suas duas esposas.

— A moça branca é sua esposa ou filha? — gritou a velha Hayama de sua cabana quando Etewa lhe passou um pedaço da escura carne do peito.

— Ela é minha mãe — disse Etewa, juntando-se às risadas iticoteris.

Dias mais tarde, Arasuwe supervisionava o cozimento da sopa de banana-da-terra. Etewa esvaziou uma pequena cabaça de sopa. Ritimi disse-me que eram as últimas cinzas dos ossos do pai dele. Lágrimas rolavam pelas faces dos homens e mulheres enquanto engoliam a sopa espessa. Peguei a cabaça que Etewa me oferecia e chorei por seu pai morto.

Tão logo a gamela ficou vazia, Arasuwe gritou no tom máximo de sua voz:

— Que waiteri nós temos entre nós! Ele matou seu inimigo. Ele carregou no seu peito os hekuras do inimigo sem sucumbir à fome e à solidão durante seu confinamento.

Etewa caminhou em volta da clareira.

— Sim, eu sou waiteri — cantou. — Os hekuras de um morto podem matar o mais forte dos guerreiros. É um fardo pesado para ser carregado por muitos dias. Uma pessoa pode morrer de sofrimento. — Etewa começou a dançar. — Não penso mais no homem que matei. Danço com as sombras da noite, não com as sombras da morte. — Quanto mais ele dançava, mais leves e rápidos eram seus passos, como se através dos movimentos ele finalmente pudesse se livrar do fardo que carregara em seu peito.

Os acontecimentos do ataque foram recontados pelos homens durante muitas noites. Até o velho Kamosiwe tinha sua versão. Todas as histórias tinham em comum com a original apenas que Etewa matara um homem e que três mulheres foram capturadas. Por vezes só restava uma vaga lembrança dos fatos reais, tornando-se um relato do distante passado, como todas as outras histórias que os iticoteris gostavam de contar.

A PRESSÃO DE PEQUENOS pés amassando meu estômago despertou-me de meus devaneios. Como se apenas um momento tivesse se passado, as lembranças dos dias, semanas e meses decorridos tinham perambulado através de minha mente em vívidos detalhes. Palavras de protesto morreram em meus lábios quando Tutemi tirou Hoaxiwe de cima de mim. Embalei o bebê em meus braços, temendo que acordasse a pequena Texoma, que adormecera em minha rede à espera de que eu a pegasse. Alcancei os crânios de rã de Hoaxiwe, enfiados numa corda de cipó pendente da cabeceira de minha rede, e os chocalhei diante dele. Balbuciando, deliciado, o bebê tentou pegá-los.

— Está acordada? — murmurou Texoma, tocando levemente minha bochecha. — Pensei que ia dormir o dia inteiro.

— Estive pensando acerca de tudo que vi e aprendi desde que cheguei aqui — falei, pegando sua pequena mão na minha. A estreita palma e os dedos longos e delicadamente formados estavam estranhamente desenvolvidos para uma criança de cinco anos, contrastando de modo marcante com seu rosto de covinhas. — Nem percebi que o sol já tinha nascido.

— Você nem notou meu irmão e meus primos deixando sua rede logo que as bananas-da-terra ficaram assadas — disse Texoma. — Estava muito concentrada?

— Não — ri. — Era mais como estar sonhando. Parecia não ter passado tempo algum desde que cheguei ao shabono.

— Para mim é como um longo tempo — disse Texoma séria, acariciando o suave cabelo de seu meio-irmão. — Na primeira vez que você chegou, este bebezinho ainda dormia dentro da barriga de Tutemi. Lembro bem do dia em que minhas mãos encontraram você. — Rindo, a garotinha enterrou o rosto no meu pescoço. — Sei por que você chorou naquele dia. Ficou com medo do meu tio-avô Iramamowe... ele tem a cara feia.

— Naquele dia — suspirei com ar conspiratório —, tive medo de todos os iticoteris. — Sentindo uma umidade morna no estômago, mantive Hoaxiwe afastado de mim. Etewa, escarrapachado em sua rede, sorriu divertido enquanto observava o arco formado pela urina de seu filho alcançar o fogo.

— De todos nós? — perguntou Texoma. — Mesmo do meu pai e do meu avô? Mesmo de minhas mães e da velha? Hayama? — Inclinando-se sobre meu rosto, ela fitou-me com expressão de incredulidade, quase de angústia, como se procurando por algo em meus olhos. — Teve medo de mi também?

— Não. Não tive medo de você — assegurei-lhe, balançando o risonho Hoaxiwe em minhas coxas.

— Também não tive medo de você. — Suspirando aliviada, Texoma deitou de novo na rede. — Eu não me escondi, como fizeram as outras crianças, quando você entrou nossa cabana a primeira vez. Tínhamos ouvido dizer que brancos eram altos e peludos como macacos. Mas você parecia tão pequena que eu soube que não era uma branca verdade.

Tão logo o cesto foi ajustado com segurança em suas costas, Tutemi pegou o bebê do meu colo. Com perícia, colocou na macia e larga funda feita de cortiça que lhe atravessava peito.

— Pronto — disse, sorrindo; depois lançou um olhar interrogativo para Etewa e Ritimi.

Rindo, Etewa pegou seu facão e o arco e flechas.

— Vai voltar mais tarde? — perguntou Ritimi enquanto ajustava a longa e fina vareta através do seu septo nasal. cantos de sua boca, livres dos habituais gravetos macios, torceram num sorriso, formando covinhas nas bochechas, mo se sentindo minha indecisão, Ritimi não esperou por minha resposta, mas seguiu seu marido e Tutemi para as hortas.

— Hayama está chegando — sussurrou Tutemi. — Anda se perguntando por que você não tem ido comer as suas bananas assadas. — A menininha deslizou da rede, saindo em direção às crianças que brincavam lá fora.

Resmungando, Hayama caminhou pela cabana de Tutemi. A pele frouxa caía por sua barriga e coxas em longas rugas verticais. Seu rosto fixou-se num rígido semblante enquanto me passava metade de uma cabaça cheia de papa de banana-da-terra. Suspirando, sentou-se na rede de Ritimi, deixando sua mão deslizar pelo chão à medida que se balançava na rede, aparentemente enlevada pelo rítmico ranger do nó de cipó contra a estaca.

— É uma pena que eu não tenha conseguido engordar você — disse a velha após um longo silêncio.

Assegurei-lhe que suas bananas haviam operado maravilhas — era só um pouco mais de tempo e eu ficaria de fato gorda.

— Não há muito tempo — disse Hayama suavemente. — Você vai voltar para a missão.

— O quê?! — gritei, golpeada pela determinação em sua voz. — Quem foi que disse?

— Antes de partir, Milagros fez Arasuwe prometer que, se nos mudássemos para uma das velhas lavouras mais no interior da floresta, não a levaríamos. — O nostálgico e quase sonhador brilho em seu olhar suavizou a expressão de Hayama enquanto ela me lembrava que várias famílias tinham partido semanas antes para as antigas lavouras. Acreditando que logo voltariam, na ocasião não prestei muita atenção em sua partida. Hayama continuou explicando que a família de Arasuwe, bem como as de seus irmãos, primos, filhos e filhas, ainda não tinham seguido os outros pela simples razão de que o chefe aguardava notícias de Milagros.

— O shabono está sendo abandonado? — perguntei. — E as lavouras daqui? Elas foram expandidas recentemente. O que acontecerá com todos os novos brotos de banana? — falei, excitadamente.

— Eles irão crescer. — O rosto de Hayama se enrugou em afável diversão. — Os velhos e muitas das crianças permanecerão aqui. Construiremos abrigos temporários próximos às plantações, porque ninguém gosta de viver num shabono solitário. Cuidaremos das hortas até os outros retornarem. Então as bananas e os frutos de rasha estarão maduros, e mais uma vez será tempo de festa.

— Mas porque tantos iticoteris estão partindo? — perguntei. — Não há comida suficiente por aqui?

Hayama não disse realmente que havia escassez de comida, embora salientasse o fato de que as velhas hortas, que não eram visitadas há muito tempo, tivessem se tornado um pasto para macacos, pássaros, cutias, porcos-do-mato e antas. Os homens estavam tendo um bom período de caça, e as mulheres ainda tinham fartura de raízes e frutos, pelo menos até que a caça se esgotasse.

— Além disso — continuou Hayama —, uma mudança temporária é sempre boa, especialmente depois de um ataque. Se eu não estivesse tão velha, também iria.

— Como umas férias — falei.

— Sim. Umas férias! — Hayama riu, após eu ter lhe explicado o significado da palavra. — Oh, como eu gostaria de me sentar na sombra, me empanturrando do fruto do kafu.

As árvores kafu eram apreciadas por seu córtex e fibras. Os cachos de fruta, cada um com cerca de 25 cm de comprimento, pendiam de um caule comum. A fruta carnuda e gelatinosa era cheia de pequenas sementes e tinha gosto de figo bem maduro.

— Se não posso me mudar com Arasuwe e sua família para as velhas hortas — falei, agachando-me à cabeceira da rede de Hayama —, então ficarei aqui com você. Não há motivo para que eu volte à missão. Esperaremos juntas o regresso dos outros.

Os olhos de Hayama brilharam com uma luminosidade artificial enquanto descansavam no meu rosto. Num tom lento e deliberado, ela deixou claro que, embora não fosse hábito atacar um shabono vazio ou matar velhos e crianças, os mocototeris sem dúvida causariam encrenca se soubessem, e a velha me assegurou que saberiam que eu fora deixada para trás num shabono desprotegido.

Estremeci ao lembrar como, duas semanas antes, um grupo de mocototeris armado de borduna chegara ao shabono para resgatar suas mulheres. Após ambos os lados terem gritado insultos e ameaças, Arasuwe disse aos mocototeris que libertara deliberadamente uma das mulheres raptadas em seu caminho para casa. Salientou que nem por um momento acreditara no truque da mulher de ter sido picada por uma cobra. Contudo, após mais alterações de ambos os lados, o chefe relutantemente devolveu a garota que a velha Hayama escolhera para segunda esposa de seu filho mais novo. Ameaçando uma posterior retaliação, os mocototeris se retiraram.

Foi Eteawa quem me explicara que, embora os mocototeris não tivessem tido a intenção de começar uma guerra — haviam deixado seus arcos e flechas na floresta —, o chefe agira sabiamente ao devolver a garota de imediato. Os iticototeris se achavam em desvantagem numérica, pois vários homens já tinham partido para as lavouras abandonadas.

— Quando Arasuwe irá se juntar aos outros nas velhas lavouras? — perguntei a Hayama.

— Muito breve — disse. — Arasuwe mandou vários homens à procura de Milagros. Infelizmente, eles não conseguiram manter contato com ele tão longe.

Sorri comigo mesma.

— Parece que, independentemente do que Arasuwe prometeu, acabarei indo com Ritimi e Eteawa — falei, presunçosa.

— Você não vai — garantiu-me Hayama, rindo com malícia em seguida. — Não é só dos mocototeris que temos de proteger você, mas um shapori poderia lhe raptar no caminho para as lavouras e conservá-la como sua mulher numa cabana remota.

— Duvido — repliquei, rindo. — Você me disse uma vez que nenhum homem ia me querer tão magra. — Contei à velha o incidente nas montanhas com Eteawa.

Pressionando os braços cruzados através dos seios caídos, Hayama riu até lágrimas rolaem por suas faces enrugadas.

— Eteawa pegaria qualquer mulher disponível — falou. — Mas ele tem medo de você. — Hayama inclinou-se sobre a rede, depois suspirou. — Um shapori não é um homem comum. Ele não iria querer você por prazer. Um shapori precisa da feminilidade do seu corpo. — Ela deitou-se de volta na rede. — Sabe onde fica a feminilidade?

— Não.

— Na vagina — disse por fim, quase se engasgando de rir.

— Acha que Puriwariwe poderia me raptar? — perguntei, zombeteira. — Estou certa de que ele nem se importa mais com mulheres, de tão velho.

Um espanto genuíno arregalou-lhe os olhos.

— Você já o viu? Alguém já lhe contou que o velho shapori é mais forte do que qualquer homem no shabono? Há noites em que o velho vai de cabana em cabana, enfiando o membro dentro de toda mulher que encontra. E não fica cansado. De manhã, quando retorna à floresta, está pronto como sempre. — Hayama assegurou-me que Puriwariwe talvez não me raptasse, pois não precisava de mais nada. Avisou-me, porém, que havia outros xamãs, menos poderosos que o velho, que o fariam.

Fechando os olhos, ela suspirou alto. Pensei que havia adormecido, mas, como se pressentindo meu movimento para levantar, a velha virou-se para mim abruptamente. Pôs ambas as mãos nos meus ombros e perguntou-me, numa voz vibrante de emoção:

— Sabe por que você gosta de estar conosco?

Olhei para ela sem compreender, e, enquanto abria minha boca para responder, Hayama continuou, dizendo:

— Você é feliz aqui porque não tem responsabilidades. Você vive como nós. Aprendeu a falar quase bem e conhece muitos dos nossos costumes. Para nós você não é nem criança nem adulto, homem ou mulher. Nada perguntamos sobre você. Se o fizessemos, iria se ressentir. — Os olhos de Hayama estavam tão escuros enquanto sustentava meu olhar que me senti desconfortável. Em sua face enrugada eles pareciam largos demais, e brilhantes, como se reluzindo com uma inesgotável energia interior. Após uma longa pausa, ela acrescentou, provocadora: — Se não tivesse se tornado uma mulher shapori você seria muito infeliz.

Senti-me ameaçada. Ainda assim, enquanto balbuciava futilidades para me defender, percebi de súbito que ela estava certa e que eu estava tomada por um desesperado desejo de rir.

Gentilmente, a velha pressionou seus dedos em meus lábios.

— Há shaporis poderosos vivendo em lugares remotos, onde moram os hekuras de animais e plantas — disse Hayama. — Na escuridão da noite, esses homens mantêm relações com lindos espíritos femininos.

— Estou feliz em não ser um lindo espírito.

— Não. Você não é linda. — Com seu sorriso adulator e olhar de troça, Hayama me impediu de tomar como ofensa seu comentário descortês. — Ainda assim, para muitos de nós você é estranha. — Havia grande ternura em sua voz enquanto tentava fazer-me compreender por que os mocototeris queriam me levar para o shabono deles. Seu interesse em mim não se devia às razões habituais que os moviam a manter contato com os brancos — obter facões, panelas e roupas —, mas porque os mocototeris acreditavam que eu tinha poderes. Eles tinham ouvido dizer como eu curara a pequena Texoma, sobre o incidente com o epena e como Iramamowe vira hekuras refletidos em meus olhos. Eles até me viram usar arco e flechas.

Foram inúteis todos os meus esforços para fazer a velha compreender que curar o resfriado de uma criança não exigia poderes especiais, apenas bom senso. Argumentei que ela própria poderia ser considerada como tendo poderes de cura — fixava ossos e untava picadas, cortes e arranhões com preparados secretos feitos de partes de animais, raízes e folhas. Mas meus argumentos foram em vão. Para ela havia enorme diferença entre consolidar um osso e trazer a alma perdida de uma criança de volta a seu corpo. Isso, salientou, só um shapori poderia fazer.

— Mas foi Iramamowe quem trouxe a alma de volta — declarei. — Eu apenas curei o resfriado dela.

— Ele não o fez — insistiu Hayama. — Ele ouviu seu cântico.

— Aquilo foi uma prece — falei debilmente, percebendo que uma prece não era muito diferente dos cânticos hekuras de Iramamowe.

— Sei que os brancos não são como nós — interrompeu-me Hayama, determinada a evitar um argumento adicional de minha parte. — Estou falando de algo totalmente diferente. Se tivesse nascido iticoteri, você continuaria diferente de Ritimi, de Tutemi e de mim. — Hayama tocou meu rosto, passando seus dedos longos e ossudos por minha testa e bochechas. — Minha irmã Angélica nunca teria pedido que você a acompanhasse pela floresta. Milagros nunca traria você para ficar conosco se fosse como os brancos que ele conhece. — Ela me olhou pensativamente; depois, como se lhe ocorresse um pensamento posterior, acrescentou: — Fico imaginando se algum outro branco teria sido feliz como você foi conosco.

— Estou certa de que teria — repliquei suavemente. — Não há muitos brancos que tenham a chance de vir aqui.

Hayama deu de ombros.

— Lembra-se da história sobre Imaawami, a mulher shapori. — perguntou.

— E uma lenda! — Temendo que a velha estivesse tentando fazer alguma ligação entre mim e Imaawami, acrescentei depressa: — É como a história do pássaro que roubou o primeiro fogo da boca do jacaré.

— Talvez — disse Hayama, sonhadora. — Recentemente, estive pensando sobre as histórias que meu pai, meu avô, e mesmo meu bisavô usavam para contar-me sobre os brancos que tinham visto viajar ao longo dos grandes rios. Devia ser grande o número de brancos que viajavam pela floresta muito antes do tempo do meu bisavô. Talvez Imaawami fosse um deles. — Hayama aproximou sua face ansiosa da minha, depois prosseguiu, num suspiro. — Quem a capturou deve ter sido um shapori, acreditando que a mulher branca fosse um belo espírito. Mas ela era mais poderosa do que o shapori. Roubou seus hekuras e tornou-se ela própria uma feiticeira. — Hayama olhou-me de modo provocador, como se desafiando-me a contradizê-la.

Não me surpreendi com a argumentação da velha. Os iticoteris tinham o hábito de atualizar sua mitologia, ou incorporar fatos às suas lendas.

— As mulheres índias algum dia se tornam shaporis? — perguntei.

— Sim — disse Hayama prontamente. — Mulheres shaporis são criaturas estranhas. Como os homens, elas enfeitam seus corpos com as pintas e círculos quebrados de uma onça. Elas aspiram epena e atraem os hekuras para seus peitos com cânticos. As mulheres shaporis têm maridos que as atendem. Mas, se tiverem filhos, voltam a se tornar mulheres comuns.

— Angélica era shapori, não era? — Não soube se pensara em voz alta. O pensamento veio com a certeza de uma revelação. Relembrei a ocasião em que Angélica me acordara de um pesadelo na missão, a maneira como seu cântico incompreensível me aquietara. Não parecia com a canção melodiosa das mulheres iticoteris, mas sim com o cântico monótono dos xamãs. Como eles, Angélica parecia possuir duas vozes — uma que se originava de algum lugar dentro de si e outra de sua garganta. Lembrei os dias de caminhada com Milagros e Angélica através da floresta, e como as observações de Angélica sobre os espíritos da floresta ocultos nas sombras — de que devia sempre dançar com eles, mas nunca permitir que se tornasse um fardo — tinham me encantado. Visualizei claramente como Angélica dançava naquela manhã — os braços erguidos acima da cabeça, os pés se movendo em passos convulsivos, da mesma maneira que os iticoteris faziam quando em transe induzido pelo epena. Até agora eu nunca achara nem um pouco estranho que Angélica, ao contrário das outras índias da missão, tivesse considerado muito natural eu ter vindo caçar na selva.

As palavras de Hayama tiraram-me de meus devaneios.

— Minha irmã lhe disse que era uma shapori — Um profundo pesar encheu os olhos de Hayama; lágrimas encheram seus cantos. As gotas não rolaram por suas faces, mas se perderam num emaranhado de rugas.

— Ela nunca me falou — murmurei, depois deitei na minha rede. Com uma perna no chão, impulsionei-me para a frente e para trás, ajustando o ritmo de minha rede ao da rede de Hayama, de modo que os nós rangessem em uníssono.

— Minha irmã era uma shapori — disse Hayama após um longo silêncio. — Não sei o que aconteceu com ela após ter saído do nosso shabono^ mas perdeu seus poderes depois que teve Milagros. — Hayama sentou-se abruptamente. — O pai dele era um homem branco.

Temendo que minha curiosidade pudesse escapar por entre meus olhos, eu os fechei. Não ousei respirar, permitindo que o mais leve som pusesse fim às lembranças da velha. Não havia meio de descobrir o país de origem do pai de Milagros. Independentemente de sua procedência, qualquer não-índio era considerado um nape.

— O pai de Milagros era um homem branco — repetiu Hayama. — Muito tempo atrás, quando vivíamos mais perto do grande rio, um nape veio ficar em nosso assentamento. Angélica acreditou que poderia ganhar o seu poder. Em vez disso, ganhou uma gravidez.

— Por que não abortou?

Um largo sorriso cruzou a face de Hayama.

— Talvez Angélica tenha se sentido confiante demais — murmurou a velha. — Talvez acreditasse que continuaria sendo uma shapori após ter um filho de um homem branco. — A boca de Hayama se abriu numa ampla risada, mostrando dentes amarelados. — Milagros não tem nada de branco — disse, maliciosa. — Ainda que minha irmã o tivesse levado embora. Apesar de tudo que aprendeu com o homem branco, Milagros será sempre um iticoteri. — Os olhos de Hayama brilharam com um olhar fixo forte e determinado, e seu rosto revelava um certo triunfo indefinível e confinado.

O pensamento de que em breve eu voltaria à missão encheu-me de apreensão. Em várias ocasiões, desde a minha doença, eu tentara imaginar como seria voltar a Caracas ou Los Angeles. Como eu reagiria ao ver parentes e amigos? Durante esses momentos, eu concluíra que nunca iria embora por espontânea vontade.

— Quando Milagros me levará de volta? — perguntei.

— Não creio que Arasuwe irá esperar por Milagros. O chefe não pode mais adiar sua partida — disse Hayama. — Iramamowe a levará.

— Iramamowe! — exclamei, descrente. — Por que não Etewa?

Pacientemente, Hayama explicou que Iramamowe estivera perto da missão inúmeras vezes; conhecia o caminho melhor do que qualquer iticoteri. Havia também a possibilidade de Etewa ser descoberto por caçadores mocototeris, caso em que ele seria morto e eu, raptada.

— Iramamowe, por outro lado — assegurou-me Hayama —, pode se tornar invisível na floresta.

— Mas eu não posso! — protestei.

— Você será protegida pelos hekuras de Iramamowe — disse Hayama com total convicção. Desajeitadamente, a velha se levantou, descansou por um momento com as mãos na coxas, depois pegou meu braço e lentamente conduziu-me para sua própria cabana. — Iramamowe já protegeu você antes — lembrou-me Hayama, acomodando-se em sua rede.

— Sim — concordei. — Mas não posso ir para a missão sem Milagros. Preciso de sardinhas e biscoitos.

— Aquelas porcarias vão deixá-la doente — disse ela, categórica. Hayama garantiu-me que eu não passaria fome no caminho, pois as flechas de Iramamowe abateriam fartura de caça. Além disso, ela iria me dar um cesto cheio de bananas-da-terra.

— Estou fraca demais para carregar tanto peso — objetei, sabendo que Iramamowe nada carregaria além de seu arco e flechas.

Hayama olhou-me com tolerante escárnio. Estendeu-se na rede, abriu a boca num interminável bocejo e logo caiu no sono.

Caminhei para a clareira. Um grupo de crianças, a maioria meninas, brincava com um cachorrinho. Cada garota tentava fazer o animal sugar seus mamilos planos.

Exceto por poucas pessoas descansando em suas redes e várias mulheres menstruadas acoradas perto dos braseiros, a maioria das cabanas estava deserta. Fui de uma habitação para outra, imaginando se sabiam que eu em breve partiria. Um velho me ofereceu seu chumaço de tabaco. Sorrindo, recusei. "Como alguém pode recusar uma coisa dessas?", seus olhos pareciam dizer enquanto recolocava o chumaço entre o lábio inferior e a gengiva.

No fim da tarde, caminhei para a cabana de Iramamowe. Sua esposa mais velha, que acabara de voltar do rio, estava pendurando suas cabaças cheias de água nos caibros. Ficáramos boas amigas desde a época em que seu filho Xorowe fora iniciado como shapori, passando muitas tardes falando sobre ele. Ocasionalmente, Xorowe retornava ao shabono para curar pessoas acometidas de resfriados, febres e diarreia. Ele entoava aos hekuras com o mesmo zelo e força dos xamãs mais experientes. Ainda assim, de acordo com Puriwariwe, levaria algum tempo até que Xorowe pudesse enviar seus próprios espíritos para causarem mal a um assentamento inimigo. Só então poderia ser aceito como um feiticeiro plenamente emplumado.

A esposa de Iramamowe serviu-me água numa pequena cabaça, acrescentando mel depois. Ávida, observei a pasta gotejante, cheia de abelhas nos vários estágios de seu processo de metamorfose. Após mexer meticulosamente com o dedo, ela me ofereceu a cabaça. Estalando os lábios entre cada gole, terminei de beber e lambi o fundo.

— Que delícia este mel — exclamei. — Aposto que é de abelhas amoshi. — Havia uma variedade sem ferrão enormemente apreciada por seu mel escuro e aromático.

Sorrindo em concordância, a mulher de Iramamowe me mandou sentar ao lado de sua rede. Examinou minhas costas, procurando picadas de mosquitos. Achando duas recentes, ela sugou o veneno. A luz que entrava na cabana foi diminuindo. Parecia que um tempo enorme se passara desde que eu falara com Hayama naquela manhã. Entorpecida, fechei os olhos.

Sonhei que estava com as crianças no rio. Milhares de borboletas se agitavam nas árvores, rodopiando no ar como folhas de outono. Elas pousavam em nossas faces, cabelos e corpos, cobrindo-nos à tênue luz dourada do entardecer. Desanimada, olhei para suas asas, como delicadas mãos acenando adeus. "Você não pode ficar triste", diziam as crianças. Olhei em cada rosto e beije o riso em seus lábios.

24

EM VEZ DA FACA DE BAMBU que sempre usara, Ritimi penteou meu cabelo com uma afiada lâmina de relva. Franzindo o cenho em concentração, certificou-se de que o cabelo estava uniformemente cortado em torno de minha cabeça.

— Minha tonsura não — falei, cobrindo o topo de minha cabeça com as mãos dobradas. — Dói.

— Não seja covarde — riu Ritimi. — Não vai querer chegar na missão parecendo um bárbaro.

Não pude fazê-la compreender que entre os brancos eu só seria considerada uma excentricidade se aparecesse com um ponto calvo no alto da cabeça. Ritimi insistiu que não era meramente por motivos estéticos, mas práticos, que ela precisava raspar a coroa de minha cabeça.

— Piolhos — apontou — gostam especialmente desta parte da cabeça. Tenho certeza de que Iramamowe não irá catar seus piolhos à noite.

— Talvez você devesse raspar meu cabelo por completo — sugeri. — É a melhor maneira de acabar com os piolhos.

Horrorizada, Ritimi me olhou.

— Só os muito doentes têm as cabeças raspadas. Você ficaria feia.

Acenando em concordância, submeti-me aos seus arranjos. Ao terminar, ela esfregou o ponto calvo com onoto. Depois, com muito cuidado, pintou meu rosto com a pasta vermelha. Desenhou uma grossa linha reta logo abaixo de minha franja e linhas onduladas nas minhas bochechas, com pontinhos entre cada uma das linhas.

— É uma pena eu não ter perfurado seu nariz e os cantos da boca quando chegou da primeira vez — disse, desapontada. Retirando o fino graveto polido de seu septo, ela segurou-o debaixo do meu nariz. — Como você ficaria bonita — suspirou com cômica resignação, e começou a pintar minhas costas com grossas linhas de onoto que iam até minhas nádegas. Na frente, começando abaixo dos meus seios, desenhou linhas onduladas por todo o percurso até as coxas. Por fim, envolveu meus tornozelos com grossas faixas vermelhas. Olhando para minhas pernas, tive a impressão de estar usando meias.

Tutemi atou uma cinta recém-feita de algodão em volta de minha cintura, a franja da frente cobrindo meu púbis. Satisfeita com minha aparência, ela bateu palmas e saltou excitadamente.

— Oh, as orelhas! — gritou ela, instando Ritimi a entregar-lhe os tufos de penas brancas, unidas por uma corda fina. Tutemi atou-as em meus brincos. Em torno dos meus braços e abaixo dos joelhos, ela ajustou tiras de algodão tingidas de vermelho.

Passando o braço por minha cintura, Ritimi levou-me de cabana em cabana, de modo que pudesse ser admirada pelos iticoteris. Pela última vez, vi-me refletida nos olhos brilhantes das mulheres e deleitada nos sorrisos de mofa dos homens. Bocejando, o velho Kamosiwe esticou seus braços magros até que eles pareceram a ponto de ser puxados de seus ligamentos. Abriu seu único olho, estudando meu rosto como se tentasse memorizar minhas feições. Com movimentos lentos e deliberados, desatou a bolsinha que usava em volta do pescoço e tirou a pérola que eu lhe dera.

— Sempre que eu rolar esta pedra em minha mão, pensarei em você.

Relutando em acreditar que nunca mais ficaria no shabono, que nunca mais acordaria com o riso das crianças enquanto subiam na minha rede ao amanhecer, acabei chorando.

Não houve adeuses. Simplesmente segui Iramamowe e Etewa pela floresta. Ritimi e Tutemi iam atrás de mim, como se estivéssemos indo catar lenha. Caminhamos em silêncio ao longo da trilha o dia inteiro, parando por breves instantes para comer.

O sol estava se pondo por trás do horizonte de árvores quando paramos à sombra de três ceibas gigantes. Elas tinham crescido tão próximas que pareciam uma só. Ritimi ajustou em minhas costas o cesto que carregava para mim. Estava cheio de bananas-da-terra, carne de macaco assada, uma cabaça cheia de mel, várias outras vazias, minha rede e minha mochila, contendo meus jeans e uma camiseta rasgada.

— Você não vai ficar triste se pintar seu corpo com onoto a cada vez que se banhar no rio — disse Ritimi, atando uma pequena cabaça em volta de minha cintura. Fora

polida com folhas abrasivas. Lisa e branca, ela pendia de minha cinta de algodão como uma lágrima gigante.

A floresta, os três rostos sorridentes borraram diante de mim. Sem outra palavra, Ritimi liderou a marcha para o mato. Apenas Etewa virou-se antes de fundir-se nas sombras. Um sorriso iluminou seu rosto enquanto gesticulava para o caminho que freqüentemente vira Milagros seguir, e então me deu adeus.

Extravasei a imensa desolação que havia em meu íntimo. Isso em nada melhoraria meu ânimo, só aumentaria meu estado melancólico. Ainda assim, apesar de minha infelicidade, eu estava estranhamente ciente das três ceibas diante de mim. Como se num sonho, reconheci as árvores. Eu estivera exatamente naquele ponto antes. Milagros se agachara à minha frente. Impassível, ele observara a chuva lavar meu rosto e corpo das cinzas de Angélica. Hoje era Iramamowe quem se agachava no mesmo lugar, observando as lágrimas rolando incontrolavelmente pelas minhas faces.

— Foi aqui que vi Ritimi, Tutemi e Etewa pela primeira vez — falei. De súbito, percebi que fora uma escolha deliberada de Ritimi acompanhar-me até tão longe. Compreendi como ela sentia profundamente tudo aquilo que não expressara em palavras. Ela me devolvera um cesto e uma cabaça, os dois itens que carregava naquele dia longínquo. Só que agora a cabaça não estava cheia de cinzas e sim de onoto, um símbolo de vida e felicidade. Uma tranqüila solidão, humilde e conformada, encheu meu coração. Cuidadosamente, sequei minhas lágrimas, de modo a não apagar os desenhos de onoto.

— Talvez, um dia, Ritimi encontrará você neste local outra vez — disse Iramamowe, seu rosto habitualmente rígido suavizado por um sorriso fugaz. — Vamos caminhar um pouco mais rápido antes de descansar para a noite. — Erguendo o pesado cacho de bananas de meu cesto, ele pendurou-o no ombro. Ficou ligeiramente encurvado e com a barriga projetada.

Iramamowe devia ter sentido a mesma necessidade de caminhar que eu. Meus pés pareciam se mover num ritmo próprio, sabendo exatamente onde pisar na escuridão. Eu nunca perdia de vista a aljava de Iramamowe, imobilizada sob a carga de bananas. Movendo-se na escuridão, tive a ilusão de que não era eu, mas a floresta que estava indo embora.

— Dormiremos aqui — disse Iramamowe, inspecionando o decorado telheiro erguido ao lado da trilha. Ele fez uma pequena fogueira no interior, depois pendurou sua rede perto da minha.

Fiquei desperta, observando as estrelas e a tímida lua através da abertura do abrigo. A névoa espessou a escuridão, até que não restou mais luz. Árvores e céu formavam uma massa através da qual eu imaginava flechas caindo das nuvens como chuva pesada e hekuras elevando-se de fendas invisíveis na terra dançavam ao som de um cântico xamânico.

O sol ia alto sobre as copas das árvores quando Iramamowe me acordou. Após ter comido uma banana assada e um pedaço de carne de macaco, ofereci a ele minha cabaça com mel.

— Você irá precisar para os dias de caminhada — disse ele. Um olhar amistoso suavizou suas palavras de recusa. — Encontraremos mais no caminho — prometeu, pegando seu facão, arco e flechas.

Caminhamos num passo firme, muito mais acelerado do que eu lembrava ter caminhado em minha vida. Cruzamos rios, subimos e descemos colinas que não possuíam pontos de referência conhecidos. Dias gastos caminhando e noites gastas dormindo seguiam-se uns aos outros com previsível rapidez. Meus pensamentos não

iam além de cada dia ou noite. Não havia nada entre eles senão um breve amanhecer e um crepúsculo no qual comíamos.

— Conheço este lugar! — exclamei uma tarde, quebrando o longo silêncio. Apontei para as rochas negras que se projetavam da terra. Elas formavam uma parede perpendicular ao longo da margem do rio. Mas quanto mais eu olhava para o rio e as árvores, já púrpuras, ao crepúsculo, menos certeza eu tinha de que já estivera ali antes. Subi num tronco de árvore que se estendia por todo o caminho sobre a água. O dia fora mortalmente parado, mas agora as folhas começavam a se agitar de leve, mandando adiante um sopro fresco ao longo do rio. Galhos arqueados e trepadeiras roçavam a superfície da água, afundando-se no líquido escuro que não abrigava peixes e desencorajava os mosquitos. — Estamos perto da missão? — perguntei, virando-me para Iramamowe.

Ele não respondeu. Após um momento, como se incomodado pelo silêncio que não tinha vontade de quebrar, instou-me a segui-lo.

Eu me sentia cansada — cada passo era um sacrifício; ainda assim, não achava que tivéssemos caminhado uma grande distância aquele dia. Levantei a cabeça ao ouvir o grito de um pássaro. Uma folha amarela, como uma borboleta gigante, agitou-se de um galho. Como se temendo cair e apodrecer no solo, a folha grudou na minha coxa. Iramamowe estendeu a mão atrás de si, gesticulando-me para permanecer quieta. Furtivamente, moveu-se ao longo da margem.

— Comeremos carne esta noite — sussurrou, desaparecendo em seguida na luz incerta, seu corpo não mais que uma linha contra a tremeluzente superfície do rio.

Deitando-me na areia escura, observei o céu ardente por um momento enquanto a terra engolia o sol. Bebi a última gota do mel que Iramamowe encontrara aquela manhã, depois caí no sono com sua doçura nos lábios.

Acordada pelo som de chamas crepitantes, virei-me de bruços. Numa pequena plataforma construída sobre o fogo, Iramamowe assava uma cutia de quase 60 cm de comprimento.

— Não é bom dormir à noite sem a proteção do fogo — disse ele, me encarando. — Os espíritos da floresta podem enfeitiçá-la.

— Estou tão cansada — bocejei, chegando mais perto do fogo. — Posso dormir dias e dias.

— Vai chover durante a noite — anunciou Iramamowe, enquanto fixava as três estacas que fariam o nosso abrigo em volta da carne que assava.

Ajudei-o a cobrir o teto e os lados com copas de bananas que ele cortara enquanto eu dormia. Ele fixou as redes perto do fogo, de modo que pudéssemos empurrar as toras para as chamas sem precisarmos levantar.

A cutia tinha gosto de porco assado, tenra e succulenta. O que sobrou, Iramamowe amarrou numa vara acima do fogo.

— Comeremos o resto de manhã. — Rindo, como se satisfeito consigo mesmo, esticou-se por inteiro em sua rede. — Vai nos dar força para subir as montanhas.

— Montanhas? — perguntei. — Eu só subi colinas quando vim com Angélica e Milagros. — Inclinei-me sobre Iramamowe. — A única vez em que escalei uma montanha foi quando retornei com Ritimi e Eteva da festa mocototeri. Aquelas montanhas ficavam perto do shabono, — Toquei seu rosto. — Tem certeza de que sabe o caminho da missão?

— Isso é pergunta que se faça? — disse ele, fechando os olhos e cruzando os braços sobre o peito. Suas sobrancelhas hirsutas se inclinaram até as têmporas. Havia uns poucos pêlos na borda de seu lábio superior. A pele sobre os malarres salientes estava retesada, com apenas um tímido traço dos desenhos a onoto ainda reconhecível. Como

se incomodado por meu exame, ele abriu os olhos; refletiam a luz do fogo, mas seu olhar nada revelava.

Deitei-me em minha rede. Corri os dedos ao longo de minha testa e bochechas, imaginando se as linhas e pontos de onoto já teriam sumido de meu rosto. Amanhã me banharei no rio, pensei. E minha inquietação, que provavelmente não passa de exaustão, desaparecerá tão logo me pinte de novo com onoto.

No entanto, não importa o quanto eu tentasse me tranquilizar, fui incapaz de serenar minha desconfiança crescente. Meu corpo e mente estavam tensos, com uma vaga premonição que não pude pôr em palavras. O ar tornou-se frio. Inclinando-me, empurrei uma das toras para mais perto das chamas.

— Será muito mais frio nas montanhas — murmurou Iramamowe. — Farei para nós uma bebida de plantas que nos manterá aquecidos.

Tranqüilizada por suas palavras, comecei a inalar e exalar fundo, deliberadamente pondo para fora todos os pensamentos, até ficar consciente apenas do som da chuva, do ar aquecido pela fumaça, do cheiro de terra úmida. E dormi um sono calmo e sem perturbações, que se arrastou pela noite.

De manhã, fomos nos banhar no rio, depois pintamos corpos e rostos um do outro com onoto. Iramamowe foi específico acerca dos desenhos que desejava: uma linha serpenteante através da testa, descendo até o queixo, depois em torno da boca; um círculo entre as sobrancelhas, nos cantos dos olhos, e dois em cada bochecha. No peito, quis linhas onduladas, correndo todo o caminho até o umbigo, e nas costas as linhas tinham que ser retas. Um sorriso de gentil zombaria suavizou-lhe o rosto enquanto ele me cobria da cabeça aos pés com círculos uniformes.

— O que significam? — perguntei, ansiosa. Ritimi nunca me pintara assim.

— Nada — disse ele, rindo. — Deste modo você não parece tão magra.

No início, o aclave da trilha estreita era suave. A vegetação rasteira era livre de relva serrilhada e ervas espinhosas. Uma névoa morna envolvia a floresta, criando uma luz diáfana através da qual as coroas das altas palmeiras pareciam pender suspensas do céu. O som de cachoeiras ecoava soturno através do ar nevoento, e, sempre que eu roçava num galho ou folha, finas gotas de orvalho respingavam em mim. A chuva da tarde, porém, transformou a trilha numa ameaça lamacenta. Dei repetidas topadas em raízes e pedras debaixo da superfície escorregadia.

Acampamos no fim da tarde, a meio caminho do cume. Exausta, sentei-me no chão e observei Iramamowe cravar três estacas sólidas na terra. Não tive forças para ajudá-lo a cobrir a estrutura triangular com frondes de palmeira e folhas gigantes.

— Vai refazer este trajeto em sua volta ao shabono? — perguntei, imaginando por que ele reforçava tão bem a cabana. Parecia resistente demais para ser um abrigo de uma única noite.

Iramamowe lançou-me um longo olhar enviesado, mas não deu resposta.

— Vai haver tempestade esta noite? — perguntei num tom exasperado.

Um irrimediável sorriso bailou-lhe em volta dos lábios, e seu rosto parecia incomumente infantil enquanto se agachava ao meu lado. Um lampejo de malícia, como se estivesse planejando alguma brincadeira, brilhou em seus olhos.

— Esta noite você dormirá bem — disse ele por fim, ocupando-se depois em fazer uma fogueira dentro do aconchegante abrigo. Prendeu minha rede no fundo; pendurou a dele junto à entrada estreita. — Esta noite não sentiremos o ar frio — disse, procurando pela cabaça na qual socara as folhas e flores amarelas cortadas da planta que encontrara no dia anterior, que crescia sobre algumas pedras num ponto ensolarado ao longo da margem do rio. Ele destampou a cabaça, adicionou mais água, depois levou ao fogo. Começou a cantar suavemente, seus olhos fixos no líquido escuro fervente.

Tentando decifrar as palavras de seu cântico, adormeci. Pouco depois, fui acordada por ele.

— Beba isto — ordenou, segurando a cabaça perto dos meus lábios. — Foi esfriado pelo orvalho da montanha.

Tomei um gole. Tinha gosto de chá de ervas, amargo mas não de todo desagradável. Depois de mais alguns goles, empurrei a cabaça para ele.

— Beba tudo — disse Iramamowe, persuasivo. — Irá mantê-la aquecida. Você dormirá por dias.

— Dias? — esvaziei a cabaça, sorrindo como se sua observação fosse piada. Um tímido toque de malícia parecia oculto em algum lugar dentro dele. Com o tempo, manifestou-se plenamente em mim, infiltrando-se através do meu corpo, mesclando minha ansiedade com um peso reconfortante, que fez minha cabeça parecer como chumbo. Eu tinha certeza de que poderia quebrar meu pescoço. A imagem de minha cabeça rolando no chão, uma bola com dois olhos de vidro, provocou-me acessos de riso.

Acocorando-se junto ao fogo, Iramamowe observou-me com crescente curiosidade. Lentamente, me levantei. Eu perdera meu estado físico, pensei. Não tive controle sobre minhas pernas enquanto tentava colocar um pé adiante do outro. Desalentada, caí no chão, perto de Iramamowe.

— Por que não ri? — perguntei, surpreendida por minhas próprias palavras. O que realmente queria saber era se o som de gotas martelando no teto era uma tempestade. Imaginei se eu havia realmente falado, pois as palavras continuaram reverberando em minha cabeça como um eco distante. Temendo perder sua resposta, cheguei mais perto dele.

O rosto de Iramamowe tornou-se tenso quando o grito de um pássaro noturno quebrou a quietude da noite. Suas narinas se alargaram, seus lábios carnudos formaram uma linha rígida. Seus olhos, cravados nos meus, cresceram, brilhando com uma profunda solidão, uma suavidade que contrastava estranhamente com a habitual máscara de severidade do seu rosto.

Como se fôssemos animados por um mecanismo em câmera lenta, rastejei para a beira da cabana, cada movimento um gigantesco esforço. Senti como se todos os meus tendões tivessem sido recolocados com cordas elásticas. Apreciei a sensação de ser capaz de me esticar em qualquer direção, para a mais absurda das posturas que eu podia imaginar.

Da bolsa pendurada em seu pescoço, Iramamowe serviu-me na palma de sua mão. Aplicou o pó alucinógeno em suas narinas, depois começou a cantar. Senti seu cântico dentro de mim, rodeando-me, puxando-me para ele. Sem qualquer hesitação, bebi da cabaça que ele mais uma vez levou aos meus lábios. O líquido escuro não mais me pareceu amargo.

Meu senso de tempo e distância tornou-se distorcido. Iramamowe e o fogo estavam muito distantes, senti que os perdera através da ampla expansão da cabana. Embora no instante seguinte seus olhos estivessem tão perto dos meus que eu me via refletida em suas pupilas negras. Fui esmagada pelo peso do meu corpo, e meus braços dobraram-se debaixo do seu peito. Ele murmurava em meus ouvidos palavras que eu não podia ouvir. Uma brisa dividia as folhas, revelando a noite cheia de sombras, as copas das árvores roçando as estrelas — incontáveis estrelas, agrupadas como se prestes a cair. Estendi o braço; minha mão segurou folhas adornadas com pingos de diamante. Por um instante, aderiram aos meus dedos, depois se desintegraram como orvalho.

O pesado corpo de Iramamowe me subjugou; seus olhos plantavam sementes de luz dentro de mim; sua voz gentil instava-me a segui-lo através de sonhos do dia e da noite,

sonhos de água de chuva e folhas amargas. Não havia nada de violento em seu corpo aprisionando o meu. Ondas de prazer mesclavam-se com visões de montanhas e rios, lugares distantes onde habitam os hekuras. Dancei com os espíritos dos animais e das árvores, deslizando com eles na névoa, através de raízes e troncos. Cantei com as vozes de pássaros e aranhas, onças e cobras. Partilhei os sonhos de todos aqueles que consumiam epena, flores e plantas amargas.

Não soube mais se estava acordada ou sonhando. Por momentos, eu lembrava vagamente as palavras da velha Hayama acerca de xamãs precisando da feminilidade em seus corpos. Mas estas lembranças não eram claras nem duradouras; permaneciam sendo premonições indistintas e não-averiguadas. Iramamowe sempre sabia quando eu estava a ponto de cair no sono real, quando minha língua estava pronta a perguntar, quando eu estava prestes a chorar.

— Se você não pode sonhar, eu a faço — dizia ele, tomando-me em seus braços e limpando minhas lágrimas contra seu rosto. E meu desejo de recusar a cabaça, colocada no fogo como um espírito da floresta, desaparecia. Ansiosa, bebi o portador de visões até ficar mais uma vez suspensa na intemporalidade que não era dia nem noite. Eu era uma com o ritmo da respiração de Iramamowe, com o batimento do seu coração, enquanto me fundia na luz e na escuridão dentro dele.

Chegou um tempo em que senti que me movia através de uma vegetação rasteira de árvores, folhas e videiras imóveis. Eu sabia que não estava caminhando; ainda assim, eu descia da floresta fria, afundava na névoa. Meus pés estavam atados, e minha cabeça virada para baixo balançava como se estivesse sendo esvaziada. Visões fluíram de meus ouvidos, narinas e boca, deixando um débil traço na trilha escarpada. E, por um último instante, tive visões de shabonos habitados por xamãs masculinos e femininos de outra época.

Quando acordei, Iramamowe estava agachado junto ao fogo, seu rosto iluminado pelas chamas e um frágil traço da lua brilhando na cabana. Imaginei quantos dias mais tinham transcorrido desde a noite em que ele me oferecera pela primeira vez a infusão amarga. Não havia cabaça sobre o fogo. Eu estava certa de que não havia mais montanhas. A noite estava clara. A brisa suave que agitava as copas das árvores desemaranhou meus pensamentos, e fui transportada num sono sem sonhos, enquanto ouvia o monótono som dos cânticos hekuras de Imaramowe.

Fui acordada pelos roncões persistentes em meu estômago. Senti-me tonta, enquanto me erguia sobre pernas inseguras na cabana vazia. Meu corpo estava pintado com linhas onduladas. Como fora estranho tudo aquilo, pensei. Eu não me lamentava; não sentia ódio nem repulsa. Nada havia que me entorpecesse emocionalmente. Em vez disso, experimentava a mesma sensação que vivenciara ao despertar de um sonho que quase não podia explicar.

Perto do fogo jazia um fardo contendo rãs assadas. Sentei-me no chão e roí os finos ossos até ficarem limpos. O facão de Iramamowe, reclinado contra uma das estacas, me assegurava de que ele estava em algum lugar nas proximidades.

Seguindo o som do rio, caminhei através da vegetação emaranhada. Espantada ao ver Iramamowe embicando uma canoa não muito longe, escondi-me atrás de alguns arbustos. Reconheci a embarcação como sendo própria dos índios maquiritares. Na missão eu vira uma daquele tipo, feita de um tronco oco de árvore. O pensamento de que pudéssemos estar perto de seus assentamentos, ou talvez mesmo da missão, fez meu coração acelerar. Iramamowe não me deu qualquer indicação de ter ouvido ou visto minha aproximação. Furtivamente, voltei para o abrigo, imaginando como ele conseguira se apossar da canoa.

Momentos depois, com uma corda de videira e um grande fardo pendurado às costas, Iramamowe caminhou para a cabana.

— Peixe — disse ele, despejando a corda e o fardo no chão.

Enrubesci e, sem graça por meu embarço, ri. Sem se apressar, ele equilibrou o peixe envolto em folhas entre as toras, cuidando para que calor suficiente, mas não chamas diretas, alcançasse as folhas de platanillo. Totalmente absorvido pelo som do ponto de cozimento, ele permaneceu agachado junto ao fogo. Tão logo todos os sucos foram cozinhados, ele removeu o fardo das toras com um graveto bifurcado e abriu-o.

— Está bom — disse, pondo na boca uma mão cheia da carne branca e escamosa; depois pegou a corda de cipó no chão.

Um medo irracional me dominou. Eu estava convencida de que Iramamowe iria me amarrar e carregar para a floresta. Eu não estava mais ciente de que, um pouco antes, tivera certeza de estarmos perto de um assentamento maquiritare, ou mesmo da missão. Tudo em que podia pensar era na história da velha Hayama, sobre xamãs que mantinham mulheres cativas escondidas em lugares longínquos. Eu estava convencida de que Iramamowe nunca me levaria de volta à missão. O pensamento, de que se quisesse me manter escondida na floresta ele não me teria trazido através das montanhas, não passou por minha mente naquele momento.

Não confiei no seu sorriso, nem no gentil lampejo em seus olhos. Peguei a cabaça cheia de água no fogo para oferecer a ele. Sorrindo, ele soltou a corda. Aproximei-me, como se pretendendo levar a cabaça aos seus lábios. Em vez disso, despedacei-a entre seus olhos com toda a minha força. Totalmente pego de surpresa, ele caiu para trás, olhando-me em muda incredulidade, enquanto eu corria para o lugar onde vira a canoa. Mas eu calculara mal onde Iramamowe a ancorara, pois, quando alcancei o rio, nada havia senão pedras espalhadas ao longo da margem; a embarcação estava mais longe, rio acima. Com uma rapidez de que dificilmente me acreditaria capaz, pulei de pedra em pedra. Ofegando em busca de ar, caí ao lado da canoa, empurrada a meio caminho acima da margem arenosa. Um grito escapou de minha garganta quando vi Iramamowe parado à minha frente.

Agachando-se, ele abriu a boca e riu. Seu riso veio em arrancos, estendendo-se do rosto aos pés com tal força que o solo tremeu debaixo de mim. Lágrimas correram por suas faces, mescladas com o sangue do corte entre suas sobrancelhas.

— Você esqueceu isto — disse ele, jogando a mochila diante de mim. Ele abriu-a, depois me entregou os jeans e a camiseta. — Hoje você vai chegar à missão.

— Este é o rio onde fica a missão? — perguntei, olhando para seu rosto manchado de sangue. — Não estou reconhecendo este lugar.

— Você esteve aqui com Angélica e Milagros — assegurou-me ele. — As chuvas mudam os rios e a floresta, tal como as nuvens mudam o céu.

Vesti meus jeans; penderam frouxas em minha cintura, ameaçando deslizar pelos quadris. A camiseta úmida cheirando a mofo me fez espirrar. Senti-me desajeitada e virei os olhos incertos para Iramamowe.

— Como estou?

Ele caminhou ao redor de mim, examinando-me meticulosamente de cada ângulo. Depois, após uma momentânea deliberação, agachou-se uma vez mais e declarou, com uma risada:

— Você fica melhor pintada com onoto.

Agachei-me ao lado dele. O vento cessara; não havia movimento no rio. Sombras das árvores altas cruzavam o rio, escurecendo a areia aos nossos pés. Desejei me desculpar por despedaçar a cabaça no seu rosto e explicar minhas suspeitas. Queria que me falasse dos dias nas montanhas, mas eu relutava em quebrar o silêncio.

Como se ciente e divertido com meu dilema, Iramamowe baixou o rosto até seus joelhos e riu suavemente, como se partilhando sua alegria com as gotas de sangue que caíam entre o vão de seus dedões.

— Eu queria tomar os hekuras que uma vez vi em seus olhos — murmurou ele. Continuou dizendo que não só ele, mas também Puriwariwe, o velho shapori, vira os hekuras dentro de mim.

— Cada vez que eu deitava com você, e sentia a energia explodindo dentro de você, eu esperava atrair os espíritos ao meu peito — disse Iramamowe. — Mas eles não querem deixar você. — Voltou os olhos para mim, veementes de protesto. — Os hekuras não atenderiam meu chamado; não prestariam atenção nos meus cânticos. E então fiquei com medo de que você pudesse tirar os hekuras do meu corpo.

Raiva e uma tristeza indescritível deixaram-me sem fala por um momento.

— Estávamos a mais de um dia e uma noite de distância nas montanhas? — perguntei finalmente, minha curiosidade prevalecendo.

Iramamowe assentiu, mas não disse por quanto tempo permanecemos na cabana.

— Quando tive certeza de que não poderia mudar seu corpo, quando percebi que os hekuras não deixariam você, transportei-a numa linga até aqui.

— Se tivesse mudado meu corpo, você teria me mantido na floresta?

Iramamowe olhou-me, envergonhado. Um sorriso de alívio dividiu seus lábios, embora os olhos estivessem velados por um vago pesar.

— Você tem a alma e a sombra de um iticoteri — murmurou. — Você comeu as cinzas de nossos mortos. Mas sua mente e corpo são de um nape. — Um silêncio pontuou sua última frase antes de ele acrescentar, suavemente: — Haverá noites em que o vento levará sua voz misturada aos guinchos dos macacos e rosnados das onças. E verei sua sombra dançando no solo pintado pelo luar. Nestas noites pensarei em você. — Ele levantou-se e empurrou a canoa para a água. — Fique perto da margem... do contrário a corrente vai carregar rápido demais — disse, instando-me a embarcar.

— Você não vem? — perguntei, alarmada.

— É uma boa canoa — disse ele, entregando-me um pequeno remo. Tinha um punho lindamente trabalhado, uma haste arredondada e a pá torneada como um pontudo escudo côncavo. — Levará você a salvo até a missão.

— Espere! — gritei antes que se afastasse da embarcação. Minhas mãos tremeram como se eu estivesse atrapalhada com o zíper de minha mochila. Peguei a bolsa de couro e entreguei-a a ele. — Lembra-se da pedra que o xamã Juan Caridad me deu? — perguntei. — Agora é sua.

Algo entre o choque e a surpresa pareceu paralisar-lhe o rosto momentaneamente. Seus dedos fecharam-se devagar sobre a bolsa, e suas feições relaxaram num sorriso. Sem uma palavra, ele empurrou a canoa para a água. Cruzando os braços sobre o peito, ele me observou deslizar rio abaixo. Eu virava a cabeça com frequência, até que ele sumiu de vista. Houve um momento em que pensei ainda estar vendo sua figura, mas era apenas o vento brincando com as sombras que iludira meus olhos.

AS ÁRVORES DE AMBOS os lados da margem e as nuvens viajando através do céu sombreavam o rio. Esperando encurtar o tempo entre o mundo deixado para trás e aquele que me esperava, remei o mais rápido que pude. Mas logo cansei, e então usei

apenas o remo pequeno para me impulsionar, sempre que ficava próxima demais da margem.

As vezes o rio estava claro, refletindo o verde luxuriante com exagerada intensidade. Havia alguma coisa pacífica em relação à escuridão da floresta e ao silêncio profundo à minha volta. As árvores pareciam acenar adeus enquanto se vergavam suavemente com a brisa da tarde, ou talvez estivessem apenas lamentando a passagem do dia, dos últimos raios de sol se desfazendo no céu. Pouco antes de o crepúsculo se adensar, manobrei a canoa em direção à margem oposta, onde via faixas de areia em meio às rochas escuras.

Tão logo a canoa embicou na areia, pulei fora e puxei-a para mais longe da margem, para as proximidades da orla da floresta, onde videiras e galhos formavam um abrigo escuro e seguro. Fiz meia-volta e olhei para montanhas distantes, violáceas no lusco-fusco, e imaginei se estivera lá por mais de uma semana, antes que Iramamowe me carregasse para a cabana onde eu acordara aquela manhã. Subi na rocha mais alta e vasculhei a paisagem, procurando as luzes da missão. Ficava mais longe do que Iramamowe imaginara, pensei. Apenas a escuridão movia-se de fora do rio, rastejando sobre as rochas enquanto os últimos vestígios da luz do sol desapareciam do céu. Eu estava faminta, mas não ousei explorar o rio arenoso em busca de ovos de tartaruga.

Não consegui decidir se colocava minha mochila sob a cabeça, à guisa de travesseiro, ou se a enrolava em volta dos meus pés gelados, enquanto deitava dentro da canoa. Através da massa emaranhada de galhos em cima de mim, vi o céu claro, repleto de incontáveis estrelinhas, brilhando como grãos de poeira dourados. Enquanto me deixava levar pelo sono, os pés aconchegados na mochila, esperei que meus sentimentos, tal como a luz das estrelas abarcando o céu, pudessem alcançar aqueles que eu amara na floresta.

Acordei logo depois. O ar estava tomado com sons de grilos e sapos. Sentei-me e olhei em torno de mim, como se pudesse dispersar a escuridão. Hastes de luar penetravam por entre os galhos, pintando a areia com sombras grotescas que pareciam ganhar vida com o sussurro do vento. Mesmo de olhos fechados, eu estava dolorosamente consciente das sombras roçando contra a canoa. E a cada vez que um grilo interrompia o seu contínuo cricrilar, eu abria os olhos, esperando que o som recomeçasse. O amanhecer finalmente silenciou os gritos, sussurros e assovios da floresta. As folhas cobertas de névoa pareciam como que espargidas com fino pó de prata.

O sol ergueu-se sobre a copa das árvores, tingindo as nuvens de laranja, púrpura e cor-de-rosa. Banhei-me, lavei minhas roupas com a fina areia do rio, coloquei-as sobre a canoa para secar, e depois me pintei com onoto.

Eu estava contente por não ter chegado à missão no dia anterior, como esperara, pois assim ainda teria tempo de ver as nuvens mudando o céu. A leste, nuvens pesadas se amontoavam, escurecendo o horizonte. Relâmpagos cintilavam na distância, trovões ribombavam após longos intervalos, e linhas brancas de chuva moviam-se através do céu rumo ao norte, mantendo-se adiante de mim. Imaginei se jacarés estariam se torrando ao sol em meio à madeira flutuante espalhada na margem. Só flutuei rio abaixo muito depois de as águas se alargarem. A corrente tornou-se tão forte que foi uma dificuldade evitar os redemoinhos ao redor das águas rasas ao longo da margem bloqueada com pedras.

Por um instante, pensei que estava tendo uma alucinação. Na margem oposta, vi uma piroga comprida seguindo lentamente seu caminho rio acima. Levantei-me, acenando freneticamente com minha camiseta, depois gritei de pura felicidade quando a piroga cruzou a larga extensão de água e se aproximou de mim. Com precisão calculada, a embarcação de quase trinta pés de comprimento embicou poucos passos além.

Sorrindo, doze pessoas saltaram da piroga — quatro mulheres, quatro homens e quatro crianças. Pareciam estranhos em suas roupas de homem branco e desenhos roxos nas faces. Tinham os cabelos cortados como o meu, mas a coroa da cabeça não era raspada.

— Maquiritares? — perguntei.

Assentindo, as mulheres morderam os lábios, como se tentando conter o riso. Seus queixos tremeram, até que elas irromperam em riso incontrolável, no que foram imitadas pelos homens. Apressadamente, vesti os jeans e a camiseta. A mulher mais velha se aproximou. Era pequena e robusta, seu vestido sem mangas revelando braços roliços gordos e seios fartos, pendentes sobre a cintura.

— Você é aquela que foi para a floresta com a velha iticoteri — falou ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo ter me encontrado remando rio abaixo numa canoa feita por seu povo. — O padre da missão nos falou de você. — Após apertar formalmente minha mão, a velha apresentou-me ao marido, às três filhas, aos respectivos maridos e filhos.

— Estamos perto da missão? — perguntei.

— Saímos de manhã cedo — disse o marido da velha. — Vamos visitar parentes que moram nas redondezas.

— Ela se tornou uma autêntica selvagem — gritou a mais nova das três filhas, apontando meus pés cortados com tal expressão de ultraje que só a custo consegui conter o riso. Ela procurou em minha canoa e sacudiu a mochila vazia. — Ela não tem sapatos — disse, descrente. — É uma autêntica selvagem!

Olhei para seus pés descalços.

— Nossos sapatos estão na piroga — afirmou ela, e começou a trazer um sortimento de calçados da embarcação. — Está vendo? Todos nós temos sapatos.

— Estão levando alguma comida? — perguntei.

— Estamos — assegurou-me a velha; depois mandou a filha pôr os sapatos de volta na piroga e trazer uma das caixas de cortiça.

A caixa era lacrada com folhas de platanillo e estava cheia de pão de mandioca. Lancei-me sobre o alimento, quase me abraçando a ele enquanto molhava pedaço após pedaço numa cabaça com água, antes de enfiá-los na boca.

— Meu estômago está cheio e feliz — falei após ter comido metade do conteúdo da caixa.

Os maquiritares lamentaram não ter carne, mas apenas cana-de-açúcar. O velho cortou um pedaço de 30 cm, descascou-o com seu facão e me entregou.

— Isso lhe dará forças — falou.

Mastiguei e suguei as fibras duras e pálidas, até ficarem secas e sem gosto. O maquiritare ouvira falar de Milagros. Um de seus genros até o conhecia pessoalmente, mas nenhum deles sabia por onde andava.

— Vamos levar você até a missão — disse o velho.

Fiz uma débil tentativa de convencê-lo de que era desnecessário que voltassem atrás em seu caminho, mas minhas palavras careceram de convicção. Ansiosa, embarquei na piroga, sentando-me entre as mulheres e as crianças. Para aproveitar a velocidade plena da corrente, os homens conduziram a piroga bem pelo meio do rio. Remavam sem trocar uma palavra entre si, embora cada um estivesse tão entrosado com o ritmo do outro que eram capazes de prever as necessidades mútuas. Recordei que Milagros certa vez dissera que os maquiritares não só eram os melhores construtores da região do Orinoco como também os melhores navegantes.

A exaustão pressionava meus olhos. O espadanar rítmico dos remos deixava-me sonolenta, minha cabeça oscilava para a frente e para os lados. Os dias e noites passados

flutuavam por minha mente como sonhos fragmentados de outro tempo. Pareciam tão vagos, tão distantes, como se não tivessem sido mais do que uma ilusão.

Era meio-dia quando fui acordada por padre Coriolano, que entrou no quarto trazendo-me uma caneca cheia de café.

— Oito horas de sono são um bom começo — disse. Seu sorriso mantinha o mesmo calor reconfortante com que me saudara no dia anterior, quando desci do barco dos maquiritares.

Meus olhos continuavam pesados de sono quando me sentei na cama de lona. Minhas costas estavam rígidas por ter descansado numa posição reta. Sorvi devagar o café, tão forte e açucarado que me causou náuseas.

— Também tenho chocolate — disse padre Coriolano.

Ajeitei o vestido de chita que me tinham dado para dormir e segui o padre até a cozinha. Com a habilidade de um chef preparando uma iguaria sofisticada, ele misturou duas colheres de leite em pó, quatro de chocolate, quatro de açúcar e umas poucas pitadas de sal numa panela com água fervendo sobre um fogão a querosene.

Ele bebeu meu café inacabado enquanto eu provava com a colher o delicioso chocolate.

— Se você quiser, posso passar um rádio para seus amigos em Caracas, para que a venham buscar de avião.

— Oh, ainda não — repliquei debilmente.

Os dias passavam lentamente. Durante as manhãs, eu vagueava pelas lavouras ao longo da margem do rio; ao meio-dia, sentava-me debaixo da enorme mangueira que não dava frutos, ao lado da capela. Padre Coriolano não perguntava como iam meus planos ou quanto tempo eu pretendia ficar na missão. Parecia ter aceitado minha presença como algo inevitável.

Eu passava horas às tardes conversando com padre Coriolano e o Sr. Barth, que nos visitava com frequência. Falávamos sobre colheitas, a escola, o dispensário — sempre assuntos impessoais. Eu me sentia grata por nenhum deles me perguntar onde eu estivera por quase um ano, o que fizera ou o que vira. Eu não teria sido capaz de responder — não porque quisesse ser discreta, mas porque não havia o que dizer. Se ficássemos cansados de conversar, o Sr. Barth nos lia artigos dos jornais e revistas, alguns com mais de vinte anos. Independentemente do que estivéssemos ouvindo, ele tagarelava do jeito que nos agradava, vez por outra se interrompendo numa explosão de riso.

A despeito de seu humor e natureza afável, havia tardes em que sombras de solidão cruzavam seus rostos quando sentavam-se em silêncio, ouvindo o martelar da chuva sobre o telhado corrugado ou o solitário guincho de um macaco-gritador se preparando para a noite. Era então que eu imaginava se eles também tinham aprendido os segredos da floresta — segredos de cavernas nevoentas, do som da seiva correndo através de galhos e troncos, de aranhas tecendo suas teias prateadas. Naquelas vezes, especulava se tinha sido sobre aquilo que padre Coriolano tentara me prevenir quando falara nos perigos da floresta. E imaginei se era isso que os impedia de voltar ao mundo que haviam deixado para trás.

Durante a noite, confinada entre as quatro paredes de meu quarto, eu sentia um grande vazio. Eu perdera a intimidade das cabanas, o cheiro de gente e fumaça. Transformada pelo som do rio fluindo do lado de fora de minha janela, sonhei que estava com os iticotris. Ouvi o riso de Ritimi, vi as faces sorridentes das crianças, e sempre lá estava Iramamowe, agachado diante de sua cabana, entoando cânticos aos hekuras que o evitavam.

Caminhando ao longo do rio uma tarde, fui tomada por uma tristeza incontável. O rumor do rio era alto, abafando as vozes das pessoas que tagarelavam nas imediações. Choveu ao meio-dia, e o sol espreitava através das nuvens, sem exatamente brilhar. Desnorteada, percorri de cima a baixo a praia arenosa. Depois, ao longe, vi a figura solitária de um homem se aproximando. Vestido com calças caqui e uma camisa vermelha axadrezada, ele parecia indistinguível de um dos índios aculturados da missão. Ainda assim, havia algo de familiar na sua maneira arrogante de andar.

— Milagros! — gritei, depois esperei até ele parar diante de mim. Seu rosto não parecia familiar sob o chapéu de palha rasgado, através do qual o cabelo aparecia como fibras de palmeira escurecidas. — Estou contente por ter vindo.

Sorrindo, ele pediu que eu me agachasse ao lado dele. Passou a mão no topo de minha cabeça.

— Seu cabelo cresceu — disse. — Eu sabia que você não iria embora antes de me ver.

— Vou voltar para Los Angeles — falei. Havia muitas coisas que eu queria perguntar a ele, mas, agora que estava diante de mim, não via mais a necessidade de ter algo a explicar. Observamos o crepúsculo se espalhar sobre o rio e a floresta. A escuridão se enchia com os sons de sapos e grilos. Uma lua cheia se elevava no céu. Ficava menor enquanto subia, e cobria o rio com ondulações prateadas. — Como um sonho — murmurei.

— Um sonho — repetiu Milagros. — Um sonho que sempre sonharemos. Um sonho de caminhada, de riso, de tristeza. — Houve uma longa pausa antes que continuasse. — Embora seu corpo tenha perdido o nosso cheiro, uma parte de você sempre manterá um pedaço de nosso mundo — concluiu, gesticulando para a distância. — Você nunca será livre.

— Não pude agradecer a eles — falei. — Não existe "obrigado" em sua língua.

— Nem adeus — acrescentou ele.

Algo frio, como uma gota de chuva ou orvalho, tocou minha testa. Quando me virei para encará-lo, Milagros não estava mais ao meu lado. Do outro lado do rio, além da escuridão distante, o vento levava o riso dos iticotéris.

— Adeus é dito com os olhos. — A voz sussurrava por entre as árvores antigas, depois desaparecia, como as ondulações prateadas na água.

Glossário

ASHUKAMAKI Planta usada para engrossar o veneno curare.

AYORI-TOTO Planta usada para envenenar peixes.

EPENA Pó alucinógeno extraído tanto da cortiça da árvore epena quanto das sementes da árvore hisioma. Ambas as substâncias são preparadas e tomadas do mesmo jeito.

HEKURAS Pequenos espíritos humanóides que habitam em rochas e montanhas. Os xamãs invocam os hekuras aspirando o pó alucinógeno epena. Através de cânticos, os xamãs atraem os hekuras ao seu peito. Xamãs afortunados podem controlar esses espíritos a seu bel-prazer.

MAMUCORI Grossa planta usada na preparação do curare.

MOMO Semente comestível parecida com uma noz.

NABRUSHI Borduna, porrete de 1,80 m de comprimento usado para combate.

NAPE Um estrangeiro. Qualquer um que não seja índio, independentemente de cor, raça ou nacionalidade.

OKO-SHIKI Planta mágica utilizada com fins malévolos.

ONOTO Vegetal vermelho corante, derivado das sementes esmagadas e fervidas da Bixa orellana. O corante é usado para pintar o rosto e o corpo, bem como cestos, pontas de flecha e ornamentos.

PISHAANSI Folha larga usada para embrulhar carne, para cozinhar, ou como receptáculo.

PLATANILLO Larga e robusta folha usada para embrulhar e para forrar o chão.

POHORO Cacau silvestre.

RASHA Palmeira cultivada de tronco espinhoso. Enormemente apreciada por seus frutos, produzidos durante cinquenta anos ou mais. Depois da banana-da-terra, é provavelmente a mais importante planta das lavouras. Suas palmeiras pertencem àquele que as cultivou.

SHABONO Assentamento permanente dos ianomâmis, que consiste em um círculo de cabanas em torno de uma clareira aberta.

SHAPORI Xamã, curandeiro, feiticeiro.

SIKOMASIK Cogumelo comestível que brota em troncos apodrecidos.

UNUCAI Um homem que matou um inimigo.

WAITERI Guerreiro corajoso, valente.

WAYAMOU A linguagem formal, cerimonial e ritualizada usada pelos homens quando estão barganhando.

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros